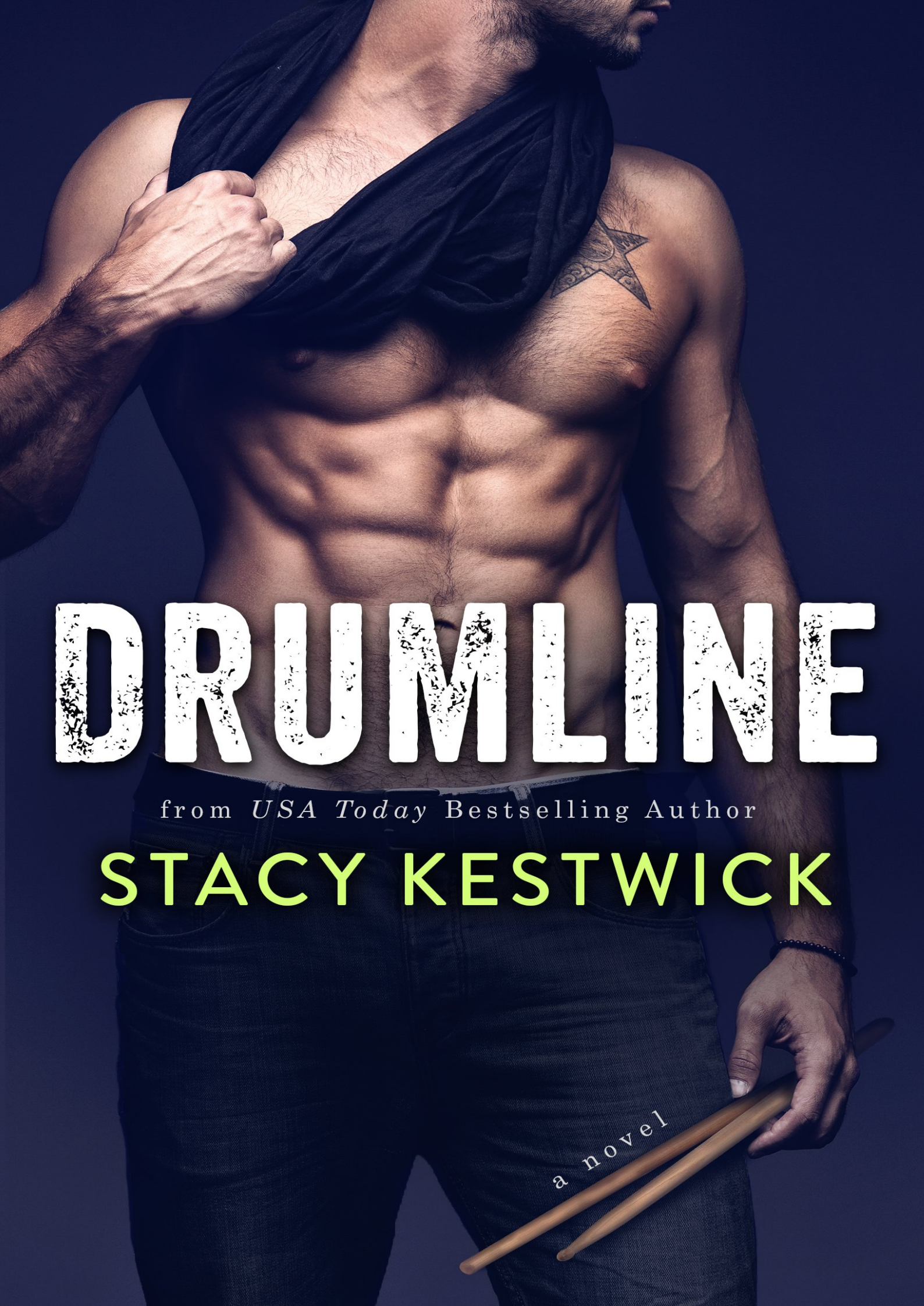

DRUMLINE
from USA Today Bestselling Author
STACY KESTWICK
a novel

Wings Traduções

Tradução: Kah Wings
Revisão: Equipe Wings
Leitura: Seraph Wings
Conferência: Aurora Wings
Formatação: Aurora Wings



DRUMLINE

STACY KESTWICK

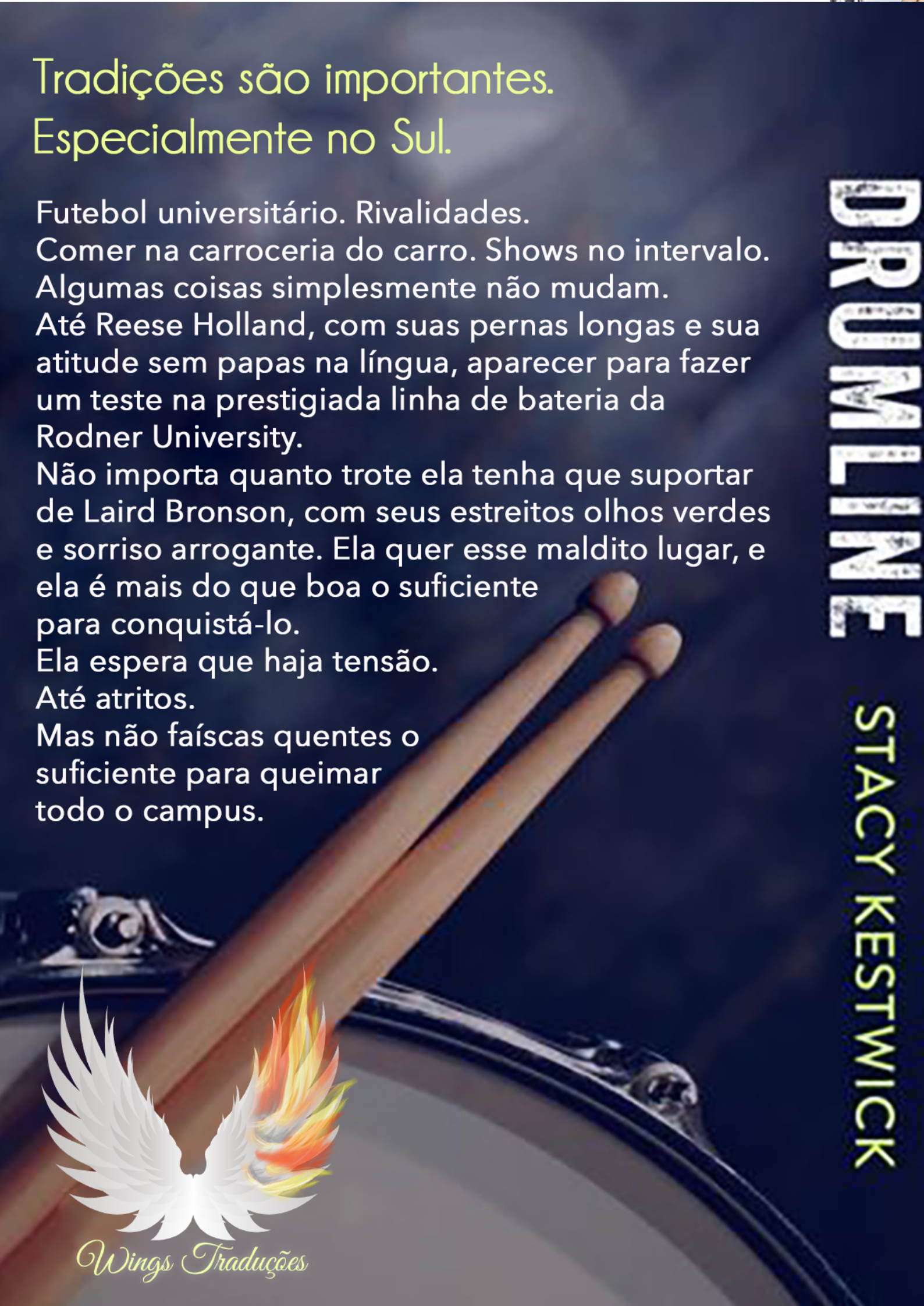
Wings Traduções

Tradições são importantes. Especialmente no Sul.

Futebol universitário. Rivalidades.
Comer na carroceria do carro. Shows no intervalo.
Algumas coisas simplesmente não mudam.
Até Reese Holland, com suas pernas longas e sua atitude sem papas na língua, aparecer para fazer um teste na prestigiada linha de bateria da Rodner University.
Não importa quanto trote ela tenha que suportar de Laird Bronson, com seus estreitos olhos verdes e sorriso arrogante. Ela quer esse maldito lugar, e ela é mais do que boa o suficiente para conquistá-lo.
Ela espera que haja tensão.
Até atritos.
Mas não faíscas quentes o suficiente para queimar todo o campus.

DRUMLINE

STACY KESTWICK



Wings Traduções



AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



1

Laird

— Estão todos aqui? — Marco analisou a plateia de bateristas magricelas se espremendo em torno da pequena sala que nos foi atribuída e, em seguida, verificou o horário em seu telefone. Uma rápida olhada no relógio escolar padrão na parede, confirmou que eram oito e quatro da manhã. A acústica de merda, e o som incessante e dissonante de trinta pares de baquetas batendo em qualquer superfície útil – as paredes de concreto, cadeiras de plástico baratas, o carpete fino cuja cor original não era mais perceptível – torraram minha paciência. Combinado com o fedor de tantos caras presos numa climatização medíocre, e a atitude ranzinza de Marco, não pude evitar me sentir como um grão de pipoca no micro-ondas. Irritado e febril, com um temperamento pronto para explodir.

Normalmente, eu adorava isso.

Audições. O começo da concentração da banda. Aquele mês tranquilo, antes do semestre de outono realmente começar, quando os únicos no campus eram os super nerds que tinham aulas de verão, o time de futebol e a banda marcial.

Mas hoje não.

Hoje eu estava irritado pra caralho. Cansado do papo furado da noite passada com meu pai, e suas expectativas irracionais, com fome porque minha geladeira estava vazia, exceto por um pouco de molho de pimenta, e meio frasco de mostarda, e frustrado porque eu não tinha transado no último mês, e minhas bolas doíam para se esvaziarem em algum lugar, que não fosse o ralo do chuveiro. E o maldito posto de gasolina estava sem café. Oito da manhã era considerado cedo pra caralho numa cidade universitária. Como diabos eles já estavam sem café?



Lancei a Marco um olhar de aviso, e puxei a prancheta de plástico da sua mão solta. Ignorando sua careta, examinei a lista de nomes, e revi a programação de hoje. Uma hora de burocracia, e depois treino físico.

Ótimo. Já estava mais de vinte e nove graus à sombra.

Tentando reunir um pouco de motivação, bebi o resto da minha bebida energética horrível, que não era nem remotamente um substituto para o café, e esmaguei a lata de alumínio na minha mão antes de jogá-la na lata de lixo. O irritante barulho metálico fez com que cabeças virassem em nossa direção e a tagarelice diminuísse.

Respirei fundo, e segurei o ar nos meus pulmões por alguns segundos antes de exalar. Provavelmente não era legal admitir isso, mas a bateria geralmente era o ponto alto do meu ano. O momento de transição no início para a nova equipe se unir numa unidade coesa, sempre foi um saco, mas depois disso, as coisas eram excelentes.

E esse era o meu ano. Como capitão da bateria, eram minhas regras a serem seguidas, o meu na reta. A Universidade de Rodner tinha a reputação de ter a melhor linha de bateria do Alabama - possivelmente de todo o Sudeste - e manter esse padrão recaía sobre os ombros dos dez melhores bateristas deste lado do Mason-Dixon.

Mas principalmente sobre os meus.

Ainda bem que eu tinha ombros grandes pra caralho.

Marco olhou ameaçadoramente para o grupo de aspirantes heterogêneo, misturados com os caras do ano passado. Ele levava seu papel como tenente muito a sério. Seus lábios finos se retorceram em um sorriso de desprezo, enquanto ele olhava para os novatos que achavam que tinham a competência necessária para ficar no Shark Tank - o nome carinhoso que demos ao nosso estádio de futebol.

Ele abriu a boca para falar, mas notei o movimento, e me apressei a interrompê-lo. Eu gostava do cara, mas ele não amava nada mais do que roubar o meu momento, e minha paciência estava se esgotando. — Bem-vindos! — Eca, o tom doce na minha voz me fez estremecer.



— Se você está nesta sala, deve estar fazendo testes para a linha da bateria. Se não fará os testes, é hora de dar o fora daqui. — Meu olhar deslizou de um rosto para o outro, antes de se fixar em uma garota no canto, esperando que ela se levantasse, desse um beijo de despedida no seu namorado, e caísse fora.

Nada contra ela, mas eu queria começar logo. Por tradição, a linha de bateria de Rodner, sempre fora um domínio exclusivamente masculino. Não era tanto o fato de garotas não serem permitidas, apenas que nenhuma delas tinha sido boa o suficiente e, com o passar dos anos, elas simplesmente pararam de fazer o teste.

Ela encontrou meu olhar firmemente, seus ombros relaxados, e sua boca carnuda numa linha indiferente. Eu parei um segundo, então inclinei minha cabeça em direção à porta, sinalizando para ela. Seus olhos escuros foram naquela direção, depois voltaram para mim, sua expressão inalterada. Ela estourou uma bola de chiclete cor-de-rosa languidamente, e cruzou os braços sarados abaixo do peito, e minha atenção automaticamente desceu para avaliar seus pequenos, mas arrebitados seios, delineados através de uma blusa cinza apertada. Seus seios não eram tão grandes, mas ela estava usando um sutiã esportivo, então provavelmente, seriam maiores sem ele. E pareciam reais. Deus é testemunha, que esse pequeno indício de decote foi a primeira coisa boa com qual cruzei durante toda a semana.

Meu pau desolado se agitou por trás do meu short de nylon fino, e eu casualmente, movi a prancheta na minha mão até a altura da cintura para esconder a evidência.

A bola estourou, e ela suspirou como se estivesse entediada.

— Ei, garota, isso inclui você. — Marco não era muito sutil.

— Tenho certeza que estou exatamente onde deveria estar. — Sua voz era leve, despreocupada, e ela ergueu um ombro, indiferente, como se o comentário dele não valesse o esforço de mover os dois. Foi como acenar uma bandeira vermelha para um touro. Marco enrijeceu, sua mão já se levantando para apontar para ela, quando ela continuou. — Reese Holland. Confira a lista. Eu me inscrevi hoje cedo. — Ela olhou



para as unhas, e foi então que notei o par de baquetas presas em suas mãos.

Bem, foda-se.

Marco arrancou a prancheta da minha mão, em seguida, arrastou o dedo pela coluna dos nomes, e eu mudei de posição para olhar por cima do ombro dele. E esconder minha crescente ereção.

Com certeza, o número dezenove da lista não era outro senão de uma Reese Holland de Morgantown, West Virginia. Caloura. Dezoito anos de idade. Ele espetou o papel, o amassando com o movimento.

— Mas, você é uma garota. — O resmungo de indignação de Marco me fez estremecer diante sua enunciação.

Ela inclinou a cabeça para o lado, seu rabo de cavalo escuro se espalhando sobre um ombro macio, enquanto o analisava. — Muita perspicácia aí.

Risos de alguns dos outros caras na sala, o fizeram se virar para olhar para mim, como se o sexo dela fosse minha culpa. Contive um sorriso. Pouquíssimos caras tinham coragem de enfrentar Marco, e ver essa garota lhe dando a mínima importância, foi meio que fazer isso por mim. Foi uma atitude idiota da parte dela, porque o cara guardava rancor contra mim, por superá-lo na liderança da bateria desde o ensino médio, mas não posso negar que gostei mesmo assim.

Pena que ela provavelmente não duraria um dia. Mais uma vez, não era nada pessoal. A maioria dos calouros em teste seriam eliminados... e rapidamente. A probabilidade não a favorecia muito. Ainda assim, era uma pena. Eu poderia me acostumar com a vista.

— Certo. — Assenti como um idiota, tentando recuperar o controle da situação. — Então. É o primeiro dia das audições. Sou Laird Bronson, o capitão deste ano, e comandarei o acampamento pelas próximas duas semanas. Para chegar até aqui, vocês já apresentaram um vídeo ao corpo docente, provando que ao menos sabem a diferença entre um triplo e um flam, e agora é hora de começar o teste pra valer. Mas antes que todos vocês fiquem excitados, por fazer parte da



bateria, saibam disso. Existem trinta e sete nomes nesta lista, e só temos dez lugares no campo. Sete deles pertencem a bateristas que retornarão.

Enquanto todos tecnicamente tinham que fazer a audição, era uma regra implícita que uma vez que já estivesse na bateria, você tinha um lugar garantido. Supondo que você não tenha sido um completo pé-no-saco no ano anterior, e precisássemos de uma desculpa para nos livrar de você. E como o que restou da equipe do ano passado era estável, isso deixou mais sete vagas a serem preenchidas entre aqueles que conseguiram pontuar para desfilar no campo, e dois suplentes para reforços.

Hora da parte motivacional do meu discurso de boas-vindas.

— Vocês podem calcular sozinhos, mas a verdade é que, a maioria de vocês acabara sendo cortado. Suponho que cerca de metade de vocês terão ido embora até o final do dia. Definitivamente até o final da semana.

Eu deixei que assentasse, enquanto olhava para os rostos superconfiantes, atentos a cada palavra. Sim, todos achavam que eram únicos e especiais. Aquele que superaria as probabilidades. Apenas dez por cento dos melhores deles, passariam algum tempo sob os holofotes do estádio no dia do jogo, tocando para quarenta mil torcedores aos berros.

— A bateria é o coração de qualquer banda marcial, mas mais do que isso, *essa* linha de baterias é incomparável. Nós somos os zagueiros iniciais. Claro, no conjunto, a banda é ótima, mas vamos ser honestos, a bateria é o que as pessoas realmente vêm ver. E se nós não cumprirmos a nossa parte, todo o desempenho cai por terra. Portanto, não estamos só procurando por alguém que possa manter o compasso, bater no ritmo, e fazer algumas acrobacias extravagantes com as baquetas. Procuramos aqueles de vocês que possam se destacar. — Fiz uma pausa para enfatizar minhas próximas palavras. — De forma confiável. Com distrações. E sob pressão.



Um sorriso orgulhoso esticou meus lábios. — Estamos procurando bateristas que possam ir até a reta final.

— É isso mesmo! — A exclamação veio de Bubba, o único formando que retornou, além de Marco e eu.

Eu assenti para ele, e os outros veteranos agrupados no canto, sabendo que entenderam exatamente o que eu quis dizer.

Nós éramos a atração principal, o que atraía as multidões. Sim, tudo bem, eles estavam lá para assistir a uma partida de futebol muito foda também, mas na Rodner, ninguém deixava seus lugares no intervalo até terminarmos. Só então, invadiriam as concessões superfaturadas de nachos BBQ e refrescos.

Nós conduzíamos o show muito bem, dentro e fora do campo. E fazer a linha significava sobreviver não apenas as audições, mas ao trote da bateria.

Esses NADs - nosso apelido intencionalmente rude, para os Bateristas Recém-Adquiridos - não tinham ideia de onde estavam se metendo. Horas de prática. Festas obrigatórias. Brincadeiras idiotas. Objetivos estúpidos para atingir, e prazos apertados para alcançá-los. Era assim que nos uníamos, aprendíamos a ler os movimentos uns dos outros, e tocávamos perfeitamente em sincronia.

Mas primeiro o mais importante. Eliminar os fracos e patéticos. Os oportunistas.

Porque a linha de tambores era o topo da cadeia alimentar.

— Para começar esta manhã, teremos uma corrida de oito quilômetros. Isto será bem simples. Vocês terão mochilas com onze quilos de sacos de areia dentro, que usarão no peito para imitar o peso do tambor. Vocês terão uma hora para completar as voltas ao redor da pista no calor, ou estarão fora. Mais tarde, ainda hoje, passaremos para o trabalho com as baquetas, algumas leituras de partituras, e começaremos a passar pela primeira música do show. — Enfatizei as regras. — Mantenham-se hidratados. Não reclamem. Ajudem-se mutuamente. Se um veterano lhe pedir para fazer alguma coisa, façam. Não pergunte. Todos os veteranos estão usando camisetas



vermelhas, para facilitar para você idiotas. Se te pedirem para sair, saia sem fazer uma cena. A maioria de vocês terá partido nas próximas duas semanas, e isso é apenas realidade. Não há necessidade de fazer birra como a porra de uma menina.

Depois que a última frase saiu da minha boca, eu congelei, meus olhos automaticamente foram para Reese.

Tudo bem, sim, péssima escolha de palavras aqui. O rosto de Reese se contorceu, como se tivesse acabado de provar algo azedo, e ela parecia... era decepção que ela estava lançando na minha direção? Uma pontada de desconforto cutucou minhas costelas, e me peguei querendo dizer outra coisa, para consertar minha gafe, mas segurei minha língua.

O capitão não satisfazia ninguém, muito menos um NAD. Na verdade, o único tratamento especial que recebiam era trabalhar mais e mais, para merecer esse lugar no campo.

Mas, caramba, se eu não queria apagar aquela expressão nos seus olhos. Substituir por outra coisa. Algo mais quente. Aposto que ela pareceria incrível excitada. Aqueles lábios inchados e ligeiramente separados, molhados de beijos anteriores. Olhos dilatados e meio fechados. Um rubor pintando aquelas maçãs do rosto altas. Pulsação latejando na base de sua garganta. Cabelos escuros despenteados onde minhas mãos estiveram enterradas – *espere um segundo*.

Minhas mãos?

Forcei meu olhar para as pontas do meu Nike, onde a borracha da direita começava a se soltar do couro, e contei até dez para me acalmar, mas não consegui evitar que meus olhos procurassem os dela novamente. Desta vez, diversão iluminava seu olhar e, porra, se ela não tinha uma covinha de um lado, onde seu lábio se levantou num sorriso, como se ela soubesse o que eu estava pensando e achou cômico.

Eu queria lamber aquela covinha.

— Estejam na pista em vinte minutos para se equipar e se registrar, — eu gritei. — Peguem a pasta com a papelada e formulários de liberação, preencham essa merda, mijem, verifiquem se vocês têm



uma garrafa de água, o que quer que precisem fazer. Os pesos estão no chão na linha de partida, e começará às nove, em ponto. Dúvidas?

Dois caras levantaram as mãos, e olhei diretamente além deles, sem reconhecer nenhum dos dois. Atrás deles, Reese esticou os braços sobre a cabeça, as mãos segurando as pontas das baquetas, e eu daria minha bola direita para o ar condicionado escolher esse minuto para ligar, me dando um vislumbre dos seus mamilos endurecidos contra o tecido esticado sobre seus seios, enquanto ela arqueava as costas. Eu devo ter negociado com a divindade errada, porque ela relaxou em seu assento, sem o irritante barulho se manifestar.

Ao meu lado, Marco fez um pequeno ruído de apreciação, e um rápido olhar confirmou que seus olhos estavam plantados onde os meus tinham estado a apenas um segundo. A raiva inchou meu peito, e meus dedos se fecharam em um punho, que eu queria enterrar no seu estômago por reparar no corpo dela. Eu não queria seus olhos - ou qualquer outra parte dele - em qualquer lugar perto dela.

— Não? Ótimo. Vejo vocês lá. — Amaldiçoando baixinho, me virei e saí da sala. Se houvesse coisas adicionais para discutir, perguntas para responder, merda para lidar - Marco poderia fazer isso. Contanto que ficasse longe dela.

Porra, o que havia de errado comigo esta manhã? Aquela maldita bebida energética estava misturada com Viagra ou algo assim? O sabor de maracujá era indicador de alguns efeitos colaterais que eu não previ?

Eu precisava jogar um balde de água fria no meu rosto, e me recompor. Mas meus pés passaram direto pelo bebedouro, me levaram para fora das pesadas portas duplas de aço, e através do pátio gramado cheio de mesas de piquenique para o prédio de Inglês pintado de branco.

Burton Hall certamente estava vazio a essa hora do dia, o banheiro masculino no segundo andar estava deserto.

Eu tinha vinte minutos para aliviar a dor.

Afinal, só precisava de oito.



2

Reese

Marco quase arreganhou os dentes, quando largou a mochila nos meus ombros. Ele segurou as tiras de nylon longe do meu corpo, então quando soltou, os sacos de areia no fundo desceram e acertando meu estômago, forçando um grunhido surpreso pelos meus lábios. Se possível, sua boca se esticou ainda mais, até ele se assemelhar ao Lobo Mau.

Mas ele estava muito enganado, se achasse que eu seria afugentada tão facilmente quanto a Chapeuzinho Vermelho. Eu lutei contra inimigos muito mais difíceis na minha vida do que um garotinho inseguro. Marco parecia o tipo de cara que gostava de suas mulheres de fala mansa e subserviente. Onde ele poderia ser o único batendo no peito com toda sua glória imaginária alfa e brilho aos olhos do público, enquanto ela ficava escondida na biblioteca, fazendo o dever para ele, escondida do brilho do sol. Em minha mente, eu o apelidei de “Bafo Escroto”, já que sua cabeça estava muito enfiada em sua própria bunda.

— Como está? Demais? — Ele tentou me olhar de cima com desprezo, mas o fato de termos a mesma altura – um metro e setenta - arruinou o efeito, porque ele teve que inclinar a cabeça para trás até então.

— Duvido que qualquer coisa sobre você seja considerada *demais,* mas obrigada pela preocupação. — Meu queixo caiu fingindo choque, e olhei sugestivamente para sua virilha. Ele ainda estava balbuciando sua indignação, quando me afastei, meus olhos firmemente na tira de nylon para que ele não visse a satisfação estampada no meu rosto.

Reese 2, Bafo Escroto 0.



Depois de colocar uma garrafa de água no bolso lateral da mochila para facilitar o acesso, me alinhei com o resto dos caras, ajustando as tiras para uma posição um pouco mais confortável. Os dois bateristas mais próximos à minha direita deram um passo para trás, se distanciando de mim, e eu levantei uma sobrancelha sem acreditar. Virando-me para confrontá-los diretamente, balancei meus dedos para eles, e sussurrei: — Germes! — Eles se afastaram um pouco mais, e eu revirei os olhos pela falta de coragem.

Até agora, a reputação desta bateria não estava de acordo com a realidade.

Bem, exceto talvez pelo capitão. Meus dedos estavam cruzados, para que ele não fosse um sanduiche de bosta, sob toda a sua embalagem reconhecidamente bonita.

Uma risada suave veio de trás de mim, e eu me virei, pronta para atacar, mas quando enfrentei o grande sorriso de pele bronzeada escondido atrás dos óculos de aviador espelhado, tive a sensação de que ele estava rindo comigo e não de mim. Ele se aproximou, e bateu seu ombro contra o meu. — Você sabe, — ele sorriu, enquanto inclinava a cabeça na direção de Marco, — nada de bom virá de antagonizá-lo. Você está apenas se tornando um alvo ainda maior do que já é.

Apertei meus lábios, enquanto pensava sobre isso por um minuto, respeitando o fato de que ele provavelmente estava certo. — Eu sei. Mas não posso evitar. Sou alérgica a idiotas.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, uma gargalhada, em se importar com os olhares que geramos. Eu sorri, gostando dele imediatamente. Mas então ele ficou sério, e chamou minha atenção. — Eu entendo. Mas você está cutucando um ninho de vespas com o que eu ouvi, então não fique surpresa se acabar sendo picada.

Sua advertência rolou pelas minhas costas. Eu tenho lidado com egos masculinos excessivamente sensíveis, desde que segurei meu primeiro par de baquetas. Não era nada que eu não pudesse lidar. Inclinando minha cabeça em reconhecimento, estendi minha mão na sua direção. — Eu sou Reese.



— Acho que *todos* sabemos o seu nome depois desta manhã. — Ele apertou minha mão sem hesitação, sua palma engolindo a minha. — E eu sou Smith. Smith Whitmore. Precisa de um parceiro de corrida esta manhã?

Tentando sentir a sinceridade da sua oferta, observei seu rosto. Smith era apenas um pouquinho mais alto que eu, com cabelos escuros curtos, e um sorriso que irradiava nada além de sinceridade. Meu estômago estava calmo, sua presença não provocava nenhuma onda de mal-estar, e se havia uma coisa em que aprendi a confiar ao longo dos anos, era no meu instinto. Smith era um dos mocinhos.

Eu me aproximei mais, como se fosse lhe contar um segredo. — Acha que consegue me acompanhar?

— Com você? Garota, você está fora do meu alcance, não há como negar isso. Mas você pode ter piedade de mim mesmo assim.

— Caramba, estou sem piedade esta manhã. — Eu levantei minhas palmas vazias como prova. — A única coisa que trouxe comigo hoje foi alguma atitude e uma quantidade enorme de maldade. — Meus olhos arregalados e o tom inocente da minha voz me renderam outra das suas gargalhadas fabulosas.

— Tudo bem, tudo bem. Eu vejo como é. Mas você está falando de um grande jogo, então se não puder controlar a situação quando chegar a hora, isso terá um final muito ruim.

Coloquei meus óculos de sol em cima da minha cabeça e inclinei meu quadril. — Você está duvidando de mim, Smith?

— Só não me faça parecer um tolo. É tudo o que peço. — Sua entonação era leve, quase zombeteira, mas a leve tensão na sua mandíbula indicava seriedade no pedido. Ele olhou em volta para a distância perceptível que o resto dos caras estava nos dando.

Eu amoleci. Ele foi o primeiro a parecer genuinamente disposto a me dar uma chance, literalmente ficar ao meu lado e, Deus sabe que eu precisava de um aliado. — Confie em mim. — Eu balancei a cabeça. — Eu cuido disso.



Ele balançou na ponta dos pés, enquanto me estudava, então um meio sorriso surgiu no seu rosto quando ele registrou minha franqueza. — Você define o ritmo e eu vou acompanhá-la. Mas, é melhor você saber como usar essas suas pernas longas. — Smith levantou seu punho entre nós e eu bati com o meu.

— Você não tem ideia. — Eu pisquei.

Eu me virei para a linha de partida, onde a tagarelice nervosa dos outros estava ficando mais alta, e encontrei meu nariz a centímetros do queixo de Laird, a mochila amarrada ao meu peito pressionando seu abdômen sólido. Inalando com surpresa, enquanto recuperava meu equilíbrio, não fez nada além de trazer seu cheiro - chiclete de hortelã e algo amadeirado - profundamente em meus pulmões, onde eu o segurei por alguns segundos, sem vontade de liberá-lo tão facilmente. Mas quando levantei meu olhar um pouco mais para os olhos dele, deixei tudo sair num whoosh.

Os olhos dele.

Querido doce menino Jesus, eles eram lindos. Suas íris eram de um verde tão puro, que me fez imaginar um campo de trevos. Na Irlanda. No dia de St. Patrick. Pequenas manchas douradas estavam polvilhadas perto do centro, adicionando profundidade e riqueza, e seus cílios rivalizavam com os meus, embora eu usasse o rímel da Benefit para ajudar. O traço forte das suas sobrancelhas me fez comichar para traçar sua forma com o dedo, só para ver se a linha dobraria, para descobrir se eram macias ou ásperas contra a minha pele.

Lambi meus lábios secos, oscilando ligeiramente, enquanto desci ainda mais na minha inspeção. As maçãs do rosto salientes se elevavam acima de um maxilar esculpido, temperado pela barba de um dia por fazer. Aposto que arranharia da melhor maneira quando se esfregasse no pescoço de uma garota. Ou na parte interna das coxas. Eu engoli. Sua boca carnuda se abriu, e seu peito subiu de uma inspiração profunda. Encontrei-me querendo me inclinar para frente, para deixá-lo segurar meu peso e não recuar do fardo extra. Suas narinas dilataram,



e o calor de seus dedos queimaram meus quadris, quando ele estendeu a mão para me firmar.

Minhas pálpebras se fecharam no contato, e eu lutei contra o instinto de me esfregar contra ele, e ronronar de prazer. Marcá-lo como meu. Era como se seus feromônios fossem projetados para ter o impacto de um soco, roubando meu fôlego, e me transformando em uma viciada depois de apenas um golpe.

Até ele abrir a boca, e estragar tudo.

— Tem certeza de que consegue lidar com isso? Oito quilômetros? — A preocupação na sua voz fez minha espinha endireitar. Seus braços caíram aos seus lados. — Não é nenhuma vergonha desistir agora. Não faz sentido passar por isso sem motivo.

— Você faz essa pergunta para os caras também? — Eu olhei para ele.

— Não. — Ele olhou diretamente nos meus olhos, não se esquivando da pergunta. — Só você.

Eu estiquei uma panturrilha depois a outra, ignorando a maneira como seu olhar vagava pelo meu rosto, permanecendo nos meus lábios franzidos. O calor que se instalou na minha barriga, era irritação. Definitivamente não uma atração estúpida e descabida. Lembrei que alguns chocolates pareciam perfeitos por fora também, todos brilhantes, reluzentes e perfeitos - até que você desse uma mordida e percebesse o sabor desagradável da framboesa. Eu sorri, um sorriso frágil e superficial que esperava que ele reconhecesse pelo que era.

— Não se preocupe comigo, — murmurei ao redor de um maxilar cerrado. — Vejo você na linha de chegada. Mas aquele cara ali, parece que pode precisar da sua ajuda. — Eu balancei a cabeça para um garoto pálido na beira da pista, sugando desesperadamente um inalador. Se ele captou ou não minha ênfase na palavra *cara* era difícil dizer.



Com uma maldição murmurada, e um último olhar persistente que prometia que essa conversa não acabara, ele se virou e partiu, para bancar o herói com alguém que realmente precisava.

Mas ele me distraiu. Quando a buzina a ar ameaçou estourar meus tímpanos alguns minutos depois, eu ainda estava inclinada na pista, amarrando meu tênis. O resto dos caras dispararam, deixando Smith e eu para trás. Marco se juntou a nós dois, enquanto seguíamos o bando ao redor da primeira curva. Ele estava sem camisa e livre da mochila.

— Reese. Não me surpreende te encontrar aqui atrás, mas, Smith, eu esperava mais de você. — Ele corria tão perto de mim, que seu cotovelo me cutucava com cada movimento do seu braço. Um verdadeiro cavalheiro.

Smith sorriu amplamente, mas não mudou o ritmo. — Você tem pensando em mim, Marco?

— O que? Não! — O passo de Marco vacilou ao meu lado, e aproveitei sua distração, avançando, ansiosa para escapar da sua companhia indesejada. Smith me seguiu facilmente, e passamos por três caras que já estavam ofegantes no final da primeira reta.

— Você o conhece? — Eu controlei minha respiração, estabelecendo um ritmo que sabia que poderia manter ao longo da distância. Inspire por dois passos, e expire por um.

— Marco? Um pouco. Eu sei sobre *ele* mais do que o conheço. Frequentamos a mesma escola, mas, assim como agora, ele era um veterano quando eu era calouro. — Ele riu baixinho. — Ele era alguém importante por lá, mas não tão importante quanto achava que era. Parece que algumas coisas não mudaram.

— Você quer dizer que ele sempre foi um ensopado de imbecil? Hoje não é uma ocasião especial ou algo assim?

Smith olhou para mim com reprovação. — Imbecil ou não, ele é o tenente, e ainda pode tornar nossas vidas miseráveis se o irritarmos. Ou, inferno, até nos impedir de participar da linha.



Meu lábio se curvou. — Ele implicou comigo antes que soubesse algo sobre mim, exceto que eu tinha seios em vez de um pau.

Smith suspirou. — Você é sempre tão espinhosa? Tem um cacto em algum lugar na sua árvore genealógica?

Demorei meia dúzia de passos para processar sua escavação. — Smith, nós vamos nos dar muito bem, eu e você. E porque gosto de você, vou até tentar suavizar em torno de Marco. — Sorri lentamente. — A menos que ele comece. Aí o trato acaba. Se ele não aguentar, é melhor que seja esperto o suficiente para não atacar em primeiro lugar.

Smith resmungou, e trocamos de assunto para comparar nossos próximos horários de aula. Descobrimos que tínhamos a mesma maldita aula de biologia as oito da manhã.

No final de cinco quilômetros, quatro caras tinham desistido, suas mochilas abandonadas na linha de partida. Smith e eu entramos num silêncio confortável e, porque éramos bateristas, nossos passos batiam num ritmo que combinava, enquanto circulávamos a pista. Estávamos solidamente no meio do pelotão restante neste momento, com corredores espalhados uniformemente na pista oval, a maioria em pares ou grupos pequenos.

Passos soaram atrás de nós, sinalizando a aproximação de alguém.

Olhei por cima do ombro, pronta para ceder a pista interna, quando chegasse perto o suficiente.

Era o Laird.

Ao contrário de Marco, ele usava uma mochila, não se poupando só porque era o capitão. Eu olhei novamente, incapaz de evitar.

Os músculos dos seus braços estavam brilhantes de suor, e não resisti usar um segundo para apreciar a maneira como seus bíceps brilhavam na umidade do Alabama. Ele era maior que a maioria dos bateristas. E os ombros dele. Porra, eu tinha uma fraqueza por um belo par de ombros.



Quando roubei um terceiro olhar, Smith também virou a cabeça. Fui totalmente pega. Mas isso não me impediu de perceber, onde estava o foco de Laird. Diretamente em mim.

Minhas bochechas queimaram de mais do que apenas o esforço, e me tornei consciente da maneira como meu short de corrida tinha subido entre as minhas coxas, se enrolando logo abaixo das minhas partes femininas. Partes que poderiam estar se contraindo, sabendo que ele estava lá atrás, observando minha bunda balançar a cada passo.

— Tudo bem aí, Reese? — Smith estava rindo de mim.

— Cale a boca, ok? Vamos continuar avançando.

Ele me deu um olhar de avaliação. — Não acho que ele está te caçando. Pelo menos, não da mesma forma que Marco está.

— O que isso deveria significar?

— Nada. Mas ele tem nos seguido nas últimas duas voltas, e parece muito feliz com a visão de lá.

Meus ouvidos pegariam fogo se ficassem mais quentes. Eu não tinha percebido que ele estava lá atrás há tanto tempo. — Ele está? — Eu amaldiçoei minha voz por chiar.

— Acha que ele está admirando todo esse chocolate ao leite que tenho aqui? — Ele acenou com a mão para o seu corpo.

— Leite… espere. O que?

— Eu te conheço. Você está supondo que ele está deleitando aqueles lindos olhos verdes em você, não é? E você acusa o Marco de ser sexista. — Ele abaixou o queixo por um momento. — Você me magoa, considerando que você é tudo sobre oportunidades iguais e merda. Porque minha bunda também está ótima esta manhã.

Meus olhos se arregalaram e acho que meu queixo caiu. Procurei as palavras. — Eu…não. Você está certo. Quero dizer, ele pode estar. Eu não sei. — Eu hesitei. — Então, você é…

— Eu gostaria de acreditar que estamos em pé de igualdade, se é que me entende. — Ele piscou e, em seguida, soltou sua grande gargalhada com o choque no meu rosto.



— Garota, você deveria se ver. E não se preocupe. Os olhos dele nunca se incomodaram em apreciar tudo o que tenho para oferecer. Eu até tentei agitar um pouco mais. — Ele franziu a testa, um olhar exagerado de derrota franzindo as sobrancelhas. — Não, ele parece obcecado por você. É uma pena. Aposto que eu poderia abalar o mundo dele.

— Smith, eu não duvido que você poderia. — Meus olhos enrugaram em diversão.

Ele me cutucou, mas não o suficiente para me desequilibrar ou perturbar nosso ritmo sincronizado. — Bem, se eu não posso tê-lo, não há razão para um de nós não dar uma chance a isso tudo. Não me decepcione, ouviu?

Peguei minha garrafa de água, usando isso como desculpa para olhar para trás novamente. Laird sorriu para mim, e voltei minha cabeça.

Apanhada.

— Então... essa coisa de oportunidade iguais? Isso é de conhecimento público? Ou... um segredo? — Tentei me concentrar no Smith. Não no Laird. Definitivamente não no Laird, com aqueles ombros. E aqueles olhos. E aqueles...

—... Cada um acredita no que quiser. — A voz de Smith me trouxe de volta ao presente. — E a maioria das pessoas não parecem tão duras para algo assim, sabe? E não me entenda mal, tenho todos os tipos de pensamentos sobre as suas pernas. Mas tenho a sensação de que você me já me intitulou como amigo, então estou apenas fazendo o melhor possível.

Eu pisquei estupidamente. Minhas pernas? Eu tentei dar uma segunda olhada em Smith, mas ele se adiantou. — Não, garota. Nem tente. Se eu não te impressionei logo de cara, não vai acontecer entre nós. — Ele riu. — E, está tudo bem. Também preciso de um amigo. Você pode ser minha parceira.

Eu bufei. — Como é? O que aconteceu com a igualdade de oportunidades? Você pode ser *meu parceiro*.



— Ah, é? — Ele me lançou um olhar desafiador. — Quem chegar primeiro, ganha. O vencedor será o Batman. O Batman legal, não a versão do Val Kilmer.

Eu empurrei seu ombro apenas com força o suficiente para fazê-lo tropeçar duas pistas para a direita, quando sua mochila escorregou pelo braço. Esperei até que ele me olhasse de relance, sorri não tão me desculpando, depois disparei pela pista. — Aprecie a vista, Robin!



3

Reese

Quando meu telefone tocou no final da tarde, levantei com um estremecimento da minha cama, onde eu estava deitada com compressas de gelo embaixo das omoplatas. Aquela porra de corrida. Foi bom terminar com mais de seis minutos de sobra, superando Smith no processo, mas agora, *merda*, eu estava pagando por isso. Eu o teria acusado de me deixar ganhar, mas Marco se juntou a ele por duas voltas, e pelo que pude ver a partir de meus olhares furtivos, eles discutiram o tempo todo. Essa distração foi provavelmente a verdadeira razão pela qual o derrotei. Eu digitei a senha no meu telefone e olhei para a tela.

Festa da Bateria. Obrigatória. 20:00

O texto de um número desconhecido foi imediatamente seguido por outro com um endereço a dois quarteirões do campus.

Eu gemi, caindo de volta no gelo. Não vou mentir. Eu me machuquei. E a última coisa que queria fazer era me vestir, e colar um sorriso falso no meu rosto.

Laird estava certo. Eles cortam muita gente hoje. Treze dos trinta NADs já tinham partido.

No entanto... já tinha vencido treze caras num jogo que eles achavam que eu não poderia jogar. Foi um tipo de vitória, certo? Vale a pena comemorar em uma festa obrigatória?

Duas horas, quatro ibuprofeno e um banho quente depois, eu me examinei no espelho pendurado na parte de trás da porta do meu dormitório. Eu fiz o meu melhor, e esta noite, o meu melhor era jeans skinny cinza, uma regata preta solta com a alça do sutiã rosa melancia aparecendo no decote em T, e sandália sexy. Saltos era pedir demais. Meu cabelo castanho estava preso em um rabo de cavalo alto,



e eu tinha dobrado a minha quantidade normal de maquiagem nos olhos, dando uma aparência dramática, sem cair no território pesado. Meu brilho labial, e meu esmalte combinavam com o meu sutiã.

Atrás de mim, a cama de solteiro vazia do outro lado do quarto estava cheia de roupas descartadas. Esperava que qualquer pobre garota que chegasse em duas semanas para ser minha colega de quarto não fosse uma defensora da arrumação. Encolhendo o ombro para o meu reflexo, porque, realmente, eu não tinha nenhuma intenção de mudar meus hábitos mesmo se ela fosse, peguei meu telefone da mesa, e saí pela porta.

No momento que subi dois lances de escada até o apartamento designado, eram oito e meia. Achei que a frequência era a parte obrigatória, não a pontualidade.

Mas eu estava errada.

Antes de me permitirem entrar no espaço lotado e agitado, tive que tomar três doses de penalidade, de algo claro que eu suspeitava ser uma vodca barata. Uma para cada dez minutos de atraso. Ainda bem que não me atrasei mais.

Tentando não fazer uma careta com a queimadura persistente na minha garganta, vi Smith do outro lado de um sofá vermelho desbotado, e fui até ele.

— Eu deveria ter te avisado para não se atrasar, mas, *caramba,* garota, se era para isso que você precisava de tempo extra, valeu a pena. — Ele me olhou de cima a baixo, e então se inclinou para trás e sem pedir desculpas, checou minha bunda.

Revirando os olhos, eu a empinei, e dei uma balançada para ele. — Mesmo? Você sabia que isso iria acontecer, Robin? Que belo ajudante você é. — Ele agiu como se eu fosse bater nele, e me virei para encará-lo. — Uh-uh. Você me deixou na mão, e acha que tem chance de tocar isso? De jeito nenhum.

Ele entregou uma pequena tigela de salgadinhos Goldfish, que ele tinha colocado contra seu abdômen. — Aqui, Batman. Oferta de paz para ajudar a absorver um pouco do álcool. — Ele me examinou



novamente. — Falando sério. Coma um pouco. Você não tem uma tonelada de carne em seus ossos, e confie em mim, quando digo que tem mais álcool por vir esta noite.

— Você tem informações privilegiadas, ou algo assim? — Eu mastiguei um trio de peixes. Cara, esqueci como essas coisas eram boas. Eu provavelmente era criança da última vez que comi alguns.

Ele olhou em volta antes de responder, colocando as mãos nos meus antebraços, e se inclinando perto do meu ouvido antes de falar. — Eu tenho um primo que estava na linha há dois anos. Ele me disse algumas coisas me colocaria em apuros por saber com antecedência. Merda de trote. Mas farei o possível para cuidar de você. — Eu me afastei, e estreitei os olhos para ele, e ele reprimiu um sorriso. — Não que você precise, é claro.

Eu assenti. Contanto que fôssemos claros sobre o estado da minha independência. Joguei mais alguns peixes na minha boca. — Quem são essas outras pessoas?

— O resto da banda. Pratos, bumbo, quíntuplos. No entanto, não acho que o fosso tenha recebido o convite. — Ele se referiu aos instrumentos de percussão que não marchavam. O grupo que lidava com os xilofones, o gongo e outros aparelhos pesados que ficavam à margem da ação, tanto no campo quanto fora dele, embora fossem tecnicamente parte da linha da bateria. Ele inclinou a cabeça em direção ao bar improvisado no balcão da cozinha. — Eu acho que algumas das mais animadas são as balizas.

O tom das risadas, confirmou seu palpite, assim como o comprimento das suas saias. Eu não as culpei por aparecerem. Bateristas eram gostosos, e eram conhecidos por seus dedos talentosos. — Existe alguém aqui que você não...

Um braço foi jogado ao redor do meu ombro, e um copo plástico vermelho foi empurrado no meu rosto, o líquido dentro dele se agitando perigosamente perto da borda. O rosto de Marco estava desconfortavelmente perto do meu, quando peguei a bebida, antes que ele a virasse na minha blusa. Eu disciplinei minha expressão, quando



seu hálito de cerveja banhou meu rosto. Meus ombros ainda estavam doendo, e ele se apoiando em mim não estava ajudando.

— O que é isso? — Eu segurei o copo, e usei o movimento para forçar um pouco mais de espaço entre nós. — Eu não esperava que você viesse trazendo presentes.

Ele riu, um som alto e irritante, que me deu um bom indício de quantas bebidas ele já tinha tomado. — É a bebida oficial da bateria. Suco NAD.

Eu girei a mistura vermelha espessa e melada. Cheirava doce e forte ao mesmo tempo.

— Beba tudo, querida. — O desafio em sua voz era inconfundível.

Após as três doses na porta, eu estava me sentindo solta, quando o levei até os meus lábios, e engoli a coisa toda de uma só vez, mantendo contato visual com ele o tempo todo. Terminado, lambi meus lábios, e entreguei a ele o copo vazio. — Delicioso. — E, na verdade, não era ruim. Eu não ficaria surpresa ao descobrir que o suco NAD era um ponche havaiano barato misturado com algo como Everclear.

— Caramba... — Smith assentiu com respeito, e o canto do seu lábio tremeu como se quisesse sorrir, mas estivesse tentando contê-lo.

Marco bufou. — Parece que alguém tem muita prática em engolir.

Eu olhei para ele lentamente, com a camisa desabotoada e mangas arregaçadas, e previsíveis jeans rasgados, combinando com o Adidas clássico branco imaculado. Erguendo meus olhos novamente, eu arqueei uma sobrancelha. — Com ciúmes?

Smith tossiu, levando um punho até a boca, e eu me virei para dar tapinhas nas costas dele. — Tudo bem aí, companheiro?

— Sim, obrigado. Algo meio que queimou de repente, sabe? — Ele limpou a garganta mais algumas vezes, sem tentar mais esconder o riso.

Marco estendeu o braço, mas bateu em uma ruiva pernuda, antes que pudesse abrir a boca para responder. Ela pegou o pulso dele em seu peito sem dúvida impressionante, entrelaçou seus dedos e deslizou

até que estivesse colada ao seu lado. Eu pisquei. A garota se moveu *rápido*.

— Marco, — ela murmurou, batendo seus cílios falsos para ele. — Eu esperava encontrar você esta noite.

— O quê? — Eu falei para Smith. Essa gata *queria* passar um tempo com ele?

A ruiva se virou brevemente em nossa direção. — Oi. Eu sou a Amber E esta é Willa. — Ela inclinou a cabeça para a pequena loira ao lado dela. — Nós duas tocamos pratos. — Sua mão e a de Marco unidas esfregaram para cima e para baixo ao longo da braguilha do seu jeans. — Fazemos o possível para manter nossos jogadores da bateria felizes.

As pálpebras de Marco baixaram, e ele parecia se concentrar nos seus lábios vermelhos envernizados. Sem dúvida, ele estava imaginando como esse brilho ficaria circulando a base do seu pau. — Se nos der licença... — Sem outra palavra, ele a puxou através da multidão, até que desapareceram por uma porta. Presumivelmente para um quarto, mas não duvidaria que ele monopolizasse o banheiro.

Willa balançou a cabeça, seu cabelo brilhante ondulando suavemente em volta dos ombros. — Por favor, não julgue todas as garotas do prato com base nela.

Smith riu, e se apresentou, e depois apontou o polegar para mim. — E esta é Reese. Nós dois estamos tentando entrar na bateria.

— Espera, — ela olhou para mim atentamente, — vocês *dois* estão tentando entrar para a bateria?

— Sim, — eu respondi. Sua reação me diria se ela se enquadrava na categoria de amiga ou inimiga.

— Como está indo? — Respeito, não escárnio, coloriu seu timbre. Era amiga.

— Ainda estou aqui.

Ela sorriu, e todo o seu rosto se iluminou, e achei que Marco era um idiota por escolher alguém como Amber ao invés de alguém como Willa. — Para que fique registrado, espero que você consiga. Eu



adoraria ver as coisas tremerem um pouco por aqui. — Ela apertou meu braço, e sussurrou de forma conspiratória. — Além disso, você trabalha com Laird Bronson o dia todo? Quanta sorte você tem!

— Eu realmente não sei. — Esfreguei meu ombro dolorido distraidamente, mas com a menção do seu nome, meus olhos automaticamente varreram as pessoas, procurando por ele. — Eu mal falei com ele. — E era verdade. Depois da corrida, eles nos mantiveram bastante ocupados, e enquanto eu sentia o peso de seus olhos em mim de vez em quando, não tínhamos nos falado novamente.

Demorei um minuto para localizá-lo na cozinha ao lado do Bubba e alguns outros caras que eu ainda não conhecia, reunidos em torno de um barril, enquanto um deles batia no ritmo ao lado dele com um par de baquetas. Mas o que roubou meu fôlego foi a maneira como ele olhava para o outro lado da sala – diretamente para mim. Seus olhos verdes capturaram os meus com ousadia, e me remexi com a intensidade do seu olhar, meus dedos puxando a barra da minha blusa, a alisando sobre o cós do meu jeans.

E eu não fui a única a notar. Willa gritou, depois sussurrou: — Ele está olhando para cá! — Ela projetou seu quadril curvilíneo e se virou para mim e Smith, apresentando a Laird uma excelente visão da sua bunda. Então, ela espiou por cima do ombro novamente, mexendo nos seus cabelos como uma profissional. Até eu fiquei impressionada.

Desloquei meu corpo para ver além dela, e fiquei estranhamente desapontada ao encontrá-lo ao redor da pequena mesa do bar encravada no canto, nossa conexão interrompida. Mas quando ele subiu em uma barata cadeira de cozinha dobrável, não perdi a oportunidade de ver como seu jeans desgastado pendia de seus quadris magros e abraçava suas coxas.

Ao lado dele, Bubba colocou os dedos na boca e soltou um assobio ensurdecedor. — Todos vocês. Calem a boca por um minuto, e ouçam o capitão!

O ruído de fundo diminuiu e a sala lotada desviou a atenção coletiva para ele. Era impressão minha, ou ele estava corando



ligeiramente sob o repentino escrutínio? Nossos olhos se encontraram novamente, e seu olhar permaneceu por um longo momento, antes de percorrer o resto do grupo reunido.

— Quero agradecer a todos vocês, que ainda estão aqui após o primeiro dia, por virem esta noite para desfrutar um pouco do suco NAD com a gente. Estamos empolgados com a próxima temporada, e para ver qual de vocês chegará à prova final.

— E para algumas bocetas frescas! — Gritou uma voz.

Ele riu. — Rostos novos são sempre uma coisa boa. — Laird ergueu seu copo concordando, e um coro de vaias ressoou. Eu me encolhi, imaginando se era assim que eles me viam - um par de coxas a serem abertas, conquistadas e descartadas. — Assim como as tradições da bateria. A primeira das quais começa esta noite. No esforço de se misturar e fazer novos amigos, é esperado que todos vocês, pelo menos os NADs cheguem à primeira base hoje à noite. Desfrutem de algumas bebidas, se apresentem, e divirtam-se.

— Os preservativos estão em uma tigela perto da porta da frente! — Gritou outra voz. — Fique seguro!

— Se você não entende como colocar um, encontre um veterano para instruí-lo ou, melhor ainda, vá em frente e se liberte. Essa é a porra da linha de bateria da Rodner! — Ele pulou da cadeira, enquanto vaias e uivos soaram. Acho que esse foi o discurso oficial de boas-vindas.

O barulho aumentou à medida que todos se movimentavam, grupos se dispersando e reagrupando, enquanto procuravam seus possíveis parceiros. Embora eu fosse a única garota fazendo o teste para a linha de bateria, a maior parte dos tocadores de pratos eram do sexo feminino.

Willa saltou na ponta dos pés, e tirou um batom do bolso. Ela espalhou uma camada rápida de rosa escuro, e estalou seus lábios. — Esta foi a minha parte favorita no ano passado! — Ela confidenciou, me oferecendo o tubo.



Recusei, e franzi o nariz para ela. — Mesmo? Não te incomoda que seja apenas por causa de um desafio estúpido?

— Quê? De jeito nenhum. Já olhou em volta? Estes são alguns dos caras mais gostosos da Rodner. Por que eu ficaria chateada? — Ela olhou por cima do meu ombro. — Olhe, Laird está vindo para cá! Eu achei que meio que tivemos uma ligação no ano passado, mas não ouvi falar dele durante o verão, então, não tinha certeza do que esperar. — Ela levantou os braços, e afofou o cabelo como se estivesse tentando decidir em qual pose ela deveria atacar. — Eu segurei o chimbal para ele no show, e você sabe...

Eu não sabia, mas não tinha certeza se queria.

Smith me deu uma cotovelada, e eu girei em sua direção. — O que você acha? Você quer fazer da maneira mais fácil, e acabar logo com isso, ou da maneira mais difícil?

— Existe uma maneira fácil?

Ele sorriu, lento e confiante. — Sempre existe uma maneira fácil.

Eu parei por um momento. — Eu gosto do fácil.

— Esperava que você dissesse isso. Apenas lembre-se, eu fui um cavalheiro e perguntei primeiro.

Com isso, ele mergulhou. Um braço me pegou pela cintura, enquanto o outro circulou meus ombros, então toda a sala se inclinou, enquanto eu era curvada para trás. Agarrei o pescoço dele por reflexo para me equilibrar. — Bela jogada, — ele murmurou.

E então, seus lábios estavam nos meus.



4

Laird

A pontada ardente de ciúmes foi tão afiada e inesperada, que me vi congelado no meio da minha própria festa. Ao meu redor, as pessoas estavam flertando, rindo, bebendo.

E eu estava colado, minhas pernas e pés inúteis sob mim, meu coração batendo contra minhas costelas.

Topher, o hippie residente da bateria, esbarrou no meu lado, e eu dei um passo para a direita, incapaz de afastar meus olhos de Smith e Reese. Dos lábios dela se movendo sob os dele, e seus braços envolvendo seu pescoço.

Eu arranquei a garrafa de cerveja da mão de Topher, ignorando seu protesto, e bebi sem provar uma gota, enquanto atravessava a sala. No meio do caminho, uma mão pousou no meu cotovelo, e registrei inexpressivamente uma garota chamando meu nome, mas não parei.

Não consegui parar.

Por que diabos eles ainda estavam se beijando?

Seria abuso se eu cortasse Smith das audições no local?

Eu estava a três passos de distância, quando eles finalmente se separaram - embora o bastardo ainda estivesse com as mãos na cintura dela. Meus lábios apertaram em aborrecimento. Como se essa pequena exibição fosse suficiente para realmente desequilibrá-la.

— Uau, Smith. — Ela limpou a boca nas costas da mão, e eu não pude reprimir a onda de satisfação que me deu. — O que você andou bebendo esta noite? — Ela lambeu os lábios. — Na verdade, tem um gosto muito bom.

Ele morreria.



— Pirulito de uva quando vinha para cá. Eu sou meio viciado. — Smith deve ter tido uma pequena medida de autopreservação, porque seus olhos piscaram para mim brevemente, e ele afastou as mãos. — Melhor tomar cuidado...

— Com o quê? — Reese riu, e eu não consegui desviar o olhar dela o tempo suficiente, para lançar um aviso a Smith para manter suas malditas mãos para si mesmo, ou ele acharia muito difícil tocar bateria amanhã.

Ele olhou para mim novamente com cautela, mas manteve sua postura ao lado dela, perto o suficiente para seus braços ainda estarem roçando. — Ou então você vai ficar viciada também.

— Traga-me um amanhã. Eu tenho que ver o porquê de tanta agitação.

Nada. Não havia absolutamente nada nele para se preocupar.

Eu me juntei ao círculo deles, e enfiei minha garrafa vazia no Smith, o acertando solidamente no estômago. A seu favor, ele mal se mexeu. — Aqui, NAD. Livre-se disso e me traga outra gelada. — Eu propositadamente não usei o nome dele.

— Claro, — ele disse lentamente, estudando a marcação dura do meu maxilar. — Reese, Willa, querem alguma coisa?

Willa pediu algo frutado. Reese recusou a bebida, mas chamou seu nome, enquanto ele começou a ir para a cozinha. — Você pode me encontrar mais desses Goldfish? Acho que acidentalmente derrubei os últimos quando você...

— Seu ombro está te incomodando? — Eu interrompi.

Ela se virou e inclinou a cabeça para mim, intrigada.

— Você está esfregando. — Reese olhou para baixo, e pareceu surpresa ao ver sua mão massageando o local onde seu pescoço se curvava na inclinação de seu ombro esquerdo.

— Sim, um pouco, — ela admitiu, abaixando o braço. — Mas eu estou bem. Eu tomei alguns Motrin, e estarei novinha em folha amanhã.



— Quer que eu dê uma olhada? — Eu já estava estendendo a mão, meus dedos coçando por qualquer desculpa, não importa quão fraca, para tocar sua pele, para ver se era tão suave quanto eu imaginava.

Ela inclinou o queixo para mim, sua expressão cautelosa. — Você pergunta isso a todos os caras?

— O quê? — Eu fiz uma careta. — Porra, não.

Ela recuou, privando meus dedos de seu objetivo. E, sinceramente, fiquei surpreso. Não quero parecer um babaca, mas geralmente não tinha problemas para atrair uma garota. Normalmente, o problema era me esquivar daquelas que eu não estava interessado.

— Olha, — ela esperou um instante, até que nossos olhos se conectaram antes de continuar, — eu não quero nenhum tratamento especial de você. Eu sou apenas outro baterista tentando entrar na linha, como todos os outros caras.

Que se foda essa merda.

No campo, sim, eu esperaria dela o mesmo alto padrão de que qualquer baterista. Inferno, sinceramente, não ficaria surpreso se ela ainda fosse cortada, só porque as chances não estavam a seu favor. Mas fora? Ela era louca se achasse que a sua aparência nesse jeans a faria se misturar na multidão.

Não, esta noite ela era tudo, menos comum. Hoje cedo não tive tempo de analisar o ângulo obstinado de seu maxilar, ou a maneira delicada eu a ponta do seu nariz é um pouquinho arrebitada. Com seu cabelo escuro preso, a cremosidade do seu pescoço me chamou, implorando-me para traçar sua curva com meus dedos, minha boca, minha língua. E pela primeira vez, tive uma boa visão dos olhos dela. Ela não precisava de toda a maquiagem que estava usando. De jeito nenhum eles poderiam parecer nada além de impressionantes. Sua grande íris, marrom café, escura o suficiente para me engolir inteiro, brilhou com irritação quando me aproximei, girando-a na minha frente até que suas costas estivessem no meu peito.



— Mas você não é, — eu sussurrei, baixando a cabeça, e deliberadamente deixando meus lábios roçarem a concha de sua orelha.

Ela estremeceu, e meu pau se agitou.

Apertei seus ombros com as palmas das minhas mãos, meus polegares descendo entre as alças do sutiã rosa brilhante. Eu pressionei lá dentro dos sulcos das suas omoplatas, e cavei onde sabia que ela provavelmente teria nós de hoje.

Ela gemeu, e tentou se afastar, mas eu a segurei no lugar. *No alvo.* — Fique parada. — Minha voz não admitia discussão. Fazendo movimentos profundos e meticulosos, friccionei a tensão da parte superior das suas costas, satisfeito quando seus músculos lentamente relaxaram sob mim. Sua pele era como seda quente sob minhas mãos, e quando ela arqueou as costas como um gato, balançando a cabeça de um lado para o outro, um gemido suave escapou da sua boca, e eu tive que me impedir de pressionar contra o inchaço da sua bunda.

Eu estudei as tiras cor-de-rosa cruzando suas costas, enquanto trabalhava, me perguntando como diabos isso sairia. Eu estava pulando vários passos na minha mente, mas essa garota mal-humorada estava me deixando louco. Ela cheirava a cerejas, e eu não tinha certeza se era dela, ou da bebida frutada que a vi engolir quando Marco se juntou a ela. As pontas dos meus polegares abriram caminho pelo nó do seu pescoço, e senti mais do que ouvi o zumbido de satisfação vibrar através dela.

Eu não consegui evitar. Eu me aproximei, racionalizando que era uma sala lotada, e eu estava economizando espaço. Ela tinha a altura perfeita para mim, alta para uma garota, mas ainda vários centímetros abaixo dos meus um metro e noventa. Beijá-la seria fácil, ela se inclinaria para cima e eu para baixo. Não seria necessário me curvar desajeitadamente, enquanto ela se equilibrava nas pontas dos pés.

— Você sabe, — disse Willa, rolando os ombros, — os pratos são muito pesados. — Ela se inclinou na minha direção, e fez sinal para suas próprias costas. — No ano passado, senti muita dor aí mesmo, lembra?



Não, não lembrava.

Na minha frente, Reese enrijeceu, endireitando sua coluna até seu rabo de cavalo fazer cócegas no meu queixo. Eu apertei meus dedos, não preparado para deixá-la ir. Eu dirigi um ruído evasivo a Willa. — Sempre leva algumas semanas para se fortalecer.

Reese se afastou de mim, um pé deslizando para frente quebrando a nossa conexão. — Eu acho que estou bem agora, obrigada, — ela murmurou. Rosa tingia as maçãs salientes do seu rosto. — Quanto pesam os seus pratos? — Ela dirigiu a pergunta a Willa.

— Deus, quem sabe, mas parece cem quilos no final do dia.

Eu pressionei meus lábios enquanto Reese se afastava, um metro e meio de vazio entre nós. Quem se importava com os pratos dela?

— Sim, — disse Reese. — Eu sei o que você quer dizer. O tambor parece que fica mais e mais pesado às vezes.

Ótimo. Elas estavam se unindo.

Então, Smith voltou, com bebidas e salgadinhos na mão, e eu sabia que era uma causa perdida. Eu bufei irritado ao aceitar a cerveja que ele pegou para mim. — Obrigado, — eu reconheci, a palavra arranhada. Tomei um gole rápido e, em seguida, segurei a garrafa frouxamente na minha frente, usando-a para camuflar o que restava da minha ereção.

Reese pegou o copo cheio até a borda com Goldfish, e lançou um sorriso ofuscante para Smith. Por causa de alguns malditos salgadinhos. Eu fiz uma careta. Ela se afastou, e Smith se acomodou no espaço aberto entre nós.

Willa tocou meu ombro, e me perguntou algo sobre a programação de amanhã, mas eu mal a ouvi, murmurando uma rápida resposta sobre checar seu e-mail, meus olhos repetidamente atraídos de volta para Reese.

Eu podia não estar ao lado dela, mas ela estava ciente de mim. Foi no modo como seus olhos se voltaram para os meus, e logo se afastaram, sua língua deslizando para umedecer o lábio inferior. O jeito que ela respirou fundo, quando continuei a observá-la, ignorando a



tagarelice de Willa ao meu lado. Inferno, foi até no jeito que seus ombros e quadris me enfrentaram, apesar de deixá-la em um ângulo estranho dentro do nosso pequeno círculo.

Smith me distraiu, fazendo uma pergunta técnica sobre a altura do bastão[1] durante o número de abertura. — Vinte centímetros para começar, — respondi sem nem olhar para ele. Foi indelicado, mas não me importei. Eu estava completamente ocupado com a visão de Reese perseguindo um peixe errante do decote solto de sua camiseta, seus dedos desaparecendo no seu decote.

— Foi o que ela disse, — Marco desdenhou, enquanto chegava ao meu lado, arrastando uma ruiva com ele. Abril? Amy? Seu nome era algo assim.

— Certo, — ignorei, sem humor para sua companhia esta noite. A cerveja tinha gosto de merda quando tomei um longo gole, mas estava fria e úmida, e fez Marco infinitamente mais suportável.

Smith virou a cabeça na direção de Marco. — Aquela leitura das partituras esta tarde foi muito perversa. Alguma chance de tocarmos algo assim no intervalo da bateria?

— Ooh. — Willa bateu palmas. — Eu ficaria feliz em ser sua parceira por mais uma vez, Laird. — *Ok, tanto faz.* Eu sorri debilmente quando ela pegou meu bíceps e apertou.

— Provavelmente não, — Marco bufou. — A não ser que vocês pratiquem muito até lá. A maioria de vocês NADs falharam nesse exercício.

Reese não tinha. Na verdade, ela teve uma das execuções mais limpas. Ela levantou o queixo, os ombros rígidos, mas não disse nada. Eu comecei a falar, então parei, quando percebi o jeito que seus olhos se estreitaram em aviso para mim. *Nenhum tratamento especial...* E, merda, eu normalmente não defenderia outra tarola - porque eles mesmos feito fariam isso.

---

[1] Para obter uniformidade absoluta, todos os membros da linha de **tambor** devem tocar com as **alturas** adequadas. A **altura do bastão** é uma medida aproximada de quão **alto** o cordão do **bastão** sai da cabeça do tambor em qualquer nota. As **alturas** usadas regularmente variam de 3 "a 12", com 1 "e 15" sendo usadas principalmente para efeito visual.



— Não, cara. Eu e Reese estávamos brincando com isso depois, aprimorando um pouco a introdução. Podemos te mostrar amanhã, se você quiser. — Reese deu um sorriso agradecido a Smith.

Que porra é essa? Ele podia falar, mas eu não?

— Então, isso não vai acontecer, cara. Vocês são NADs. Vocês não mudam a música, e definitivamente não ajudam decidir o intervalo da bateria. Merda, vocês nem estão na linha ainda.

Smith manteve a expressão neutra, mas seus dedos batiam um ritmo rápido e agitado contra sua coxa. — Certo. É claro — ele disse, sua voz percorrendo a fina linha entre desculpas e sarcasmo.

O maxilar de Reese estava firme, e ela encarou Marco sem rodeios, sem dúvida segurando sua língua afiada.

— De qualquer forma, crianças, — Marco continuou, alheio à tensão no ar, — Amber e eu, — ah, o nome dela era *Amber* — estamos indo para uma pequena sessão de treinos particulares.

— Achei que você já tivesse cuidado disso, — Reese bufou. Eu sorri, não sei por que eu amava o jeito que ela não dava a mínima para ele, mas amava.

Marco a avaliou friamente. — Apenas um aquecimento, querida. Só um pequeno de aquecimento. Não fique com ciúmes. Você quer se juntar a nós?

Oh inferno, porra não. Não nessa vida. Se ela saísse com alguém desta sala, era melhor que fosse comigo. Meu peito inchou, e meus dedos se fecharam em punhos.

— É o seguinte. — Reese falou baixinho, me impedindo, e Marco foi forçado a se aproximar para ouvi-la. — Quando durmo com alguém, não quero que ele ainda precise *aquecer*. Prefiro que meus homens já saibam o que diabos estão fazendo na cama.

O silêncio desceu sobre o nosso grupo, enquanto suas palavras pairavam no ar.

Eu poderia ter me apaixonado por ela. Assim, sem mais nem menos.



Smith pressionou o punho na boca, os olhos enrugados mal escondendo a alegria, e Willa murmurou um impressionado: “Porra”. Seu profundo sotaque sulista estendeu a palavra em duas longas sílabas.

O rosto de Marco se transformou, torcendo em um desprezo perigoso, e eu automaticamente me aproximei mais de Reese, uma ação reveladora que Marco registrou. Passando seu olhar firme entre nós, os tendões do pescoço inchados, ele levantou a mão, e apontou o dedo para ela. — É melhor você estar preparada para amanhã, garotinha. Você vai pagar por isso no campo.

Então, Marco pegou a mão de Amber, e a puxou atrás dele, enquanto caminhava para a porta da frente, a fechando atrás deles com força suficiente para sacudir o batente.

No meio da confusão, Bubba saiu da cozinha com dois copos de plástico cheios na mão. Ele me olhou inquisitivamente, e sacudi a cabeça levemente, sinalizando para ele não fazer um grande alarido. Bubba continuou vindo em nossa direção, entregando os copos para Reese e Smith na chegada.

— Bebam, crianças. A noite só está começando!

Smith bateu seu copo contra o de Reese. — Por sobrevivermos ao primeiro dia!

— Eu brindo a isso. — Ela sorriu, todo o seu rosto mais leve, como se os últimos cinco minutos nunca tivessem acontecido. — Vamos ver quem chega primeiro, Robin.

Robin? Não gostei que ela tivesse um apelido estúpido para ele. Algo quente agitou meu estomago.

Com isso, os dois levaram os copos à boca, tomando o ponche como dois irmãos de fraternidade. Smith abaixou o braço um pouco antes dela, amassando o copo na mão ao terminar. — Batman perdeu. Você precisará entregar a capa.

Balançando levemente em seus pés, Reese deu uma risadinha. — Não acho que você entenda como funciona todo esse negócio de ajudante. — Eu envolvi meus dedos em torno do seu quadril para firmá-



la, mas ela afastou a minha mão. — Pare com isso. Eu estou bem. — Ela soou como Willa, pela maneira que desenhou a palavra em uma caricatura da sua forma original.

Ela sacudiu a cabeça para me encarar, seu rabo de cavalo chicoteando, e pousando sobre um ombro em uma cascata sedosa. Eu tive uma breve visão dele espalhado pelo meu peito nu, a cabeça dela aninhada no meu ombro, enquanto ela recuperava o fôlego após o orgasmo, a pele quente e pegajosa do nosso suor combinado. *Porra.* Eu queria sentir isso em todas as suas iterações. Enrolado em volta do meu punho, enquanto ela estava de joelhos. Emaranhado nos meus dedos, enquanto segurava sua boca na minha. Saltando loucamente em torno do seu rosto, enquanto ela me cavalgava forte e rápido. Bagunçado e amarrotado na parte da manhã, quando ela acordasse na minha cama.

Murmurei para ela, mantendo minha voz baixa para evitar causar uma cena. — Você tem certeza que sabe o que está fazendo?



5

Reese

Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Lembrei-me de todas as palavras de Laird na noite passada, e mesmo quando minha cabeça batia mais alto do que o tambor onde eu estava tocando uma cadência de aquecimento, adorei cada segundo. Não a parte da dor de cabeça, a não ter ideia.

Eu me mudei para cá de West Virgínia, exatamente porque não conhecia ninguém - e ninguém me conhecia. Nada do meu passado me seguiu para fora do estado.

Meu plano era simples. O que quer que perseguisse, faria isso de todo coração. Nenhuma besteira meia-boca.

No entanto, depois da noite passada, eu precisava pegar leve no álcool da próxima vez. Eu não vomitei quando acordei, mas cheguei muito perto. As batidas da bateria ecoavam no meu crânio dolorido, um lento movimento com destaque acentuado na terceira batida que acelerava a cada oito contagens, até que era apenas ruído pontuado com outro barulho, minhas mãos um borrão, enquanto eu lutava para acompanhar.

Com um estalo forte no tambor, Marco encerrou o exercício, e passou para o próximo ritmo, começando devagar. Os aquecimentos sempre eram de lentos para rápidos, com o objetivo de manter a precisão, independentemente do andamento.

Eu gemi silenciosamente, e fechei meus olhos. O sol do Alabama estava muito brilhante na manhã dessa terça-feira.

Meus olhos inquiridores em fendas, olhei para Marco. Ele estava muito bem-disposto, beirando a porra da alegria, às nove horas da desgraçada manhã. Ele ainda não tinha me dito nada rude. Eu acho que Amber tinha esvaziado suas bolas depois da festa.



Talvez ela pudesse praticar com ele todas as noites.

Smith estava muito quieto atrás dos seus óculos ao meu lado, movendo só o estritamente necessário, mas ele parecia estar em melhor forma do que a maioria dos NADs agrupados em um semicírculo no campo de futebol. Bubba parecia pouco afetado. Provavelmente por causa do seu tamanho.

E Laird... Ainda não tinha certeza sobre ele. Seus movimentos eram frágeis, e quando ele se preocupou em olhar para mim, o que não foram muitas vezes até agora, era como se ele não pudesse decidir se estava chateado ou gostando do que via.

Meus olhos se fecharam novamente. A visão não era tecnicamente necessária para essa parte da prática, apenas ritmo e coordenação, e era agradável e escuro por trás das minhas pálpebras. Meus óculos de sol felizmente escondiam minha aparente fraqueza.

Paf!

Meus olhos se abriram encontrando Laird na minha frente, estendendo a mão para tocar meu tambor em conjunto comigo. Eu automaticamente ajustei minhas mãos para dar espaço para suas baquetas. Quebrando o ritmo rapidamente, ele empurrou seus óculos de sol sobre sua cabeça, propositalmente expondo seus olhos para mim, antes de retomar a cadência sem problemas.

Confusa, estudei seu rosto. Ele olhou para mim enquanto tocávamos, nenhum de nós olhando para baixo. Isso era um teste? Ele estava tentando me enviar uma mensagem, pessoal ou profissional?

Sem nenhum escudo para bloqueá-los, pude ver manchas roxas sob seus olhos, a maneira como os leves sulcos ao redor dos cantos externos pareciam mais profundos esta manhã. Sua testa franzida, e suas costas não estavam tão eretas como deveriam estar.

Eu inclinei a cabeça para o lado, quase imperceptivelmente em uma pergunta silenciosa.



Sua resposta foi uma contração no seu maxilar, e a tensão dos seus dedos ao redor das suas baquetas, seu ritmo mudando para uma execução ligeiramente mais destacada do padrão trigêmeo[2].

Tão... cansado? E chateado? Comigo?

Seus olhos verdes encontraram os meus, e quando não aguentava mais, murmurei um “Desculpe”, me desculpando pelo que fiz para aborrecê-lo. Ele ergueu o queixo levemente em reconhecimento, mas aquele olhar de trevo prometeu que teríamos uma discussão mais tarde.

O que eu fiz?

A pergunta agitou minha cabeça latejante, enquanto passávamos para a próxima rodada de tortura.

Tivemos que beber um copo cheio de leite gelado, antes de começarmos uma corrida de oito quilômetros, desta vez felizmente, sem mochilas pesadas. Se você vomitasse, teria que beber outro copo. Com base no limite de tempo de quase duas horas, esse era mais um exercício de sobrevivência e resistência do que de velocidade.

Apertando meu nariz em desgosto, engoli o meu em três goles. Leite não era realmente minha praia. Estava tudo bem nos cereais, ou em forma de sorvete, mas simplesmente beber por beber, foi algo que parei de fazer anos atrás.

Laird e Marco tiraram suas camisas, as jogando do lado de fora da pista. Alguns dos outros caras seguiram o exemplo. Quando Marco olhou para mim, com os olhos cheios de desafio, eu também tirei minha regata, fazendo questão de esticar meus braços acima da cabeça, e girar a cintura. Eles não eram os únicos com abdômen chato.

Eu esperava que seu pau inchasse e doesse como o inferno, quando ele tentasse correr com uma ereção. Ele merecia isso.

— Você está se exibindo para Marco ou Laird? — Smith brincou ao meu lado, flexionando seus peitos expostos e os fazendo dançar. — Ou é para mim?

---

[2] Um grupo de três notas musicais a serem executadas no tempo de duas do mesmo valor.



Eu fiz uma careta. — Pode ser que esteja quente aqui fora, e meu sangue grosso ainda não esteja acostumado com isso.

— Batman, não há nada grosso em você.

Deixei seu elogio passar por mim. Meu corpo era bom, forte e capaz, mas nada para se animar. Peitos medianos, bunda mediana, bom abdômen, coxas que quase tinham uma lacuna se eu ficasse reta. Eu tinha curvas, mas elas não eram tão exageradas quanto as que os caras tendiam a babar. Eu era apenas... eu.

— Aposto dez dólares que Laird corre atrás de você novamente.

Lancei-lhe um olhar de advertência, culpando o calor que florescia nas minhas bochechas a temperatura. — E aposto vinte, que Marco encontrará um jeito de falar com você enquanto estivermos correndo. Você nunca me contou, o que foi aquilo da última vez?

Ele despistou, mas seus lábios se contorceram em aborrecimento. — Ele só queria falar sobre as besteiras do ensino médio. Perguntando se a linha tinha ido para o inferno depois que ele saiu.

Ao nosso redor, NADs e veteranos avançaram. Devo ter perdido o sinal de partida enquanto estávamos conversando.

Alcançamos o grupo perto do final, nosso ritmo tranquilo. Eu podia sentir o leite remexendo na minha barriga enquanto corríamos. A banana e o ibuprofeno que tomei no café da manhã não fizeram nada para absorver o líquido, e me arrependi de não comido uma pilha de panquecas no refeitório em vez disso.

Na segunda volta, um NAD saltou para a beira da pista, vomitando na grama. Outro se juntou a ele na terceira volta. Na sexta volta, ambos desistiram, o segundo copo de leite não caiu tão fácil como o primeiro.

Enquanto corríamos, tentei me lembrar da noite passada. Eu sinceramente não me lembro muito depois daquele último copo de suco NAD que Marco me deu. Acordei na minha própria cama, no meu dormitório trancado, então cheguei em casa de alguma forma. Eu até mesmo lavei meu rosto, e vesti uma enorme camiseta da Universidade



de Rodner antes de desmaiar. Fiz uma careta, enquanto contornávamos uma curva. Os detalhes eram confusos, dançando fora do meu alcance. Smith me ajudou? Ou Willa? Eu tinha uma vaga lembrança dela dizendo que morava no prédio de dormitório ao lado do meu.

No final da corrida, Marco parecia satisfeito, enquanto observava os desistentes arrumar suas coisas e irem embora, e eu perdi as duas apostas para Smith. Laird ficou na retaguarda do grupo, seja porque achava que era o seu lugar como líder ou, como Smith previu, quando estendeu a mão para o pagamento, para me ver rebolar. E o 'Bafo Escroto' manteve distância o tempo todo, o que de alguma forma, me pareceu mais suspeito do que se ele tivesse nos insultados durante a prova.

Enquanto nós dois usávamos nossas camisetas para limpar a parte superior dos nossos corpos suados, roubei olhares furtivos de Laird. Ele estava conversando com um cara magro chamado Topher, ao qual fui apresentada rapidamente na noite passada, suas mãos apoiadas em seus quadris estreitos, sem fazer nenhum esforço para se cobrir ainda.

Minha garganta estava seca, e minha língua presa ao céu da boca, enquanto eu o observava. O peito de Laird era a perfeição esculpida, com uma estrela tatuada no alto do seu peitoral esquerdo, e outra coisa pequena tatuada no outro. Uma letra, talvez? Eu estava muito longe para dizer com certeza.

Laird riu de alguma coisa que Topher disse, e seu abdômen ondulou, emoldurado por um par de deliciosos oblíquos que desciam até a sua virilha.

Querido doce Jesus, eu queria sentir o cheiro dele. Coberto de suor e sol, com um sorriso no rosto. Talvez lamber seu pescoço para garantir.

Smith me entregou uma garrafa de água, e eu me forcei a me afastar do meu tentador capitão seminu, antes de fazer algo estúpido para chamar sua atenção, como despejar toda água no meu peito em vez de beber.



— Hoje está quente, não é? — Eu disse baixinho, bebendo a água.

Smith riu, e me deu uma cotovelada, seu olhar de cúmplice lançado rapidamente em Laird. — Com certeza está.

Eu fiz uma careta. Não era como se eu pudesse reclamar meus direitos. Ele era a porra do capitão. Nada poderia acontecer entre nós, não importa o quanto eu quisesse. Se eu entrasse na bateria - não, apague isso - *quando* eu entrar na bateria, não quero que haja qualquer dúvida sobre como consegui minha vaga.

E seria com minhas baquetas, não de joelhos.

Mas isso não significa que eu não possa sonhar acordada.

Marco bateu palmas, efetivamente chamando nossa atenção para ele, e nós obedientemente nos reunimos. Ele subiu num banco, e juro que ele flexionava seus bíceps enquanto falava. — Mais dois desistiram. Vamos NADs, engulam o choro. Vocês estão tornando isso muito fácil para nós. Vocês têm um intervalo de uma hora, que eu sugiro que usem para tomar banho, então não terei que sentir o cheiro de vocês o resto do dia, e então nos encontraremos no East Hall, para mais leitura de partitura. Preciso me livrar de mais alguns de vocês lambe bolas ainda hoje.

Smith se engasgou com a água ao meu lado, quando Marco terminou de nos dispensar. — Você está bem, Robin?

— Eu estou bem. — Ele acenou para mim. — Só desceu pelo lado errado. Vamos sair daqui, e tomar um pouco de cafeína antes da sessão da tarde.

Juntamos nossas coisas, e saímos. Alguns dos outros caras realmente conversaram comigo enquanto caminhávamos pelo campus de volta para os dormitórios. Eu conheci Cade e seu irmão mais velho Charlie, que era um júnior na bateria. Enquanto Cade parecia um cara legal, sua presença nas audições me preocupava. Havia apenas alguns lugares disponíveis, e apostaria qualquer coisa, que o irmão dele lhe garantiria uma delas. Van, o outro júnior além de Topher e Charlie, completaram nosso grupo, e eu tropecei, quando ele me elogiou por tocar.



Puta merda, isso estava acontecendo? Eles estavam finalmente começando a me aceitar como um colega baterista?

Mas então Marco passou dirigindo, buzinando sua picape Ford preta brilhante que, sem dúvida, compensava os centímetros que lhe faltavam em outro lugar, o baixo tocando tão alto que eu podia senti-lo no peito, e lembrei que Van não era quem eu precisava me preocupar em impressionar.

Ele era.

***

Eu estava no último grupo para leitura da partitura, e estava matando tempo na sala adjacente por mais de duas horas, esperando a minha vez. Usando meus fones de ouvido, estava escutando uma playlist do Spotify usando minhas coxas como bateria improvisada para calmamente tocar a linha de percussão. Três NADs já haviam saído de cabeça baixa, ombros caídos e evitando contato visual. Eles não disseram nada, mas eu sabia. Eles haviam sido cortados.

Smith entrou no primeiro grupo e saiu radiante. Ele me deu 'high five', antes de sair daqui, encerrando o dia. O único cara que restava além de mim era o Heath, que não olhava para mim, muito menos conversava comigo. Neste caso, porém, eu não estava levando isso para o lado pessoal. Eu não o tinha visto falar com ninguém até agora, a menos que fosse absolutamente necessário.

Marco e Laird apareceram na porta.

— Holland — Laird disse sem inflexão, esperando impacientemente que eu chegasse à porta, e que o seguisse até a sala ao lado. Heath seguiu Marco mais adiante no corredor.

Na sala, Laird estava inabalável. Sem sorrisos, sem brincadeiras. Muito sério.

Toquei cinco peças, cada vez esperando ansiosamente, enquanto ele fazia anotações sem me dar qualquer feedback. Nem sequer um lampejo de expressão moveu seu maxilar esculpido, e me vi sorrindo



mais para ele, levantando as sobrancelhas, inclinando a cabeça para o lado, cada sinal não verbal que conseguia pensar para tentar desencadear uma reação.

Depois da última peça, peguei minhas baquetas e minha bolsa, e fui para a porta, sem esperar ele terminar de escrever o que quer que estivesse anotando sobre mim, de saco cheio por sua falta de reação. Eu sabia que deveria esperar, para ver se ele queria discutir o que o deixou tão carrancudo durante os aquecimentos, mas se ele quisesse conversar, teve oportunidades mais que suficientes. Eu estava farta.

Eu abri a porta com força, então vacilei quando a mão dele circulou meu pulso esquerdo, e ele a chutou, fechando-a novamente.

Ele me estudou, seus olhos percorrendo cada centímetro do meu rosto como se memorizasse os contornos. Eu soprei uma lufada de ar, os fios soltos que escaparam do meu rabo de cavalo bagunçado voando ao meu redor.

— O que foi? — Eu exigi finalmente.

— Por que você está fazendo isso? Tentando entrar na bateria?

Eu olhei para ele incrédula. — Eu sou um baterista.

— Mas por que tambor? Por que não uma banda de garagem ou outra coisa?

— Olha, — eu comecei, a irritação aparecendo no meu tom. — Você pergunta isso a todos os caras também?

Ele levantou a mão, e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. O tempo parou, quando as pontas de seus dedos hesitaram por um momento no lado do meu pescoço. — Não. Só a você.

Laird estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro de café persistente na sua respiração, e me perguntei se ele podia sentir minha pulsação acelerar onde sua mão ainda segurava meu pulso.

Seu olhar desceu, então ele parou, estreitando os olhos. Inclinando a cabeça ligeiramente para a esquerda, ele soltou meu pulso, levantando a mão para traçar a leve cicatriz que mal aparecia no decote da minha blusa.



Arrepios brotaram nos meus braços, e meus mamilos arrepiaram com a sensação da sua pele roçando a minha tão gentilmente, tão cuidadosamente.

Ele respirou fundo, e levantou os olhos para mim. Nenhum de nós se mexeu, a ponta do dedo dele era a única coisa que nos conectava. O carinho foi inesperado, e era uma sensação que eu não estava acostumada. Minhas experiências físicas passadas com caras os mostraram impulsivos, apressados e muito distraídos com o destino final para aproveitar a jornada para chegar lá. A suavidade quase me desfez. Senti que se Laird alguma vez me tocasse, *realmente* me tocasse, seria completamente diferente.

Olhei para ele, me perguntando se ele também sentia isso, a percepção inebriante que parecia permear o ar entre nós, o tornando pesado e cheio de possibilidades. Emoção guerreava em seus olhos. Preocupação, calor, frustração, indecisão.

— Não é nada, — eu disse finalmente, e torci meus ombros, até que a mão dele caiu. — Acidente de carro quando eu era criança.

— Reese. — Sua boca abriu, mas nenhuma palavra saiu. Entre nós, a mão dele se fechou em um punho, como se segurasse a memória do jeito que eu me sentia, não muito pronto para esquecer isso.

A intensidade do momento foi demais para mim, e forcei um sorriso irônico no meu rosto. — Você toca o peito de todos os caras também? Ou só o meu?

Desta vez, não havia como confundir a chama de fome em seu olhar verde, e ele chegou mais perto, sua respiração quente soprando minha bochecha, sua resposta uma promessa sussurrada em meu ouvido. — Confie em mim, se eu estivesse tocando seu peito, você saberia.



6

Laird

— Design de videogame? Sério? — Os óculos de Eli emolduravam enormes olhos verdes que me olhavam sem acreditar. Ou talvez eles parecessem tão grandes, porque ele estava com 20 quilos abaixo do peso para uma criança de oito anos. Ou talvez porque a cama do hospital em que estávamos sentados parecia uma ilha, um oásis de cobertores e travesseiros rodeados por um oceano de máquinas, monitores e equipamentos que nenhum garoto da sua idade deveria saber que existiam.

— Sim, as terças e quintas-feiras às, — exagerei meu estremecimento em seu benefício, — nove da manhã. Ahh! — Apertei meu peito, e caí para trás horrorizado por ser tão cedo.

Ele nem piscou para o meu teatrinho. — O que mais?

— Computação Centrada na Humanidade, Mineração e Análise de Dados, Psicologia Médica e Anatomia e Fisiologia II. Acho que vou dissecar um porco ou algo assim neste semestre. Quer que eu traga fotos?

Seu sorriso se estendeu de orelha a orelha. — Inferno, sim.

Olhei rapidamente para a porta em busca de algum sinal dos seus pais. — Cuidado, amigo.

— Sim, sim, sim, tanto faz. — Ele revirou os olhos. — Tenho idade suficiente para ter câncer, mas não tenho idade suficiente para xingar. O que é besteira se você me perguntar.

Eu concordei silenciosamente.

— Mas, falando sério, por que design de videogame? Isso não parece se encaixar com todo o resto.

— Carinha, você está duvidando de mim? Eu posso fazer um jogo de videogame do caralho.



— Olha, Laird, eu não sei como te dizer isso, mas você é meio nerd. Tipo, muito nerd para jogos de videogame, mesmo.

— Eu não sou! — Fiquei genuinamente ofendido. — Eu sou totalmente legal. Preciso te lembrar que sou o *capitão* da Rodner University Drumline? — Eu disse as últimas três palavras devagar, porque se havia uma coisa pela qual Eli vivia, era para o futebol da Rodner, e qualquer coisa associada a isso. — Se isso não me dá muitos pontos legítimos, então você está fora de si.

— Mais como fora dos meus glóbulos brancos, — ele brincou, caindo sobre o travesseiro de tanto rir.

Esse garoto. Ele era a melhor parte da minha semana - ainda melhor do que um grande desempenho de um show no intervalo durante um jogo em casa - e eu sempre passava a maior parte do tempo em seu quarto durante as minhas visitas. Outros caras provavelmente não considerariam frequentar a ala de oncologia pediátrica sua ideia de uma tarde divertida, mas isso fazia parte da minha vida há tanto tempo, que não consegui parar de vir, quando já não era mais necessário.

— Tudo bem, então me conte as coisas boas. Você já tem uma garota?

— Ha! — Eu zombei. — Por que me amarrar assim? — Mas isso não impediu minha mente de voltar para a festa da bateria algumas noites atrás. Quando ajudei Reese a voltar para o dormitório dela. Como encontrei uma toalha, e limpei seu rosto o melhor que pude. Como de alguma forma consegui tirar aquele louco sutiã cintilante por trás dela, sem ceder à tentação e espiar - ou tocar - seus peitos, porque a primeira vez que os visse – e isso aconteceria - eu queria que fosse porque ela também queria.

Então, talvez eu tenha ficado com ela algumas horas, me certificando de que ela não vomitasse ou precisasse de alguma coisa. Talvez eu tenha saído do quarto dela às 4h30 da manhã, finalmente convencido de que ela ficaria bem, mas gostaria de ter ficado mais tempo só para vê-la dormir. E talvez, ela não parecesse lembrar nada disso no dia seguinte, olhando para mim sem entender durante os



aquecimentos. Sem suavidade na sua expressão, sem sussurrar um “obrigado”, sem me puxar de lado para agradecer minha ajuda.

Sim, essa conclusão tinha queimado e inflamado meu estomago, mas eu não teria mudado um só momento. Porque, pela primeira vez em muito tempo, gostei da responsabilidade de cuidar de alguém que não fosse eu mesmo. Mas além de tudo, gostei de cuidar *dela*.

— Porque, — Eli destacou a palavra como se eu fosse um idiota por não entender o óbvio, — Papai disse que você não pode ter qualquer ação com uma garota até que ela seja sua namorada.

Bem. Não era tecnicamente verdade, mas também não era uma questão que eu queira discordar do pai de Eli na frente dele. — O que você sabe sobre 'ter alguma ação?' — Eu arqueei uma sobrancelha para ele. — Você está de olho em alguma menina por aí?

Ele corou até o topo de sua cabeça careca, e olhou em volta para se certificar de que o quarto estava vazio. — Tem uma nova garota no andar, osteossarcoma e, Laird... ela dispara meu monitor cardíaco. Começa a acelerar muito rápido, e a vi no outro dia, a linha pulou engraçado, e mamãe ficou com medo, mas a enfermeira disse que era apenas uma arritmia. — Ele fez uma pausa, seus olhos desfocados atrás das grossas armações de plástico azul. — Eu quero que ela faça pular mais.

Passei um braço em volta dele, e o puxei gentilmente para o meu lado, tomando cuidando com seus fios e tubos, para esconder o jeito que ele estava partindo meu maldito coração. *Esse garoto. Essa criança do caralho.* Acho que ele sabia mais sobre amor e vida aos oito anos de idade do que eu aos 22 anos. — Qual é o nome dela, amigo?

— Amélia. Esse não é o melhor nome de todos os tempos?

Eu assenti, embora ele não pudesse ver com a cabeça no meu peito. — Sim. Realmente é.

Ele me afastou, seus ombros magros posicionados com determinação. — Então, você tem que me ensinar. Ela é um ano mais velha que eu, e preciso de um plano para conquistá-la. Eu acho que o Jaxon do outro lado do corredor, também está de olho nela. — Ele



franziu a testa. — Ele está apenas no Estágio II, por isso ele fica mais tempo na sala de jogos com ela.

Minha testa enrugou, como se eu estivesse pensando no assunto. Mas, realmente, o que eu deveria dizer a ele? O garoto tinha oito anos, e estava preso em um hospital por um futuro imediato.

Um clarão amarelo passando pela porta aberta - a ondulação de um vestido sobre clássicas curvas perfeitas - chamou minha atenção, e nós dois esticamos o pescoço para dar uma olhada mais demorada.

— Caramba, Laird, — Eli sussurrou. — Você viu aquelas pernas?

Eu levantei minhas sobrancelhas, embora, eu tivesse que concordar com a avaliação dele, do vislumbre da coxa que eu tinha visto. — O que aconteceu com Amélia?

— Amélia é uma gata. Mas as pernas dela não são assim. — Ele disse com naturalidade, me dando um empurrão em direção à porta. — Vá dar uma olhada. Talvez tirar uma foto no seu celular. Rápido, antes que ela vá embora!

Fazendo a vontade dele, caminhei em direção à porta, fazendo um show ao puxar o telefone do meu bolso de trás e o balançando para ele. — Volto logo.

— Eu tenho prioridade!

Saí pelo corredor, e olhei para a direita, a direção em que as pernas estavam indo.

Na sala das enfermeiras, no meio do andar, a cinco portas de onde eu estava, estavam as pernas mais sensuais que eu já vi durante todo o verão, espreitando por baixo de um vestido amarelo.

Mas o que diabos Reese estava fazendo *aqui*, na ala de oncologia pediátrica?

Eu segui pelo corredor, tanto Eli quanto o telefone na minha mão, esquecidos. Seu cabelo escuro estava puxado para trás em um tipo de trança solta, e seus braços nus estavam bronzeados de todos os nossos treinos ao sol desta semana. Espionando descaradamente, peguei o final da sua conversa com Martha, minha enfermeira favorita.



—... então, pode ser nas manhãs de quarta-feira? — Reese perguntou, olhando para baixo para verificar algo em seu telefone. — Consigo fazer isso. Pelo menos nesse semestre.

Martha sorriu, e estendeu a mão para apertar a de Reese, suavizando a infinidade de rugas gravadas no seu rosto. Foda-se, Martha não tinha muito pelo que sorrir neste andar, mas ela é sempre rápida em compartilhar um sorriso com os pacientes e contar uma piada. O humor do câncer era obscuro, e era preciso uma pessoa especial para abraçá-lo, para entender por que ele era tão desesperadamente necessário às vezes.

— E você disse algo sobre música?

Reese assentiu. — Deu muito certo para mim em casa. Trazer as baquetas e deixá-los bater nos travesseiros - ou nos trilhos laterais das camas, se vocês não se importarem com o barulho.

Martha piscou. — Depende de quem é o turno. Eu não me importaria.

— Vocês têm uma sala de atividades em grupo? Ou preferem a sós no quarto do paciente? Fico à vontade fazendo qualquer um. — Ela fez uma pausa, desligou o telefone, e esfregou os braços. Ela provavelmente estava com frio naquele vestido. O hospital estava sempre congelando. — Para ser sincera, sinto que tenho melhores resultados individualmente, mas sou flexível para o que for melhor para vocês.

— Querida, se você está se oferecendo para ajudar, vamos aceitá-la como puder. Se um dia você quiser fazer uma atividade em grupo, faça. Se você quiser conhecê-los, e ter um tempo a sós, isso também será ótimo. Estou muito contente de você querer estar aqui. — Martha me viu por cima do ombro de Reese, e seus olhos castanhos brilharam para mim. — Na verdade, aqui está o jovem certo para te mostrar o lugar. Você se importa, Laird?

Com a menção do meu nome, a coluna de Reese enrijeceu até que me preocupei que fosse quebrar. Ela se virou lentamente, quase desconfiada, como se esperasse que não fosse eu mesmo ali parado.



Não estou mentindo... isso doeu.

Mas deixei para lá. Estava mais interessado no *porquê da* sua visita hoje. Ela sabia que eu vinha aqui? Ela estava de alguma forma me seguindo?

Pegando seu cotovelo num aperto solto, eu a puxei para o meu lado e, em seguida, joguei meu braço em volta dos seus ombros. — Não se preocupe, Martha. Eu assumo daqui. — Inclinei meu queixo para ela, e não tão calmamente guiei Reese pelo corredor até uma alcova vazia perto do quarto de Eli.

Irritação e curiosidade mórbida guerreavam dentro de mim. Enquanto eu estava lisonjeado, dela ter se esforçado para me localizar aqui, de todos os lugares em Rodner que poderia me achar, isso era coisa minha. A parte da minha rotina semanal que tinha significado real. E por mais que eu achasse seu corpinho sexy, e por mais que sua boca inteligente me seduzisse, *ninguém* me seguia até o meu lugar.

Deixando cair meu braço, eu a girei para me enfrentar muito gentilmente. — O que você está fazendo aqui, Reese Holland? — Eu perguntei sem rodeios.

Ela esfregou os braços novamente e, com certeza, ela estava com a pele arrepiada. Eu a desloquei um pouco para a esquerda, para que ela não ficasse diretamente sob o frio da ventilação, ignorando o instinto de tomá-la em meus braços e aquecê-la. Olhando para ela, esperei impacientemente por sua resposta.

— O que *você* está fazendo aqui? — Ela jogou minhas próprias palavras de volta para mim.

— Eu venho aqui toda semana para passar um tempo com as crianças, — eu respondi com firmeza. — E você?

Reese estremeceu, e olhou para o corredor em ambas as direções, depois para os pés dela. Em qualquer lugar menos para mim. Engolindo um grunhido de frustração, peguei seu queixo com meu polegar e indicador, e o levantei até que ela não teve escolha a não ser encontrar meus olhos.



E eu parei.

Seu olhar cor de café era cauteloso, não triunfante. Sombreado com segredos ocultos, não ardentes de justa indignação.

Esta não era a Reese que eu estava acostumado.

Eu me aproximei, encostando suas costas contra a parede. Suavizando minha voz, perguntei novamente: — Por que você está aqui, Reese?

Tirando seu queixo do meu alcance, ela se endireitou e ergueu os ombros, seus seios roçando meu peito com a ação.

— Sinto muito, — ela cortou, — mas eu não sabia que tinha que me explicar para você. Inferno, certamente não esperava encontrar *você* no hospital infantil. — Ela passou por mim, seu corpo esfregando contra o meu no processo, e colocou vários passos entre nós. Eu queimei onde ela me tocou. — Agora, você tem tempo para me mostrar a sala de atividades? Se não, tenho certeza de que posso encontrá-la sozinha.

— Laird! — Era Eli, sua voz ecoando pelo corredor. — Quem é a gostosa? Lembre-se, eu tenho preferência!

Reese inclinou a cabeça, as sobrancelhas franzidas, um sorriso questionador provocando o canto dos seus lábios carnudos. Todo seu semblante mudou, passando de aborrecido para intrigado. — Ele disse preferência, hein? Parece que é melhor eu ir conhecê-lo.

Antes que eu pudesse impedi-la, ela entrou direto no quarto dele e, quando a segui, ela já estava empoleirada na cama dele, no meu lugar, esfregando o álcool gel em suas mãos.

Eu encostei-me à porta, franzindo a testa, não querendo, por algum motivo, sair e deixá-la sozinha com o meu paciente favorito. Ou talvez eu não estivesse disposto a deixá-la sozinha, ponto final.

— Oi. Eu sou Reese. Qual é o seu nome, coisa gostosa?

— Eli. — Oh porra. Ele já estava corando.

— Oi, Eli. O que um cara bonito como você está fazendo em um lugar como esse?

— Leucemia. Estágio III.



— Como está sendo para você? — Ela perguntou, da mesma forma que perguntaria a alguém que dia era, em vez da maneira melosa, tipo um cachorrinho abandonado como eu esperava. Reese manteve seu corpo indiferente, à vontade consigo mesma, o exato oposto da maioria dos visitantes desses corredores estéreis, aqueles cujos movimentos hesitantes e desajeitados sempre me lembravam girafas aprendendo a andar pela primeira vez.

Ele encolheu os ombros. — Melhor este mês do que no último. — Ele se inclinou mais perto, para sussurrar no seu ouvido. — Tem uma garota fofa nova no final do corredor. Você pode me ajudar a fazer dela minha namorada? — Menos de cinco minutos e eu já estava sendo substituído.

— Eu posso tentar. — Reese assentiu lentamente. — O que você já tentou?

— Nada.

— Não fazer nada geralmente não é a melhor maneira de conseguir uma garota.

— Funciona para o Laird. — Eli apontou para mim. — Ele disse que não precisa fazer nada. As garotas estão sempre lá.

Os olhos de Reese me prenderam no lugar, e sua voz estava monótona. — Ele disse?

Era uma ilusão, ou havia ciúmes aquecendo seus olhos castanhos? Eu tive o bom senso de desviar o olhar, fingir que não sabia do que ele estava falando.

— Não é, Laird? — A voz do Eli aumentou com seu entusiasmo. — Você disse que só precisa parecer um pouco desleixado, porque as garotas gostam de bad boys que cheiram bem, e isso é tudo o que realmente importa. *Pimba*! Imã instantâneo de meninas!

Não me lembrava de ter dito exatamente assim, mas isso era semelhante a conversa de uma das minhas últimas visitas.

O olhar de Reese passou pelos monitores, estudando os números, e me perguntei se algum deles faria sentido para ela. Além das coisas



óbvias, como pulso e pressão sanguínea, eu normalmente não conseguia entender o que todos eles significavam.

— Bem, — refletiu Reese. — Eu ia sugerir talvez escrever um poema para ela, mas se Laird é o especialista, como podemos fazer você parecer um bad boy?

Eli riu. — Se eu for até o quarto dela, minha bunda estará de fora no meu avental. Isso conta?

Seus olhos arregalados foram e voltaram entre nós, e eu sorri. — Eli é um pouco rebelde, se você ainda não percebeu.

— E se eu te trouxesse algumas tatuagens temporárias? Garotas adoram tattoo. E Laird tem uma tatuagem, você pode ser como ele.

Eli olhou para mim como se eu fosse seu herói. Eu não era o herói de ninguém. — Você tem? — A admiração em sua voz me fez estremecer.

— Sim, amigo. Eu tenho duas.

— E as garotas gostam?

Comecei a concordar com a cabeça, mas parei, um sorriso desonesto subindo pelo canto dos meus lábios. — Eu não sei. Por que você não pergunta a Reese?

— Reese, você gosta das tatuagens dele?

Se olhar matasse, eu estaria a sete palmos da terra com olhar fulminante que ela me lançou. Voltando-se para Eli, ela encolheu os ombros com indiferença. — Elas são legais.

— Onde elas estão?

— No peito dele, — ela respondeu, antes que eu pudesse falar.

Ele pensou sobre isso por um segundo, sua mente trabalhando horas extras na resposta dela, e eu sabia que ele era inteligente o suficiente para descobrir isso. — Você viu o peito dele?

Eu amava esse garoto.

O rubor começou no decote do seu vestido e subiu pelo pescoço até as bochechas. Algo no pescoço dela me deixava louco. Eu queria mordiscá-la ali. Saber que tipo de barulho ela faria, se eu beijasse o ponto sensível no canto do seu maxilar. Se eu lambesse lentamente



todo o caminho até o ouvido dela. Se eu chupasse com força, e mergulhasse profundamente dentro do seu núcleo molhado ao mesmo tempo. Eu queria deixar uma marca lá, deixando sua pele roxa, a marcando como minha para o mundo ver.

— E se eu trouxer algumas tatuagens na semana que vem, quando o visitar novamente? Sua garota ainda estará aqui?

Eli assentiu com a cabeça, seu sorriso se estendendo tão largo quanto eu já vi.

Ela foi legal com ele, eu odiava admitir.

— Certo, lindo. Tenho que ir agora, mas volto na quarta-feira de manhã, ok? É um encontro. — Ela bateu na ponta do nariz dele, e saiu pela porta, me ignorando completamente.

Murmurei um rápido tchau para Eli, e fui atrás dela. Quando a alcancei, as portas do elevador estavam se abrindo, prontas para afastá-la de mim.

— Por que você está aqui? — Eu simplesmente não podia deixar passar.

Ela entrou, e eu a copiei, me recusando a deixá-la colocar uma distância significativa entre nós. — Será um problema com a bateria? Eu farei isso no meu tempo livre, e não vou deixar interferir. — Ela cruzou os braços sobre o peito, e não pude deixar de notar o jeito que ressaltou seus seios.

De onde eu estava, podia ver apenas um pouquinho dos seios saindo do decote do vestido dela. Eu segui a borda do algodão amarelo com os meus olhos, até chegar onde sua cicatriz rosa pálida espreitava.

Franzi a testa. Não me agradava à ideia dela ter se machucado, mesmo que tenha sido há muito tempo. Eu esfreguei o mesmo local no meu peito, e minha respiração parou na conclusão.

Ela não estava aqui por minha causa.

As portas do elevador se abriram. Eu não me mexi. Nem ela. Elas fecharam novamente, e começamos a subir.

Minha mente estava acelerada, tentando desesperadamente encontrar qualquer outra explicação além da que eu temia.



Mas eu *sabia*. No fundo, eu sabia. Seu nível de conforto nesse ambiente. O jeito que ela não piscou com o diagnóstico dele. E aquela cicatriz. Aquela maldita cicatriz a denunciou, se você soubesse o que procurar. Seguindo meu instinto, lhe perguntei baixinho: — É porque você teve câncer?

— O quê? — A mão dela voou para o peito, para a cicatriz, a esfregando quase distraidamente. Uma denúncia aos meus olhos. — Por que você pensaria isso?

Coloquei minha mão em cima da dela, unindo nossos dedos, traçando a marca em relevo com ela. — Isso é de um cateter de quimioterapia, não de um acidente de carro. — Eu engoli em seco. — Não é?

Seus olhos se fecharam com força, e sua mão se curvou debaixo da minha. Queria que ela me dissesse que eu estava errado, que estava vendo coisas que realmente não existiam, que ela nunca sofreu como todas aquelas crianças no andar de cima. Ela respirou fundo, exalou com a mesma lentidão, depois separou os pés como se estivesse se preparando para uma batalha. Quando ela abriu os olhos, eles brilharam com resolução e determinação. — Isso foi há muito tempo. Estou *bem* agora. — Ela soltou a mão e a minha caiu. Eu me senti estranhamente desolado com a perda do seu toque.

E então, suas palavras bateram como uma marreta, quase me derrubando.

Ela teve câncer.

Se eu estivesse usando um desses monitores cardíacos como Eli, os alarmes estariam piscando, e as enfermeiras estariam correndo. Passei meu olhar frenético por cada centímetro do seu corpo, como se eu pudesse detectar qualquer doença maligna persistente apenas com os olhos. Minhas palavras apressadas, caindo umas sobre as outras na pressa de sair. — Você tem certeza que a bateria é uma boa ideia? Tantas horas? O calor? Os treinos? *Porra*, a bebida...?

Eu estendi a mão para ela, mas ela me afastou, passou por mim, e apunhalou o botão que a levaria de volta para o estacionamento.



— Laird. Ouça-me, porque só vou dizer uma vez. — O aço em sua voz forçou minha atenção de volta para o rosto dela. — Se o câncer não me matou, você realmente acha que a bateria vai fazer isso?

As portas do elevador se fecharam antes que eu pudesse responder.



7

Reese

Marco segurou meu braço, enquanto eu entrava no Boldt Auditorium, me impedindo de seguir Smith pelo corredor até o depósito onde guardávamos os tambores. Puxei bruscamente o meu cotovelo para liberá-lo, mas ele segurou firme, seus dedos cravando no meu bíceps quase com força suficiente para deixar uma contusão.

— Calma aí, espertinha. O treino não começa por mais dez minutos, e preciso ter uma palavra rápida com você.

Eu encarei a mão dele intencionalmente até que, depois de um último aperto duro, ele soltou. Quando caiu ao meu lado, não lhe dei a satisfação de esfregar, ou mesmo de olhar para ver se havia ficado a marca, avermelhando minha pele bronzeada. *Babaca*. Fixei uma expressão vazia no meu rosto, e esperei impacientemente por qualquer coisa que ele precisasse.

— Não sei se te disseram NAD, mas uma das coisas que você deve fazer para os veteranos, é limpar seus quartos uma vez por semana. Estou falando de limpar o pó, aspirar, tirar o lixo, trocar os lençóis - tudo. Nós sorteamos os nomes ontem à noite, e fiquei com você.

Ele fez uma pausa como se esperasse uma reação. Recusei-me a lhe dar esse prazer. — Ok, — eu disse calmamente. — Você tem minhas informações de contato em três vias, em todos os formulários preenchidos na semana passada. Mande-me sua agenda por SMS a qualquer hora, e cuidarei disso.

Colocando a mão no bolso de trás do seu jeans skinny, que não lhe dava qualquer tipo de credibilidade de rock star, ele retirou uma chave prateada, e a pressionou na palma da minha mão. — É melhor



que fique impecável, Reese. Ou você estará no banco ou fora da bateria antes mesmo das aulas começarem.

— Ah, Marco. — Eu sorri docemente, e o acariciei na bochecha, ignorando o latejar no meu braço de sua manipulação. — Não se preocupe. Não vou a qualquer lugar. — Abrindo minha mochila alguns centímetros, joguei sua chave dentro, e a deixei deslizar para o fundo, onde me preocuparia em encontrá-la mais tarde, embaixo de recibos amassados e velhas embalagens de chiclete. — Isso é tudo, tenente?

Indecisão achatou em aborrecimento seu rosto carrancudo. Sem outra palavra, Marco passou por mim, e continuou pelo corredor, depois, ignorou minha existência quando entrei na sala atrás dele.

Smith olhou para mim com curiosidade, enquanto ajustava seu equipamento e verificava suas baquetas. — Você está bem? — Ele perguntou. Seus olhos se estreitaram um pouco, e ele tocou meu braço levemente, passando o polegar pela vermelhidão persistente abaixo da minha manga.

Eu me virei na outra direção, para que meu braço não ficasse tão visível, e forcei um encolher de ombros. — Esbarrei em algo. Não foi nada demais.

Ele abriu a boca para responder, mas depois sacudiu a cabeça. — Certo. — Ele deixou por isso mesmo, e me entregou meu saco de baquetas. — Eu já verifiquei para você. E seu equipamento.

— Obrigada, Robin. — Dei-lhe um rápido sorriso, quando Laird entrou na sala, e o grupo reunido se aquietou, sua presença dominante exigindo isso, sem que ele tivesse que pedir.

Laird se curvou com o Marco sobre uma prancheta no canto, enquanto eu acabava de checar meu equipamento. Então assumi a posição padrão do baterista, braços cruzados sobre o peito com um par de baquetas em um punho.

Quando ele se virou para nos encarar, se deslocando para assumir a postura igual a nossa, seus olhos percorreram a sala inquietamente, como se ele estivesse procurando por algo.

Até pousarem em mim.



E parar.

Respirei fundo, enquanto olhos verdes de trevo mantinham os meus em cativeiro, e quando seu olhar vagou pelo meu corpo, como se ele não pudesse evitar olhar mais demoradamente, um arrepio percorreu minha espinha e se instalou na minha barriga, me aquecendo.

Timidamente, levantei minha mão para esfregar minha bochecha, essa pequena ação parecendo puxá-lo de volta ao presente, e sua atenção voltou rapidamente para a prancheta em sua mão, antes de focar num ponto em algum lugar à minha esquerda.

— Certo. NADs, se vocês olharam em volta, notaram que restam apenas sete de vocês. E, para aqueles de vocês que não são bons em matemática, há sete veteranos. Essa é a parte do processo de audição onde você é atribuído a um veterano que será responsável em garantir que você saiba o que diabos está fazendo, e que não nos envergonhe. Se ele te pedir para fazer alguma coisa, você faz. Se ele te pedir para fazer algo não relacionado à bateria, você faz. É fácil assim.

Marco deu meio passo à frente, com os ombros caídos, e suspirou. — Eu vou me sacrificar e assumir a Hotshot aqui. — A piscadela que ele me lançou não foi nada reconfortante, e o desgosto subiu como bile na minha garganta.

— Na verdade, — Laird respondeu, antes que eu pudesse fazer mais do que olhar rapidamente para Smith, que estava franzindo a testa, — como capitão, eu começo. E, Marco, sabendo o quanto você está ameaçado pelo pau de Reese ser maior do que o seu, eu vou assumi-la.

Eu congelei. Ele não disse isso. Ao meu redor, os novos caras tossiram e se viraram, enquanto os veteranos vaiavam e se revezaram, socando Marco e Laird nos ombros de alegria. Ninguém olhou para mim, exceto Marco, e seus olhos ardiam com um fogo que prometia vingança.

Mas que porra é essa? Ele não deveria estar olhando para o *Laird*? Eu com certeza estava, porque isso era tudo culpa dele. Ou



talvez, isso fosse parte de algum tipo de plano distorcido para tornar minha vida tão miserável e eu desistir, porque não tinha como Marco recuar depois dessa declaração.

— Puta merda, — Smith bufou do meu lado. — Não tenho certeza se você deve ter medo do que está por vir como resultado disso, ou lisonjeada como o inferno pelo elogio que ele acabou de lhe dar.

— Sim. Vou avisar você quando descobrir. — Baixei a cabeça, e recuei alguns passos, até que as costas de Smith formaram um escudo por estar na linha de visão de Marco.

— Não acho que se esconder vai ajudar a disfarçar seu pau gigante, Batman. — Ele me lançou um olhar simpático. — Eu não tenho certeza de qual foi a estratégia dele com essa pequena jogada, mas se você ainda não tinha um alvo pintado nas suas costas, com certeza agora tem essa porra. — Ele deu um grande passo para o lado, explodindo minha cobertura. — Se há um momento para crescer algumas bolas na senhorita, agora seria bom.

Nenhum tratamento especial, eu me lembrei, colocando um olhar entediado no meu rosto, e relaxando em uma demonstração de indiferença. *Ele não é nada que eu não possa lidar.*

Marco se desvencilhou de Bubba, que ainda estava pendurado no seu ombro, e lançou um último olhar assassino na minha direção. Soprei-lhe um beijo despreocupado, e juro que o vapor saía das orelhas dele. — Não importa. Agora, ela é problema do Laird. — Ele soltou uma risada curta. — Eu fico com o Smith em vez disso. Bubba, sua vez.

O resto dos NADs foi solicitado pelos outros veteranos, com Charlie ficando com seu irmão Cade, uma jogada que fiquei surpresa deles permitirem. Isso reforçou minha opinião de que Cade provavelmente conseguiria uma das posições, independentemente do talento. Não que Cade fosse ruim. Ele não era. Mas eu era melhor.

Depois que terminamos nosso aquecimento, começamos a trabalhar nas duas músicas de abertura. O primeiro show que faríamos este ano era um pot-pourri dos maiores sucessos do Bon Jovi. Uma vez



que resolvemos os principais problemas, nos dirigimos ao campo de treino para começarmos a bloquear a coreografia.

Eu fiquei um pouco para trás, porque o banheiro feminino ficava do outro lado do prédio, e tive que fazer uma parada rápida. Apressando o passo, corri pela calçada para alcançá-los, o cinto da bateria batendo contra mim a cada passo, quando Marco saiu de um canto abruptamente, seu pé gigante pousando na frente do meu. Foi muito repentino, e eu não consegui parar meu impulso para frente, mas tudo que conseguia pensar era, *proteja o tambor*. Girei ao cair, aterrissando metade na calçada, metade fora do meio-fio no estacionamento de asfalto que contornava o campo.

Estrelas dançaram nas extremidades da minha visão, enquanto eu lutava para puxar o ar para os meus pulmões, o tambor descansando pesado em cima de mim. Meu quadril esquerdo latejava onde bateu na beira do meio-fio, sofrendo o impacto do meu peso. Eu respirei fundo, apertando meus olhos para conter as lágrimas que ameaçavam cair. Recusei-me a deixá-lo ver qualquer fragmento de fraqueza, não importando o custo.

Quando abri minhas pálpebras novamente, o rosto do Marco pairava sobre mim, sua expressão impassível. — Eu espero que você não tenha estragado o tambor. Ser descuidada com o equipamento é uma ótima maneira de ser cortada.

Eu me levantei, mordendo o interior da minha bochecha, quando meu joelho dobrou na minha primeira tentativa de me endireitar. Não passou despercebido, que ele não se ofereceu para me ajudar a levantar, mas ficou ali parado, com os braços cruzados, e seu próprio equipamento em segurança na grama a poucos metros de distância. Pegando um par de baquetas da minha bolsa, toquei um solo rápido de quatro compassos, provando que a pele do tambor ainda estava firme.

Meus lábios se contorceram em uma imitação feia de um sorriso, enquanto meus dedos flexionavam contra a borda do tambor. — Acho que não te vi ali. Terei que prestar mais atenção em você na próxima



vez. — Forcei o pedido de desculpas estrangulado por ele propositalmente, ter me derrubando, o desgosto enrolando meu estômago, e um olhar de satisfação sombria se estendeu por seu rosto. Eu não ficaria surpresa, se fosse a mesma expressão que ele fazia quando gozava. *Porra, esse era o tipo de besteira que o excitava.* Não havia dúvida agora, e eu literalmente caí na sua armadilha. *Reese 1, Bafo Escroto 1.*

Ele sustentou o meu olhar, e não consegui reprimir o arrepio de desconforto que deslizou pela minha coluna. — Sim. Você faria bem em ficar fora do meu caminho.

Eu me movi à frente dele, meu lado esquerdo latejando a cada passo. Não ajudava que o tambor descansasse ao longo dos meus quadris, de modo que, cada movimento que eu fazia estimulava o ponto de impacto. Mas mantive meu passo firme, meu andar equilibrado, porque eu podia sentir seus olhos me queimando, enquanto eu continuava pela calçada, e me recusei a deixá-lo me ver lutar.

Caras como Marco atacavam os fracos, pelo simples fato, de se sentirem superiores, maiores. Ser tenente de uma bateria da faculdade, provavelmente seria o auge da sua carreira musical, e sem dúvida ele estava tentando espremer cada grama de poder que pudesse da posição. O fato de uma garota caloura ameaçá-lo tanto refletia suas próprias inseguranças, lembrei a mim mesma, enquanto corria para o outro lado do campo longe dele. Se eu não fosse boa, ele não se importaria.

Mas, eu era boa. E nós dois sabíamos disso.

Eu compartimentei a dor, aprendi as manobras, e passei pelo resto do dia. Smith tentou me deter, quando guardamos nosso equipamento depois do treino, preocupação evidente no arquear das suas sobrancelhas, e na inclinação dos seus lábios, mas acenei para ele. — Coisas de menina, — eu murmurei, pressionando a palma da mão na parte inferior do meu abdômen. Quando ele recuou, escapei furtivamente, sabendo que estava chegando ao meu limite.



O único desvio que fiz foi na Sammy's, a popular lanchonete na periferia do campus. Nada me fazia sentir melhor do que um sanduíche quente de peru e mirtilo, e se havia um momento para comida caseira, era esta noite. A fila não estava ruim, com apenas meia dúzia de alunos, mas quando peguei meu sanduíche, e enchi o maior copo de isopor que eles tinham com Cherry Coke Zero, eu estava tendo que morder meu lábio a cada passo.

Parando para enfiar um canudo na tampa, e adicionar um punhado de guardanapos na minha bandeja, fiquei tensa quando ouvi o meu nome ser falado logo atrás de mim. Eu me virei muito rápido, e meu quadril protestou contra o movimento repentino, meu joelho parcialmente cedendo sob mim.

Os braços de Laird dispararam, suas mãos pegaram meus quadris para me firmar, e eu não pude conter o grito que rasgou da minha garganta. — Cuidado, Reese, importa-se que eu me junte...

Suas palavras pararam abruptamente, sua atenção focada onde o tecido da minha camiseta estava amontoado sob sua mão. Abaixo dela, o florescimento roxo de um novo hematoma escureceu a maior parte da minha lateral. Engolindo um gemido, tentei recuar, mas ele apertou o pulso, e o tecido de algodão pressionando na minha pele interrompeu qualquer outro movimento.

— O que aconteceu? — Ele cuspiu as palavras como se tivessem um gosto ruim.

Lambi meus lábios secos, o calor correndo no meu rosto. — Eu tropecei hoje cedo no treino e...

— E então, por que diabos você não disse algo? — Ele terminou por mim.

Eu respirei fundo e menti novamente. — Não achei que fosse tão ruim.

Ele levantou minha camiseta um pouco mais, e puxou o cós da minha bermuda um centímetro para baixo. A alteração de cor era maior do que a extensão de sua mão enorme.



— Ei, Palmer? — Laird não desviou o olhar, enquanto chamava o cara atrás do balcão de sanduíches. — Vou precisar que você embale para viagem o pedido dela, e me traga um do que ela pediu também.

— O quê? Pare. Está tudo bem, — eu grunhi, afastando a mão dele, e ajeitando minha roupa.

— Você não estava ouvindo no treino hoje cedo?

Eu parei. — Quando?

— Quando eu disse que se o seu veterano lhe disser para fazer alguma coisa, você faz. — Seu sorriso forçado estava tenso, mas seus olhos falavam muito. Aquelas íris cor de trevo me avisavam e me prometiam tudo ao mesmo tempo.

Um cara magro com sardas, cujo nome aparentemente era Palmer, pegou minha bandeja, e desapareceu na parte de trás.

— E o que você está me dizendo para fazer exatamente?

— Você está vindo para casa comigo.



8

Laird

Ela era teimosa pra caralho. Eu odiava e amava isso nela. Quando ofereci minha mão a Reese, para ajudá-la a entrar no meu Wrangler, ela fingiu não ver, da mesma maneira que tentou esconder sua dor, quando colocou seu corpo com a cabeça erguida no meu assento de couro cinza, com uma risada estranha.

Mas, depois de vê-la morder o lábio cada vez que passava por um declive na estrada, a seis minutos de carro até a minha casa, tive o suficiente. A ideia de que ela sentiu dor o dia todo, enquanto estive cegamente inconsciente me enfureceu. Eu deveria ter percebido. Logo que estacionei o carro, corri para abrir a porta para ela, e a levantei antes que ela pudesse dizer uma palavra para me impedir, tomando cuidado de não tocar seu quadril esquerdo no processo.

— Por que você não me contou? — Eu perguntei, enquanto destrancava a porta da minha casa duplex. Eu morava no último apartamento. Era legal, porque eu só tinha que ouvir a cabeceira da cama de um vizinho batendo contra a parede quando ele fazia sexo, o que era muito mais frequente que eu nos dias de hoje.

Porém, antes que ela pudesse responder, Oscar fez a curva voando, suas pernas curtas arranhando e deslizando pelo chão de ladrilhos da cozinha, enquanto ele uivava as boas-vindas. Ele me rejeitou completamente, em favor de cheirar cada centímetro que pudesse alcançar das pernas de Reese.

Como era esperado, ela arrulhou, e se abaixou para acariciar o pelo macio e manchado do meu cão dachshund[3] malhado. *Pelo menos, uma das salsichas aqui esta noite está vendo alguma ação.* Sim, tinha chegado ao fundo do poço. Com ciúme do meu próprio maldito cão. E, apesar da sua lesão, e do fato de que ela estava aqui apenas porque eu não tinha lhe dado uma escolha, não pude impedir meus olhos de apreciar o jeito que seu short se agarrava a sua bunda firme naquela posição. Aquela doce curva se encaixaria perfeitamente nas minhas mãos.

— Você não é bonito? — Reese perguntou ao meu cachorro, que bateu o rabo entusiasticamente em resposta.

— Oscar, — eu repreendi, usando meu pé para conduzi-lo gentilmente de volta para dentro da porta, — pare de montá-la tempo suficiente para entrarmos.

— O nome dele é Oscar?

Meus lábios se contraíram. — Oscar Meyer. Como mais eu o chamaria?

Ela nem hesitou. — Quero dizer, você poderia ter escolhido Frank.

Eu zombei, enquanto contornava o final da cozinha, e peguei um saco de ervilhas congeladas no freezer. O ar fresco foi muito bom contra a minha pele superaquecida. — Qual é, Frank é muito plebeu para um salsicha bonitão. Oscar tem uma certa quantidade de classe.

Ela ficou do lado de dentro da porta, onde a deixei, estudando minha sala de estar no andar de baixo com curiosidade evidente. Eu me perguntava como isso parecia aos olhos dela. Um par de sofás azul-marinho, uma mesinha de centro quadrada de madeira que pintei de cinza, em cima de um tapete listrado azul e verde. Uma mesa de cozinha com dois bancos de madeira na mesma cor. A tela plana na minha parede reproduzia o Animal Planet no volume baixo. Um

---



3

programa sobre bichos-preguiça estava passando, um dos favoritos de Oscar. Sim, ele tinha seus favoritos.

— Então, você mora aqui... sozinho?

Peguei uma toalha listrada azul de uma gaveta na cozinha, e me virei para ela. — Só eu e meu salsicha gigante. — Oscar era um dachshund de porte médio, não um mini. Mas a outra interpretação também era precisa.

— Certo...— Reese revirou os olhos.

— Vamos lá. É hora de brincar de médico. — Eu levantei as ervilhas. — E você vai me dizer o que diabos aconteceu.

— Isso realmente não é necessário, eu posso...

—... sentar sua bunda linda no banco para que eu possa verificar melhor? Seria perfeito.

Ela olhou para mim, mas levou os sacos que continham nossos sanduíches para a mesa, e se sentou. Ignorando-me completamente, ela pegou os sanduíches, e colocou o que eu assumi ser o meu no lado oposto da mesa. Eu o peguei, e caí no banco ao lado dela, perto o suficiente para minha coxa roçar a dela. Oscar se colocou a seus pés, ofegando de excitação. Eu não o culpo. Ele tinha a melhor vista da casa.

Cobri as ervilhas com a toalha e, em seguida, coloquei os legumes no cós da sua bermuda, puxando sua camiseta justa por cima para manter no lugar. Ela sibilou num folego, mas se recusou a olhar para mim, totalmente focada em desembrulhar seu jantar, e dar uma mordida gigante.

— Primeiro, temos que comer. E então, nós vamos conversar.

Rasguei o papel do meu sanduíche, com muito menos finesse do que ela, e comi. — O que é isso? — Eu perguntei, levando um segundo para estudar a comida, depois de engolir minha primeira bocada.

— Peru e mirtilo.

— Caramba. É muito bom. — Eu dei outra mordida. Era como um maldito jantar de Ação de Graças em forma de sanduíche.

Ela fez uma pausa para beber um pouco de refrigerante, e o jeito que seus lábios pareciam envolver o canudo preto me fez conter um



gemido. — Sim, é o meu preferido. Eu não esperava encontrá-lo aqui no Alabama. — Ela lambeu os lábios, a língua rosa deslizando para fora para pegar uma mancha de mirtilo no canto da boca.

Meu pau saltou, e eu me inclinei um pouco mais sobre a mesa para escondê-lo. Shorts de ginástica não eram exatamente discretos.

Oscar choramingou embaixo de nós, e eu automaticamente peguei de um pedaço de pão, e joguei para ele embaixo da mesa.

— Esse cachorro tem você na palma da mão, — ela brincou.

Dei de ombros. — É importante cuidar bem da sua salsicha. Mantê-lo feliz.

Ela se esforçou para manter uma expressão séria. Eu vi seu sorriso lutando para romper, mas nunca surgiu, me negando um vislumbre da sua covinha. — Existe uma história aí? Como o capitão da bateria acabou com um dachshund entre todas as raças?

— Sempre tem uma história. Esta é inofensiva, no que diz respeito às histórias, mas eu realmente não deveria te contar isso. Ainda não.

— Por quê?

— A competição. Ainda não aconteceu este ano.

Ela parecia intrigada, seu sanduíche esquecido, quando ela virou toda a parte superior do corpo para mim. — Conte-me mesmo assim.

Fingi pensar se deveria ou não, e fui recompensado pela minha manobra, quando o sorriso dela se alargou, aquela covinha em plena exibição.

— Tem sempre um concurso em uma das festas, e meu veterano me avisou sobre isso no meu primeiro ano, tipo como estou fazendo com você agora, mesmo que não devesse.

— Que concurso?

— O concurso de medição de paus.

Ela engasgou com a Coca-Cola que estava bebendo, sua mão indo até a boca. — O quê?

Eu estava gostando muito disso. — É um dos rituais da bateria. Uma das garotas, geralmente uma tocadora de pratos, ou quem



quer que o capitão ache ser a mais gostosa, alinha os tambores pelo tamanho do pau. E eu queria ganhar. Quero dizer, — eu dei de ombros modestamente, — eu provavelmente teria vencido de qualquer maneira, mas não quis arriscar. Então, fui até o abrigo de animais um dia antes da festa, e encontrei o Oscar. Eu o levei comigo, e ninguém pode negar que eu tinha a maior salsicha.

Sua gargalhada flutuou entre nós, e eu queria capturá-la de alguma forma, gravá-la para que pudesse ouvi-la novamente sempre que quisesse. — Você é louco.

Eu fiz um som concordando. — Valeu a pena. E o Oscar é um ótimo cachorro. Ele é o meu segundo salsicha favorito.

Ela deu outra mordida, e quando olhou para Oscar novamente, vi sua cabeça inclinar um pouco, e verificar meu colo também. Sim, fui apanhado.

Seu queixo se ergueu, seus olhos castanhos evitando os meus. — É... normalmente tão quente aqui?

— Eu... — Franzindo a testa, notei pela primeira vez que não ouvia o zumbido normal do ar-condicionado. Levei meu sanduíche comigo até o termostato na parede, onde o mostrador digital indicava vinte e oito graus. *Que porra é essa?*

Desliguei o interruptor, esperei alguns segundos, e voltei a acionar novamente. Silêncio.

— Não me parece que o AC está funcionando.

— Você é inteligente, Sherlock. Qual é mesmo o seu curso?

— Ciências da computação, — respondi, distraído. Apertei alguns dos outros botões, diminuindo a temperatura e girando o ventilador automático para ligado. Nada ainda.

Droga.

Quando terminei meu sanduíche, mandei uma mensagem para o zelador para ver quando alguém poderia vir verificar minha unidade. *Amanhã de manhã, foi* a resposta que recebi. Eu amaldiçoei baixinho.



Ótimo. Ótimo pra caralho. O suor escorria na minha testa, e se acumulava ao longo da parte superior das minhas costas.

— Ainda está quebrado? — Ela deu um pedaço de peru para o Oscar, que lambeu sua panturrilha em agradecimento.

— Sim, eles só poderão verificar amanhã. — Eu me movi pela sala, fechando as persianas para tentar minimizar o calor. O espaço estava escuro agora, mas ainda abafado.

Eu tirei minha camiseta para combater a umidade, e verifiquei se o Oscar tinha bastante água em seu pote, antes de adicionar uma colher de ração a sua tigela vazia. — Aqui, amigo, hora do jantar para você também. — Enquanto eu estava na cozinha, peguei um frasco de ibuprofeno do armário.

Quando retomei meu lugar no banco ao lado de Reese, ela estava dando a última mordida no seu sanduíche. Ela limpou as migalhas das mãos na embalagem, mas ainda havia uma mancha de molho de mirtilo logo abaixo da sua boca. — Espere, — eu disse, cedendo ao impulso. Esfreguei meu polegar ao longo de seu lábio inferior, e uma onda de desejo me atravessou, quando sua boca abriu ao meu toque. Suas pupilas se dilataram, enquanto eu roçava aquela curva inferior novamente, mais devagar dessa vez.

Sua respiração estava instável, e ela envolveu a mão em volta do meu pulso, como se quisesse me segurar ali por mais tempo. *Porra, essa garota.* A ponta da língua dela encontrou minha pele, e o calor do pequeno ponto de contato fez a sala parecer um iglu em comparação. Os lábios perfeitos se fecharam em torno do meu polegar por um segundo, e tudo que eu conseguia pensar era como meu pau ficaria circulado por essa boca rosada, seus cabelos enrolados no meu punho. Eu gemi.

Ela virou a cabeça, interrompendo o contato, mas seus dedos ainda seguravam meu braço, enquanto eu levava minha mão à minha boca, e lambia o resto do molho de mirtilo do meu polegar. Murmurei o seu nome, e esperei até meus olhos capturarem os dela. — Eu aposto



que você tem um gosto melhor. — Seu olhar disparou para a minha boca, e eu inchei em reação. — Menos azedo, mais doce.

Ela respirou fundo e eu me inclinei para frente, pronto para descobrir nesse momento. Mas ao me aproximar, quando a sua expiração se tornou minha inspiração, ela se virou, meus lábios roçando sobre os dela para pousar perto da sua orelha. Mudei de direção, provando o local logo abaixo do seu lóbulo, incapaz de evitar meu sorriso de merda quando ela estremeceu.

Meus lábios seguiam a linha do seu pescoço quando ela falou. — Eu caí.

Eu parei, senti seu corpo tenso ao meu lado, onde há um segundo ela estava suave e flexível, e sabia que ela estava mentindo.

Contrariado, eu me afastei. — Como você caiu? — Eu aceitaria sua história por enquanto.

— Quando fomos ao campo para a coreografia. Eu estava alguns minutos atrás de vocês, então estava correndo para alcançá-los, e eu... tropecei. — Ela tocou a bolsa de gelo ao seu lado, liberando meu braço no processo. — Meu quadril bateu na beira do meio-fio, porque eu girei para salvar o tambor.

— Foda-se o tambor, — eu cuspi, chegando mais perto dela, para puxar sua camiseta para cima. Ela tentou baixá-la, mas soltou o tecido quando olhou para o meu rosto. Uma ova, que ela me impediria de verificar sua lesão. Insatisfeito com o que podia ver com a camiseta dela agrupada ao longo de suas costelas, eu puxei a maldita coisa toda sobre sua cabeça, ignorando seu arfar surpreso. Ela usava um sutiã esportivo, e considerando que ela desfilou sem uma camiseta meia dúzia de vezes desde que as audições começaram, eu não estava preocupado com seu pudor.

— Caramba, Reese. — As ervilhas caíram no chão junto com sua camiseta, e o contorno roxo do hematoma era gritante contra sua pele bronzeada, mesmo na escuridão da sala. Eu tracei as bordas, desejando como o inferno poder absorver sua dor, transferir a lesão para o meu



próprio flanco. Abri o Motrin, e coloquei duas pílulas na palma da mão dela. — Tome isso.

Ela me obedeceu sem discutir, pela primeira vez. Meus dedos deslizaram para o cós do seu short novamente, porque eu precisava ver por mim mesmo toda a extensão do hematoma. Eu o abaixei até o quadril, e o pedaço de renda preta que encontrei, me fez amaldiçoar por um motivo completamente diferente.

— Você deveria ter me dito porra. — Meu olhar teria murchado a maioria dos homens.

— E depois? — Seus olhos ardiam. — Você teria facilitado para mim? Me diria para marchar sem o tambor? Me mandaria para casa? Me cortaria imediatamente?

— Eu... — Sim. Provavelmente. Não cortá-la, mas uma das outras opções que ela mencionou.

— Sem tratamento especial, Laird. — Porra, sua voz dizendo meu nome. Meus dedos ainda seguravam seu short, o calor da sua coxa aquecendo minha pele, e eu estava com comichão para puxá-lo para baixo, para explorar como essa calcinha parecia sob o nylon. Para saboreá-la através da renda.

Afastei minha mão, estremecendo, quando ela se encolheu pela pressão do elástico. Suas palavras ecoaram na minha cabeça. Era uma coisa no campo, mas fora...

Gotas de suor se acumularam ao longo do seu decote, onde seu peito arfava em agitação. Seus mamilos pressionavam o elastano apertado, pequenos pontos implorando pela minha atenção.

— Você sente isso. — Eu apontei entre nós. — É básico. Chame de hormônios, chame de química, tanto faz. Existe alguma coisa quando olho para você. Quando toco em você. Seu corpo reage, assim como o meu. — Eu nem tentei esconder minha ereção nesse momento.

— É só porque sou a única garota que está por perto de você durante o dia. É natural que...



Eu ri duramente, a cortando. — Você acha que isso é alguma coisa de proximidade? Reese, eu não quero soar como um idiota, mas transar não é um problema para mim.

Ela enrubesceu, o vermelho revelador se espalhando do seu peito para cima. — Não posso fazer isso com você, Laird. — Meu nome novamente. Eu queria ouvi-la gritar, gritar repetidamente, enquanto ela gozava nos meus dedos, na minha língua, no meu pau. — Eu não quero que o resto dos caras pense que conquistei o meu lugar na bateria abrindo minhas pernas para o capitão. — Ela olhou para mim por baixo dos seus longos e sexy cílios. — Eu mereço mais que isso. Sou melhor que isso.

Eu não tinha uma resposta imediata para sua contestação. Ela estava certa. Tudo o que disse era verdade. Mas isso não anulava o meu desejo por ela, minha necessidade ardente de reivindicá-la para mim.

— Não podemos fazer isso.

Que se foda isso. Eu enfiei a mão pelo meu cabelo, e segurei a parte de trás do meu pescoço. — Seremos cuidadosos, — eu rebati.

— Nós? — Ela clamou. — Não existe *nós*. Você mal me conhece.

Ela estava errada. Eu não conhecia os seus pormenores. Suas peculiaridades. Mas ela já havia me mostrado o perfil geral de quem ela era. Forte. Resistente. Teimosa. Engraçada. Sarcástica. Rápida. Intelige nte. Um flash dela com Eli surgiu na minha cabeça, aquela interação única com ele, me dizia muito sobre ela, e adicionei mais palavras à lista. Compassiva. Doadora. Uma lutadora. Uma sobrevivente

Esfreguei meu peito, no local onde o pequeno G Gaélico estava tatuado no meu peitoral direito. Eu sabia o suficiente para perceber que queria saber mais.

Eu queria saber tudo sobre ela.

Eu queria *ser* tudo para ela.

— Arrisque. — Eu inclinei meu queixo para ela em desafio. — Você está certa. Eu não sei as pequenas coisas. Mas as grandes coisas? Acho que você se mostrou mais do que imagina.



9

Reese

— Você está falando sério? — Eu olhei para ele em total descrença, minhas sobrancelhas quase se tocando, elas estavam praticamente unidas. Peguei o saco de ervilhas novamente, e o pressionei contra o meu lado. Elas estavam começando a descongelar, o saco escorregadio com a condensação, e pequenos riachos de água corriam pelo meu quadril antes de cair no chão, onde Oscar lambia alegremente as pequenas poças d'água. — Como você acha que isso funciona? Você passa em algum teste sobre o *que faz Reese Holland Vibrar,* e de repente, somos algo por baixo dos panos?

Seu maxilar trabalhava de um lado para o outro, e ele olhou para mim com revolta. *Tudoooo bem*, talvez ele achasse que era exatamente assim que iria acontecer. Soltei uma risada irritada. Esta era uma conversa maluca. Seus olhos brilhavam para mim como pedras preciosas, seus dedos abrindo e fechando em suas coxas musculosas. Como se eu fosse um maldito prêmio estranho no qual ele estava de olho, e agora eu estava lhe negando.

— Laird, — eu comecei, mas seus olhos se fecharam, e todo o seu corpo relaxou. — Eu...

— Diga de novo, — ele interrompeu.

— Dizer o quê de novo?

— Meu nome, — ele rosnou. — Diga a porra do meu nome.

Eu lambi meus lábios. Eles estavam de alguma forma secos, apesar da umidade predominante do Alabama que nos seguiu aqui para dentro, e do calor que emanava entre nós.

Nós.

Eu engoli em seco, e aproveitei seus olhos fechados para apreciar toda a beleza masculina na minha frente. As tatuagens no peito dele,



imploravam para serem rastreadas pelos meus dedos, minha língua, e seu abdômen deixaria qualquer galã de Hollywood com ciúmes. Eu segui o estreitamento dos seus quadris, a linha fina de pelos em seu umbigo que seguia por baixo do seu short, onde uma protuberância substancial marcava o tecido preto.

Ele era lindo. E ele queria que eu dissesse o seu nome.

— Laird, — eu repeti, minha voz mais rouca desta vez.

Arrepios subiram ao longo dos seus braços, aumentaram seus mamilos chatos, e um tremor percorreu seu corpo. Olhos verdes irlandeses se abriram, e encontraram meus largos olhos chocolate.

— Sim. — Dois passos o trouxeram para o meu lado, e da sua posição acima de mim, ele envolveu meu rabo de cavalo em torno do seu punho, inclinando minha cabeça para trás, e arqueando minha garganta. Ele se inclinou e passou o nariz ao longo da curva, se aninhou atrás da minha orelha e inalou profundamente.

Eu me esqueci de respirar.

Ele falou contra a minha pele sensível, seus lábios roçando a curva da minha orelha a cada palavra. — Faça-me suas perguntas. Então, farei você dizer meu nome repetidamente, até que eu memorize todas as versões dele saindo dos seus lábios.

Se ele não estivesse empunhando meu cabelo, e me mantendo em cativeiro com suas palavras, eu teria derretido no chão junto com meu saco de gelo improvisado.

Virei minha cabeça instintivamente, lábios entreabertos, procurando por ele, mas ele soltou meu cabelo de repente, e deu um passo para trás. Eu vacilei, e quase caí do banco, me firmando bem a tempo. Cada terminação nervosa de cada cabelo da minha cabeça ainda formigava do seu toque.

— Suas perguntas. — Ele me observou com fome, como se eu fosse todas as sobremesas que ele já negou a si mesmo, para conseguir um corpo que se parecia com o dele.

— Eu... — Desnorteada, bati às cegas na mesa atrás de mim procurando o meu telefone, tentando controlar meus pensamentos



dispersos. Perguntas. Eu precisava lhe fazer perguntas. — OK. Um minuto.

Abri minha tela de pesquisa, porque não conseguia pensar claramente, e o Google sabia de tudo. 'Quão bem ele te conhece', eu digitei no campo de pesquisa.

O primeiro resultado foi um teste da Revista Cosmo. Eu cliquei nele.

Certo. Lá vai.

— Pergunta um, — eu li em voz alta. — A ideia dela de um encontro perfeito é: A. Vestir-se bem e ir a uma festa. B. Uma caminhada à tarde com um piquenique. C. Netflix e relaxar. D. Voluntariado em um abrigo de animais.

Ele me olhou atentamente, como se estivesse tentando ler minha mente. — B.

— Não. — *C*, se eu fosse honesta. Eu não precisava de um cara na minha vida para fazer os outros itens da lista. — Pergunta dois. Ela odeia quando seu homem: A. Pede o jantar para ela. B. Não sai do telefone. C. Sai com os caras na sexta-feira em vez dela. D. Ignora as preliminares.

— D. — Sua resposta foi instantânea, confiante.

Mas ainda errada. Não pude deixar de pensar - com o cara certo - havia momentos em que preliminares seriam completamente desnecessárias. *Como agora.* — Errado. — Vincos se formaram entre seus olhos quando sua testa franziu. Era B. Quando eu estava com um cara, queria sentir que era o bastante para manter sua atenção, que nada nas mídias sociais era mais importante do que eu.

— Número três. Quando se trata dos seus amigos, ela prefere: A. Estar sempre lá quando você está com eles. B. Vocês têm exatamente o mesmo círculo de amigos. C. Vocês saem sozinhos cada um com sua turma, mas ainda arranjam tempo um para o outro. D. Amigos, que amigos? Vocês não aguentam ficar separados um minuto.

Ele fechou os olhos, e olhou para o teto. — Isso é ridículo. B. Nós teríamos os mesmos amigos.



Eca, isso era tão sufocante, C era uma escolha muito melhor. Eu balancei a cabeça, e me esquivei do seu olhar. Oscar o seguiu quando ele começou a andar da porta da frente até as escadas. — Qual é a próxima?

— Quatro. Você quer ir para a grande festa no sábado, mas ela não está se sentindo bem. Você: A. Ignora a festa para cuidar dela. B. Vai. Você não quer ficar doente. C. Faz uma aparição na festa, mas sai cedo para deixar um pouco de sopa na casa dela. D. Faz um Facetime com ela durante a festa, para que ela possa estar lá com você.

— A. Decisão fácil. — Ele assentiu com a cabeça uma vez bruscamente, e estreitou os olhos para mim, como se me desafiasse a discordar.

Eu sorri. — Você acertou em cheio. Acertou uma de quatro.

Mas sua maré de sorte terminou aí, e ele errou o próximo trio de perguntas sobre minhas preferências em morar juntos, meu presente de aniversário ideal, e quando conhecer os pais.

Uma série de palavrões voou dele, e ele parou bem na minha frente, apontando para o meu telefone. — Isso não significa nada. O fato de eu ter errado estas.

Eu dei de ombros despreocupadamente. — Ei, não fique bravo comigo. Foi ideia sua.

— Sim, eu tenho algumas outras ideias que prefiro experimentar com você, — ele murmurou, pegando todo o lixo da nossa refeição, e pisando firme pela cozinha.

Eu ocultei o meu sorriso, até ele fazer a curva, então deixei que se estendesse. Havia algo de cativante em vê-lo ficar tão irritado com esse teste estúpido. Eu realmente deveria lhe dar um tempo, mas qual era a graça nisso? — Vamos, grandão. Você pode lidar com isso. Restam apenas três perguntas. Oito. Sobre o que ela é mais insegura? A. Sua aparência. B. Seus pais loucos. C. Suas fotos de infância. D. Que insegurança?

— D. Eu nunca conheci alguém mais confiante do que você. — E a maneira como ele disse isso, me fez desejar que fosse verdade.



Engoli em seco, pensando naqueles anos quando criança, quando eu estava inchada dos esteroides e da quimioterapia, e meu cabelo estava irregular na melhor das hipóteses. Sim, eu estava bem agora. Anos atrás, tomei a decisão que o medo era a pior razão para não alcançar meus objetivos, porque me recusei a fazer qualquer coisa, exceto viver minha vida ao máximo. Mas chegar a este ponto, foi uma jornada que eu não desejaria a ninguém. E qual era a escolha B? Superproteção nem começou a descrever. Havia uma razão pela qual escolhi frequentar uma faculdade a centenas de quilômetros de casa, em um fuso horário diferente. Duas razões, na verdade. Mamãe e papai.

— Não. — Eu não hesitei, não lhe dei tempo para reagir à minha resposta. Passei direto para a leitura da número nove, recitando as palavras do meu telefone, mas minha mente estava de volta a Virgínia Ocidental, olhando pela janela do hospital infantil, quando minhas veias eram bombeadas de veneno, quando pessoas fora do hospital estavam ocupadas com a tarefa de viver. De fazer. De correr, brincar, e ir a lugares sem pensar primeiro no nível de germes em potencial, e se suas contagens de células brancas poderiam lidar com o risco.

Não, eu nunca mais seria aquela pessoa.

Laird se moveu na minha frente, inclinando-se na parede a um metro de distância, braços cruzados sobre o peito. Meus olhos piscaram para longe do passado, e ele voltou ao foco. — Sim. Você acertou em cheio. — Eu não tinha ideia de qual era a pergunta. Ou a resposta dele. Ele podia pegar o ponto estúpido.

Limpei a garganta, engolindo as memórias. — Última. Quando você olha para ela, você imagina: A. Mais tarde essa noite, na sua cama. Ou na dela. Onde quer que acabem. B. O fim de semana legal que vocês dois planejaram para o próximo mês, e as coisas novas que experimentarão juntos. C. Aquele grande evento no final da temporada, para qual você ainda precisa alugar um smoking. D. Se seus filhos terão seus olhos ou os dela.

Oh.

Oh.



Estava perguntando onde ele via o relacionamento indo. Quanto tempo ele achava que duraria. Eu pisquei, pega de surpresa. — Olha, este teste é estúpido, você não tem que responder...

— Todas elas.

— O que você quer dizer, todas elas? — Minha voz subiu a cada palavra, terminando quase em um grito.

Sua voz era áspera, seus olhos encobertos, enquanto ele repetia a si mesmo. — Todas. Elas.

Eu ri sem jeito, com certeza ele não quis dizer

— Reese. Eu não posso contar o número de vezes que pensei em você na minha cama, embaixo de mim, em cima de mim, enroscada ao meu redor, em todas as posições que você puder imaginar. No meu chuveiro. No sofá. No banco em que você está sentada agora, de joelhos, bunda no ar, seios pressionados contra a mesa com os dedos segurando as bordas.

Ele chegou mais perto. Meu pulso disparou.

— Imaginei você em um minúsculo biquíni na Costa do Golfo, eu passando protetor solar nas suas costas, suas pernas envolvidas ao redor da minha cintura, enquanto te segurava no mar, nós pescando para o nosso jantar no barco do meu primo.

Outro passo. Eu mordi meu lábio.

— Você sabia que a banda é convidada para a festa do futebol em janeiro? Normalmente eu não vou, mas não deixaria passar a chance de ver você em um salto alto matador, e um vestido longo com uma fenda lateral, me provocando com flashes dessas coxas a noite toda. Eu não deixaria ninguém dançar com você. — Ele fez uma pausa. — Você seria só minha.

Seus braços me prenderam contra a mesa onde ele acabara de dizer que me foderia por trás, e minha visão ficou um pouco nebulosa.

— E filhos? Se chegássemos a esse ponto, eu iria querer um menino primeiro. Alguém que cresceria como eu. E depois uma garotinha, tão linda quanto você. Mas primeiro um garoto, então ela



sempre teria um irmão para cuidar dela. Para mantê-la segura, quando eu não estivesse lá para fazer isso.

Havia um brilho em seus olhos no final, algo escuro e turbulento. Desapareceu, antes que eu pudesse analisá-lo, tentar entendê-lo. Ele respirou fundo. Quando ele exalou, estava a centímetros de mim, seu peito musculoso curvado sobre o meu, me forçando para trás em um ângulo.

Suas palavras chegaram a milímetros dos meus lábios.

— Alguma outra pergunta?

Sim.

Quando, onde, e com que rapidez podemos começar?

Meus olhos se fecharam.

E eu esperei.

E esperei.

Eu levantei um pouco meu queixo, esperando que fosse o suficiente para diminuir a distância entre nós.

Nada.

Eu espiei. Seus lábios pairavam fora de alcance, sua expressão suave e faminta ao mesmo tempo. — Dê-me as palavras, Reese. Diga-me que fora do campo, posso tê-la. Que você é minha.

Fora do campo.

Foi como ser mergulhada em um balde de realidade gelada.

Meu orgulho duelou com a minha calcinha molhada.

E que se dane tudo isso, eu tinha um vibrador no meu dormitório para cuidar do meu clitóris, mas nada para substituir meu auto respeito e dignidade se os caras da linha descobrissem, se me tratassem de forma diferente por isso. A faculdade ainda nem havia começado. Ganhar a reputação de vadia, que não conseguiu cumprir seu objetivo antes do primeiro dia, não era um risco que eu estava disposta a correr.

— Eu não posso. — As palavras saíram fracas. Eu mal consegui forçá-las a passar pelos meus lábios.

Ele rosnou perigosamente. — Não pode? Ou não vai?



— Nesse momento, ambos.

Eu mal o conhecia, me lembrei. Ele era lindo, e disse coisas que me fizeram querer entrar em combustão espontânea, mas eu mal o conhecia. Se isso se tornasse um erro, uma pequena aventura - ou pior, só uma transa - como seria o resto da temporada?

Eu ficaria tempo suficiente para descobrir?

Ele se afastou da mesa. Piscou para mim como se não estivesse acreditando, então se virou, e esfregou o queixo. Sua voz estava desafinada de decepção. — Certo. Vou tomar um banho rápido, frio, e vou te levar para casa. Têm mais legumes no freezer para sua lateral enquanto você espera. — Ele não olhou para mim, apenas desapareceu pela porta à minha esquerda, batendo atrás dele.

Estremeci, apesar do calor da casa.

Oscar me cutucou com o nariz, depois pulou no banco ao meu lado, e deitou a cabeça no meu colo, como se estivesse se oferecendo como um prêmio de consolação. Esfreguei suas orelhas macias e malhadas, e sorri tristemente para ele.

— Obrigada, amigão.

O som de outra porta batendo e, em seguida, água correndo, quebrou o silêncio. Minutos se passaram. Eu não queria vestir minha camiseta suada novamente, mas não queria ficar aqui seminua, quando ele reaparecesse também.

Provavelmente agora ele me odiava, eu raciocinei, quando me levantei do banco, e atravessei a porta pela qual ele passara, que presumi levava ao seu quarto.

Eu abri um pouquinho.

Estava vazio.

Com a máxima discrição que pude, abri uma gaveta aleatória na cômoda contra a parede. Meias. Eu tentei a próxima a ela, e parei. Ao que parece, Laird preferia cuecas boxer. Mas não apenas as pretas básicas. As opções laranja, verde-limão, azul elétrico, e amarelo estavam misturadas em um arranjo bagunçado. Toquei o material macio da que estava em cima, incapaz de evitar imaginá-lo nelas,



lentamente baixando o tecido sobre sua bunda firme, até que eu pudesse ver...

A porta atrás de mim abriu. Eu nem percebi que a água havia parado. Eu me virei para enfrentá-lo.

O vapor flutuava a sua volta enquanto ele permanecia na porta aberta, a água escorrendo pelo seu peito, a toalha em torno de seus quadris em perigo de cair.

— Mudou de ideia? — Ele sorriu.

— Eu... — *Santa Virgem mãe do doce menino Jesus.* — Eu estava procurando uma camiseta para pegar emprestado. Para a viagem de volta. — Embora a toalha cobrisse mais do que o short que ele usara hoje cedo, o efeito dele em uma toalha com uma cama ao nosso lado, era quase mais do que eu poderia suportar. Eu limpei a baba da minha boca discretamente.

Quatro passos o trouxeram para o meu lado. Ele olhou para baixo. — Bisbilhotando minha gaveta de cuecas? — Ele pegou a que eu estava alisando, cinza escuro com um cós vermelho e uma listra vermelha logo abaixo da virilha. Sem hesitar, ele largou a toalha, e o vislumbre que tive dele, antes de puxar a cueca boxer confirmou sua declaração anterior.

Seu pau era enorme. A história que ele me contou antes, sobre como adquiriu Oscar passou pela minha cabeça. Isso era definitivamente um espécime premiado.

Todo meu corpo pareceu corar, e eu estava molhada em toda parte.

— Gaveta errada. — Havia um desafio em seus olhos, como se me desafiando a não reagir ao seu golpe ultrajante. Ele alcançou uma gaveta logo atrás de mim, e quando a abriu, ela esbarrou na parte de trás das minhas coxas, me empurrando contra ele. Minhas mãos pousaram em seu abdômen, espalmadas entre os cumes de músculos duros e úmidos, e não sei se o gemido que ouvi, saiu dele ou de mim.

Meus dedos se curvaram, e seu abdômen ondulou quando recuperei meu equilíbrio, minhas unhas se arrastando em sua pele



bronzeada. Era um estudo de contrastes, as gotas frias da água em sua pele quente, a maneira que me rendi instintivamente, quando ele se inclinou, meu suspiro suave se misturando com suas respirações ásperas. Nossas coxas estavam pressionadas, e eu podia sentir a protuberância impressionante crescendo por trás daquela faixa vermelha no meio de sua cueca.

Antes que eu pudesse responder, reagir, fazer qualquer coisa, ele me soltou, uma camiseta azul e branca com o logotipo do tubarão da Universidade de Rodner na mão. — Aqui. — O músculo em seu maxilar pulsava, quando ele a enfiou sobre minha cabeça, e no tempo que levei para enfiar meus braços nas mangas, ele estava totalmente vestido.

A camiseta me engoliu, apesar da minha altura, escondendo meu short, e caindo no meio da coxa. Lambi meus lábios, e recuei apreensiva, sem saber como avaliar seu humor atual. Seu olhar percorreu o meu corpo de cima a baixo, as narinas dilatadas, antes dele se afastar.

— Fique com ela, — ele disse rispidamente. — Fica melhor em você.

O algodão era macio, seja pelo material, ou por ter sido lavado tantas vezes, e cheirava a ele, uma mistura de amaciante de roupas e algo mais almiscarado, como o suor proveniente de sexo ardente, em vez de exercícios. Minha pele formigou nos pontos para onde seus olhos voltaram e se demoraram, no decote, nas minhas coxas.

— Obrigada. — Minha palavra saiu desajeitada, muito alta na intimidade do seu quarto.

— Não me agradeça. — Seu rosto se contorceu em um sorriso irônico. — Eu vou me masturbar mais tarde, pensando em você vestindo apenas minha camiseta, nada por baixo, exceto essa sua calcinha de renda preta.



10

Laird

Reese não falou comigo no caminho de volta ao campus.

Nenhuma palavra.

Um cara diferente poderia deixar isso incomodá-lo. Sentir-se inseguro, e tentar preencher o silêncio com conversa fiada ou flertar, pedir desculpas, ou ligar o rádio apenas para ter algum maldito ruído de fundo para abafar o nada.

Eu não. Não.

Eu a deixei sentada ali, a meio metro de distância, ao alcance de um maldito braço, e não fiz nada.

Sua mente estava em turbilhão. Dava para perceber pela maneira como seu olhar desviava, em seguida, se fixava em algo antes vagar, como ela não estivesse mais prestando atenção à paisagem que a cidade universitária de Rodner Alabama tinha a oferecer, e estivesse dentro da sua própria cabeça.

Só pensando.

Porque eu era um idiota arrogante, tinha certeza que esses pensamentos estavam centrados em mim, e nas palavras que lhe disse na minha casa. Aquela promessa final e suja que lhe fiz.

Eu dei uma espiada nela, quando virei à direita na sua rua. Fios de seu cabelo escuro estavam enrolados da umidade em torno da base do pescoço, onde escaparam do seu rabo de cavalo, ou talvez de quando envolvi esses longos cabelos em volta da minha mão, e puxei sua cabeça para trás para expor sua garganta.

Porra, aquilo foi bom. Quando ela respondeu, abrindo os lábios, e fechando levemente os olhos, sua respiração um pouco mais suave e mais rápida do que antes de eu tocá-la. Quando suas coxas se



esfregaram, apenas para separar novamente os joelhos quando me aproximei, como se estivesse me implorando para explorar.

E, foda-se se eu não queria aprender tudo o que havia para saber sobre ela. O que a deixaria ofegante e tensa, se ela preferia ser lambida lento e gentil, ou firme e rápido, o ângulo perfeito que a faria gritar meu nome. E não era só o seu corpo. Vê-la no hospital, me atingiu em um nível visceral. Eu queria descobrir o que a faria rir, descobrir o segredo para fazê-la sorrir tanto, que sua covinha apareceria, e descobrir seu maior medo, para poder ficar ao lado dela, quando ela tivesse que enfrentá-lo. Certo, esta não era uma garota que me deixaria fazer o trabalho sujo por ela, matar seus dragões enquanto ela se encolhia na torre coberta de hera. Reese estaria na linha de frente, trinchando seu próprio caminho, e empunhando sua própria espada. E eu queria ser o único a tê-la de volta da jornada.

Quando parei em frente ao Petersen Hall, seu dormitório, ela não reagiu. Seu lábio inferior estava todo preso entre os dentes, e ela estava distraidamente acariciando seu pescoço, aquele ponto macio logo abaixo da orelha que mordisquei mais cedo.

Sim. Ela estava pensando em mim.

Foi só depois que dei a volta no Jeep, abri a porta dela, estendi a mão e sacudi levemente o seu joelho, que ela respondeu, voltando ao presente com um pequeno suspiro.

Eu não consegui evitar o sorriso de merda no meu rosto.

— Chegamos.

Ela saiu do meu Wrangler, e piscou, como se estivesse surpresa ao descobrir que estávamos a poucos passos do seu dormitório. Deixei minha mão pousar nas costas dela, satisfeito quando ela não se opôs ou se afastou, e a conduzi pelo saguão até o elevador, que nos levaria ao seu quarto no quarto andar.

Durante a subida, estudei nossos reflexos maçantes nas paredes cromadas. Eu nunca fiquei com uma garota tão alta quanto ela, mas gostava do jeito que parecíamos juntos. Altura em uma garota teria algumas vantagens evidentes. Pernas mais longas para envolver minha



cintura. Eu não precisaria me contorcer para tentar beijar seus lábios ou chupar seus mamilos, enquanto estava enterrado dentro dela. Sexo no chuveiro seria mil vezes mais fácil. Mesmo algo tão simples como estender a mão para segurar a dela.

Reese pode ter me arruinado para garotas baixas para sempre, antes mesmo de prová-la.

Eu a acompanhei até sua porta, quarto 407, então a segui, depois que ela destrancou a porta sem esperar por um convite. Enquanto eu nunca, me forçaria em uma garota, não hesitaria em jogar um pouco sujo quando se tratava dela.

Enquanto ela tirava os sapatos no canto, fui até a pequena cesta na beira da sua mesa, onde encontrei um frasco de ibuprofeno na noite em que trouxe seu traseiro bêbado de volta para cá e cuidei dela. Pegando-o, e sacudindo para garantir que não estava vazio, o coloquei junto a uma garrafa de água, que peguei do frigobar ao lado da sua cama.

— Você deve tomar mais um à meia-noite, — eu a lembrei. — Não esqueça. Você precisará dele para aguentar amanhã.

Seu olhar oscilou entre o frasco de comprimidos e eu, suas sobrancelhas franzindo em confusão. — Como você sabia onde...

Eu olhei para ela. Esperei que reconhecimento ampliasse o seu olhar, que mordesse o lábio de vergonha, talvez. A confusão encheu seus olhos e ela franziu os lábios. Eu soltei uma risada de incredulidade. — Meu Deus, você não se lembra, não é?

Ela inclinou a cabeça levemente. — Lembrar?

— Depois da festa da bateria? Aquela em que você beijou Smith? — Minha voz gotejou com amargura, quando falei o nome dele. Não consegui evitar.

— Eu achei que Willa... — ela parou, compreensão surgindo. — Foi você?

Eu assenti. Isso explicava sua reação, ou a falta dela, no dia seguinte. Embora eu não tivesse esperado necessariamente um



agradecimento, esperava... porra, *alguma coisa*. Um reconhecimento pelo menos?

Ela esfregou o queixo distraidamente antes de endurecer, me lançando um olhar de pânico. — Acordei sem calças naquela manhã. Sem *sutiã*.

E eu me castiguei mais de uma vez com a lembrança de despi-la, por mais inocente que tenha sido. Eu não poderia deixar de torturá-la um pouco agora. — Sim.

— Então você... — ela engoliu o resto de suas palavras, seu rosto corando da melhor maneira, enquanto seus olhos se fechavam.

No entanto, eu não riria dela. Eu nunca faria isso. Dando os dois passos necessários para chegar a ela, eu segurei seu maxilar, e inclinei seu rosto para o meu. — Nada aconteceu, Reese. Não desse jeito. Nunca com você bêbada. — Fiz uma pausa, deixei essas palavras penetrarem antes de continuar. — Quando eu tocá-la - e não se engane, é um *quando*, não um *se* - você vai se lembrar de cada maldito segundo disso. E será, porque você quer tanto quanto eu. — Seu lábio inferior ficou preso entre os dentes, e o soltei com o polegar. — Eu cuidei de você, fiquei por aqui e te observei como um maldito perseguidor, para ter certeza que você não iria vomitar no meio da noite, e fui embora antes do sol nascer.

Ela se encolheu.

— Você sabia que faz um pequeno gemido suave quando está dormindo? Não é um ronco, é um barulho diferente. — Passei meu polegar ao longo de sua bochecha, onde o rosa estava mais escuro. — Isso me fez pensar no que você estava sonhando.

A cor rosa mudou sob a minha mão, escurecendo ainda mais.

Eu me abaixei, tracei seu maxilar com o nariz. — É melhor você não ter sonhado com aquele filho da puta, Smith. Você está saindo com ele?

— E se eu estivesse?

O ciúme ardente perfurou meu peito, e eu queria rosnar meu descontentamento. Ela. Era. Minha. Eu reduzi a intensidade a um nível



aceitável, forçando uma respiração lenta dentro e fora pelo meu nariz. Como se eu permitisse essa merda. — Eu odiaria que você partisse o coração dele quando me escolher. — Mordi seu lóbulo, e segui a delicada concha da sua orelha com a minha língua. Meu pau pulsou, quando ela balançou contra mim, suas mãos segurando os lados da minha camiseta nos meus quadris. Enterrei meu sorriso em seus cabelos. — Porque você vai.

Com essa promessa, eu a soltei, superfeliz, quando ela se sentou na beira da cama, como se suas pernas não pudessem sustentá-la.

— Estou indo. — Inclinei minha cabeça em direção à porta. — Você vai ficar bem? Você quer que eu te leve até o posto de saúde? Acho que está apenas machucado, mas se você achar que uma das suas costelas...? — Eu as sondei levemente no apartamento, quando ela estava pressionada contra mim no quarto. Ela não se encolheu quando passei a mão pela sua lateral até chegar à cintura, bem além da curva das suas costelas.

— Não, eu estou bem. — Ela hesitou. — Laird... — Outra longa pausa, enquanto a incerteza passava por seu rosto, antes que ela parecesse chegar a algum tipo de decisão. — Seu apartamento está a mil graus. Não tem como você dormir lá esta noite. Eu tenho uma cama extra se você quiser ficar aqui. — Ela acenou com a cabeça para a cama de solteiro atrás de nós. — Você disse que ficou na outra noite...

Eu respirei fundo, enquanto meu pau pulava de alegria. *Fique, fique, fique*, pulsando no ritmo do meu coração acelerado. — Reese. Se eu ficar esta noite, não vou dormir naquela cama ali. — Eu apontei. — Eu não estou dizendo que temos que transar, mas não aguento outra noite te observando do outro lado do quarto, e pelo menos não tê-la em meus braços. — Partilhar uma cama de solteiro, não haveria nenhuma maneira de ser qualquer coisa *exceto* perto.

Seus pés cobertos de meias batiam em um ritmo nervoso, a primeira parte da música do Bon Jovi em que estávamos trabalhando hoje cedo. — E quanto ao Oscar?



— Eu tenho um vizinho duas portas abaixo com um beagle. Oscar fica lá às vezes, quando minhas aulas vão até mais tarde. Ele provavelmente poderia ficar lá esta noite.

Sem mais desculpas. Ela tinha que tomar a decisão sozinha. Eu esclareci tudo, mas era sua vez de dar um passo na minha direção.

Ela brincou com a borda da colcha que cobria sua cama. Era azul-clara, e tinha um tipo de design plissado irregular. Se eu estivesse na sua cama esta noite, ela não precisaria disso. Eu a manteria muito aquecida.

— Você deve ligar para eles. Veja se eles podem ficar com o Oscar — ela falou com os meus joelhos.

— A propósito, eu não durmo de calça.

— Jesus, Laird. — Ela puxou a minha enorme camiseta que estava vestindo para longe do seu corpo, como se estivesse quente em seu dormitório também.

— Ou uma camiseta.

— Você tem que ficar de cueca! — Sua voz estava estrangulada, e ela não estava olhando mais do que meus tornozelos agora.

— Reese. — Sua mão agarrou a borda da colcha, em seguida, a alisou novamente, enquanto seus pés seguiam para a segunda música. — Se eu ficar, significa algo. Não estou dizendo que tenho expectativas para esta noite, mas significa alguma coisa. E preciso que você admita isso.

Seus pés pararam, e ela passou as palmas das mãos para baixo em suas coxas, e subiu novamente, mas seus dedos estavam relaxados, não rígidos. Ela levantou seu olhar de chocolate derretido para o meu, e me olhou bem nos olhos. — Você deveria ligar para o seu amigo. Sobre o Oscar.

Eu nunca enviei uma mensagem tão rápida na minha vida.

E duas horas depois, logo que tomou banho, e inventou um milhão de tópicos insanos de conversa para adiar o inevitável de subir na cama comigo, era óbvio que ela não seria capaz de manter os olhos abertos por muito mais tempo. Poderia ser apenas dez horas, mas



quando você passava tanto tempo em atividade no calor como nós, a exaustão era real.

Fiquei com pena dela, e desliguei o interruptor de luz, deixando o quarto quase na escuridão. O brilho alaranjado das luzes da rua abaixo de nós, penetrava através das persianas de metal baratas, fornecendo alguma iluminação, mas não muita.

Ela se mexeu ao lado da cama. Foi adorável.

Sem fazer um grande alarde sobre isso, tirei meu short e minha camiseta, fazendo uma pequena pilha ao lado do meu tênis no chão, ao pé da cama dela. Então afastei a colcha e o lençol, e entrei, me deitei de lado, e dei uma tapinha no espaço vazio ao meu lado.

— Esperando por você, Reese.

Ela se aproximou cautelosamente, como se temesse que juntos estivéssemos acima do limite do peso do estrado padrão da cama, e ela pudesse desabar a qualquer segundo. Posicionando-se como uma pequena colher na minha grande colher, ela se acomodou no lugar.

E então, se mexeu. E se contorceu. E virou. Quando seu último movimento produziu um gemido suave, eu tive o suficiente. — O que há de errado?

Silencio absoluto. Ela não se mexeu. Mas então, ela finalmente admitiu num sussurro: — Eu estou deitada do lado da minha contusão, e dói.

Eu me senti como um idiota do caralho, e imediatamente nos reajustamos. Uma vez que deitei de costas, e ela estava colada ao meu lado com a cabeça apoiada no meu ombro, sua perna jogada sobre a minha, e meu braço em volta dela para segurá-la no lugar, fiquei satisfeito.

Seu braço livre estava dobrado no meu peito, sua mão descansando perto da tatuagem G no meu peitoral direito.

Estava quase perfeito. Exceto uma coisa. — Ei, Reese? Que merda está cutucando minhas costelas? Não tem como seus mamilos serem tão duros.



Era possível sentir um rubor? Porque senti seu constrangimento como uma coisa tangível.

— É... o arame do meu sutiã.

— Por que diabos você está usando um sutiã na cama? — Eu lhe perguntei informalmente, para deixá-la à vontade. — Você normalmente usa isso?

Uma pausa. Então, — não.

Havia várias maneiras de lidar com isso, mas considerando que sua língua afiada havia sumido, presumi que ela estivesse se sentindo mais do que um pouco vulnerável. Inclinei meu pescoço, até conseguir olhar para ela, e então afastei os cabelos do seu rosto delicadamente.

— Você confia em mim? — Eu lancei minha voz baixa e séria. — Porque, no caso de você ter me entendido mal antes, eu quero você. E realmente, não estou querendo estragar tudo. Tire o sutiã, por favor. Fique confortável. Eu não vou tentar entrar na sua calcinha esta noite. — Eu bati na ponta do seu nariz suavemente. — Não até que você esteja pronta. Eu só quero sentir você perto de mim. Você está segura, eu prometo.

Sua respiração saiu em um longo suspiro, e pude sentir a tensão derreter dos seus músculos. Ela se inclinou, e realizou qualquer magia vodu feminina, que permitia tirar o sutiã sem tirar a blusa, ficando apenas com uma camiseta de algodão macia e um minúsculo short xadrez.

Ela afundou no colchão novamente, e quase gemi com o quão bom era tê-la colada a mim. Sua perna deslizou sobre a minha, sua coxa perigosamente perto do meu pau. Parte de mim implorou para que ela se movesse esse último centímetro, pressionando contra mim, e a outra parte esperava que ela ficasse exatamente onde estava, assim minha ereção crescente não a assustaria. Eu disse a verdade, quando lhe prometi que estava contente em apenas abraçá-la, mas isso não significava que eu não estava excitado pra caralho.

Seu cabelo caiu em cortina sobre o meu bíceps, e tive o cuidado de manter a mão na parte inferior das costas e longe do quadril



dolorido. O sopro suave da sua respiração aquecia meu pescoço em intervalos constantes. Era o braço esquerdo dela, o braço livre, que estava me deixando louco.

A ponta do seu dedo traçava levemente a tatuagem do G, uma vez, depois duas vezes. Meu pau inchou, e eu achatei a mão dela contra o meu peito para acalmar seus movimentos.

— O que significa o G? Seu nome do meio talvez? Laird G. Bronson? Ou uma antiga namorada?

Sua voz ficou um pouco frágil quando ela disse a última palavra? — Não. G significa Garrett, meu irmão. — Minha mão pressionou a dela com mais força por um momento, logo acima da tatuagem.

— Ahhh, isso é tão doce. — Ela inclinou o queixo para mim. — Ele fez um L para você?

Eu pisquei com força à súbita queimadura nos meus olhos. — Não. — Inclinando-me, dei um único beijo suave na sua testa. — Já chega de perguntas para uma noite. Durma um pouco.

Soltei a mão dela, e coloquei a minha atrás da cabeça, me apoiando um pouquinho para que eu pudesse ter uma visão melhor das suas curvas contra mim. Dormir não fazia parte do meu plano imediato, não quando significava perder isso.

A mão dela desceu um pouco mais, longe da tatuagem. Eu não consegui impedir meu abdômen de contrair, quando a palma da sua mão roçou sobre eles. Rosnei em uma mistura de satisfação e frustração. — Você sabe, — minha voz estava profunda, rouca, quando sussurrei para ela, — só porque prometi me comportar, não significa que você precisa. Sinta-se à vontade para me tocar onde quiser, linda.

Reese fez um barulhinho no fundo da sua garganta, antes que seus dedos finos deslizassem parcialmente sob o cós da minha cueca boxer, roçando de um lado para o outro a pele sensível bem dentro do meu quadril. Eu não pude deixar de impulsionar um pouquinho, implorando que ela continuasse sua jornada para o sul. Mas a



danadinha recuou, estalando o elástico contra a minha pele, e teve a ousadia de rir do meu gemido de dor.

Então, deu um sorriso satisfeito tão grande, que pude ver apesar da escuridão, aquela covinha me provocando, ela passou o braço em volta da minha cintura, se aconchegando, e acalmando seus movimentos torturantes. — Noite, Laird.

Enquanto eu repassava os últimos dois minutos em minha mente com um final muito diferente, dormir era a menor das minhas prioridades. Mas eu estava errado. O sono me reivindicou, logo depois que sua respiração se estabilizou, seu coração batendo no mesmo ritmo do meu.

O sonho era ao mesmo tempo normal e diferente de antes, e me quebrou como sempre.

O hospital estava frio, como sempre, mas o garotinho sentado no meio de todos os aparelhos sonoros não usava os óculos grossos de Eli. Em vez disso, ele olhava para mim com os mesmos olhos verdes que eu via no espelho todas as manhãs.

Seus dedos pálidos traçavam a linha de tubos que corria do orifício em seu peito até a bomba no poste ao lado da sua cama. — Ela é bonita, Laird. — Segui seu olhar para a porta aberta, onde vi um flash de cabelos escuros e pernas longas.

Reese.

— Eu tenho prioridade, — ele continuou, se inclinando para frente tentando ter outro vislumbre.

— Você não pode, — eu disse automaticamente. — Ela é minha.

Ele sorriu, aqueles olhos familiares me provocando. — Ela sabe disso?

Eu bufei à sua provocação, e flexionei meus bíceps arrogantemente, colocando meus braços à mostra. — Ainda não. Mas quem pode resistir a tudo isso?

Ele sorriu melancolicamente. — Eu vou parecer com você quando crescer? Então posso conseguir uma garota bonita também? — As veias



azuis eram visíveis em seus braços finos, e havia cicatrizes de tantas picadas de agulha e sondas.

Não.

Não, ele não iria.

Porque ele nunca cresceria.

— Com certeza, — eu menti. Nós dois sabíamos que era uma mentira, mas disse de qualquer maneira, odiando a forma como seus olhos esmaeceram um pouco.

— Ei, Laird?

— Sim, Garrett?

Seu rosto estava preocupado. — Ela pode estar fora do seu alcance, com aquelas pernas. Mas não desista, ok?

Eu dei risada e, se ele tivesse cabelo, eu o teria arrepiado. — Você está duvidando do seu irmão mais velho? Claro que vou conseguir a garota.

— Nunca. — Ele sorriu para mim, os lábios secos e rachados. — Você nunca me decepcionou.

Mas essa foi a maior mentira de todas.

E nós dois sabíamos disso.



11

Reese

Estacionei meu Honda CR-V três fileiras atrás do carro mais próximo do hospital, não pelo medo de que alguém batesse nas minhas portas, mas porque havia um grande carvalho à beira do estacionamento, e era um dos os únicos espaços do estacionamento à sombra. Se esse calor do Alabama me ensinou alguma coisa, era que a sombra superava a proximidade sempre. O interior de couro preto era ótimo, exceto que poderia atingir temperaturas mais adequadas para assar um bolo quando deixado ao sol. Eu quase queimei a parte de trás das minhas coxas no meu primeiro dia em Rodner. Lição aprendida. Agora, estacionava na sombra, ou cobria meu assento com uma toalha de praia quando saía.

Como era novo, o interior do meu carro ainda estava impecável por dentro. Meus pais não ousariam me deixar ir para a faculdade em nada além de um veículo mais acessível da lista dos Safest Small SUVs, segundo Deus sabe quem. Ênfase no *mais seguro*. Se o câncer não me matou, eles com certeza não me perderiam em um acidente de carro. Palavras deles, não minhas. Eles me amavam. E preferiram mostrar esse amor através do sufocamento. E pairando. E controlando os mínimos detalhes.

Na verdade, a única maneira que consegui convencê-los a me deixar cursar a Universidade de Rodner, a faculdade em que me matriculei, porque tinha uma bateria fantástica, e era geograficamente a mais distante de casa, foi ameaçando não ir para a faculdade caso se recusassem. E *isso*, para os meus pais profissionais de classe média alta, era um destino pior do que a morte para pais superprotetores.

Eu peguei um punhado de pirulitos de uva do meu banco do passageiro na minha pequena bolsa de lona. Minha manhã tinha sido



inesperadamente ocupada. Depois que uma tempestade inundou o acampamento da banda, comecei o dia limpando o dormitório do Marco de acordo com os requisitos da bateria, e depois, encontrei Smith para almoçar em um pequeno restaurante de taco local. Os pirulitos foram um presente dele.

— Por que tantos? — Eu questionei, quando ele despejou cinco ou seis nas minhas mãos estendidas.

— Eu estava no banheiro outro dia. Acabei no mictório ao lado do Laird. Dei uma espiada. Decidi que você provavelmente precisava de um pouco mais de prática em chupada, antes que as coisas progridam mais entre vocês dois. E como sou um bom companheiro, trouxe alguns extras para ajudá-la. — Ele me cutucou com o cotovelo. — De nada, Batman.

— Progredir? — Eu tropecei na palavra, minha mente ainda perdida no visual do grande pau de Laird esticando meus lábios bem abertos. — O que você quer dizer?

Ele me lançou um olhar exasperado. — Você quer dizer que não foi o Wrangler dele, que vi estacionado na frente do seu dormitório a noite toda?

Eu murmurei algo sobre os Wranglers serem muito comuns, eles estavam fodendo por toda parte, caramba, como mosquitos. Eu saí de lá o mais rápido que pude, minhas mãos cheias de doces, sua risada me seguindo.

E agora eu estava no hospital por impulso, desesperada para me manter ocupada. A alternativa de ficar sentada na minha bunda no meu dormitório com muito tempo para pensar sobre o fato de que eu acordei sozinha esta manhã, sem nenhum bilhete ou mensagem do Laird desde então.

Exceto a que ele enviou para a bateria em nome do diretor da banda, cancelando o treino.

E, eu disse a mim mesma, pela bilionésima vez que não precisava falar com ele. Não havia nada para discutir, certo? Nós... nos abraçamos. Abraçar não precisava significar nada. Quero dizer, ok, eu também tinha visto o pau dele. Em toda a sua enorme glória. Mas



Smith aparentemente também, então eu não estava em um seleto grupo, ou algo assim.

Nós estávamos bem. Não, espere, *nós* não. Não havia *nós*.

Nunca pensei isso.

Bem, obviamente *não*, porque se houvesse um *nós*, então certamente ele teria ficado por perto até o amanhecer, quando meu alarme me alertou sobre minha total solidão.

Quando cheguei ao quarto de Eli, empurrei o Laird e sua grande salsicha para o canto mais distante da minha mente, em uma caixa que fechei mentalmente com fita adesiva.

Batendo levemente no caso de ele estar dormindo, abri a porta e espiei dentro. — Eli?

— Reese! Você voltou! Você trouxe as tatuagens? — Eli enfiou os óculos grossos no nariz, e praticamente vibrou de empolgação.

Sentada no sofá duro de plástico ao lado da cama, estava uma senhora magra com óculos igualmente grossos, que tinha os mesmos olhos de Eli. Não havia dúvida pela semelhança, que essa era nada menos que sua mãe. Além disso, ela me olhou com cautela, com o olhar de todas as mães de todos os pacientes com câncer pediátrico que observavam alguém novo se aproximando do seu filho. — Elas são temporárias, eu juro, Sra. Wagner, — eu a tranquilizei e me apresentei.

— Maaamãe, — implorou Eli. — Está tudo bem, não é?

Ela sorriu indulgentemente para ele, quando percebeu que eu não estava aqui para furar e cutucar. — Claro que sim querido. Aposto que *Amelia* vai amá-las. — Eli corou, e murmurou algo em voz baixa. Levantando-se do sofá, ela apertou meu braço ao sair. — Enfim, estava querendo um café. Vou deixar vocês dois à vontade. E Reese, me chame de Melissa. Sra. Wagner é minha sogra. — Quando chegou à porta, se virou, *agradeceu,* e apontou para Eli.

Depois que ela saiu, começamos a trabalhar nos braços dele, e não paramos até que ele tivesse uma manga completa no lado direito, e uma meia manga no lado esquerdo. A felicidade no seu rosto, quando ele se viu no espelho do banheiro me aqueceu por dentro. Ele franziu as



sobrancelhas, estreitou os olhos, e esticou os lábios um pouco, tentando imitar um cara durão. Dei-lhe um dos pirulitos de uva, e o palito branco estava no canto da boca como um palito de dentes gordo, depois tirei uma foto rápida no meu celular para mandar por mensagem para sua mãe mais tarde.

— Eu tenho mais alguns pirulitos, — eu mencionei casualmente. — Amelia gosta de uva?

— Só há uma maneira de descobrir! — Sua confiança era adorável. As mangas do seu avental estavam enroladas para mostrar melhor sua maldade, e com os doces na mão, passeamos pelo corredor, com o suporte de soro a reboque.

Três portas à direita, ele bateu na porta duas vezes, antes de entrar com tanta atitude e arrogância, que até deixou Marco no chinelo. Mordi o lábio para esconder meu sorriso, e voltei para a porta, feliz em deixar Eli fazendo o que queria.

— Amelia, você sabe o que torna a quimio um milhão de vezes melhor?

Uma menina magra, com enormes olhos verdes pálidos, e cateter conectado a uma bomba de soro como a de Eli deu-lhe um sorriso ofuscante. — O quê?

— Uma visão como esta. — Ele fez uma pose, flexionando seus bíceps como um fisiculturista. Ela riu tanto, que ficou sem folego, e precisou respirar fundo algumas vezes com o oxigênio da sua cânula nasal. — E isso. — Eli fez um arco elaborado, apresentando-lhe um pirulito como se fosse uma rosa.

Amélia aceitou agradecida, o abraçando contra o peito, antes de arrancar a embalagem, e enfiá-lo na boca. A quimioterapia destruía suas papilas gustativas, e algumas tinham o pior sabor metálico. Esse era um dos fatos estranhos que você não aprendia até passar por isso, que os produtos químicos bombeados através de um tubo quase direto ao seu coração tinham um gosto. Às vezes, um pouco de doce poderia ser um salva-vidas, se a náusea não fosse muito ruim. A distração açucarada perfeita.



— Meu herói, — ela disse em volta do bastão. — E eu gosto das tatuagens.

— Eu sei. Estou muito hardcore ultimamente.

Eu reprimi minha risadinha.

— E isso não é tudo, — continuou ele. — Se você não está muito cansada, eu tenho um baralho de UNO no meu quarto. Quer jogar algumas rodadas?

Seus olhos brilharam. — Eu amo UNO.

— Eu sei. — Sua voz era tímida dessa vez. — Eu pedi a minha mãe para trazer um baralho para que pudéssemos estar juntos.

Uma hora e cinco rodadas depois, com Amelia a campeã evidente, com três vitórias contra uma única vitória minha e de Eli, ela estava perdendo forças, e Eli se contorcia o suficiente, para que eu suspeitasse que ele precisasse fazer xixi, mas não queria perder um momento de tempo com ela.

— Senhorita Amelia, foi um prazer conhecê-la, mas preciso que Eli me acompanhe de volta ao seu quarto agora. — Eu me inclinei e terminei em um sussurro baixinho. — Essas tatuagens dele assustam todos os bandidos. Ele é meu guarda-costas.

Eli estufou o peito, enquanto pegava as cartas, e nenhum dos dois discutiu comigo pondo um fim às coisas.

— Amanhã, — ele disse a ela, — eu exijo uma revanche. Hoje eu estava tentando ser galante e tudo mais, e deixei você vencer, porque você é uma garota, mas um homem não consegue suportar tanto. Não darei mole para você na próxima vez.

Ela assentiu solenemente. — Eu não esperaria menos.

Quando voltamos para seu quarto, ele passou os braços em volta da minha cintura, e a apertou surpreendentemente forte. — Obrigado, — ele sussurrou. — Isso foi incrível.

— *Você* foi incrível. — Eu lutei contra a dor das lágrimas por trás dos meus olhos, quando o coloquei de volta na cama, depois que ele usou o banheiro. Ele estava mais que pronto para tirar uma soneca.



Nada se comparava a forma como me sentia quando saía do hospital, depois de passar um tempo com as crianças. E sim, eu as chamava de crianças, não de pacientes. Muitas pessoas as viam como doentes em primeiro lugar, e depois como uma pessoa. Recusava-me a pensar nelas nesses termos. Elas eram apenas crianças presas em circunstâncias de merda.

Enquanto andava pelo corredor do hospital, peguei meu telefone. Eu tinha o colocado em silêncio durante a minha visita.

Nada do Laird. *Acho que nossa festinha do pijama não significou tanto quanto ele disse.* Nada além de três mensagens da minha mãe, perguntando o que eu tinha comido no almoço, se eu me lembrei de tomar minhas vitaminas, e se precisava que ela pedisse mais protetor solar via Amazon para mim.

Eu ignorei todas as três.

E quando eu virei à esquina, e Laird estava a apenas um metro e meio de distância, indo na direção de onde eu acabara de sair, o tratei da mesma maneira que ele me tratou o dia todo. Eu também o ignorei.



12

Laird

Eu não consegui ficar.

Aquele sonho. Aquele sonho maravilhoso e horrível. Maravilhoso, porque pude vê-lo novamente, nitidamente, brilhante, em alta definição na minha mente. E agora, que já fazia muito tempo, desde que ele faleceu, entre sonhos, ele começou a ficar um pouco borrado. Eu havia esquecido aquele redemoinho que ele tinha, logo acima da orelha esquerda. E que o seu sorriso sempre se inclinava naquele certo ângulo. E que ele era jovem pra caralho para passar por tudo isso.

E era horrível, porque toda vez que eu sonhava com ele, eu ficava cada vez mais velho. A conversa era sempre a mesma, exceto pelo que ele perguntava. Ele também tocaria bateria? Ele aprenderia a dirigir algum dia? Ele iria se formar o melhor da turma?

Eu menti todas as malditas vezes. *Sim, Garrett, sim, você conseguirá fazer tudo.*

Sair da cama dela foi a coisa mais difícil e mais fácil que já fiz. Fácil, porque nunca deixaria uma garota me ver chorar. E Garrett trouxe as lágrimas.

Mas não havia lugar no mundo que eu queria estar, exceto pressionado ao lado dela como uma sardinha em uma cama de solteiro, sua coxa sobre a minha, sua cabeça sobre o meu coração, e sua mão sobre o G tatuado.

Foi por causa desse sonho que me encontrei vendo o nascer do sol de um cemitério, sentado em uma poça, enquanto a chuva caía ao meu redor. Eu tracei os números que soletravam a duração da sua vida, as datas muito próximas uma da outra. Ele nem sequer teve duas mãos cheias de anos sendo meu irmão. Mas eu seria dele para sempre.



Minhas roupas grudavam na minha pele, irritantes, mas não frias. Mas isso não importava. Poderia estar no meio do inverno, e eu não teria me mexido, até que estivesse pronto. O desconforto de estar molhado, quente ou frio não era nada comparado ao que ele havia sofrido. Nada.

A mensagem no início da manhã do diretor da banda cancelando o treino, consolidou a convicção de que estava exatamente onde deveria estar naquele momento. Com meu irmão.

A única concessão que fiz à chuva foi o boné de beisebol, que puxei sobre o meu rosto. Não que isso importasse. Minhas bochechas estavam tão molhadas quanto o resto de mim.

Quando finalmente me levantei, a tempestade havia desaparecido. A violência dela ajudou de alguma forma. A vibração furiosa do trovão, o agudo e doloroso estalo do raio. A chuva interminável, sem fim. Eu entendi tudo isso.

Eu abracei tudo isso.

E quando terminou, também era hora de eu seguir em frente. Voltar a viver por nós dois. Tentando transformar minhas mentiras em verdades. Até que sonhasse com ele novamente um dia.

Quando voltei para o Wrangler, o frio do ar condicionado provocou arrepios na minha pele, meu telefone ficou sem bateria. Pouco importava. Não tinha onde estar hoje com o treino cancelado.

A não ser no hospital.

Talvez lá, eu pusesse manter Garrett perto de mim um pouco mais. Havia sempre partes dele à espreita nas profundezas dos seus olhos. Partes dele que reconheci em suas ações. Restos de quando pensei que poderia salvá-lo, se eu simplesmente o amasse o suficiente, me comportasse o suficiente, conseguisse o suficiente.

Mas eu não pude. Minha mãe partiu um ano depois do dia que o enterramos aqui. Eu nunca mais tive notícias dela. Meu pai, ficou fisicamente presente, mas, nunca mais foi o mesmo. Como o amor já havia falhado com ele duas vezes, ele criou novas táticas para lidar comigo. Listas de exigências impossíveis, horários mais rigorosos,



regimes para minha dieta e exercício, e mais atividades extracurriculares do que uma pessoa jamais poderia aproveitar. Ele me manteve a uma certa distância, nunca muito perto, nunca muito longe. E ele nunca, nunca disse o nome do meu irmão novamente.

Eu queria odiá-lo. Muito. Mas, ele era a única conexão que me restava com Garrett.

E não havia nada que eu não fizesse pelo meu irmão.

Por isso, ouvi os sermões do papai, fiz apenas o suficiente para mantê-lo longe das minhas costas, e fiz o meu melhor para viver a minha vida com o pouco espaço que restava.

Como a bateria, que ele sempre considerou uma enorme perda de tempo.

Eu passei as mãos sobre o meu rosto, desejando poder lavar a realidade de ser uma decepção para o único pai que me restara com a mesma facilidade. E então, eu o afastei a força da minha mente, focando no presente.

No caminho para casa, peguei Oscar, que passou muito tempo me cheirando. Eu brinquei de cabo de guerra com ele, enquanto comia uma pizza fria da geladeira. O ar condicionado estava funcionando de novo, obrigado porra. Até que tomei banho, me troquei, e cheguei ao hospital, já era fim da tarde. A tempestade se fora, o sol de agosto apagando qualquer evidência da sua existência.

Quando eu virei à esquina, para o andar da oncologia, ela era a última pessoa que esperava, e a única que mais queria ver.

E finalmente consegui respirar fundo sem doer. A primeira do dia que veio fácil. Quando meus pulmões se encheram completamente, e a dor apertando minhas costelas cessou.

Mas ela não parou. Nem olhou para mim. Uma sensação aguda e espinhosa encheu meu estômago.

E quando visitei Eli por último, depois que ele acordou da sua soneca, ela era tudo sobre o que ele falava.

— … E então, ela cobriu meus braços com todas essas tatuagens, e posso dizer que Amelia achou que eu era um completo garanhão, e



então, nós jogamos UNO, e Amelia continuou ganhando, mas tudo bem, porque toda vez que ela vencia, *sorria* muito, e seu sorriso é a melhor coisa, e por que você não estava aqui também? Você teve problemas com a Reese? — Ele finalmente parou para respirar, enquanto eu tentava acompanhar.

— Problemas? — Eu repeti. — Por que você acha que tive problemas com ela? — *Talvez por que, ela passou por mim como se eu não existisse?* Mas Eli não sabia disso.

Ele deu de ombros, mas olhou para mim com censura, por trás daqueles seus óculos. — Eu perguntei sobre você, e ela sorriu, mas não como Amelia sorriu quando ganhou no UNO. Ela só sorriu com a boca, e não com os olhos. É assim que você sabe que não é verdadeiro. — Confusão escureceu seu rosto. — Eu achei que você gostava dela? Você a reivindicou na última vez.

— Eu gosto dela. — Algo quente e suave floresceu no meu peito, quando eu disse essas palavras.

Ele riu. — Bem, parece que, você não está fazendo um bom trabalho em mostrar a ela. Talvez você precise de mais tatuagens.

— Vou levar isso em consideração. — Concordei seriamente.

— Então, você pode pavão.

— Eu posso o quê? — *Ele acabou de dizer algo sobre um pau?*

— Pavão. Eu vi no Discovery Channel. Na natureza, o macho da espécie é geralmente mais colorido e brilhante, para atrair a melhor fêmea. Você precisa de mais algumas cores. Porque Reese é a melhor, depois da Amelia. Então, você pode ser o pavão dela.

Eu contive uma risada. — Vou ter que trabalhar no meu pavão. Bom conselho, Eli.

— Só tentando ajudar um irmão. — Ele estendeu o punho para um cumprimento.

Eu bati, então me despedi. — Parece que tenho trabalho a fazer. Eu voltarei, e te darei uma atualização em alguns dias.

— Boa sorte. — Seus olhos estavam enrugados nos cantos, como se estivesse realmente preocupado com a minha falta de plano.



Acontece que ele tinha razão.

Ela ignorou minhas mensagens pelo resto da tarde.

E, nos dias seguintes, nos treinos, ficou colada a Smith. Reese não me evitou por assim dizer, mas ela certamente não me procurou, ou ficou por perto, para me dar uma chance de pegá-la sozinha também.

E as mensagens que enviei naqueles dias? Ela finalmente respondeu. Mas eram conversas embaraçosas e estranhas.

Eu: *Oi, como você está?*

Reese: *Bem.*

Eu: *Ocupada esta noite?*

Reese: *Sim.*

Eu: *Quer jantar amanhã? Sammy's, talvez?*

Reese: *Não é uma boa ideia. Alguém poderia nos ver.*

Eu: *Nós poderíamos pedir delivery para a minha casa. Ou a sua. Ou irmos ao parque, ou algo assim.*

Reese: *Talvez.*

Nós não jantamos. Pelo menos, não juntos. Quando parei no Sammy's após o treino de quinta-feira, ela já estava lá, com o peru e mirtilos na sua frente. Mas, ela estava sentada com Smith, Cade, Willa e Amber. Willa me viu primeiro, e lambeu os lábios em um convite descarado, enquanto eu caminhava para o balcão. Depois que meu sanduíche ficou pronto, me aproximei de sua mesa, apontando para o assento vazio ao lado de Reese, mas quando me sentei, ela saltou como uma maldita acerte a toupeira[4], e informou que eu poderia ficar com sua cadeira, afinal, ela tinha terminado. E, Willa e Amber estavam tão visivelmente empolgadas, falando uma sobre a outra para chamar minha atenção, que não consegui mudar de opinião, e segui-la sem parecer estranho pra caralho.

---

[4] No original whack-a-mole, um jogo de arcade no qual os jogadores usam um martelo para acertar toupeiras de brinquedo, que aparecem aleatoriamente, de volta aos seus buracos.



Amanhã era sexta-feira, o último dia de acampamento oficial da banda, e a noite do Countdown, uma tradição da linha de bateria da Rodner.

Caramba, eu era o capitão. E o veterano dela.

Ela não conseguiria me evitar lá.

E eu planejava pavonear pra caramba sobre ela.



13

Reese

Embora eu admita, ter tido um sonho no começo da semana que envolvia Laird, e ser amarrada à sua mercê, não esperava acabar vendada na parte de trás do seu carro na noite de sexta-feira.

A Countdown começara oficialmente.

Parecia bem fácil. Os NADs restantes foram emparelhados, vendados, e conduzidos por quanto tempo a porra do veterano atrás do volante decidisse dirigir. Então, cada dupla foi deixada em um local desconhecido diferente, em algum lugar dentro de um raio de oito quilômetros do campus. Se você não voltasse para a festa no apartamento de Bubba, e bebesse dois copos do suco NAD antes da meia-noite, você seria cortado da bateria, sem mais nem menos.

Só restavam seis de nós. Três grupos. E, claro, Smith foi o único disposto a ser meu parceiro.

Filhos da puta.

Marco e Laird estavam no banco da frente do Wrangler do Laird, discutindo sobre os horários dos treinos, uma vez que a faculdade começasse na segunda-feira. Marco continuava dizendo que só precisávamos de dois por semana, com o resto da banda, mas Laird estava pressionando por um terceiro, apenas com a bateria, nas noites de quarta-feira.

O jipe atingiu um buraco, e eu peguei a maçaneta da porta para me equilibrar.

— Não podemos ser descuidados ano, cara, — disse Laird. — É o nosso último ano.

— Relaxa. Somos melhores que isso. Não vamos estragar tudo. Sempre podemos adicionar treinos na quarta-feira mais tarde, se precisarmos.



Mordi o lábio, com o desrespeito evidente na voz de Marco.

— Precisamos agora, — respondeu Laird bruscamente. — Nós ainda não restringimos quem ganhou uma vaga no campo, ou começamos o duelo do tambor para o rufar da bateria.

Eu não consegui ouvir a resposta de Marco, sobre a minha própria rápida ingestão de ar, quando o jipe virou de repente para a esquerda, e eu caí parcialmente contra Smith ao meu lado.

Ele apertou minha mão rapidamente. — Você está bem? — Seu murmúrio foi suave o suficiente para não ser ouvido.

— Sim. — Apoiei meu pé contra a parte inferior do assento na minha frente, tentando me estabilizar um pouco melhor. — Tenho certeza que acabamos de sair da estrada.

Marco riu. — Eu retiro meu comentário anterior sobre garotas serem burras.

Eu murmurei baixinho.

O rock que estava tocando alto de repente silenciou. — Você acabou de dizer *bafo escroto*?

Eu tossi para cobrir minha risada, e então perdi a batalha quando ouvi Smith engasgando ao meu lado.

— Bafo escroto? — Marco perguntou novamente. — Você está chupando as bolas do Smith, ou algo aí atrás? Ou ele está chupando as suas?

Laird rosnou e pisou no freio, antes que eu pudesse responder. O cinto de segurança me cortou com força, encerrando meu riso com um grunhido duro. — Chegamos.

O som do sussurro encheu o Jeep. Aguardei, ouvindo Laird e Marco abrindo suas portas e saindo. Uma rajada de vento sacudiu meu cabelo, quando minha porta foi aberta, alguns dos fios escuros caindo na minha boca. Senti alguém perto de mim, e prendi a respiração.

Dedos suaves traçaram a curva da minha bochecha, afastando os cabelos grudados no meu batom. *Laird.* Marco não teria se importado ou notado. Ele se inclinou sobre mim, seu braço roçando meus seios, enquanto soltava meu cinto de segurança. O hálito quente atiçou minha



orelha, seus lábios provocando a pele sensível ao redor da concha, e ele murmurou baixinho: — Senti sua falta.

Agora não era a hora nem o lugar para discutir isso, então assenti por falta de uma resposta melhor, mas meus mamilos traidores não entenderam a mensagem, e endureceram debaixo da minha camiseta. Fiz uma oração silenciosa que Marco não estivesse vendo.

A venda nos meus olhos se soltou, então caiu no meu colo. Eu pisquei com a claridade repentina. Mesmo já tivesse passado o horário do jantar, o sol não se punha por mais uma hora.

Laird bloqueou minha saída do Jeep, seus ombros largos preenchendo a moldura da porta. Eu girei no banco, cutucando seu quadril com o joelho, sinalizando para ele sair do meu caminho. Atrás de mim, eu podia ouvir Smith saindo, o Jeep balançando com o movimento, e depois Smith falando merda sobre onde poderíamos estar, enquanto Marco se esquivava das suas perguntas.

— Sai, — eu sussurrei.

Suas sobrancelhas franziram, e sua mão caiu no meu joelho e apertou. — Olha, talvez isso não seja uma boa ideia. Você não precisa fazer isso.

Meus olhos brilharam surpresos para ele. — O que você quer dizer? — *Ele quis dizer nós - se houvesse um nós - ou o Countdown?*

— Você não é daqui. Eu não quero que vocês se percam e... — Ele levantou a mão para esfregar a nuca, enquanto sua voz sumia.

Eu o cutuquei novamente. — Você está preocupado comigo, Laird?

Sua hesitação foi resposta suficiente.

— Sem tratamento especial, — eu lembrei a ele. — E, sério, quão difícil isso pode ser? Nós fazemos oito quilômetros no treino regularmente.

— Sim. São oito quilômetros no máximo, se você for na direção certa na sua primeira tentativa.

— Ela desistiu? Por que está demorando tanto? — O sarcasmo do Marco interrompeu nossa conversa.



Laird recuou, e saí do Jeep. — Não. Você sentiria muito a minha falta se eu não estivesse por perto. — Eu mantive minha voz clara.

Antes que eu pudesse contornar o veículo, a mão de Laird disparou, e enganchou o bolso de trás do meu short jeans, me parando. Usando apenas as pontas dos dedos, ele virou meus quadris parcialmente para a esquerda. Seu toque me atingiu direto na pele. — Comece assim. — Suas palavras eram quase inaudíveis, mas eu o ouvi.

Virando, eu olhei para ele. — Pare com isso. Eu posso fazer isso.

Ele ainda parecia preocupado, quando acenou para mim, em seguida, olhou para o seu telefone. — Vocês dois têm cerca de uma hora e vinte minutos de luz sobrando. Se não encontrarem o campus até em então, me ligue. — Ele murmurou as palavras contra a minha têmpora.

— Isso é contra as regras. — Não poderíamos ter eletrônicos nisso, porque era muito fácil trapacear com o GPS. Seu veterano deveria ficar com o seu telefone até você chegar à festa. Exceto que, quando me vendou mais cedo, Laird se recusou a pegar o meu, e em vez disso, o colocou na parte de trás do meu short quando ninguém estava olhando, onde estava escondido pela barra da minha blusa solta.

Internamente, eu estava em conflito. Por um lado, sua preocupação era doce. Por outro, eu queria que ele tivesse um pouco mais de fé que eu poderia lidar com isso sozinha.

Ficamos nos encarando, até Marco e Smith se juntarem a nós do nosso lado do Jeep. Ele desviou o olhar primeiro.

Marco olhou para nós dois com desconfiança, enquanto Smith me dava um sorriso de merda. — Problemas aqui? — Marco perguntou.

— Só me perguntando por que está demorando tanto para vocês irem embora, — respondi irritada. — Temos uma festa para ir, não é?

— Foda-se, — Laird murmurou.

— Vemos vocês otários mais tarde. Se vocês conseguirem. — Marco deu um soco no ombro de Smith, e franziu o nariz para mim antes de passar por nós, e voltar para o Jeep. Ele bateu no teto. — Vamos, Laird. Está na hora da nossa bebida, enquanto esses dois vagam como ovelhas perdidas. Estou com sede.



Smith olhou para mim, e se ajoelhou para amarrar novamente o tênis já perfeitamente amarrado, me dando um minuto com Laird.

Ele levantou a mão, como se fosse me tocar novamente, mas eu recuei. — Vejo você em breve. Deixe uma cerveja gelada pronta para mim.

Com um olhar minucioso final, seus lábios carnudos pressionados firmemente, ele recuou. — Sim. Te vejo em breve. Porque você é minha maldita NAD, e não vai me decepcionar. — E então ele piscou, antes de desaparecer dentro do Jeep.

— É assim que se fala, — eu murmurei, e Smith bufou.

Observamos em silêncio, enquanto eles partiam, o Jeep saltando sobre a grama alta por um caminho pouco visível para uma faixa preta da estrada acerca de cento e cinquenta metros de distância.

Tínhamos uma garrafa de água cada um, e eu tinha meu telefone contrabandeado, mas fora isso, não tínhamos mais nada para nos ajudar no nosso percurso.

— Você sabe onde estamos? — Eu me aventurei, olhando em volta. Eu não tinha certeza se deveria mencionar meu telefone ou não.

— Sim. Eu sei exatamente onde estamos.

— Sério? — Minha voz estava brilhante de surpresa. Esta área parecia vagamente familiar. Eu passei no caminho para o hospital?

O Jeep virou à direita na estrada e desapareceu de vista. Smith apontou para a esquerda. — O Campus fica a cerca de seis quilômetros por ali. — A mesma direção que Laird apontou meus quadris. Comecei a andar, mas Smith segurou meu cotovelo, e me parou. — Ou são três quilômetros em volta daquele lago ali, se continuarmos por esse caminho.

Olhei para trás, para onde ele estava apontando. — Sério? Isso é muito mais curto.

— Considerando que eles foram para a direita, e devem estar percorrendo o caminho mais longo de volta ao campus, se nos apressássemos, provavelmente poderíamos vencê-los. Mas qual é a graça nisso? — Ele começou a andar em direção ao lago em passo lento,



e eu o segui, combinando meu passo com o dele por hábito. — Sabe pelo que mais passamos entre este lago e a casa do Bubba?

— O quê? — Eu olhei meus pés para não tropeçar em nenhuma pedra solta.

— Pizza. Temos muito tempo. Quer parar para comer uma fatia, Batman?

Eu fingi considerar isso. — Só porque não quero você definhando, Robin. — Eu dei uma tapinha no seu estômago perfeitamente liso. — Você parece mais magro nos últimos tempos.

Ele levantou sua camiseta, flexionando seu abdômen. — Garota, você não precisa de uma desculpa para me tocar. Basta pedir, e fico feliz em te deixar apalpar. Especialmente se eu retribuir o favor.

— Acho que você não assistiu o mesmo Batman e Robin que eu na infância. — Revirei os olhos.

Ele riu. — Dois caras adultos de collants que ficavam juntos em uma caverna? Eu acho que o público em geral evitou tirar conclusões óbvias sobre os dois.

Meus olhos arregalaram quando pensei nas suas palavras. — Mas, e a Mulher Gato?

Smith passou o braço pelo meu ombro. — Uma mulher gostosa de látex para se juntar à diversão? Eu digo a você, Batman é absolutamente meu tipo de herói. Ele nem tentou esconder seu lado bizarro.

Nós nos dissolvemos em gargalhadas, e passamos o resto da caminhada especulando sobre a vida sexual de vários super-heróis, enquanto chupávamos alguns pirulitos de uva que Smith trouxe.

Uma hora depois, estávamos acomodados no Antonio's com uma gigantesca pizza de queijo apoiada entre nós, e o sol dando seu adeus colorido.

Tomei um longo gole da minha Cherry Coke Zero, antes de colocar uma fatia quente e derretida no meu prato, o queijo mozarela esticando e caindo, enquanto tentava se manter unido. — Escuta, — eu comecei. — Eu queria te perguntar outro dia, qual dormitório você



precisa limpar? Desde que fiquei com o do Marco, você pegou o do Laird?

Smith deu uma mordida enorme na sua própria fatia, e olhou para mim com curiosidade. — O que você quer dizer? Eu não limpo nem mesmo meu próprio dormitório.

— Quer dizer que um dos veteranos não fez você... — Eu parei, mordiscando a ponta da minha fatia, enquanto pensava sobre isso. Marco fodido. Ele inventou essa merda sobre os NADs limparem os quartos dos veteranos. Eu apostaria dinheiro nisso. Dei outra mordida distraidamente. Eu poderia reclamar. Armar um escândalo sobre não ser justo, e me recusar a fazê-lo. *Mas era isso o que ele queria.* Tecnicamente, um NAD tinha que fazer o que um veterano pedia. O fato de que eu era a única NAD sendo usada para isso era irrelevante, eu tinha certeza.

Smith inclinou a cabeça. — Você está limpando o quarto do Marco? Como ele conseguiu que você fizesse isso?

— Ele me disse que eu tinha que fazer. Mas quer saber, está tudo bem. Se essa é a pior coisa que ele pode pensar em fazer comigo, posso aguentar algumas tarefas domésticas.

Smith mastigou pensativo. — Eu me pergunto se é uma coisa de gênero. Se ele está tentando colocá-la no seu lugar simbolicamente. Tipo, você sabe, merda tradicional, onde a mulher limpa a casa e o homem vai trabalhar.

Eu ri tanto, que o refrigerante escorreu pelo meu queixo, e eu pressionei um punhado de guardanapos na minha boca para enxugar as gotas perdidas. — Jesus, Smith. Você dá muito crédito a ele. Você acha que Marco pensa simbolicamente? Verdade? Estamos falando do mesmo cara?

Ele balançou sua cabeça. — Você está certa. Foi mal. É mais provável que ele seja apenas preguiçoso e tenha visto uma maneira fácil de convencê-la a fazer isso. Agora você vai parar?



— Eu cuido disso. Não se preocupe. Mas de verdade, qual é a dele? É só comigo? Ou ele tem algo contra as mulheres em geral - quando não está tentando transar com elas?

Smith se recostou na cadeira, e esfregou o queixo. — No colegial, Laird e Marco eram importantes. Eles frequentavam o mesmo círculo dos jovens populares. Você sabe, aqueles que ganharam o Mais Bonito e o Rei do Baile e esse tipo de merda. Mas Laird, sempre fazia isso parecer fácil. As pessoas gostavam dele. Com Marco, eu não sei bem como explicar isso, mas ele sempre parecia se esforçar demais ou ficava um pouco aquém. Ele sempre esteve na sombra do Laird nesse sentido. Laird foi o primeiro presidente e capitão da bateria naquela época também, e Marco foi o segundo.

Eu terminei minha primeira fatia, e peguei a segunda. — Certo, tudo bem. Mas muitos jovens não são presidente de classe ou rainha do baile e não acabam sendo idiotas. Tem que ter mais do que isso.

— Havia rumores naquela época. Sobre a mãe do Marco. Que seu pai costumava bater nela e que ela tentou sair uma vez, abandonar a família. Não tenho ideia se eram verdadeiros ou não, mas nunca a vi em nenhum dos jogos de futebol. — Smith brincou com a borda do prato.

A pizza na minha boca perdeu o gosto. — O pai dele batia na mãe dele? O pai dele também batia nele?

Smith encolheu os ombros. — Quero dizer, nunca vi nenhuma marca nele naquele ano. Mas quem sabe? Seu pai era um idiota bêbado, então não me chocaria se batesse.

Não pude deixar de pensar no dia em que ele me fez tropeçar, e caí no meio-fio. Limpei meus dedos em um guardanapo de papel marrom, e empurrei meu prato para longe. — É péssimo que ele tenha tido uma infância de merda. Mas isso não justifica seu comportamento.

— Não. Não justifica. Mas, se essa foi a única maneira que ele viu um homem e uma mulher interagirem, não é de surpreender que ele não saiba como tratar uma mulher.

— Você está o defendendo? — Eu perguntei incrédula. Batman estava prestes a voar sozinho. Quem precisava de um ajudante?



— Não... estou defendendo. — Smith se redimiu. — Só estou dizendo, especialmente aqui no Sul, e para um cara que sempre foi o segundo melhor, posso ver como uma garota confiante como você poderia trazer a tona o pior dele.

— Espere, então é *minha* culpa? — Meus dedos se fecharam nas minhas coxas.

— *Não!* Eu não estou nem remotamente dizendo isso. Ele não deveria falar com você do jeito que fala. Mas você tem que admitir, que você se esforça para pressioná-lo. Você não está exatamente ajudando na situação.

— Você *está* o defendendo. — Tudo que eu podia fazer era olhar para ele incrédula.

As bochechas de Smith ficaram rosadas, e ele desviou o olhar.

— Meu Deus. Você *gosta* dele? — Minhas sobrancelhas quase alcançaram meu couro cabeludo, e minha voz subiu uma oitava acima do normal.

— Eu não gosto *dele*. Não gosto do jeito que ele te trata, ou do jeito que ele age algumas vezes. Mas eu acho que ele é meio gostoso quando fica todo nervoso e começa a se exibir? Eu sei que você está cega pelo Laird, mas você já viu o abdômen do Marco?

Agora foi minha vez de corar a menção de Laird. — Mas ainda assim... de todas as pessoas? Marco? O Bafo Escroto?

Smith passou as mãos no rosto. — Eu sempre tive uma fraqueza pelos bad boys, ok? Eu não quero sair com ele nem nada. Só estou dizendo que, se ele ficar realmente bêbado uma noite e quiser experimentar, ou me oferecer uma sessão particular de treino, eu não diria não. Ele é um idiota, mas ele é um idiota sexy. — Ele tomou um longo gole. — E Laird não foi o único que vi no banheiro no outro dia. Deixe-me apenas dizer que Marco tem alguma *circunferência*.

Eu gritei. — Eu não quero saber disso!

— Mas agora você sabe. — Ele sorriu sem remorso.

Joguei um guardanapo amassado nele. — Não vou poder olhá-lo nos olhos agora.



— Perfeito. Ele vai amar isso. Ele vai achar que você é submissa. Menos drama para todos nós.

Nós dois rimos da probabilidade de isso acontecer.

E então, perdemos a noção do tempo, enquanto a conversa mudava para as aulas que começavam na segunda-feira, e os colegas de quarto chegavam amanhã. Em algum lugar ao longo do caminho, comemos o resto da pizza. Quando a garçonete trouxe a conta, reparei no horário registrado em cima, e me engasguei. — Smith! São 11:30! Só temos meia hora para encontrar o Bubba, e tomar nossa bebida.

Smith recuou a cadeira alarmado, e levantou-se para sair. — Puta merda, Batman. Pronta para voar?



14

Laird

Eu rondava a festa com impaciência, bebendo da mesma cerveja quente, que estava segurando nas últimas duas horas. O céu estava escuro do lado de fora da janela, sobre a pia da cozinha. E Reese não apareceu, nem me ligou. Chequei meu telefone pela terceira vez em cinco minutos.

Ainda nada.

Cade e Justin chegaram há algum tempo, e tomaram os dois copos do suco NAD, enquanto todos aplaudiam, especialmente o irmão mais velho do Cade, Charlie.

Enviei a Reese outra mensagem. A quinta ou sexta desde que a deixei. Todas elas sem resposta.

Merda. Porra. Vai para o inferno.

E se eles se perderam? Ela não era daqui. Seria difícil ela reconhecer a extremidade mais distante do lago no lado sul do campus. Ou pior, e se um deles tivesse se machucado? O sol havia se posto há uma hora. Se eles ainda estivessem na estrada, os carros poderiam não vê-los. E não é como se tivéssemos deixado a porra de uma lanterna ou qualquer coisa.

Ela está como seu celular, eu me lembrei pela milionésima vez. Não que ela aparentemente se lembrasse de como usá-lo.

Mas talvez ela tenha se ferido? E Smith não sabia que ela tinha um, e não seguiu pelo caminho certo para conseguir ajuda?

O copo amassou na minha mão, a última gota de cerveja no fundo pingou no linóleo bege. Limpei a bagunça com um maço de toalhas de papel, e então fui atrás do Marco.

— Eu já volto, cara. Eu vou buscar mais cerveja. Estamos ficando sem.



— Podemos arranjar alguém para fazer isso. Você não precisa sair. — Marco protestou. — E Willa estava procurando por você mais cedo.

Quem se importava com a Willa? — Não, tudo bem, deixa comigo. Eu não vou demorar muito. — Dei um tapa nas costas dele entre os ombros, e fugi apressado para o meu Wrangler.

Eu não me importava se estava trapaceando. Eu ia encontrá-la, e trazê-la de volta. Para manter as aparências, eu poderia deixá-la e a Smith no final do quarteirão ou algo assim, deixá-los caminhar a partir dali. Não importava. Eu só precisava saber que ela estava bem.

Eu só precisava *dela*.

Meu pé estava pesado no acelerador, enquanto retornava para o campo onde os deixamos. Não tinha ninguém. *Claro, que essa porra está vazia, cara.* Eu me repreendi, enquanto hesitava sobre qual caminho tentar em seguida. Quando partimos, viramos à direita. Supondo que eles tenham nos seguido, segui por ali, dirigindo devagar, e olhando para a grama alta ao longo do lado da estrada no caminho. Várias ruas laterais se dividiram, e percorri todas elas, encontrando um monte de nada.

O nó no meu estômago dobrou de tamanho. Enviei mais mensagens. Até liguei duas vezes. Foi direto para a caixa postal nas duas, indicando-me que seu maldito telefone estava desligado, ou que tinha sido esmagado em pedaços inúteis, quando um carro a atropelou no escuro.

Cristo, o que havia na Reese? Ela cavou seu caminho sob a minha pele de uma maneira, que nenhuma outra garota antes dela fez, dominando meus pensamentos, e dominando meu pau. Comecei há medir o tempo pelo número de horas até que a visse novamente. E a resposta era sempre *muito tempo, porra*. Eu tive um pressentimento que quando finalmente reivindicasse aquele seu corpo sexy, esse meu vício só pioraria.

Usando todos os palavrões que conhecia, e inventando alguns novos, voltei para o campo vazio, e repeti o mesmo procedimento



meticuloso na outra direção. Meus dedos apertavam o couro do volante com mais força, meus nós dos dedos ficando brancos, como se isso me ajudasse a enxergar mais claramente na escuridão além dos raios duplos dos faróis.

Quando eu já tinha percorrido cada centímetro da estrada que ela poderia ter cruzado entre o campo e o campus, eu estava alternando entre o medo e a fúria. Quando eu a encontrasse de novo, porque, caramba, eu a encontraria, não tinha certeza se a beijaria sem sentido, ou espancaria sua bunda até que ela ficasse vermelha debaixo da palma da minha mão.

Meu telefone apitou com uma mensagem, e eu quase saí da estrada na pressa para verificá-la.

Marco: Onde você está, cara? Você saiu há duas horas. Todo mundo está aqui, e querendo saber onde você foi.

Eu: todo mundo? Todos os NADs chegaram?

Marco: Sim, Smith e a garota apareceram, e beberam o suco com alguns minutos de sobra.

Marco: Infelizmente.

Ela estava lá.

Ela estava lá porra.

E apesar das suas palavras, não consegui relaxar. Não até que a visse com meus próprios olhos.

Pisei fundo todo o caminho de volta, até os pneus chiarem ao parar no apartamento do Bubba. Eu praticamente voei escada acima, as dobradiças em sério perigo quando abri a porta. Meus olhos escanearam a festa freneticamente.

Com o braço do Smith envolta dos seus ombros, Reese estava enfiada em uma das extremidades do sofá azul, as bochechas vermelhas, e a cabeça inclinada para trás, enquanto bebia em um copo de plástico. Eu congelei na entrada, peito arfante da minha corrida através do estacionamento, absorvendo todos os detalhes. Sua camiseta não estava amarrotada, mas vestígios de lama decoravam as bordas do seu tênis, e alguns arranhões superficiais marcavam suas longas



pernas nuas. E aquilo era um começo de um hematoma na canela dela? Eu tive um breve flash de Garrett, aqueles hematomas escuros que começaram a florescer na sua pele pálida, antes que soubéssemos que era leucemia. Então, afastei o pensamento rapidamente. Ela estava bem. Eu não tinha falhado com ela como falhei com ele. Ela estava bem aqui na minha frente, rindo sem se importar com o mundo.

E aquelas emoções conflitantes me percorreram novamente, lutando entre si pelo domínio. Eu queria arrancá-la do sofá, esmagá-la contra mim, e devorar seus lábios, sentir seu calor contra o meu corpo para provar que ela era real, e aqui, e bem. Ao mesmo tempo, queria estrangulá-la pela perseguição inútil em que estive metade da noite, e exigir saber o que diabos havia de errado com o telefone dela.

Ela abaixou a mão, o movimento relaxado, e quando, colocou seu copo na mesa de madeira surrada na sua frente, não caiu uma gota.

Eu exalei. Bom, ela não estava bêbada ainda, apesar do suco NAD. Porque, caramba, antes que a noite acabasse, eu pretendia reivindicá-la, e queria que ela se lembrasse de cada momento.

Hora do pavão.

Mas antes que eu pudesse dar um passo, uma mão segurou meu ombro. — Onde está a cerveja? — Marco ergueu as sobrancelhas em confusão.

Porra. A cerveja. — Eles não tinham.

— Cerveja?

— Sim. Estranho, não é? — Dei de ombros. — Acho que, com a faculdade iniciando, todos estão se divertindo em uma última festa.

— Não tinha cerveja, — ele repetiu, a descrença contorcendo seu rosto. — Nenhuma?

— Desculpe, cara. — Entrei segui pela sala, saindo do seu alcance, e avançando na direção dela.

Ela ainda não tinha me visto. Sua cabeça estava virada para o outro lado, na direção de Van, que geralmente nunca dizia uma palavra, mas agitava as mãos, e fazia efeitos sonoros explosivos quando contava uma história. Porra, as coisas que o sorriso dela poderia fazer com um



cara. A expressão no rosto dele era ligeiramente fascinada, como se ele não pudesse acreditar que a atenção dela estava centrada nele.

Não estará por muito tempo.

Quando eu estava a dois metros dela, ela se sentou ereta, e chicoteou os olhos marrom café para mim tão rápido, que seu cabelo bateu no rosto de Van. O sorriso presunçoso que iluminou seu rosto a salvou.

Eu ia beijar aquele sorriso dos lábios dela.

Quando passei pelo sofá, peguei sua mão, e a puxei para fora do braço do Smith, a levando junto comigo. Ela meio que tropeçou, mas eu só firmei meu domínio para impedi-la de cair.

Eu não parei até estarmos no banheiro com a porta trancada. Nem olhei em volta para ver se as pessoas estavam nos observando e sussurrando, tirando suas próprias conclusões. Eu estava unicamente focado em Reese.

Nos seus lábios perfeitos manchados de vermelho pelo ponche alcoólico barato.

— Laird, — ela sussurrou.

Eu me permiti alguns segundos para saborear o som dela dizendo meu nome, desejando que estivéssemos em qualquer lugar, menos no banheiro do Bubba. Então, endureci minha voz. — Me dê seu celular.

— Meu celular? Por quê?

— Está quebrado, certo? Presumo que esse seja o único motivo para você *não* usá-lo, como eu te disse.

— Não. Você disse que eu tinha que ligar para você se não chegasse ao campus antes de escurecer — ela respondeu indignada, suas mãos atrás das costas, onde seu telefone provavelmente ainda estava enfiado no seu short.

Eu respirei fundo. — E quando escureceu por mais de uma hora, e você ainda não estava aqui, por que não o usou?

Ela abaixou o queixo, mas eu imediatamente curvei um dedo sob ele para levantá-lo novamente. Seus olhos deslizaram para o lado, e sua



voz parecia envergonhada. — Já havíamos voltado ao campus nessa altura. Nós estávamos no Antonio's, comendo pizza.

Fechando os olhos, contei várias medidas de quatro compassos na minha cabeça. *Ela estava comendo pizza.*

— Você disse para ligar se não encontrássemos o caminho de volta até então. — As palavras foram murmuradas e apenas um pouco arrependida. — E... estávamos de volta. Só não aqui.

— Então, eu gastei meio tanque de gasolina dirigindo por toda Rodney, Alabama, procurando por você, enquanto você estava ocupada comendo pizza com o Smith. — Eu me inclinei até que nossos narizes estavam a apenas alguns centímetros de distância. — É isso mesmo?

Sua mão circulou meu pulso, onde eu ainda segurava seu queixo, e sua respiração quente soprou minha palma. — Você estava procurando por mim?

Apoiei-a contra a porta trancada, e usei minha outra mão para liberar o telefone do minúsculo jeans que ela chamava de short. — Você ao menos checou?

— Não. — Ela estremeceu sob o meu olhar, mas manteve a postura. — Era contra as regras. E eu não precisava disso. Eu te disse que conseguiria isso.

— Se *você conseguisse isso*, estaria aqui antes do anoitecer. — Um rápido olhar para a tela, depois que apertei o botão confirmou que estava desligado. Coloquei a inútil peça de tecnologia no balcão ao nosso lado.

— As regras diziam para estar aqui antes da meia-noite. E eu estava.

— Jesus, que se foda. — Eu pressionei minha testa na dela, e fechei os olhos. — Sim. Eu estava preocupado, ok? E fui procurá-la porque pensar em você em algum lugar, precisando de mim, enquanto eu estava por aqui, esperando que você não estivesse perdida, era inaceitável.

— Eu não estava perdida.



— Mas eu estava, Reese. — Eu abri meus olhos e procurei seu rosto. — Eu não sabia onde você estava, então eu estava.

Ela mordeu o lábio, os dentes amassando a curva inferior, e usei o polegar para liberá-lo, para traçar a boca que assombrava meus sonhos nos últimos dias. Ela sussurrou meu nome novamente, e eu apertei meus quadris contra os dela, a deixando sentir cada centímetro do efeito que ela tinha sobre mim. Deus, o som da voz dela dizendo meu nome. Me fez querer estufar meu peito e cair de joelhos ao mesmo tempo.

E nada, absolutamente nada, me deixou tão duro.

Seus olhos se fecharam e quando seu queixo se levantou, me oferecendo sua boca, eu cheguei no meu ponto de ruptura. Segurei seu rosto com as duas mãos, meus dedos se espalhando por suas bochechas, antes de se curvarem em volta do seu pescoço.

Com um grunhido rasgado do fundo da minha garganta, abaixei minha boca para a dela, finalmente a provando do jeito que eu queria desde o primeiro dia.



15

Reese

Ele me devorou.

Ser comida viva nunca foi tão bom.

Seus lábios. As mãos dele. Seu calor. Todo o meu ser, foi dominado por ele, finalmente me tocando.

O beijo começou duro, desesperado, a conclusão inevitável da tensão que vinha se formando entre nós por duas semanas. Com meus olhos fechados, e meus seios achatados contra a parede do seu peito, eu me entreguei a ele, me rendi ao momento. Minha boca se agarrou a dele, quando ele inclinou minha cabeça para o lado, mudando o ângulo para aprofundar o contato.

Suas mãos se moveram sobre mim inquietas, famintas, deslizando pelas minhas costas no caminho para a minha bunda, depois voltando pelos meus lados, emoldurando meu rosto, seus dedos deixando um rastro de calor para trás em cada centímetro de pele que ele reivindicou para si mesmo. Agarrei sua camiseta, enquanto ele me empurrava contra a porta. Meu coração tropeçou em sua corrida para acompanhar. Sons abafados vinham de nós dois, vibrando em nossas gargantas, mas não escapando dos nossos lábios, porque ainda nem tínhamos nos separado para respirar.

Quem precisava de ar quando Laird Bronson a beijava? *Eu não.*

Seus lábios eram de alguma forma firmes e macios ao mesmo tempo em que ele os inclinava sobre mim uma e outra vez. Era como ser chamada para a liga principal das secundárias. Nada no meu passado se comparava. Estremeci com a intensidade dele, da autoridade inata da sua boca enquanto ele me consumia. Como se eu fosse feita para me curvar a ele, tão inevitável quanto à lua cedendo ao sol.



Eu me ergui na ponta dos pés para me aproximar, uma das minhas mãos serpenteando para emaranhar em seu cabelo escuro. Os fios só eram longos o suficiente no topo para segurar, e quando os puxei, ele rolou seus quadris contra mim, me mostrando o quanto gostava. Eu gemi, e senti uma umidade responder na junção das minhas coxas.

Querido menino Jesus de faces rosadas e todos os santos no céu.

Sua boca precisava vir com uma etiqueta de advertência. *Perigo. Altamente inflamável.*

Mas era tarde demais. Eu provei e gostei da queimadura.

Estávamos tão perto, que podia sentir seu batimento cardíaco batendo contra o meu peito, a meio passo do meu próprio ritmo. Os dedos da minha outra mão deslizaram sob o algodão macio da sua camiseta, impacientes para sentir mais dele. Enquanto meu polegar mapeava os sulcos do seu abdômen, os quadrados firmes dos músculos se flexionavam sob mim. Laird rosnou em aprovação.

Seu joelho afastou minhas pernas, sua coxa grossa preenchendo a abertura, e então, sua mão puxou minha perna para cima, prendendo em torno do seu quadril. O comprimento duro da sua ereção latejava entre nós, separado apenas por duas camadas de jeans e um pouco de algodão fino. Eu me mexi por baixo dele, e me deleitei com o atrito inebriante.

Sua língua traçou a curva inferior do meu lábio, em seguida a fenda, implorando pela entrada. Eu abri minha boca, tomei um fôlego apressado e, então, saudei a invasão escorregadia da sua língua. A mão calejada ainda cobrindo meu queixo mudou, deslizou pela minha garganta até que o pulso na base do meu pescoço vibrou contra a ponta do seu polegar.

E em algum ponto ao longo do caminho, o beijo suavizou. A conquista se transformou em exploração. Seus lábios traçaram um caminho molhado até o meu queixo, até o ponto sensível abaixo da minha orelha, depois desceram, e descobriram outro ponto ainda mais sensível, onde a curva do meu ombro encontrava meu pescoço. Ele



permaneceu lá, lambendo e beliscando minha pele, enquanto eu estremecia embaixo dele, seu nome tanto um apelo quanto uma reverencia, enquanto eu murmurava duas, três vezes.

O pensamento racional desapareceu.

Suas mãos agarraram minha bunda, e me levantaram até que envolvi as duas pernas em torno da sua cintura, e ele me apoiou contra a porta. Minhas mãos percorreram o volume dos seus bíceps, a largura dos ombros, os níveis do seu peito, e repeti o caminho uma segunda vez, porque não conseguia decidir qual parte era a minha favorita.

Seus ombros. Definitivamente seus ombros.

Os músculos de Laird endureceram sob minhas palmas, subindo para encontrar meu toque. Nossas bocas se chocaram novamente, meus lábios gananciosos procurando os dele, e a barba áspera no seu maxilar arranhando minhas bochechas e queixo. Eu nunca beijei um cara com barba por fazer antes. Os garotos que conheci na escola sempre estavam bem barbeados, e isso apenas destacava a diferença entre eles e Laird.

Eu gostei da aspereza do seu maxilar, como isso puxou minha pele, exigindo que eu prestasse atenção. Eu queria sentir isso em outros lugares mais suaves. Nas curvas dos meus seios. Na parte de trás do meu pescoço. Na parte interna das minhas coxas.

— Reese, — ele gemeu, arrancando sua boca da minha. Mas voltou um minuto depois, como se não pudesse deixar de voltar para mais um gostinho, seus dentes mordiscando meu lábio inferior, até que eu gritei. Tive um vislumbre rápido da expressão torturada transformando seu rosto, antes que ele o enterrasse no meu pescoço, exalando duramente.

Eu empurrei meus quadris contra ele inquieta. Sua boca era viciante e eu queria mais, mas seus braços se apertaram em torno das minhas costas para me manter imóvel, quando tentei recapturá-lo.

— Temos que parar, — ele ofegou asperamente. Seu peito subia e caia contra mim em rajadas explosivas. — Temos que parar ou não vou conseguir.



Minha cabeça caiu contra a porta com um baque, meu corpo protestando contra cada palavra que ele acabou de falar. Eu abri meus olhos para ver se ele estava falando sério, mas seu olhar estava fixo no arco da minha garganta nessa posição. Ele lambeu o comprimento dela, e seu pau ficou incrivelmente mais duro.

— Temos? — Eu mal reconheci minha própria voz.

— Sim. — A relutância estava gravada no seu rosto, enquanto ele me soltava, e eu deslizei de volta ao chão firme. Oscilei contra ele, quando meus joelhos ameaçaram ceder. — Não. Pelo menos, temos de fazer uma pausa. Realocar. Porque não vamos fazer isso, na porra do banheiro do Bubba, com o resto da bateria do outro lado da porta.

Eu podia ver a lógica em seu argumento, mas meu corpo gritava *mais*, *por favor,* e *agora.*

— Meu quarto é mais perto. — Quem era essa pessoa controlando minha boca? — Minha colega de quarto não deve chegar nas próximas sete horas.

— Bom. Porque quando você gritar meu nome pela primeira vez, não quero que ninguém ouça, exceto eu. Esse momento é meu, e eu não compartilho.

Ele deu um beijo na minha testa, suas mãos alisando a minha camiseta de volta ao lugar. Curvando-se um pouco, ele deu instruções contra o meu ouvido, seus lábios roçando minha pele a cada sílaba. *Dez minutos. Minha caminhonete. Terceira fila no estacionamento, quase no meio do caminho. Evite o Marco.*

Eu virei minha cabeça, até que a ponta do meu nariz roçou o dele. — Eu só preciso de cinco.

Ele pegou meu pulso, pressionou minha mão no seu zíper. — Eu preciso de dez.

***

A porta do meu dormitório não tinha fechado totalmente, antes que sua boca estivesse em mim novamente. Nós não nos preocupamos



com a luz, e eu já estava tão perdida no seu beijo, que se não tivesse ouvido o *barulho* de Laird travando a fechadura atrás de mim, nem pensaria em trancar a porta.

Que diferença fez uma mudança de cenário.

Desapareceu a hesitação de antes. Quando puxei sua camiseta, ele a arrancou sobre a cabeça, e a jogou através do quarto. A minha seguiu segundos depois, e então suas mãos cobriram meus seios, amassando-os sobre o tecido sedoso do meu sutiã.

Eu gemi na sua boca, e sua língua mergulhou para festejar comigo. Impaciente, e me sentindo corajosa dentro do espaço familiar do meu próprio quarto, eu alcancei minhas costas para desabotoar meu sutiã. Ele voou, encontrando o mesmo destino das nossas camisetas.

E então, meu peito nu estava contra o dele pela primeira vez. Laird soltou um suspiro de prazer, quando passei meus braços em volta das suas costas, nos unindo. Arrepios percorreram a pele dos meus braços, e enrugaram meus mamilos. Como a modéstia não me daria o que eu queria, tornei a sem vergonha e devassa minhas novas melhores amigas. Incapaz de resistir à tentação, me esfreguei contra ele como uma gata no cio, e Laird passou as mãos pelos meus cabelos, puxando até que fiquei cara a cara com ele.

— Você é melhor do que a fantasia que tive deste momento, — ele confessou. Seus olhos verdes estavam escuros com luxúria e algo mais, algo mais profundo. — E eu tive uma fantasia muito boa.

Eu ri, me inclinei para mordiscar seu lábio inferior e, em seguida, cantarolei em apreciação, quando seus dedos me apertaram com força. — Parece que é hora de algumas novas.

Ele gemeu. — O jeito que você não se detém em nada que faz? É sexy pra caralho, Reese Holland. — Com suas palavras, o calor dentro de mim se dividiu. Metade dele correu para o meu centro molhado e a outra metade se acomodou no meu peito, me envolvendo em um calor macio e suave, como um edredom de plumas saído direto da secadora.

— Essa sua boca suja também é muito quente, — eu sussurrei, mergulhando minhas mãos na parte de trás do seu jeans.



— Nós mal começamos. — A promessa rouca em sua voz me fez esquecer todas as dúvidas e receio que tinha de ficar com o capitão da bateria. Porque agora, não era quem estava nessa sala. Aquele cara poderia estar a milhões de quilômetros de distância, que pouco me importava. Mas a pessoa na minha frente, aquela que não conseguia tirar os olhos de mim, e cujas mãos estavam acariciando meus seios como se pretendesse esculpi-los mais tarde, era o cara que eu via sempre que fechava meus olhos à noite nas últimas duas semanas.

E cansei de lutar contra isso.

Talvez eu estivesse apenas com tesão. Talvez fosse a química insana que criava vida sempre que estávamos perto um do outro. O que quer que fosse, eu estava sucumbindo a isso.

Sua confiança e sex appeal inato chamaram minha atenção no primeiro dia de audições, mas foi a vulnerabilidade que às vezes escorregava pelas rachaduras da sua masculinidade bruta que me mostrou sua verdadeira força. Inferno, acho que fui dele desde que o ouvi me chamar de "prioridade" com Eli no hospital. Foi minha natureza em dificultar as coisas, para provar que eu poderia fazer isso sozinha, que me fez resistir tanto.

Mas por que diabos eu iria querer estar sozinha neste quarto, me contentando com um vibrador, quando ele poderia cuidar disso para mim?

— Diga-me... — parei para lamber seu pescoço, enquanto meus dedos abriam o botão da sua calça jeans, —... diga-me o que acontece a seguir.

Meus seios estavam inchados e doloridos, quando suas mãos desceram, suas palmas esfregando o contorno dos meus quadris. — Seu short sai, mas não sua calcinha, e você deita na cama, abre as pernas, e espera por mim.

Eu me virei de costas para ele, então me inclinei pela cintura para tirar minhas sandálias, propositalmente empurrando minha bunda na sua virilha. E quando trabalhei meus quadris de um lado para outro para tirar meu short, esfreguei mais um pouco contra ele. No momento

em que saiu, seu maxilar estava travado, e o brilho em seus olhos era selvagem. Eu já estava à meio do caminho do orgasmo.

— Cama, Reese. Agora. — Ele deu um tapa na minha bunda com força suficiente para me fazer ofegar, mas não o suficiente para machucar.

Quando me acomodei no meu edredom, com a cabeça centrada no único travesseiro, dobrei meu joelho, e coloquei meu pulso em cima dele, curvando meu dedo para ele se aproximar.

Ele deu risada. — Você acha realmente que está dirigindo esse show? — Ele se aproximou um passo, e parou novamente. — Abra suas pernas. Mãos na cabeceira da cama.

Sua firmeza me fez estremecer de excitação, mesmo assim, eu levantei uma sobrancelha para ele, silenciosamente perguntando se ele estava falando sério. Ele ficou imóvel. Observando e esperando. Minha calcinha, cobrindo apenas metade da minha bunda, era do mesmo rosa escuro que meu sexo, e se o olhar que ele estava me dando ao lado da cama era qualquer indicação, provavelmente tão ensopada quanto.

Eu lambi meus lábios de ansiedade, e me ajeitei.

Os olhos de Laird eram a única parte dele em movimento, enquanto estudava as curvas e ângulos que eu lhe apresentava. Quadris largos. Seios arredondados. Coxas abertas.

— Se você está esperando por um convite, considere isso. — Eu me contorci na colcha, nunca deixando de olhar para ele.

Seu jeans abaixo nos seus quadris, o botão estalou e o zíper desceu. A parte superior da sua cueca boxer azul royal aparecia acima deles. O que havia nesse V de músculo se estreitando abaixo dos quadris de um cara que era tão sexy? Enquanto eu olhava hipnotizada, ele baixou a mão e se acariciou lentamente, a cabeça do seu pau impressionante aparecendo, enquanto apertava seu comprimento duro.

Tirei a mão esquerda da cabeceira, e a deslizei pelo meu corpo, parando para apertar meu mamilo, antes de continuar descendo. Meus dedos ficaram um bom tempo sob minha calcinha, e através da umidade entre minhas pernas, antes que ele pegasse meu pulso, me



impedindo de repetir o movimento. Ele segurou minha mão, enquanto subia na cama, seus joelhos se acomodando entre as minhas pernas entreabertas. — Isso é meu, — ele me avisou, sua voz baixa e grossa.

E então, ele lambeu limpando meus dedos, me olhando nos olhos o tempo todo, seu olhar verde irlandês fazendo promessas pecaminosas. Promessas que eu esperava que ele cumprisse. Quando ele terminou, pressionou um beijo na palma da minha mão e, em seguida, na delicada parte inferior do meu pulso, permanecendo com seus lábios no meu pulso acelerado. — Cabeceira da cama. — Ele repetiu a ordem rouca, quando soltou minha mão formigando. — Eu lhe disse para segurar a maldita cabeceira da cama.

Minha boca estava seca enquanto seguia sua instrução. Enquanto eu normalmente ansiava por controlar todos os aspectos da minha vida, ceder a Laird era instintivo. Ele esperou até que meus dedos estivessem enrolados em volta da cabeceira de metal da cama. — Assim está melhor.

Plantando suas mãos na cama perto da minha cintura, ele inclinou a cabeça para dar um beijo suave na minha barriga chapada, a largura dos seus ombros um pouco opressiva no meu colchão de solteiro duplo estreito. Mas a ternura do seu beijo foi quase a minha ruína. Esse único toque dos seus lábios silenciosos, prometeu que seu foco estava no meu prazer, não no dele.

Eu tremia embaixo dele. Seus olhos se encheram de desejo sombrio, enquanto ele os varria pelo meu corpo. — Respire, Reese, — ele repreendeu. Eu nem percebi que estava prendendo minha respiração, e o ar escapou em um sopro. Ele sorriu de forma lasciva. — Eu não vou morder. A menos que eu ache que você vai gostar.

Minha cabeça caiu de volta no travesseiro. *A menos que eu ache que você vai gostar.* Suas palavras ecoaram na minha cabeça.

Caro Pedro, Paulo e todos os apóstolos, até mesmo o Judas de merda.

Eu gostaria. Eu certamente gostaria.



Seu nariz acariciou uma linha no centro da minha calcinha, e então ele se aninhou mais profundamente quando chegou à parte onde o tecido úmido se agarrava a mim como uma segunda pele. Ele exalou, e seu calor contra o meu centro me fez contorcer debaixo dele.

E então, no espaço de doze segundos, minha calcinha desapareceu, e sua boca mergulhou no meu calor escorregadio, descobrindo meus segredos mais íntimos. Sua língua plana, arrastando lentamente pelo meu vinco, me fez arquear as costas para prolongar o contato. A curta vibração no meu clitóris, me fez pular impotente debaixo dele. Dois dedos enterrados dentro de mim, me fizeram tremer e agarrar seus cabelos, a cabeceira da cama que se danasse. Esses mesmos dois dedos curvados para cima, me fizeram fechar os olhos até que as lágrimas vazaram. E quando ele fechou os lábios em volta do meu clitóris e chupou, eu gozei forte e alto, gemendo seu nome, enquanto minhas coxas tremiam ao redor da sua cabeça.

Os tremores secundários ainda estavam me fazendo sacudir, quando ele se aconchegou ao meu lado, me puxando para cima do seu peito. Seus dedos percorreram meu cabelo, enquanto eu recuperava o fôlego, e suas pernas vestidas de jeans se enroscavam nas minhas nuas.

— Reese?

Murmurei incoerentemente. Esse orgasmo para por fim a todos os orgasmos, tinha roubado completamente a minha capacidade de falar. Levantei a cabeça para olhar para ele, e forcei minhas pálpebras pesadas a abrirem em fendas. Uma parte do meu cabelo estava bloqueando metade da minha visão. Murmurei novamente, alguma tentativa distorcida de *tão bom, não consigo pensar, obrigada,* que soou como bobagem. Meu corpo poderia estar esparramado sobre o dele, mas o resto de mim ainda estava flutuando em êxtase antigravitacional, e eu não estava com pressa de encontrar a gravidade novamente.

Ele riu, e alisou meu cabelo para trás. — Eu poderia te comer o dia todo, todos os dias e nunca me cansar do seu gosto. — Seus dedos seguraram meu rosto, e ele me beijou, seus lábios preguiçosos e sem



pressa. O meu cheiro na sua língua misturado com seu próprio sabor de canela.

Quando ele me deitou contra o seu ombro, suas mãos serpenteando pelas minhas costas, meus braços, minha bunda, qualquer parte minha que ele pudesse alcançar, me surpreendeu. Sinceramente, era quando eu esperava que ele arrancasse suas calças, e afundasse até as bolas em mim. Mas ele não parecia estar com pressa.

Baixei minha mão no seu jeans, no caso de ele estar esperando por um sinal meu, mas ele a capturou, e a puxou de volta para seu peito até que minha palma descansou sobre o G tatuado. — Essa noite não, espertinha. Quando você estiver pronta para isso, iremos para a minha casa. — Sua voz estava áspera. — Precisamos de uma cama maior, e o dia seguinte, onde não precisaremos fazer nada além de dormir, comer e foder um pouco mais. Você não é algo que eu quero apressar.

E assim do nada, voltei à terra, minha imaginação fazendo hora extra sobre como seria ser lentamente saboreada pelo Laird. Plantei um beijo de boca aberta na tatuagem de estrela em seu outro peitoral. — Eu poderia... — Lambi sua pele, evidenciando o que estava oferecendo.

Quando ele negou com a cabeça, no entanto, a insegurança se desdobrou dentro de mim, afiada e espinhosa.

— Não? — Eu questionei baixinho, incrédula.

— Se você colocar esses lábios em volta do meu pau esta noite, não vou conseguir parar. E tenho grandes planos para você e para mim, além de um boquete e uma rapidinha. — Ele parecia estar sentindo dor.

— Grandes, hein? — Eu sorri.

Ele revirou os quadris, me deixando sentir quão grande. Eu choraminguei. Quando comecei a responder da mesma forma, seus braços me envolveram, parando minha ondulação.

— Não me provoque, Reese. Falo muito sério, quando digo que planejo arruiná-la para todos os outros caras, te fodendo forte e rápido, devagar e profundo, e todas as combinações entre isso. — Ele parou por



um minuto, para me esperar raciocinar, antes de continuar. — E depois, têm todas as outras fantasias sensuais que tive sobre você. Eu tenho sonhado com a gente há duas semanas. Descanse um pouco esta noite. Você vai precisar, porque minha imaginação é uma filha da puta com tesão.



16

Laird

— Levante-se! — As palavras em pânico me arrastaram do melhor sono que eu tive em meses.

Eu gemi. — Já vou, estou acordado. — Eu empurrei meus quadris em sua barriga macia, no caso dela ter de alguma forma perdido o contorno insistente da minha ereção matinal subindo para cumprimentá-la.

— Nada disso! — Ela tentou rolar para longe, mas eu a peguei, e a colocando em cima de mim.

— Fique. — Eu bocejei, e me estiquei, mantendo um braço ancorado em suas costas. — Eu gosto de acordar com você. Vamos fazer isso novamente. Em uma cama melhor. Como a minha.

— Laird, — ela sussurrou, se balançando e fazendo o resto do meu sangue correr para o sul.

— Uhm, continue fazendo isso, mas desça um pouco mais primeiro.

Ela beliscou meu quadril, e eu estremeci.

— O que? — Eu reclamei.

— São quase nove horas!

Abri um olho e a espiei. As manhãs não eram meu forte. — E? É sábado?

Reese baixou a testa até meu queixo, e eu aproveitei a oportunidade para cheirar seu cabelo. O perfume era suave e feminino, mas não muito forte. Eu não me importaria que ficasse na minha fronha. — *E* minha colega de quarto pode chegar a qualquer momento, até onde eu sei.

— Você não sabe a que horas ela chega?



Ela balançou a cabeça, e seu cabelo fez cócegas no meu nariz. — Não é exatamente assim que eu gostaria de conhecê-la.

Caramba, eu odiava quando ela tinha um argumento válido. Especialmente quando eu não estava do lado vencedor dele. Eu agarrei sua bunda, e a arrastei pelo meu peito nu, antes de capturar sua boca em um beijo faminto, o hálito matinal que se dane.

Quando eu finalmente a soltei, sua respiração estava irregular, e seus olhos tinham aquele aspecto nebuloso e sem foco novamente, o mesmo que ela teve depois de chegar ao clímax, gemendo meu nome na noite passada. Meu pau duro pulsou com a lembrança.

— Tudo bem. — Eu rocei meus lábios nos dela mais uma vez. — Vou embora. Mas só se você prometer vir a minha casa hoje à noite. — Eu levantei seu queixo até que seus olhos de café expresso encontrassem os meus. — Ainda não acabamos.

— Eu vou.

— Sim, você vai. Muitas vezes. — Eu pisquei, e a tirei de cima de mim, deslizando para fora da colcha, e puxando meu jeans. Meu pau protestou quando o coloquei, e fechei o zíper da minha calça. — Sete horas? Vou até alimentá-la.

Ela franziu o rosto.

— O quê?

— Você vai me alimentar. Não sei se isso é bom ou ruim. Uma ameaça ou uma tentação. — Ela inclinou a cabeça, franzindo os lábios inchados. — Você sabe cozinhar?

Eu baguncei seus cabelos, e depois me inclinei para sussurrar no seu ouvido. — Acho que você terá que descobrir.

Seu sorriso se espalhou lentamente, como o mel derretendo sobre um biscoito quente, aquela covinha que eu amava tanto fazendo uma aparição matinal. — Eu acho que vou.

— Você come carne vermelha? — Eu confirmei.

Seus olhos se arregalaram, e mergulharam na minha virilha antes de retornarem para o meu rosto, manchas de cor brilhantes corando



suas bochechas. Eu ri. — Não foi isso que eu quis dizer, mas vou aceitar isso como um sim.

Ela puxou as cobertas sobre a cabeça. — Vai embora. Pelo amor de todos os anjinhos querubins gordos tocando harpas no céu, simplesmente vá embora.

Meus lábios se curvaram com a sua escolha de palavras, enquanto pegava minha camiseta do outro lado do quarto. Um sapato ainda estava na porta, o outro caíra em um cesto de roupa suja. — Sete, Reese. Vou dizer ao Oscar para te esperar. Não se atrase. Ele aperfeiçoou o olhar de cachorrinho triste.

— Eu odiaria desapontar o seu cachorro. — Sua voz estava abafada pelo cobertor, mas o sarcasmo foi transmitido alto e claro.

— Não há nada pior do que uma salsicha infeliz, — eu concordei.

Saí pela porta antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, então ela ficaria pensando no meu pau.

Enquanto me afastava com um sorriso bobo no rosto, debati se deveria ir com tudo, e fazer bifes e uma salada, ou fazer algo mais casual como camarão e grãos. Meu telefone tocou, e meu sorriso se transformou em um sorriso cheio, pensando que era ela com uma última mensagem.

Marco: Eu estou livre esta manhã, se você quiser trabalhar no duelo das baterias.

Aborrecimento filtrou através de mim, mas o contive. Tentei marcar um horário na última semana para finalizar o duelo com ele, e ele me deixou na mão três vezes. Por causa de três garotas diferentes, tenho quase certeza. Mas agora, *agora*, ele estava livre.

Eu: Em uma hora. Sala de treino dois.

Acelerando um pouco mais do que o necessário, fui para casa tomar banho. Nesse ritmo, eu mal teria tempo de parar para tomar café no caminho. E eu precisava de toda a cafeína disponível no sul do Alabama, para tornar tolerável lidar com Marco em uma manhã de sábado sem jogo. Já fomos amigos uma vez, eu poderia até tê-lo considerado meu melhor amigo no colegial, mas a maior parte desse



relacionamento parece ter desmoronado ao longo dos anos. O que restou foi mais uma parceria relutante - como quando o professor te emparelha na escola, e não era isso que você queria, mas havia opções piores, então você ficou quieto, e se virou.

O duelo de tambores era um período de 64 contagens para nós brilharmos.

Se pudéssemos encontrar uma maneira de colaborar com sucesso.

O treino em si, foi tão bom quanto eu esperava. Depois de desperdiçarmos trinta minutos discutindo, e chegarmos a lugar nenhum, finalmente decidimos nos dividir em seções. Eu tocaria as primeiras oito contagens, depois ele, seguidas por uma seção de dezesseis contagens cada, e terminaríamos com dezesseis contagens tocadas juntas com algum trabalho chamativo com as baquetas para o espetáculo.

Estabelecemos um horário nas quartas-feiras para nossas seções de solo, o que significava que tudo o que fizemos hoje foi coreografar dezesseis batidas. Quatro ações miseráveis. Quão difícil isso poderia ser?

Levamos duas horas para chegarmos a um acordo, e mais uma hora para aperfeiçoarmos.

Marco do caralho.

Passava do meio-dia, quando guardamos nossos tambores, e seguimos nossos caminhos separados. Eu não tinha ideia de onde ele estava indo, o que estava bem para mim. Hoje em dia, se não estava especificamente relacionado à bateria, não interagíamos. Eu não tinha certeza do por que, mas algo sobre ele havia mudado sutilmente ao longo dos anos. Seu humor mudou, de rir de si mesmo, para rir à custa dos outros. E a maneira como ele tratava as meninas como se fossem descartáveis e intercambiáveis deixava um gosto amargo na minha boca.

Fui até o supermercado comprar bifes e legumes frescos. Chega dessa indecisão absurda. E eu poderia grelhar a porra de um bife. Nada



dizia “pavonear” como carne cozida à perfeição sobre o fogo. Havia um elemento bruto de homem das cavernas que era inegável.

O Wrangler saltou sobre o estacionamento irregular do Publix, quando meu telefone tocou. Temendo uma mensagem de Marco, e esperando por uma da Reese, eu verifiquei a tela.

Filho da puta: Precisamos conversar. Espero você aqui às três hoje.

Meu maxilar apertou com tanta força que quase estourou. Porra do inferno. Não posso ter uma maldita folga? Primeiro Marco, e agora meu pai? Nada arruinaria meu dia completamente, quanto uma viagem obrigatória a Montgomery para um sermão do homem responsável por metade do meu DNA.

Ele se mudou para cerca de uma hora ao norte, quando comecei a faculdade, alegando que precisava recomeçar.

Besteira.

Mais como para que ele pudesse sair sem se sentir culpado depois que comecei na Rodner como um calouro.

Mas deu certo. Isso nos deu uma desculpa para nos vermos menos. Na verdade, nós não nos víamos mais, a menos que ele exigisse. E só ia, porque ele era o último elo que eu tinha com Garrett, o qual não podia deixar de lado, não importava o quanto eu odiasse o cara. Eu esfreguei a tatuagem no meu peito.

Anos atrás, desisti de imaginar quão diferente minha vida seria se Garrett não tivesse morrido. Se mamãe não tivesse partido, e papai não tivesse se perdido para a amargura de perder um filho e depois uma esposa. Se ele se lembrasse de que ainda tinha um filho, que daria sua bola esquerda para ter um pai, pelo menos, fingindo que o amava.

Eu ri amargamente, e não me incomodei em responder.

Nós dois sabíamos que eu estaria lá.

Comprei bifes, cogumelos, abobrinha, abóbora, batata doce e alface. Uma caixa de Coca-Cola Zero e uma boa garrafa de vinho cobriam minhas bases em termos de bebida. E peguei uma lata de chantilly, no caso da noite correr tão bem quanto eu esperava. Após



uma pausa, peguei uma segunda lata também. Eu fui um escoteiro, e o lema Esteja Preparado, ainda era útil em algumas ocasiões. Uma caixa de camisinhas, as da embalagem dourada, completaram minha compra.

Confiante de que estava totalmente abastecido para o meu encontro mais tarde com Reese, deixei tudo em casa, e passei vinte minutos brincando com Oscar. Esse cachorro era maluco por um cabo de guerra. Fiz uma boa e longa massagem na sua barriga, e o deixei mastigando um novo couro cru, quando não pude mais adiar a partida.

Durante todo o caminho, toquei as trilhas sonoras de *Shrek*. Esses eram os filmes favoritos de Garrett. Nós assistimos tantas vezes, e revezávamos citando os diferentes personagens. O Burro era o meu favorito. O Burro era o favorito de ambos. Eu fiz tudo o que pude para deixar Garrett fresco na minha memória, antes de chegar à casa do papai. Qualquer coisa que me lembrasse por que o aturo.

Apesar dos melhores esforços da banda Smash Mouth, meus músculos estavam tensos pelo confronto iminente, quando entrei na garagem pavimentada de tijolos, e estacionei em frente à casa de trezentos metros quadrados onde ele morava sozinho. Sempre achei o tamanho exagerado, mas hoje em dia, reconheço que ele precisa de todo esse espaço para manter os fantasmas da família que éramos, e que poderíamos ter sido. Ou talvez ele precisasse do teto catedral de cinco metros para ter espaço para toda a sua amargura persistente.

Seis quartos nessa casa e nenhum deles era meu.

Eu não ficava aqui. Nunca. Mesmo nos feriados. Porque fazer esse convite nunca lhe ocorreria.

Depois de desligar a ignição, coloquei meu telefone no silencioso. Não que isso realmente importasse, porque as reuniões com ele nunca eram agradáveis, mas o *toque* das notificações telefônicas, o deixava louco e eu estava cansado de ouvir seu sermão sobre como as boas maneiras ditavam silenciar seu celular durante as reuniões.

Porque este não era um filho visitando um pai para contar as novidades um ao outro.



Era uma *reunião.*

O relógio no painel brilhou 2:53. *Oi Pai, estarei aí às três.* Mas a teimosia que herdei dele manteve minha bunda firmemente plantada no banco do motorista do meu Wrangler até os números mudarem para oito minutos depois. Só então saí com relutância do carro, e me aproximei da porta da frente.

Toquei a campainha e esperei. Não era como se eu tivesse uma chave para entrar.

Ele atendeu com uma cara feia, e prometi pela milionésima vez, não me transformar nele em trinta anos. Ele tinha pouco mais de cinquenta anos, mas as linhas gravadas em volta dos olhos, e os vincos permanentes esculpidos na testa faziam com que ele parecesse dez anos mais velho.

— Já não era sem tempo, — ele murmurou, se virando e indo para o seu escritório nos fundos da casa.

— É bom ver você também, — eu murmurei para o hall de entrada vazio, enquanto fechava a enorme porta de carvalho entalhada atrás de mim. A casa estava impecável, enquanto eu me movia mais para dentro dela. Até as partículas de poeira tinham medo dele. Ele contratou um serviço de limpeza diário, e eles provavelmente o conheciam melhor do que ninguém a essa altura. Ele mantinha tal estrangulamento em todos os aspectos da sua vida, não havia espaço para alegria, felicidade, risada, amor. *Eu.* Não acho que ele ainda reconheça o conceito de diversão. Tinha deixado de existir como substantivo no seu mundo. Talvez fosse porque, seu trabalho como Diretor Financeiro da maior rede de concessionárias de automóveis no sul do Alabama lidava com números, não com pessoas. Tudo era preto e branco. Lucro e prejuízo.

Ele estava de costas para mim, sentado na sua enorme cadeira de couro, atrás da sua igualmente grande mesa de mogno maciço, a vista pela janela do jardim perfeitamente bem cuidado, obviamente preferível à minha visão parado rigidamente na soleira da porta.

— Entre, — ele ordenou impacientemente. — Você está atrasado.



Eu dei alguns passos mais para dentro da sala, e escolhi a cadeira de convidados em frente à mesa mais próxima da porta, já planejando minha fuga. A cadeira era dura e desconfortável, o que combinava perfeitamente com o clima da sala.

— Recentemente chamou a minha atenção, que você ainda não enviou nenhuma inscrição para a faculdade de medicina. — Ele cruzou os dedos enquanto falava, cada palavra precisa, nitidamente articulada e gotejando desaprovação. — E não apenas não se inscreveu, você trocou seu curso de pré-medicina para ciência da computação.

Minhas costas se endireitaram na cadeira implacável, mas segurei minha língua. Ele ainda não havia feito uma pergunta. O silêncio se prolongou. Era um jogo que ele gostava de fazer para me ver sofrer, um que estava perdendo seu poder sobre mim quanto mais velho eu ficava, e menos me importava com a opinião dele.

— Que porra você pensa que está fazendo? Existe um plano. Você irá para a faculdade de medicina, para se tornar um oncologista de pesquisa, porque esse mundo precisa de médicos melhores do que os que cuidaram do seu irmão. Você é inteligente, você herdou isso de mim. Suas notas são altas. E você *deve isso a ele*. — As últimas quatro palavras foram acentuadas por seu punho batendo na mesa a cada sílaba.

Seu irmão. Ele. Ele nem conseguia dizer seu nome.

— *Garrett*, — enfatizei o nome, e ele vacilou, — queria que eu fosse feliz. *É o* que devo a ele.

— E o que você vai fazer com um diploma de Ciência da Computação? — Ele disse no mesmo tom que você pode esperar que alguém diga *pintura a dedo*.

Um sorriso curvou meus lábios. — Designer de videogames.

Sua cabeça balançou em negação antes mesmo de eu falar. — Não. Absolutamente não. Eu o proíbo, e não pagarei mais um centavo de mensalidade por algo tão estupido.

Eu me mantive em silêncio. Seu decreto era ao mesmo tempo previsível e sem importância.



— Então? — Ele exigiu depois de um tempo. — Está me ouvindo? Você mudará seu curso imediatamente. A faculdade ainda não começou, então você pode acabar com essa bobagem antes que comece.

— Eu te ouvi, — admiti. — Mas não, eu não pretendo fazer nenhuma mudança.

— E então, como exatamente você planeja se sustentar? — Seu tom presunçoso deixou claro, que ele achava que vencera essa rodada.

Meus ombros subiram e desceram em um encolher de ombros casual, que ele não podia ver. — Não usei um único centavo do seu maldito dinheiro para mim nos últimos dois anos.

Eu sabia que isso iria chocá-lo, e um lado da minha boca se ergueu em um sorriso satisfeito pela forma que ele se virou para olhar para mim com os olhos da mesma cor dos meus.

— Cuidado com a língua.

Eu revirei meus olhos. Porque era com isso que realmente precisávamos nos preocupar aqui.

O dedo do meio da sua mão direita batia na mesa em um ritmo rápido irritado. Um par de pintarroxos voou do lado de fora da janela, e o rastro de vapor de um jato atravessou o céu azul claro. Minutos se passaram. As batidas aceleraram.

— Por que não fiquei sabendo disso?

Porque você só existe na periferia da minha vida. Porque você deixou de ser pai no dia em que nós - não você, nós - perdemos Garrett. Porque você é um idiota egoísta que nunca pergunta sobre a minha vida. Escolha a porra de uma razão.

Suspirei. — Faz diferença? Você realmente dá a mínima?

— Eu te disse para ter cuidado com essa maldita língua!

Minhas mãos agarraram minhas coxas. — Peço desculpa, *papai*. — Meu sarcasmo era grosso como xarope, e não tinha como ele não ver.

Ele me encarou com um olhar avaliador, mas sua cadeira permaneceu de frente para a janela. Eu não merecia sua total atenção, até agora. Mágoa enrolada em um nó duro no meu estomago. — O que acontece com todo o dinheiro que deposito na sua conta?



— Metade vai para o Hospital Infantil, sim, *esse mesmo,* e a outra metade financia uma bolsa de estudos da Rodner para um estudante que teve câncer. — *E o venceu*, acrescentei em pensamento.

O maxilar de papai foi de um lado para o outro, antes que ele se virasse de volta para a janela. Eu me perguntei o que ele faria se eu marchasse até ela, e a tocasse, deixando minha impressão digital no centro, e marcando o vidro impecável. Eu estava meio disposto a tentar.

— E como você paga suas contas? Sua faculdade? Você está vendendo drogas agora?

Não, mas ele também não gostaria da verdadeira resposta. Rolei meu pescoço, odiando quão tenso eu sempre ficava na sua presença. — Você se lembra de todos aqueles vídeos games que eu jogava quando criança? Aqueles que você tanto odiava? Eles pagam. Eu projetei dois aplicativos de jogos populares, e vivo com os royalties do valor do download, e das compras do aplicativo.

Seu rosto se contorceu como se ele tivesse acidentalmente comido um pedaço de cartilagem.

— Na verdade, — continuei, — estou quase terminando de desenvolver meu terceiro. Deve chegar ao mercado antes de eu me formar.

Ele apertou o estômago como se estivesse fisicamente doente.

— Por quê? — Ele explodiu. — Por que você desperdiçaria todo o seu intelecto e ambição em algo tão banal como um aplicativo? Você poderia estar curando o câncer daqui a alguns anos! — Ele vibrou de raiva, quando sua cadeira girou para me encarar.

Eu não recuei da fúria em seus olhos. — Você está certo. Eu sou inteligente, e fiz uma pesquisa. O problema com o tratamento do câncer infantil não é a falta de médicos dispostos a dedicar tempo e esforço para encontrar uma cura. É falta de financiamento. Eles precisam de dinheiro. Eu vou angariar isso para eles.

Ele se levantou. — Eu doo milhares de dólares todos os anos para esse mesmo objetivo!

— Eles precisam de mais.



— E essa é sua grande solução? Desperdiçar dinheiro com o problema? — Ele gesticulou descontroladamente.

— Não. Isso é só uma parte. A outra parte em que estou trabalhando é para as próprias crianças. Crianças gostam de videogames. — Eu disse isso como se estivesse revelando a localização de Atlântida depois de séculos de busca. — Crianças adoram videogames pra caralho.

— *Cuidado com a maldita boca!*

— Mas ninguém, — eu o ignorei, e continuei falando, — reservou um tempo para criar um jogo projetado especificamente para as necessidades de um paciente com câncer infantil. Aquele que mantém sua atenção, mas também, através do biofeedback, os auxilia durante o processo do tratamento, os ajudando a gerenciar sua própria dor. Esse é o aplicativo que estou desenvolvendo agora.

Ele piscou para mim, e seu rosto tremeu, enquanto lutava para esconder sua surpresa. Ele lambeu os lábios, e passou a mão trêmula pelo cabelo. Embora, ainda fosse cheio, estava mais cinza do que castanho nos dias de hoje.

Eu não me importei com a reação dele, porque não estava fazendo isso por ele. Eu me levantei, e me virei para sair.

— Onde você pensa que está indo?

Parando no luxuoso tapete oriental, perguntei: — Não terminamos aqui?

— Nós terminamos quando eu disser, e nem um segundo antes.

Eu não me virei. Ele poderia encarar *minhas* costas dessa vez. — Você terminou comigo anos atrás. Quatorze, se você quer mais detalhes.

A verdade era que, qualquer vestígio de Garrett que eu gostaria de fingir que ainda estava enterrado no fundo dele, tinha murchado e desaparecido junto com a minha infância. A única coisa que tínhamos em comum nos dias de hoje eram os olhos verdes irlandeses, um sobrenome e metade do nosso DNA, e se eu pudesse de alguma forma



devolvê-los em troca de um recomeço, eu o faria. Quando me aproximei da porta, ouvi o farfalhar das suas roupas atrás de mim.

Ele de alguma forma, chegou à porta antes de mim, e pegou uma chave, me trancando. Quem diabos tinha uma chave para se trancar no seu próprio escritório? Ou talvez ele estivesse selando todos os outros?

— Então, você basicamente roubou meu dinheiro.

Sua acusação doeu.

— Eu não *roubei* nada de você. Eu nunca te *pedi* dinheiro. Você o colocou na minha conta bancária, e eu o usei como bem entendi.

— Você me deixou pensar que era para sua mensalidade.

Verdade. — Se você estivesse tão preocupado sobre para onde seu dinheiro estava indo, poderia ter perguntado. Talvez durante um daqueles jantares em família que temos. Ah, espere...

Ele deu um passo à frente, quase como se quisesse me atacar. Eu não o teria parado. Eu o deixaria me acertar a vontade só para satisfazer minha curiosidade se ele me tocaria fisicamente. Eu não acho que ele o fez na última década.

— Esse dinheiro foi um investimento. Em você.

— Eu não sou um maldito investimento, pai. Eu sou seu filho. — Meu peito estava tão apertado que eu mal conseguia respirar.

— Fale comigo assim novamente, e vou te tirar do meu testamento.

Calor queimou a parte de trás dos meus olhos. — Eu nunca dei a mínima para o seu dinheiro. Nunca foi, nem uma vez, sobre dinheiro. Você pode pegar cada uma das suas notas de dólar, e transformá-las em cinzas pela parte que me toca.

Ele zombou. — Você não está falando sério.

— Estou. — A veemência na minha voz, fez com que ele me estudasse curiosamente. Como se eu fosse uma nova espécie de inseto, e ele não tivesse certeza se deveria protegê-lo para um estudo mais aprofundado, ou esmagá-lo sob seu sapato italiano feito a mão.

— Então você é um idiota. — *Esmagar.* Decisão tomada.

— Aprendi com o melhor, — eu murmurei baixinho.



— Você ainda não aprendeu nada. Você não tem senso de responsabilidade familiar. — Suas palavras eram frias. Condescendentes. Desdenhosas.

— E você sabe? — Eu atirei de volta. — De repente você é o especialista sobre o que faz um bom pai? Um bom marido? Um fodido ser humano decente? Porque você está certo, ainda não aprendi nenhuma dessas lições com você.

Ele ficou bem na minha cara, mas não recuei. — Você não sabe nada do que é perder um filho. Ou uma esposa.

— Não, — admiti. — Mas sei o que é perder um irmão. E não um, mas *dois* pais.

Seu peito estufou, quase tocando o meu. Eu tinha cinco centímetros a mais que ele de altura, mas agora ele parecia mais alto. — Seu irmão ficaria desapontado com você. Eu sei que estou. Que porra de desperdício... — Ele deu um passo para trás, como se não pudesse suportar ficar tão perto de mim por mais tempo, como se minha própria presença o repugnasse.

— Isso não interessa! — Eu gritei. — Não importa porque ele morreu. Ele morreu. *Ele morreu.* — Meu peito arfava, enquanto respirava irregularmente. — Mas eu não.

Ele se afastou com as minhas palavras, virando a cabeça de um lado para o outro, como se quisesse afastar os golpes que elas infligiam.

A satisfação sombria, que eu esperava sentir com a minha explosão nunca se materializou. Apenas resignação ao saber que nosso relacionamento tinha passado do ponto de ser salvo.

Caminhando até ele, arranquei a chave da sua mão, voltei para a porta, e a destranquei, me libertando de uma vez por todas dos laços apertados nos quais deixei que ele me segurasse por metade da minha vida.

Joguei a chave a seus pés. Ela aterrissou sem som na lã grossa Persa. — *Eu* não morri, mas você me faz desejar todos os dias que tivesse sido eu.



17

Reese

11:04. Meu dormitório estava impecável. Toda a minha merda foi recolhida e arrumada na minha metade do quarto. Fui até a livraria, e comprei um Sharky de pelúcia, o mascote da faculdade, como um presente de boas-vindas, e o coloquei sobre seu colchão nu.

O pensamento de compartilhar meu espaço com alguém, me fez oscilar entre nervosa e excitada. Eu era filha única. Eu nunca morei com outra pessoa da minha idade. Ela gostaria de mim? Eu gostaria dela? Quão estranho seria se vestir e se despir na frente de uma estranha? E se eu precisasse peidar? E se ela trouxesse um cara para o quarto? Teríamos que ter um sistema, tipo uma meia na maçaneta da porta?

Inquieta, fui ao Sammy's almoçar cedo, antes que tivesse muita gente. Chegar lá foi como tentar nadar em uma cachoeira, enquanto milhares de estudantes e seus pais inundavam o campus com malas, laptops e cartazes, suas esperanças, sonhos e medos enfiados entre as camisetas da Universidade de Rodner e dobrados dentro dos novos cadernos espirais. Quando finalmente peguei meu sanduíche de peru e mirtilos, e uma Coca-Cola zero, fugi para o centro do campus, longe da loucura dos dormitórios, e encontrei um banco vazio à sombra de um carvalho.

Eu chequei meu telefone. Nenhuma mensagem do Laird. Uma pontada de decepção tomou conta de mim, roubando um pouco da minha excitação pelo nosso encontro hoje à noite. Eu estivera com ele há duas horas, e o veria novamente hoje à noite. Eu realmente esperava notícias dele nesse intervalo? Coloquei o telefone de lado, e mordi meu sanduíche. Não tinha um gosto tão bom quanto o que comi com ele em sua casa na semana passada.



4:38. Ainda sem colega de quarto. Preocupada, localizei Myrna, minha conselheira residente.

— Então, Reese, eu pretendia te encontrar hoje cedo. Sim, sua colega de quarto não vem. Ela trocou de faculdade no último minuto. Eu ficaria quieta se fosse você, se ninguém perceber, eles podem não preencher a vaga com mais ninguém, e você terá o quarto para si mesma! — Ela me deu uma piscadela exagerada, e deu um tapinha no meu ombro. — Tenho que correr. Uma garota no final do corredor não consegue descobrir como usar o wi-fi do campus, e seu mundo está desmoronando enquanto conversamos. — Com um farfalhar do seu longo cabelo loiro platinado, ela se foi, e eu fiquei sozinha de novo, em um mar de garotas que foram todas emparelhadas pelos deuses do alojamento.

Voltei para o meu quarto limpo e vazio. Eu olhei para Sharky, sozinho na outra cama. Ele parecia triste solitário, então o movi para a minha cama, o coloquei debaixo dos meus cobertores, a cabeça aninhada no meu travesseiro.

Sem colega de quarto. Hein.

E então fiz uma dancinha no quarto, que não precisava compartilhar com ninguém.

Eu até peidei alto para completar.

5:41. Embora fosse um pouco cedo, comecei a me preparar para o meu encontro com Laird. Jantar na sua casa. E sexo, presumivelmente. Muito sexo. Tanto sexo, que ele esperava que eu precisasse de toda a manhã seguinte para me recuperar. Eu mordi meu lábio. Eu não era virgem, mas meu nível de experiência era mais intermediário do que avançado, e aposto que Laird era um artilheiro nesse jogo.

Eu deveria alongar? Me preparar? Olhei para o barbeador rosa de quatro lâminas no meu chuveiro. Sim, eu precisava me preparar. Quarenta minutos depois, eu estava lisa como uma foca, hidratada, seca e envolvida numa toalha úmida, enquanto contemplava meu armário.



O que alguém usava para ser seduzida? Ele esperaria uma lingerie minúscula? Pareceria sacanagem, ou era isso que ele estava antecipando? Eu olhei para minha cama. Sharky me encarou com seu olhar de plástico, absolutamente não me ajudando em nada nesta situação. — Que colega de quarto você é, — eu disse a ele. Ele sorriu de volta para mim, seus dentes de feltro branco à mostra.

7:02 Hesitei do lado de fora da porta de Laird e passei minhas mãos pelo vestido macio de jersey cor-de-rosa framboesa que escolhi. O design sem mangas e decote era casual, mas a maneira como ele se agarrava à minha pele era tudo, menos inocente. E o conjunto de sutiã preto e o fio dental que eu usava por baixo revelavam mais do que escondiam. Nós dois sabíamos o que ia acontecer esta noite. Vestir algodão cobrindo tudo parecia inútil.

7:04 Oscar latiu do outro lado da porta, mas Laird ainda não tinha aberto. Sentindo-me boba em pé na varanda, tentei lembrar da nossa conversa anterior. *Ele disse sete, certo?*

Nenhuma mensagem dele com uma mudança de planos, então eu enviei uma, o avisando que estava aqui. Talvez ele tivesse voltado correndo para o supermercado. Olhei em volta do estacionamento. Seu Wrangler preto estava visivelmente ausente.

7:12 Voltei para o meu carro para ponderar minhas opções. Além do mais, ficar na porta dele por muito tempo, provavelmente pareceria suspeito para seus vizinhos, especialmente com Oscar ainda enlouquecendo. Mandei uma mensagem novamente.

7:31 Fui embora.

7:56 Limpei o último delineador com o qual cuidadosamente delimitei meus olhos. Que porra de desperdício. Sem sutiã, com calcinha de algodão confortável, calça de pijama e uma regata, peguei Sharky. Essa coisa de nenhuma colega de quarto iria funcionar muito bem, considerando que eu já tinha jogado minhas roupas descartadas na outra cama.

Eu e Sharky estávamos prestes a começar nossa maratona pela Netflix. Ah, e sorvete. Eu comprei sorvete no caminho de volta. As



coisas boas que tinham mil calorias em cada minúsculo pote, e eram feitos a mão por duendes mágicos com poderes de cura para situações como esta.

8:02. Meu telefone tocou.

Laird: Reese, me desculpe. Estou chegando em casa, e não percebi que era tão tarde.

Laird: Eu tive uma briga enorme com meu pai hoje, e então dirigi para me acalmar, e perdi a noção do tempo.

Laird: Eu estraguei tudo. Eu sei que sim.

Laird: Posso ir te ver? Posso levar uns bifes em 30 minutos?

Eu hesitei. Se havia uma coisa que eu entendia, era brigar com os pais.

Mas... ele me deixou no vácuo sem dizer nada. Eu coloquei aquele delineador de merda. E roupa íntima sexy. E depilei tudo. *Tudo*. Sim, sua perda nesse momento.

Tirei uma selfie, enquadrando o sorvete, Sharky, e uma parte decente da curva do meu peito esquerdo na foto, só para enfatizar o que ele perdeu, e enviei para ele.

Eu: Você foi substituído esta noite. Talvez devamos desacelerar, e tentar novamente outro dia.

E então, eu desliguei meu telefone, comi o melhor sorvete da minha vida, e assisti uma temporada inteira de *Pitch,* enquanto babava sobre um barbudo Mark-Paul Gosselaar. Eu não pensei em Laird nenhuma vez.

Exceto mais tarde, sonhei que fazia um ménage à trois com Mark-Paul e Laird, e que arredondamos *todas* as bases e atingimos alguns homeruns.

Eu falei.

Aquele sorvete era mágico.



18

Reese

Os últimos quatro dias foram um borrão e, apesar de seus melhores esforços, eu mal disse duas palavras para Laird. Entre as aulas, o voluntariado no hospital em dias diferentes um do outro, e as bobagens de orientação dos calouros, a única vez que nossos caminhos se cruzaram foi no treino da banda na terça-feira. A coreografia que aprendemos naquele dia foi muito mais desafiadora tecnicamente, não deixando muito tempo para conversar, e saí correndo para uma reunião de conselheiro residente assim que terminou. Ele tentou me encontrar para almoçar ontem, mas nossos horários estavam desencontrados em vinte minutos, e eu não conseguiria comparecer sem me atrasar para o Calc I.

Trocamos algumas mensagens, mas foram meia-boca na melhor das hipóteses. Era minha culpa. Eu não sabia como criar distância do Laird sem tornar estranho. Como desacelerar as coisas sem desligá-las.

Reli as últimas palavras dele desta manhã.

Laird: Você pode chegar ao treino trinta minutos mais cedo? Eu sinto sua falta.

Eu não tinha respondido, mas aqui estava eu, esperando como um idiota na sala de equipamentos que ele chegasse, talvez ter a chance de falar com ele sozinha e pessoalmente. Incapaz de resistir, apesar de saber que isso não terminaria bem. Limpei as palmas das mãos no meu short de ginástica pela terceira vez. Meu coração batia em um ritmo irregular contra minhas costelas, enquanto eu checava a hora no meu celular novamente.

A porta se abriu. Engoli em seco passando a bola de nervos pela minha garganta.



— Chegar mais cedo não lhe dá pontos extras, espertinha, — Marco zombou, enquanto entrava na sala para pegar seu tambor.

— Olá para você também. — Eu brinquei com meu cinturão, evitando o contato visual, ajustando o enchimento, que não precisava ser ajustado.

Ele pegou seu equipamento, e hesitou antes de sair. Frustrada, me abaixei para amarrar novamente os meus cadarços de nó duplo.

— Sim? — Eu perguntei quando ficou óbvio que ele não ia sair.

— Você esqueceu um local, quando limpou meu quarto esta semana. A mesa ainda estava uma bagunça. Faça melhor da próxima vez. — A porta não o atingiu na bunda quando saiu, mesmo que eu convocasse todas as minhas superpotências de Batman e quisesse que isso acontecesse. Eu mostrei o dedo como um garoto do ensino médio, com exagero escandaloso, e com as duas mãos, porque sabia, sem dúvida, que ele não veria.

Bubba entrou em seguida, seguido por Charlie e Cade. Uma rápida olhada no meu telefone confirmou que o treino começaria em vinte e cinco minutos. Laird estava atrasado, e a oportunidade se foi novamente.

Quando Smith entrou pela porta pouco tempo depois, eu desisti de fingir que estava atrapalhada com o meu equipamento, e o acompanhei para o campo de treino.

Smith lamentou sobre o projeto do semestre, que já recebemos em biologia, mas eu mal o ouvi. Meus olhos estavam mega focados no cara de cabelos escuros, tirando a camiseta à distância, revelando o abdômen que meus dedos doíam para traçar novamente. Laird Bronson. Já em campo. Não devo ter aparecido cedo o suficiente. Ou talvez, quando não respondi sua mensagem, ele achou que eu não viria.

— Certo? — Smith me cutucou.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando. — Mmhmm, — eu concordei, forçando minha atenção para longe de todos os músculos e tendões bronzeados.

Preciso. Não. Babar.



Em público, de qualquer maneira.

— Mesmo? — Smith levantou uma sobrancelha em descrença. — Você também fantasia em chuviscar o Marco com caramelo quente?

Eu fechei meus olhos, e balancei a cabeça violentamente, tentando arrancar essa atrocidade mental da minha mente. — Que porra é essa, Robin? Por que você brinca com algo tão ruim assim?

Ele inclinou a cabeça para trás, e soltou sua risada espetacular às minhas custas. — Porque, Batman, você estava ignorando seu ajudante. Não é legal. Não estou aqui falando só porque gosto do som da minha própria voz.

Apropriadamente castigada, aplainei meus lábios, e abaixei minha cabeça. — Desculpa. Eu só estava absorta.

— Imaginando um certo alguém coberto de caramelo? Alguém lin...

Meu cotovelo se conectou com suas costelas, antes que ele pudesse completar sua frase, e estreitei meus olhos num aviso mordaz, para impedi-lo de abrir a boca novamente. — Cuidado. Ou farei parceria com outra pessoa no projeto de Biologia, e te deixarei na mão.

A expressão ferida em seu rosto, me fez revirar os olhos. Como se Batman pudesse fazer parceria com alguém que não fosse o Robin.

Quando chegamos ao limite da linha de vinte jardas onde os outros bateristas se reuniram, Laird e Marco estavam juntos debruçados sobre uma prancheta, muito parecidos com o primeiro dia das audições. Algo naquele retângulo de plástico branco parecia ameaçador. Como se não só tivesse o meu destino em relação à minha posição no campo, mas possivelmente uma mensagem oculta de Laird.

O que significava se eu ganhasse uma vaga? Foi tratamento preferencial? E se eu não conseguisse? Foi porque eu não era boa o suficiente? Porque Laird ficou chateado com o meu pedido para desacelerar as coisas entre nós? Ou, num nível mais básico, porque eu era uma *garota*?

Marco olhou para mim, e franziu a testa.



Eu não consegui interpretar, mas meus músculos enrijeceram em resposta.

Laird não olhou para mim, e sua linguagem corporal não revelou nada.

Smith bateu no meu ombro. — Tudo bem aí, Batman? Você está um pouco tensa.

— Gotham City estava um pouco difícil esta semana. — Eu forcei meus ombros a relaxar, e soltei o maxilar.

Ele jogou o braço em volta do meu ombro. — Quer jantar depois disso? Podemos...

Laird limpou a garganta. — Odeio interromper vocês marcando um encontro, — seus olhos verdes brilharam quando me imobilizaram, — mas nós temos um treino para terminar. Nosso primeiro jogo é sábado, então hoje é essencialmente um ensaio geral. Antes de começarmos, precisamos anunciar oficialmente quem estará marchando no campo quando os Sharks enfrentarem o Estado da Louisiana neste fim de semana.

Era agora. Eu não conseguia olhar.

Em vez disso, estudei meu tênis, a maneira como a borracha da direita estava começando a se soltar do dedão, e os cadarços da esquerda estavam irregulares. Eu deveria consertar isso. Talvez tentar tirar algumas manchas de grama.

— Eu. Marco. Bubba. Van. Charlie. Sua voz não mostrava nenhuma inflexão particular, enquanto continuava seguindo a lista. — Morris. Topher, Cade, Smith. E, Reese.

O tempo parou. Foi apenas na minha mente, ou seu tom mudou quando ele disse meu nome? Quase como se um pouco de rebarba[5] escocesa surgisse, e ele rolasse um pouco um *r*, e se demorasse sobre o *s*. Como se estivesse acariciando meu nome com a língua. Ou isso foi apenas uma ilusão?

Eu soltei a respiração, tentando diminuir meu pulso descontrolado. Eu queria tanto olhar para ele, mas, ao mesmo tempo,

---

[5] Uma maneira de falar inglês em que o som "r" é mais perceptível do que o habitual.



estava com medo do que poderia ver em seus olhos. Que poderia haver muito lá, e os outros percebessem. Ou pior... indiferença.

Braços envolveram meu ombro, e lábios bateram contra a minha têmpora, me fazendo voltar à realidade. — Conseguimos! — O grito eufórico de Smith quase furou meu tímpano esquerdo.

Eu sorri com seu entusiasmo contagiante, e retornei seu abraço, afastando os pensamentos de Laird para o lado e, permitindo que a notícia entrasse completamente. Eu consegui. *Eu consegui, porra.* — Eu lhe disse que faríamos no primeiro dia. Sem nenhuma dúvida. — Meus pés mal tocaram o chão o resto do treino, eu estava flutuando muito alto. Uma baterista feminina iria marchar no Rodner Stadium em dois dias, sob os holofotes, e com quarenta mil torcedores do Shark assistindo.

Eu não deixei que Willa choramingando por estar emparelhada comigo, em vez de Laird, para a segunda música me incomodasse. Nem mesmo quando ela deixou que o prato baixasse muito, pela terceira vez em uma dúzia de manobras. Nas duas horas seguintes, minha nuvem de felicidade foi impenetrável.

Enquanto guardava meu tambor depois do treino, à medida que consolidava os planos para uma pizza comemorativa com Smith, o peso súbito da presença de Laird atrás de mim, pesada e inconfundível, desviou minha linha de pensamento, e deixei cair minha mochila duas vezes. Meus pulmões lutando para sugar ar suficiente.

— Ela te alcançará em alguns minutos, Smith. Preciso falar com ela sobre o seu tempo durante a primeira música, antes dela sair.

Minha coluna estalou em linha reta, e manchas duplas de fúria escureceram minhas bochechas. Não havia *nada de* errado na minha execução, e ser advertida assim na frente de todos? Ah, nem pensar.

Eu me virei para me defender, mas parei quando vi seus olhos. Tantas coisas cintilaram através das suas íris verdes. Confusão, mágoa, desejo, impaciência. Seus dedos apertaram a bainha da camiseta do Rodner Sharks, que ele colocara de volta, e ele olhou de



relance para o seu telefone, como se estivesse irritado por levar mais de oito minutos para todos guardarem seus equipamentos.

Meu estômago revirou com ondas de seis metros de turbulência quando Charlie, Cade e Smith foram em direção à porta, os últimos a sair.

Fez-se silêncio.

Sem saber onde estávamos em um nível pessoal, desloquei meu peso, e girei uma baqueta na mão direita, deixando a nogueira polida cair entre meus dedos em uma névoa praticada.

Ele deu um passo à frente, diminuindo pela metade a distância entre nós.

— Não teve nada de errado hoje no meu trabalho com as baquetas. — Eu não podia segurar isso por mais tempo.

— Não, não teve.

Sua concordância calma, me fez hesitar, e a baqueta caiu no chão, quando meus dedos perderam o ritmo. Eu me inclinei para pegá-la, e ele gemeu atrás de mim.

— Eu senti sua falta, Reese. — Sua voz estava áspera e profunda, mais calma do que antes. — E quero me desculpar novamente, por ferrar tudo no sábado passado.

Eu me endireitei cautelosamente, sabendo que precisava escolher minhas palavras com cuidado. Ele se moveu de novo, tão perto que eu podia tocá-lo ou ele poderia me tocar, se um de nós estendesse um pouco a mão. — Olha Laird, talvez tenha sido bom estarmos ocupados. Termos sido forçados a desacelerar nos últimos dias. Porque, a maneira como as coisas estavam indo...

Eu parei com o calor ardente do seu olhar, enquanto deslizava pelo meu corpo. Ele gritava o oposto de *devagar*.

— Sim. Sobre isso. — E então, seus lábios cobriram os meus em um ataque faminto, uma mão segurando meu pescoço, enquanto a outra sustentava minhas costas. Eu respondi imediatamente, sem pretensão, sem tentar afastá-lo. Minha boca se agarrou a dele,



enquanto ele me provava com urgência, seus lábios procurando o melhor ângulo para me reivindicar.

Eu suspirei na sua boca, e ele aproveitou rapidamente a oportunidade, sua língua escorregando para duelar quente com a minha. Minhas mãos ainda segurando as baquetas, agarraram o algodão da sua camiseta para me equilibrar, enquanto a força de seu beijo arqueava minhas costas sobre seu braço. Por causa da minha altura, a maioria dos caras no meu passado não conseguia manipular meu corpo com tanta facilidade, mas com Laird, eu me sentia pequena e delicada da melhor maneira possível. Como se não houvesse lugar mais seguro que seus braços, porque ele nunca me deixaria cair. Eu me derreti contra ele, respondendo a cada deslize de seus lábios, cada ataque de sua língua com a minha.

Ele nos moveu mais para dentro da sala, enquanto devorava minha boca, até estarmos escondidos atrás dos grandes armários do chão ao teto no canto do fundo, minhas costas contra a parede fria de blocos de concreto pintada. Sua mão deslizou pela frente do meu pescoço, descendo mais, até que seu polegar brincou com o meu mamilo duro. Eu tremi sob seu toque provocante.

— Diga-me que você não quer isso. — Seu hálito quente se espalhou pela minha bochecha. — Diga-me que seu coração não está batendo tão rápido quanto o meu.

Sua mão se moveu até que a vibração da minha pulsação contra a palma da sua mão fosse inconfundível. Ele puxou um dos meus braços da sua cintura, soltou minhas baquetas, e pressionou minha mão trêmula contra o seu peito, onde seu coração batia no mesmo ritmo rápido que o meu.

— Diga para eu parar, — ele me desafiou.

Não consegui. Eu estava me afogando na incandescência dos seus olhos famintos, no calor do seu abraço, na intensidade das suas palavras contundentes. Ele me enjaulou entre os armários de madeira e a parede incomoda, mas não me senti presa. Eu me senti viva, brilhante, cintilante e pronta, da maneira que só Laird Bronson poderia



despertar. Coloquei minhas mãos no seu peito, e deslizei meus dedos sob a borda da sua camiseta, precisando me firmar na sua solidez.

— Laird, — eu suspirei.

E isso foi tudo que precisou. O nome dele. Seus olhos brilharam, e sua boca capturou a minha em um beijo ardente, enquanto a mão segurando as baquetas abaixou, até que senti a pressão suave da madeira sólida cutucando entre as minhas coxas. Com apenas um short fino, e minha calcinha úmida o bloqueando, o suave atrito que ele começou, enquanto deslizava as baquetas de um lado para o outro, me fez moer contra ele, querendo mais do seu doce tipo de tortura.

— Estou com você, Reese. — Ele falou contra o meu maxilar, sua boca mordiscando um caminho para o meu ouvido, e em seguida para o meu pescoço. Ele beliscou a pele sensível, e eu estremeci, minhas unhas cravando suas costas musculosas. Laird apoiou sua mão livre contra a parede, enquanto a outra continuava o ataque entre as minhas pernas. Ele usou o desnível das cabeças das baquetas para esfregar círculos ao redor do meu clitóris, com uma leveza provocante que me deixou louca. O prazer começou a espiralar lentamente, minha respiração escapando em sopros irregulares enquanto aumentava.

Eu pressionei meu rosto no seu ombro para abafar meu grito suave, enquanto meus quadris balançavam no contraponto aos seus golpes, buscando mais pressão. Uma das minhas mãos mergulhou entre nós, segurando sua dureza através do short de ginástica. Ele latejou quando minha mão percorreu a base do seu pau e apertou.

Dois poderiam jogar este jogo.

Ele rosnou, e chupou a carne macia no lado do meu pescoço, usando a ponta dos dentes para raspar minha pele. A mão que segurava as baquetas se movia mais rápido, mas não muito forte. Eu dobrei meus joelhos, tentando forçar o resultado, e combinei sua técnica, o acariciando rapidamente, mas suavemente.

As baquetas caíram no chão com um ruído surdo no carpete barato, e seus dedos grossos substituíram a madeira sem vida. — Eu adoro quão gananciosa você é. — Seus lábios fizeram cócegas no meu



ouvido, enquanto ele sussurrava as palavras. Deslizei minha mão ao longo do seu antebraço, me deleitando com a forma que seus músculos flexionavam, enquanto ele me tocava. Eu nunca quis que ele parasse de me tocar. Ele me prendeu com sua mão, e moeu o calcanhar da sua palma contra o meu clitóris, encontrando um ritmo que tornava o espiral ainda mais firme, e apertei seu quadril em resposta, enquanto seu nome saia como um apelo dos meus lábios entreabertos.

— Outra coisa. — Seu ritmo aumentou, e um dedo pressionou contra o tecido fino. Eu sabia que ele podia sentir minha umidade através dele. Eu estava encharcada. — Nada melhor do que você dizendo meu nome.

As extremidades da minha visão ficaram embaçadas. Tudo deixou de existir além da sua mão, e a expectativa quente e dolorosa aumentou cada vez mais. Eu estava tão perto. Eu choraminguei, minhas coxas tremulas. Ele se moveu incrivelmente mais rápido, e eu mordi seu ombro, forte o suficiente para que provavelmente deixasse uma marca, mas não me importei. Seus dedos perfeitos acariciavam e torciam, e então ele beliscou meu mamilo, a repentina picada disso me enviando em espiral para minha liberação luminosa, enquanto eu apertava sua mão entre minhas coxas. Meus dedos curvados dentro do meu tênis, e nenhum ar saiu dos meus pulmões, quando um gemido silencioso passou pelos meus lábios inchados. Tremi em seus braços, quando voei até as estrelas e voltei, leve, mas insuportavelmente pesada ao mesmo tempo, enquanto ele me segurava próximo, me apoiando quando minhas pernas ameaçaram ceder.

Nossas respirações quentes se misturaram, sua expiração se tornando minha inspiração e vice-versa. Eu estava tonta com os resquícios do meu orgasmo, quando seu pau pulsou contra a minha mão, me lembrando que ainda o segurava. Retomei meu tormento lento, tremores de prazer deixando meus movimentos ansiosos, mas desconexos. Laird empurrou seus shorts parcialmente para baixo, e mudou minha mão até que envolvesse seu comprimento admirável. Ele era tão grande que meus dedos não fechavam. Eu o bombeei



lentamente, me deleitando com o contraste do aço duro coberto por veludo quente. Com um grunhido áspero, ele envolveu seus dedos ao redor dos meus, até que o segurei mais forte, e então me mostrou como ele gostava, apertado e lento na parte inferior, rápido no topo, às vezes parando para algumas caricias curtas na cabeça, antes de descer novamente. As veias do seu pescoço se destacaram em acentuado relevo, e seus olhos escurecidos semicerraram enquanto observava as nossas mãos.

Mordendo meu lábio, estendi a mão para envolver suas bolas, enquanto trabalhávamos juntos para acariciá-lo. Elas já estavam tensas e preparadas, e sabia que ele estava perto. Eu as rolei na minha mão, e ele amaldiçoou, quando as puxei, satisfação rodando através de mim com sua resposta. Ele apertou minha mão com mais força em torno dele, nossos punhos confusos enquanto o masturbávamos mais rápido.

— Faça de novo. — Ele pressionou beijos aleatórios no meu pescoço. — Porra, Reese, faça aquilo de novo.

Eu fiz, duas vezes. Ele gemeu na primeira vez, e gozou na segunda, seus quadris tremendo com sua liberação, enquanto jorrava sobre nossos dedos unidos. Laird estremeceu, repetindo meu nome num sussurro a cada meia dúzia de golpes necessários para ele terminar.

Foi a coisa mais quente que já vi, seu rosto relaxado de prazer enquanto me via observá-lo. Ele não tentou esconder sua reação, e segurou meu olhar com uma ferocidade silenciosa, como se quisesse ter certeza de que vi exatamente o que fiz com ele, como ele desmoronou por minha causa. Algo dentro de mim brilhou e suspirei, quando ele usou a mão limpa para acariciar minha bochecha e traçar a curva do meu lábio reverentemente. — Reese. Eu... — Ele parou, e o momento aguçou. O aroma almiscarado da nossa excitação, o zumbido do antigo ar condicionado, a quietude dos nossos corpos depois da impetuosa intimidade. Ele baixou a cabeça, e seus lábios encontraram os meus suavemente, como se estivesse agradecendo, por algo que ele não tinha certeza se merecia.



Lágrimas quentes que eu não pude explicar queimaram a parte de trás dos meus olhos, quando ele me soltou, e pisquei rapidamente, abaixando a cabeça para que ele não visse. Sua gentileza no final foi minha ruína.

Ele tirou sua camiseta, e a usou para nos limpar, então me envolveu em seu abraço úmido, salpicando meu rosto com beijos sem rumo, como se ele ainda não estivesse pronto para deixar de me tocar.

— Reese, me perdoe. — Seus lábios roçaram ao longo do meu queixo. — Me perdoe pelo último sábado. — Na minha testa. — Não faça isso. — Na ponta do meu nariz. — Por favor, não me afaste. — No canto da minha boca.

Eu estremeci. Minhas mãos vagavam da cintura às costelas. Eu não conseguia formar palavras.

E então a porta se abriu, e a voz aguda de Marco atravessou a sala. — O que vocês ainda estão fazendo aqui?

Gelo congelou minhas veias, e eu não conseguia me mexer, meus olhos selvagens piscando para os de Laird em pânico. Ele colocou um metro de distância entre nós, mantendo as costas para Marco e parcialmente bloqueando sua visão de mim.

— Ela precisava trabalhar sua postura antes deste fim de semana. Seus ombros estavam caídos e seus braços estavam muito baixos no treino há pouco. — Ele me empurrou totalmente contra a parede, e levantou meus braços paralelos a um tambor imaginário. — São vinte centímetros, Reese, não dez.

Meus olhos se arregalaram com o duplo sentido das suas palavras, e ele piscou para mim. Eu engasguei com a minha próxima respiração.

Marco bufou de desgosto da porta. — Eu te disse que não devíamos tê-la escolhido.

— Não é um problema. — Laird baixou as mãos para os lados, e recuou um passo. Eu me irritei com o insulto, mas mantive minha posição. — Vou obrigá-la a fazer isso sem parar, até saber que ela está certa. Mesmo que leve a noite toda.



Imagens de nós fazendo isso repetidamente a noite toda, passaram pela minha mente. *Até acertarmos.*

— Precisa de ajuda? — A oferta do Marco foi ressentida na melhor das hipóteses, as palavras ácidas enquanto pairavam no ar.

— Não, — Laird respondeu tranquilamente. — Posso lidar com ela.

Querida mãe doce Maria e seu perfeito ventre virgem.

Sim. Ele podia.



19

Laird

— E então, no final do segundo tempo, estávamos perdendo por três para o Estado da Louisiana. Aquela trapalhada na abertura realmente nos custou no primeiro tempo. — Eli seguia cada palavra, enquanto eu contava o jogo da noite de sábado.

— Então, você arrasou no show do intervalo? — Seu sorriso esperançoso ocupou metade do rosto, a outra metade escondida sob um gorro de tricô azul. Rodner University azul com o mascote de tubarão bordado na frente.

— Você sabe isso. — Levantei a mão para dar um soco no seu punho, e fingi que meus dedos estavam doloridos depois que ele me bateu. — Cuidado, cara. Não faça isso ou não poderei tocar neste fim de semana.

— Alguém gravou?

Eu dei um suspiro exagerado, e retirei meu celular do bolso. — Claro. Nosso maior fã precisava ser capaz de assistir.

Eu pressionei a tela para reproduzir o vídeo, apontando que ponto era eu e qual era a Reese. Ela se saiu bem naquela noite, para a grande decepção do Marco. Ela tropeçou um pouco no primeiro rufar, chegando uma batida atrasada, mas foi um salto insignificante, facilmente atribuído à sua primeira vez tocando para um público tão grande. Ninguém teria notado, a menos que a estudasse especificamente no vídeo depois, o que eu fiz só porque não conseguia tirar meus olhos dela. Com sua altura, ela se misturou ao resto da linha, e se não fosse pelo fato de que eu sabia que ela era a segunda da esquerda, provavelmente não teria sido capaz de distingui-la no meio. Seu nível de habilidade mais do que se manteve.



Um pouco de orgulho encheu meu peito, enquanto Eli assistia nosso desempenho, seu nariz a centímetros do meu celular.

Quando a banda marchou em perfeita sincronia saindo do campo para uma cadência da linha da bateria, ele olhou para mim com uma expressão solene. Seus olhos pareciam ainda maiores sem sobrancelhas ou cílios, dominando seu rosto agora que ele não estava mais sorrindo. — Ela se saiu bem, não foi? Rezei para que ela se saísse bem.

Minhas costelas ameaçaram quebrar com meu coração se partindo com força por esse garoto. — Ela foi ótima.

— Quando ela vier amanhã, direi que foi péssima. Que ela precisa trabalhar mais duro. — Um sorriso malicioso curvou o canto da sua boca. — Que até eu poderia ter feito melhor que ela. Não quero que ela tenha um ego grande como você.

Peguei minha mochila, e retirei dois pares de baquetas. — Grandes alegações, carinha. Vamos ver no que você está trabalhando.

Ele segurou as baquetas com habilidade, do jeito que mostrei a ele no passado, mas ele hesitou. — A Amelia também pode tocar com a gente? A última vez que Reese esteve aqui, tivemos uma aula conjunta. Eu acho que Amelia realmente gostou disso.

— Sim, tenho certeza que querer que Amelia seja uma baterista melhor é sua única motivação, — eu o provoquei.

O rubor em seu rosto se espalhou por seu pescoço até desaparecer sob seu avental verde do hospital. — Chupa meu pau, Bronson. — Ele usou a grade de plástico para bater a cadência que estive lhe ensinando nas últimas semanas, sem perder uma única batida. Quando ele terminou, olhou para mim com expectativa.

Eu ignorei seu desempenho. — Você fala assim comigo, e reza a Deus com a mesma boca? — Enquanto eu apreciava sua coragem, um dia ele diria isso à pessoa errada.

— Você fala com Deus com a mesma boca com a qual come boceta?



Merdinha. Agora era eu quem estava corando. — O que você sabe sobre, — eu limpei a garganta, incapaz de dizer a palavra *boceta* para ele, —... garotas?

— O suficiente para saber o que as deixa loucas. — Sua voz era confiante, mas seus olhos vacilaram, mudando de um lado para o outro.

Eu segurei uma risada. Ele não sabia o que diabos estava dizendo.

Minha mente voltou para o sábado. Para o que aconteceu depois do jogo com a Reese, que não compartilhei com ninguém. Nós já tínhamos colocado nosso equipamento no trailer para voltar a East Hall, e eu a puxei de volta para dentro do estádio para um canto escuro longe da segurança, e da equipe de limpeza que estava começando a fazer as rondas pelas arquibancadas.

Eu a puxei contra mim, de costas para a minha frente. Os uniformes de poliéster que usávamos não faziam nada para esconder a doce curva da sua bunda. Nossas jaquetas de estilo militar com metros de detalhes entrelaçados e uma faixa amarela tinham sido abandonadas após o intervalo, a banda permitiu que as camisetas fossem combinadas em deferência ao calor do Alabama. A falta de sol pouco fez para diminuir a temperatura nesta época do ano. Sua camiseta estava solta ao redor dos seus quadris, mas se agarrava à inclinação dos seus seios. O algodão estava ligeiramente úmido pela umidade generalizada.

— Qual foi a sensação? Seu primeiro jogo, o público assistindo e torcendo por você? — Meus dedos deslizaram sob a bainha de sua camiseta, encontrando o cós da sua calça sintética. Ela era unissex, encaixando melhor nos quadris do que na cintura. Eu me aproveitei disso, deixando as pontas dos meus dedos afundarem sob o tecido preto áspero e deslizar ao longo da suavidade do seu estômago.

Ela se engasgou com o contato, se curvando contra mim, e puxando a camiseta sobre meus braços para esconder minhas mãos errantes. — Duvido que fosse eu, a quem eles estavam assistindo. — Sua voz falhou em uma das palavras, quando puxei o cós da sua calcinha.



— Seus pais assistiram? — Nós nunca conversamos sobre a família dela. Mas também, não conversamos sobre a minha. Meu pai não assistiu, isso eu sabia de fato.

— Eles não têm TV a cabo. TV é um grande desperdício de tempo para eles. — Ela não ficou tensa ou enrijeceu nos meus braços, nada para indicar que minha declaração a aborreceu.

— Ainda assim, — insisti no assunto, sem saber por que, eu estava persistido tanto nisso, — para ver sua única filha?

Ela virou a cabeça e franziu o nariz para mim, as sobrancelhas se unindo. — Vou enviar-lhes o link do vídeo no YouTube, se você está tão preocupado.

Puxei minhas mãos, abri o botão, e abaixei o zíper da sua calça. A única coisa que a impedia de cair nos tornozelos, era sua bunda apertada contra mim.

— Laird! O que você está fazendo? — Seu rabo de cavalo fez cócegas no meu queixo, quando ela girou a cabeça para os dois lados, verificando nas imediações a equipe de limpeza mais próxima.

— Marcação.

Suas mãos deslizaram para os meus pulsos, sem me parar, apenas repousando ali.

Eu circulei seu umbigo com o meu dedo do meio. — Eu não tive o suficiente de você no outro dia, antes do Marco nos interromper. — Meu dedo desenhou um arco lento pelo seu estômago até chegar à borda dos seus pelos pubianos. Ela só mantinha uma pequena faixa, bem aparada. Eu gostei. Meu dedo a percorreu lentamente, e gemi, quando ela empurrou sua bunda, minha ereção crescente latejando por trás da sua gaiola de poliéster.

— Meus dedos cheiravam a você a noite toda. — Sua respiração engatou,quando tracei um lado do seu calor escorregadio e depois o outro, mas evitei o centro tentador. — Eles cheiravam a você e eu misturados. Melhor do que sabonete, melhor do que qualquer perfume. — Acariciei sua pele macia, e fui recompensado, quando ela floresceu para mim, inchando ao meu toque.



Ela choramingou, seu domínio em meus pulsos aumentando por um momento.

— Eu queria fazer muito mais. Tirar seu short. Ficar de joelhos. Lambê-la até gritar, e manter sua renda molhada como um souvenir.

Mergulhei, a encontrando molhada, e derretendo por mim. Revesti meu dedo, e espalhei sua umidade, até que seus quadris se contraíram em resposta, quando cheguei ao lugar certo. Meu outro braço cruzou seu abdômen, a mantendo confortável contra mim, até que nem uma décima sexta nota pudesse ter se espremido entre nós.

— O que... — Ela parou, e lambeu os lábios quando sua voz falhou. Ela tentou outra vez. — O que você faria com a minha calcinha?

— Mais tarde naquela noite, depois de deitar na cama, a teria usado enquanto acariciava meu pau. Fingiria que a leve aspereza era suas unhas. Ou seus dentes. Eu me masturbaria no mesmo pedaço de tecido, que esteve pressionado há você o dia inteiro, até eu gozar. — Fiz uma pausa para passar a ponta da língua ao longo do lóbulo da sua orelha, e uma sensação absurda de orgulho inchou meu peito quando sua respiração falhou. — Então, faria tudo de novo.

Ela levantou a pélvis, seu gemido ofegante flutuando numa brisa rara. — É algo que você faz? Roubar lingerie da sua... — Ela não terminou, seja porque não sabia como se rotular - nos rotular - ou porque esse foi o exato momento em que enfiei dois dedos profundamente dentro dela sem aviso.

Seu aperto convulsionou em torno dos meus pulsos.

— Não. Eu não tenho uma gaveta cheia de lingerie na minha casa, se é isso que você está perguntando. — Mas, isso me fez imaginar um lugar para as coisas dela. Talvez, no canto superior direito da minha cômoda. Um lugar onde ela manteria algumas roupas extras para as noites que não iria embora, ficando na minha cama - em meus braços - a noite toda.

Eu construiria uma porra de armário para ela, se fosse isso que ela precisasse.



Derrubaria as árvores, cortaria as tábuas, e montaria a maldita coisa com a porra das mãos.

Um dia, eu acordaria de manhã, e ela seria a primeira coisa que veria. Primeira coisa que tocaria. A primeira coisa que provaria.

Eu torci meus dedos, acrescentando um terceiro. Ela se contorceu, e meu pau saltou, vazando de excitação. — É isso, Reese. Não há nada melhor do que sentir você apertar em volta de mim. Sentindo seu calor, e sabendo que é tudo por mim. — Ela apertou suas coxas, mas eu usei meu pé para afastar suas pernas. Abrindo-a ainda mais ao meu toque. — Eu não vou parar até você gozar. Até os caras no fim do campo ouvir você gritar meu nome.

Meu polegar encontrou seu clitóris, bati em um ritmo muito parecido com o nosso aquecimento. Comecei devagar, com notas semínimas, com uma acentuação na terceira batida, acelerando a cada compasso. Eu a toquei cada vez mais rápido, ouvi sua respiração afinada com o meu toque. Chegamos ao crescendo, pequenos barulhos saindo da sua garganta.

Ela é meu instrumento favorito, que quero dominar.

Mexi no seu clitóris, suas costas arqueando. Ela estava perto. — Você está linda, linda pra caralho assim. — Ela virou o rosto para o meu, os olhos arregalados e desesperados, implorando por liberação naquelas profundezas de chocolate. Suas unhas longas e afiadas cravaram nos meus pulsos, e eu me deliciei com a picadinha de dor. Tudo nela era bem apertado. Eu coloquei meus lábios no seu ouvido. — Respire. Você é toda minha, Reese Holland.

Minha reivindicação a enviou além do limite, e ela bateu seus lábios contra os meus, minha boca capturando seu grito, minha língua a empurrando de volta. Cada estremecimento dela foi uma vitória que eu saboreei, até que ela relaxou totalmente contra mim, repleta de prazer que eu tinha lhe dado.

Eli bufou, me trazendo de volta ao presente, como se já tivesse descoberto todos os segredos que as garotas nos escondem.



A lembrança de Reese me deixou duro e dolorido, me levantei da cama, e caminhei até a janela para me ajustar discretamente.

— Calma aí, campeão. Teremos tempo suficiente para praticar os movimentos avançados quando você ficar mais velho. E se você precisar de alguém com quem conversar, e tiver com vergonha de procurar sua mãe, sempre poderá me perguntar.

Ele engoliu em seco, aqueles grandes olhos encontrado os meus. — Promete?

— Prometo. Código de irmãos e tudo o mais, entende? — Voltei para a cabeceira da sua cama, e encontrei o olhar dele com firmeza.

— Certo. Código de irmãos. — Ele piscou, assentindo com segurança para si mesmo.

Eu bati alguns compassos sozinho na grade da sua cama, e fiz alguns truques com minhas baquetas para distraí-lo. — Vamos buscar a Amelia, e ver suas habilidades sedutoras em ação. Mas hoje, vamos mantê-lo acima da cintura, certo?

— Ei, cara, não posso fazer nada se ela tentar dar uma espiada na minha bunda. Você viu as opções por aqui? Mínimas. — Ele riu. — E esses robes facilitam a exibição do material.

— Ah, Eli. Você tem muito a aprender. — Dei um grande suspiro, como se estivesse decepcionado com ele. — Você não pode simplesmente revelar tudo desse jeito. Você precisa atraí-las, certificar-se que elas ainda estão pensando em você depois que partir. O que é mais interessante? Um presente embrulhado ou um desembrulhado? — Sua testa franziu. Toquei um pouco de bateria enquanto ele pensava sobre isso. — Um *embrulhado*. É o mistério que as mantém acordadas à noite. Seduzir as mulheres com sua bunda magra não é sua melhor ferramenta.

Ele torceu os dedos e esticou o lábio inferior. — Então, qual é a minha melhor ferramenta?

Imediatamente pensei em Reese, em como abordava todas as interações com ela. — Descobrir o que a faz sorrir, então continuar fazendo isso. Lembrar-se que funcionou, e encontrar novas maneiras de



ganhar um. Grandes sorrisos, pequenos, todos os tipos entre eles. Cada um é uma vitória sua. Se ela está sorrindo, você está fazendo algo certo.

— É tão simples assim? — Ele parecia cético.

Eu balancei a cabeça. — É simples assim.

Ele respirou fundo, exalando tudo rapidamente. — Eu posso fazer isso. Amelia sempre sorri comigo.

Meu peito parecia pequeno demais para o meu coração. Esse garoto. Ele era muito parecido com Garrett, e feria e curava algumas das partes minhas enferrujadas e não usadas ao mesmo tempo. Mas, eu não falharia com Eli. Ele cresceria grande, saudável e forte. Faria todas as coisas que Garrett nunca teve a chance de fazer.

— Vamos buscá-la. Eu preciso ver esses seus movimentos em ação.

Nós fizemos. E ele estava certo.

Amelia sorriu para ele o tempo todo.



20

Reese

No sábado, o Rodner Sharks jogaria fora de casa, em Kentucky, um jogo que a banda não viajaria por razões orçamentárias. O que significava, que eu não tinha planos para o sábado que envolviam a faculdade. O que significava que... Laird finalmente cozinharia aqueles bifes para nós na sua casa neste fim de semana. E eu faria uma mala para passar a noite.

Meu estômago vibrou só de pensar, a ansiedade e o nervosismo fora de controle.

Mas antes disso, precisava passar na prova de matemática de amanhã, uma espécie totalmente diferente de ansiedade. Derivados, bem cedinho na manhã de sexta-feira. O sonho de todo calouro da faculdade se tornando realidade.

O resto dos caras iriam comer pizza e cerveja barata depois do treino, que terminamos agora, nesta quinta-feira, mas parti na direção oposta, seguindo a calçada rachada voltando para o meu dormitório, onde resolveria diferenciais durante a madrugada. Pelo menos eles me convidaram, o que foi mais do que eu esperava. Smith pediu que eu me juntasse a eles e Bubba reiterou o pedido. Não é de surpreender que Marco tenha olhado com raiva do meio do grupo, um sorriso presunçoso dividindo seu rosto quando recusei. Eu odiava que isso de alguma forma parecesse uma vitória para ele, nessa batalha entre nós.

E, apesar da minha necessidade fervilhante de derrubar Marco do pedestal sempre que surgisse a oportunidade, os estudos vinham em primeiro lugar, independentemente de quão bom o queijo derretido e cerveja gelada parecessem.

Quando saí do banheiro coletivo no andar do meu dormitório - oito chuveiros para trinta garotas - meu estômago roncou exigindo ser



alimentado. Voltei para o quarto 407, uma toalha barata enrolada como um turbante em volta da minha cabeça e meu pijama grudado na minha pele úmida, fazendo um inventário mental do meu estoque de comida.

Um pouco de pipoca de micro-ondas. Barras de granola da marca do mercado. Algumas maçãs e meio pote de manteiga de amendoim cremosa. Os pacotes de miojo necessários, sabor frango. E três caixas de Coca-Cola Cherry Zero.

Parecia um jantar no MSG[6] com um pouco de cafeína para equilibrar.

Guardei minha nécessaire na prateleira do meu armário, e peguei uma panela para encher com água para o meu macarrão. Só que não fui mais longe do que abrir a porta novamente para ir à cozinha do quarto andar, quando encontrei Laird, meu cavalheiro branco com uma sacola do Sammy cheia no braço, sua mochila pendurada em seus ombros largos.

Eu me atrapalhei para largar a panela e pegar a sacola dele. Cheirava a sanduiche fresco. Meu favorito.

— O que é isso? — Eu inalei, enfiando todo o meu rosto no saco, abrindo e cheirando profundamente.

— Sanduíches de peru e mirtilo. Dois deles. Além disso, batatas fritas e brownies. — Ele se aproximou, seu tênis a centímetros dos meus pés descalços, e arrancou a toalha da minha cabeça. Meu cabelo caiu em tufos molhados em volta dos meus ombros, cobrindo meus olhos e grudando no meu rosto. Balancei a cabeça, tentando limpar minha visão, minhas mãos ocupadas com a tarefa mais importante de segurar o jantar. Dedos ásperos acariciaram minha testa, afastando os fios e os empurrando para trás das minhas orelhas. Seus polegares se demoraram na base da minha cabeça, fazendo pequenos círculos no

---

[6] **Madison Square Garden.** De petiscos tradicionais, como cachorros-quentes e pipoca do **Garden** Market, a mais ofertas fora da **caixa**, como tigelas de arroz teriyaki de frango em Kobeyaki, a **refeições** no nosso Club Bar & Grill, confira nossos destinos de comida rápida que certamente satisfarão **qualquer** desejo.



músculo tenso. Foi preciso toda a minha força de vontade para não ronronar como uma gata e inclinar ao seu toque.

Suspirei. — Laird, obrigada. Mas não posso curtir esta noite. Tenho uma prova importante amanhã...

—... e você precisa estudar. — Ele pegou o saco, indo para a cama vazia, que pertenceria à minha colega de quarto, se ela tivesse aparecido, e afastou de lado a pequena montanha de roupas sujas que eu tinha empilhado lá. — Eu também. Acho que poderíamos fazer isso juntos. Ou, não juntos, mas no mesmo quarto. Você tem matemática amanhã, certo? Eu também tenho minha primeira prova de Anatomia. — Eu parei com a evidência de que ele conhecia tão bem minha agenda, me perguntando se ele sabia quão revelador era esse pequeno fato.

Ele pegou os dois sanduíches enormes, as batatas fritas e os brownies embrulhados no papel manteiga. Ele enfileirou tudo, e colocou dois copos enormes no chão, onde não derramariam. Laird olhou para onde eu estava parada na porta e mergulhou o queixo, dando-me um olhar firme. — Você tem que jantar. E você sabe que prefere esse sanduíche àquele macarrão que estava indo preparar.

Meu estômago me traiu, escolhendo esse momento para roncar concordando, e eu fiz uma careta para o pacote de miojo ainda pendurado frouxamente dos meus dedos.

Ele sorriu, e deu um tapinha no colchão ao lado dele. — Venha comer. Eu prometo que vou me comportar.

Meu olhar duvidoso só o fez rir.

— Vou usar toda essa mesa do outro lado do quarto para estudar. — O papel enrugou quando ele desembrulhou seu sanduíche. — Você nem vai saber que estou aqui.

Eu mudei meu peso de um pé para o outro, e penteei meu cabelo com os dedos, muito consciente do meu rosto sem maquiagem e falta do sutiã. — O que tem no copo? — Eu fiz a pergunta como se o seu destino nesse quarto dependesse da sua resposta.

— Pepsi Wild Cherry.

Eu suspirei, curvando meu lábio com nojo.



Ele deu uma mordida no seu sanduíche, mastigando e engolindo antes de falar novamente, rindo ligeiramente. — Relaxa. É Cherry Coke Zero. Agora traga sua bunda até aqui, e jante antes que esfrie. E de nada, por falar nisso.

A culpa brotou dentro de mim, e corei, chocada com a minha falta de educação. — Obrigada por me trazer o jantar, Laird. — Eu curvei meus ombros enquanto cruzava o quarto, sabendo que não havia nenhuma maneira que eu pudesse colocar um sutiã discretamente. — Pensei que você iria comer pizza com os caras. Pareceu que era para onde todo mundo estava indo.

Ele tomou um longo gole e esperou enquanto eu me sentava do outro lado do colchão duplo extralongo, distribuição padrão da faculdade. — Eu ainda tenho coisas para descobrir sobre você. Coisas que não conseguiria descobrir se eu estivesse lá e você estivesse aqui.

— Como o quê? — Eu afundei meus dentes no pão fresco, e me perguntei momentaneamente se a saliva não era simplesmente o seu paladar ejaculando na presença de comida deliciosa.

Um sorriso surgiu no canto da sua boca enquanto ele me observava comer. — Tipo se você ouve música enquanto estuda ou prefere o silêncio. Se você lê os dados em voz alta para si mesma, como eu faço às vezes. Se você joga seu livro quando fica frustrada. Se você come para aliviar o estresse. Ou se exercita. Ou se masturba. — Um pedaço de alface picada caiu do meu sanduíche, pousando na pele nua da minha panturrilha dobrada ao meu lado. — Pessoalmente, gosto mais da última opção.

Eu mal provei a comida depois que ele começou a falar, o bocado que eu tinha deslizando grosseiramente pela minha garganta antes que meus dentes terminassem de fazer seu trabalho. — Você quer saber um monte de coisas. — A frase soou idiota assim que falei, e fiz uma careta ao pegar o pedaço de alface e colocá-lo de volta na embalagem.

Laird largou o sanduíche e lambeu o polegar. Eu me concentrei na sua boca, naquele pequeno vislumbre da sua língua escorregando. Suas palavras saíram baixas e cuidadosas, mas com



autoridade, do jeito que você se aproximaria de um cachorrinho arisco. — Eu quero saber tudo. — Eu levantei meus olhos da curva cheia de seu lábio inferior e seu olhar me queimou, passando do superficial e escavando as frágeis e escondidas profundezas que eu não permitia que a maioria das pessoas visse. As partes de mim que a maioria das pessoas nunca pensou em procurar.

— Sinto que você está falando sobre mais do que apenas uma sessão de estudo. — Peguei minha bebida e tomei um gole nervoso para manter minhas mãos ocupadas.

Um leve sorriso cruzou seu rosto. — Se isso é um convite, eu aceito.

Foi? Voltei meu foco para o sanduíche, enquanto repassava suas palavras na minha cabeça, precisando da distração de algo simples. A acidez do mirtilo despertava a cremosidade do queijo derretido, e o peru fatiado à mão derretia na minha boca. O pão estava macio e fermentado, ainda quente do forno, o contraste perfeito para a alface fresca e crocante. Sanduíches eram tão subestimados como uma opção de jantar.

Laird tirou a camiseta e deixou-a cair na cama atrás dele, depois abriu o saco de batatas fritas como se nada tivesse acontecido. Abaixei a metade parcialmente comida do meu sanduíche, meus olhos de repente presos em toda a pele em plena exibição. Meus mamilos aumentaram atrás da minha camiseta fina, que tenho certeza tinha um buraco na axila.

— O que você está fazendo? — *Querido destemido Jesus desafiando a gravidade andando sobre a água.*

Ele mastigou uma batata. — Comendo.

— Sem sua camiseta?

— Sim.

— Por quê? — Perguntei ao seu abdômen, incapaz de arrastar minha atenção para cima. Eles pareciam tão firmes quanto a minha pele do tambor. Mais firmes, talvez. Meus dedos coçavam para descobrir.



Ele olhou para trás no algodão descartado. — Porque eu a tirei.

Eu fechei meus olhos por um minuto e tentei encontrar meu equilíbrio perdido. — Sim, mas por que tirá-la?

— Oh. — Ele sorriu. — Porque eu tirei.

Eu queria gritar. Ou beijá-lo. Um desses.

Ele levou uma batata até a minha boca, e eu aceitei automaticamente, minha língua limpando o sal na ponta do seu polegar que permaneceu no meu lábio inferior. Ele tinha um sabor melhor do que qualquer batata.

Seus olhos escureceram com intenções, e eu me afastei, usando meu sanduíche para criar uma barreira entre nós. — Laird, — eu avisei, minha atenção irremediavelmente perdida na flexão e alongamento dos seus músculos quando ele recuou para o seu lado da cama, — eu tenho que estudar hoje à noite.

— Certo. Equações. Mapeando perímetros e encontrando limites. Avise-me se você precisar de alguma ajuda. Caso contrário, eu só estarei aqui. Estudando anatomia. Minha prova é sobre o sistema musculoesquelético. Memorizar os nomes do que forma todas essas curvas e depressões. No fundo, parece que nossos assuntos não são tão diferentes.

Eu quero mapear seu perímetro.

Meus olhos devem ter telegrafado meus pensamentos, porque ele sorriu antes de levantar uma sobrancelha em riste. — Agora, quem está pensando em outras coisas além de estudar?

Eu culpei minha boca seca as batatas fritas. — Da mesma forma. Se precisar de ajuda, me avise.

— Talvez eu aceite isso. Em um sentido estritamente acadêmico, é claro.

— É claro, — eu ecoei fracamente, meus olhos grudados onde seus oblíquos mergulhavam sob o cós do seu short de ginástica. Meus músculos favoritos dele. Os que eu fantasiei em lamber.

Mas, fiel à sua palavra, depois que o jantar acabou, ele se instalou na outra mesa e estudou no seu laptop, me ignorando



completamente. Eu estava dividida entre ficar chateada com ele por ser capaz de me desligar, e agradecida por ele estar me levando a sério quando eu disse que precisava estudar.

A quinze para a meia-noite, eu já tinha solucionado tantos problemas quanto achava que conseguiria lidar sem que meu cérebro se transformasse em papa absoluta.

Eu parei, estiquei meus braços acima da minha cabeça, então caminhei até a cama extra para pegar meu brownie. Eu o guardei como recompensa por terminar.

Laird olhou de relance, uma fome acumulada no seu olhar enquanto varria meu corpo. — Aquela oferta mais cedo sobre me ajudar. Ainda está de pé?

Surpresa, assenti com a boca cheia de chocolate. — Claro, — eu respondi, segurando a mão na frente do meu rosto para esconder o fato de que eu estava falando com a boca cheia.

— Fique aí, — ele ordenou. Pegando seu computador, ele se sentou no colchão atrás de mim, e passou meu cabelo úmido por cima do meu ombro até que o lado do meu pescoço estivesse exposto para ele. Eu estava aninhada entre suas pernas, emoldurada por suas coxas fortes, o calor de seu peito nu aquecendo minhas costas através da minha camiseta. Com um dedo, ele traçou um caminho lento pela curva da minha orelha até o meu ombro. — Os músculos aqui têm nomes terríveis para um lugar tão sexy. — A barba por fazer no seu queixo me pegou de surpresa, quando ele pressionou a boca na minha pele, e eu ri antes que o som se transformasse em um gemido baixo em resposta à sua língua.

Eu esqueci o brownie. Eu esqueci tudo, exceto o que ele estava fazendo comigo naquele instante.

— O esternocleomastóideo e o platisma.

Laird puxou o decote folgado da minha camiseta até deslizar sobre um dos meus ombros. Seus lábios varreram ao longo da carne recém-exposta, e uma faísca percorreu minha espinha enquanto meus braços explodiam em arrepios.



— O deltoide.

Suas mãos fortes massageavam minhas costas, os polegares cavando os teimosos nós ao longo das minhas omoplatas, tensos pelo peso do tambor.

— Então, existem os músculos da articulação rotadora. Supraespinal, infraespinal, subescapular e redondo menor.

Eu choraminguei e inclinei minha cabeça a descansando no seu peito. Suas mãos varreram meu torso, roçando os lados dos meus seios e fazendo meus mamilos brotarem.

— Latissimus dorsi.

Ele viajou de volta pela minha espinha, massageando toda a tensão da semana. Formigamentos se espalharam pelo meu couro cabeludo, a mesma sensação viciante que eu tinha depois que alguém brincava com meu cabelo quando era mais jovem.

— Um trio de músculos aqui, lembrado com o mnemônico[7] "Eu Amo Espinhos". Iliocostal, longissimus e espinalis, do superficial ao profundo.

Laird era minucioso quando estudava. Depois que ele terminou com as minhas costas, ele mal fez uma pausa antes de chegar ao meu pec major e pec menor, suas mãos segurando e massageando meus seios nus sob a minha camiseta. Eu derreti sob seu toque experiente, o calor fervendo entre as minhas coxas. Quando ele rolou meus mamilos doloridos entre os dedos, enquanto meus seios inchavam enchendo suas palmas, um gemido escapou dos meus lábios entreabertos, mas ele não demorou tanto tempo quanto eu gostaria.

Ele continuou sua jornada descendente, suas palmas deslizando pelo meu estômago, e recitou mais nomes, enquanto seus dedos seguiam a curva dos meus quadris.

— O sartório começa aqui, — ele pressionou o polegar logo abaixo do meu quadril, — e envolve a frente da parte interna da coxa antes de

---

[7] Um dispositivo mnemônico, ou dispositivo de memória, é qualquer técnica de aprendizado que auxilia na retenção ou recuperação de informações na memória humana. Um dispositivo como um padrão de letras, ideias ou associações que ajuda a lembrar de algo. Nesse caso seria para lembrar os músculos citados: **I** **L**ove **S**pines, **I**liocostalis, **l**ongissimus e **s**pinalis.



terminar logo abaixo do joelho. — Ele mapeou a distância, seus dedos tão perto da minha calcinha úmida, que prendi a respiração. — É o músculo mais longo do corpo e, porra, se ele também não cobre alguns dos melhores locais.

Laird refez seu caminho, seus dedos empurrando para o lado o meu minúsculo short de dormir, e brincando com a renda na borda do algodão fino entre as minhas pernas.

— Exceto pelo grácil. Esse pode ser o meu favorito. Ele se conecta aqui embaixo — ele desenhou um círculo suave no interior do meu joelho, sua voz mais profunda, mais áspera do que antes, — logo atrás do sartório, mas é um pouco mais direto. Ele corre pela parte interna da coxa até acabar a perna. Um caminho direto para o céu.

Ele demonstrou, e desta vez, não parou até que a palma da sua mão me segurou completamente. Enfiei minhas unhas nas suas coxas duras, e arqueei minhas costas, sem dizer nada e pedindo mais. Um longo dedo traçou minha costura e eu me empurrei contra ele.

— Eu acho que é o meu favorito também, — eu sussurrei irregularmente.

— Acho que preciso estudar esse um pouco mais atentamente. — Seus lábios se fecharam ao redor do lóbulo da minha orelha, e eu estremeci.

— Não quero que você falhe... — minha respiração engatou, quando os polegares dele engancharam no cós do meu short, e o empurrou pelos meus quadris —... nessa prova.

Depois de memorizar o caminho com as mãos, ele escorregou de joelhos no chão e refez os passos com a língua.

E eu perdi a capacidade de pensar completamente.

O calor de sua boca arrancou uma dura expiração da minha garganta, e eu rolei meus quadris em resposta. A mera visão do seu cabelo escuro entre as minhas coxas foi o suficiente para me fazer ofegar. Eu não sei por que, talvez pelas minhas experiências passadas, mas não esperava que um cara como *ele*, que poderia escolher entre as garotas para servi-lo a qualquer momento, colocasse o meu prazer em



primeiro lugar. Mas, porra, aquele brilho escuro nos seus olhos verdes quando me olhava, apagou qualquer dúvida que eu tinha de que ele estava apenas se divertindo. Era o olhar de um cara, que finalmente estava recebendo algo que lhe fora negado por muito tempo. Ousado e ganancioso, mas tingido com certa suavidade que eu nunca tinha visto antes.

Suas mãos se fecharam em volta da minha cintura, me arrastaram para o lado da cama, e colocaram minhas coxas sobre os ombros dele, antes de descer para segurar minha bunda. Não houve tempo para me sentir tímida, envergonhada ou constrangida, porque sua língua varreu tudo, exceto por uma inquietação dolorida.

Ele me lambeu, traçou minha abertura, aprendeu todos os meus segredos mais íntimos. E tudo que eu pude fazer foi agarrar seus cabelos em minhas mãos, e puxá-lo para mais perto, seu nome era o refrão do canto incoerente que murmurei, maldições e apelos formando os versos.

Quando ele chupou meu clitóris, e cantarolou um som primitivo no fundo da sua garganta, me levou ao limite, e minhas coxas se fecharam ao redor dele como uma prensa, meus dedos curvados e tensos. Ele continuou a sucção e os movimentos da sua língua implacáveis enquanto eu pairava naquele local de êxtase ofuscante, suspensa entre o céu e a terra.

Quando meus dedos afrouxaram o aperto em seus fios escuros, ele diminuiu a intensidade, mas não parou. Foi só quando eu disse o seu nome pela terceira vez, que ele levantou a cabeça, seu rosto untado com a minha libertação.

— Laird, — eu repeti, voando em sua direção, até que ele não teve escolha a não ser sentar-se no chão. Eu o segui, montando no seu colo, meu núcleo molhado latejando de novo, enquanto seu pau duro subiu contra mim sob a fina barreira do seu short.

O sorriso satisfeito mal teve tempo de se fixar no seu rosto, antes de eu tomar sua boca em um beijo faminto, agradecendo-lhe sem falar nada. Um dos braços circulou abaixo dos meus quadris, enquanto o



outro se alinhou com minha coluna, sua mão segurando meu pescoço para me inclinar do jeito que ele gostava.

Seu comprimento quente pulsava sob mim, e eu balancei em cima dele, saboreando o gemido profundo que vibrava do seu peito largo. Dobrei meus joelhos em ambos os lados dos seus quadris, então me inclinei para frente no beijo, até que ele caiu no tapete estilo marroquino que eu trouxe de casa.

E uma vez que estava montada nos seus quadris, me afastei e sorri para ele, antes de morder meu lábio. Seus lábios estavam inchados e escuros, suas bochechas coradas, o verde dos seus olhos quase invisíveis sob o olhar encapuzado. Um sentimento de admiração deslizou silenciosamente entre meus batimentos cardíacos. Eu coloquei essa expressão no rosto de Laird. *Eu*. Seus braços lindos estavam relaxados, enquanto suas mãos esfregavam minhas pernas suavemente, em contraste com a tensão de aço em suas coxas, enquanto ele se pressionava contra o calor úmido entre as minhas pernas.

Eu me inclinei e lambi seu pescoço, fechando os olhos quando ele respirou fundo. Meus lábios pressionaram um beijo molhado no ângulo do seu maxilar, enquanto meus dedos seguravam o cós do seu short.

— Minha vez, — eu sussurrei.

E quando seus shorts se foram, e minha língua deslizou sobre a cabeça inchada do seu pau, eu entendi. Com os caras anteriores, os boquetes sempre pareceram mais uma obrigação, realizados sem expectativas, que desejo da minha parte. Mas com Laird, eu entendi o doce poder que vinha de ter um homem na sua boca, sabendo que nesse momento, ele estava completamente à sua mercê.

Saboreei a maneira que Laird se perdeu ao meu toque, e a forma altruísta como ele compartilhou sua rendição. Enquanto eu esvaziava minhas bochechas e o levava mais fundo, minha mão rolava suas bolas simultaneamente, seus dedos traçaram meu maxilar, e puxaram meu cabelo em um rabo de cavalo bagunçado. Sons ásperos de prazer saíam da sua garganta, e ele flexionou os quadris. A pressão das suas mãos



não aumentou, no entanto. Ele me deixou controlar o ritmo e a profundidade.

Eu me lembrei da lição na sala de armazenamento, como ele gostava, e quando mudei de suave e rápido para lento e profundo, fui recompensada com Laird soltando um palavrão, antes de sussurrar o meu nome.

E quando apertei levemente seu saco, e passei meu polegar sobre aquela pele fina logo atrás dele, ele derramou jatos quentes na minha boca, seu aviso sufocado chegando tarde demais para eu fazer qualquer coisa além de engolir. Aquelas íris verdes estavam quase derretidas, enquanto ele observava o movimento da minha garganta, seus dedos apertando meu cabelo úmido.

Com um resmungo impaciente, ele me puxou até o peito, tomando minha boca em um beijo feroz, que me fez pensar em coisas que eu não deveria pensar quando se tratava dele.

— Porra, Reese, — ele murmurou contra meus lábios, suas mãos deslizando para enquadrar meu rosto. — O que eu vou fazer com você?

Eu me perdi no noturno[8] do seu beijo, a maneira interminável em que sua boca se inclinava sobre a minha, nossos corpos emaranhados juntos como um acorde. Eu o beijei até ficar sem fôlego, a resposta à sua pergunta assentando calmamente entre minhas costelas.

Tudo.

[8] Um **noturno** é geralmente uma composição **musical** que é inspirada ou evocativa da noite. Historicamente, **noturno** é um termo muito antigo aplicado a escritórios noturnos e, desde a Idade Média, a divisões na hora canônica de Matins.



21

Reese

Quando saí do Martin Hall depois da prova de matemática, rumo à cafeína desesperadamente necessária, o meu celular vibrou.

Laird: Espero que tudo tenha corrido bem na sua prova. Tenho certeza que você gabaritou. Festa da Bateria hoje à noite. 21h. Obrigatório.

Eu hesitei, sem muita certeza de como responder. A primeira parte era pessoal, mas a segunda parte soou como um trabalho. Também não me passou despercebido, que não me pediu para ir à festa com ele.

Bem, você é quem queria manter isso em segredo em torno da bateria. Provavelmente não era justo da minha parte, ficar brava com o cara por respeitar meus desejos. Mas, mesmo assim…

Pesei minhas opções, finalmente decidindo responder do mesmo modo.

Eu: Eu acho que fui muito bem, obrigada. Boa sorte na sua mais tarde! Vejo você à noite.

Meu polegar pressionou enviar antes que eu pudesse pensar demais.

É só uma mensagem. Só uma mensagem. Apenas um SMS. Eu entoei para mim mesma, enquanto atravessava o pátio. *Com o cara que provavelmente vou dormir amanhã.* Meus pés aceleraram o passo, como se eu pudesse sair do meu nervosismo sobre o nosso primeiro encontro oficial - embora secreto.

Laird: Estou ansioso por isso.

Laird: Mas não tanto quanto para sábado.

Eu sorri, um daqueles sorrisos bobos e idiotas que as garotas burras têm quando caras gostosos flertam com elas. Isso era



péssimo. Tipo, borboletas e arco-íris, e grandes balões de corações. Eu me recusava a me transformar em uma bagunça pegajosa e sem cérebro perto dele. Ele poderia sair com as garotas do prato se ele quisesse isso.

Alguns minutos depois, meu telefone vibrou novamente, enquanto eu contornava a fonte do tubarão, pensando que traria boa sorte se você esfregasse sua barbatana dorsal. Eu dei um tapinha rápido enquanto passava, porque, ei, não custa nada.

Smith: Festa da Bateria esta noite. Já soube? Quer que eu te pegue?

Eu: Acabei de receber uma mensagem. E sim, isso seria ótimo.

Smith: Para que servem os ajudantes?

Eu: Para informação privilegiada, óbvio. Dê uma dica. Você sabe alguma coisa sobre essa festa? Devo estar preparada para alguma coisa?

Houve um longo silêncio, e entrei no centro estudantil, juntando-me a fila da praça de alimentação para tomar um refrigerante. Quanto chegou a minha vez, o cheiro dos enormes rolos de canela me seduziu completamente, e adicionei um ao meu pedido por capricho.

Ele não deveria demorar tanto para responder. Tinha alguma coisa errada.

Eu: Robin?

Smith: Sim, ouvi alguns rumores. Só acho que isso não afetará você.

Eu: Desembucha.

Outra pausa. *Queridos santos arcanjos vingadores com relâmpagos e agendas pessoais.* Quão ruim poderia ser?

Smith: Ouvi dizer que haverá um concurso de medição de pau literalmente. Então, acho que você está salva desta vez.

Eu quase engasguei mordendo o doce, o glacê branco no meu dedo de repente me lembrando de algo muito, muito sujo.



A história de como Laird adquiriu o Oscar, fez minha mente girar. Eu tinha que estar preparada. Precisava de uma maneira de superar seu trote, para ficar no nível dos caras.

Fiz algumas pesquisas rápidas no Google no meu telefone, cruzando os dedos, não estávamos muito fundo no Cinturão da Bíblia[9] para o que eu tinha em mente.

Bingo! Apenas doze minutos do campus. E eu só tinha mais uma aula hoje.

Eu: Você tem razão. Eu vou ficar bem. No entanto, obrigada pelo aviso.

Smith: Entendi o que você quis dizer.

Eu: Não esperava outra coisa, Robin. Há uma razão pela qual você é meu assistente.

Smith: Você sabe disso. Eu vou te ver às 8:45.

Eu: Espere! Você não está esperando que eu seja sua assistente, está?

Smith: Não, acho que posso me virar. Mas como seu assistente, você realmente deveria ter oferecido.

Eu: ...

Smith: Aposto que você teria dito sim se fosse o Laird pedindo.

Smith: Apenas dizendo.

Eu: Cale a boca.

Terminei o meu rolo de canela, tentando realmente não pensar em Smith ou Laird ou nos seus paus, enquanto lambia o requeijão dos meus dedos. Eles não estragariam o meu café da manhã. Não. Não vai acontecer.

OK. Eu menti. Eu pensei no Laird. E no seu pau. *Especialmente* enquanto lambia meus dedos.

---

[9] O Cinturão da Bíblia é uma região informal no sul dos Estados Unidos, na qual o protestantismo evangélico socialmente conservador desempenha um papel importante na sociedade e na política, e a presença de igrejas cristãs em todas as denominações geralmente é superior à média da nação.



***

Smith: Estou aqui embaixo. Você está pronta?

Eu: Preciso de dois minutos.

Ajustei a saia do vestido longo azul safira, checando meu reflexo no espelho. Meu cabelo estava preso casualmente, uma espécie de moicano, de onde o fixei em uma coluna de nós propositadamente bagunçados. Minhas costas estavam quase nuas, exceto por algumas tiras finas segurando o vestido no lugar, e eu estava experimentando aqueles sutiãs que aderiam diretamente à sua pele. Colocá-los não foi ruim, mas eu não estava ansiosa para a remoção deles mais tarde. Sandálias gladiador brancas que mostravam meu esmalte coral completavam o visual.

Por um momento, eu questionei tudo, me perguntando se deveria escolher um jeans e uma camiseta como da última vez.

Mas não, eu poderia fazer isso.

Eu: Ok, estou indo.

Smith: Foi o que ela disse.

Eu: Você vai ficar assim a noite toda?

Smith: Absolutamente.

Revirei os olhos enquanto esperava o elevador. *Ótiiiimoooo.*

Quando saí do dormitório, Smith estava esperando na porta do passageiro da sua caminhonete, sempre um cavalheiro. Exceto que ele assobiou como um lobo, quando pegou minha mão e me girou, para que pudesse me ver de todos os ângulos, efetivamente arruinando a ilusão.

— Eu pareço bem? — Eu estremeci um pouco de quão ansiosa eu soava. — Será que é demais? Parece ridículo?

Prendi a respiração, enquanto ele corria um olhar crítico sobre mim novamente.

Ele estendeu a mão, e esfregou um ponto no canto da minha boca. — Uma pequena mancha na sua maquiagem, mas agora está



corrigida. Você está linda. Você quer enlouquecer o Laird ou irritar Marco, deixando o Laird louco?

Meus lábios se abriram em um sorriso malicioso que não consegui reprimir rápido o suficiente. — Ah, eu definitivamente espero por uma reação esta noite. Só não sei ainda qual será.

Ele me olhou inclinando a cabeça levemente. — Você está planejando alguma coisa. — Seu tom deixou claro que era uma afirmação, não uma pergunta.

Coloquei uma expressão inocente no meu rosto, e ele apontou para mim, acenando com o dedo.

— Não. Não acredito nisso. Nem mesmo por um segundo. Você vai deixar seu ajudante participar, ou devo ser surpreendido também?

— Bem, não seria exatamente uma surpresa se você soubesse o que vai acontecer, agora, seria? — Eu pisquei, então fiquei séria. — Esteja pronto para me ajudar a escapar se tudo der errado.

— Eu te dou cobertura, Batman. Vamos criar alguns problemas. Você sabe que Willa e Amber não vão apreciar o nível de gostosura que você está levando para a festa esta noite.

— Sim, elas vão sobreviver. — Revirei os olhos. — E, elas são favoráveis a Marco. Na verdade, eu adoraria que uma, ou *ambas,* o distraíssem a noite toda.

Smith tinha uma expressão estranha no rosto quando entramos no carro, e ele ligou o motor.

— O quê? Existe mais alguma coisa sobre esta noite que você não está me contando? — Eu perguntei.

— Não. Estou tão curioso quanto você sobre como tudo vai acabar. Sinto que precisamos de uma dessas, como são chamadas? Palavra de segurança? E se um de nós disser ao outro, vamos embora.

Eu pensei por um momento. — Bafo Escroto.

Ele engasgou, enquanto virava à esquerda. — Sério, Reese?

— Nem sequer é uma frase que surgiria em uma conversa. Além disso, se eu precisar sair mais cedo, tenho certeza que será por causa dele. — Dei de ombros.

Estávamos quase chegando. Era fora do campus.

— Bem. Não importa. Se um de nós disser “Bafo Escroto”, nós voamos, sem fazer perguntas.

Dois minutos depois, entramos na sala, o volume dos alto-falantes sem fio estava quase desconfortavelmente alto. Todo mundo já estava em vários estágios de bebedeira, e parecia que uma tocadora de prato já havia se unido a um baterista no canto, sem perder tempo.

A primeira hora correu bem. Cuidei de um copo de suco NAD que foi colocado na minha mão, e fiz questão de ficar no outro lado da sala, de Marco. Charlie, Cade e eu entramos em um debate acalorado sobre a melhor marca de baquetas para comprar. Eu era uma fã da Vic Firth, Cade gostava da ProMark e Zildjian, e Charlie estava convencido de que as baquetas sintéticas da AHEAD iriam eventualmente ganhar uma maior fatia de mercado sobre o estilo tradicional de madeira.

Quando encontrei o caminho da cozinha para pegar um pouco de salgadinho Goldfish[10] para ajudar a absorver um pouco do álcool, Laird me encurralou, procurando em volta por alguns petiscos, enquanto efetivamente me prendia contra o balcão no processo.

— Eu nunca vi você em um vestido, — ele murmurou contra o meu ouvido, sua barba roçando a pele sensível no meu pescoço, e enviando um arrepio através de mim.

— Você teria, — retornei suavemente, — se estivesse na sua casa no outro final de semana quando apareci.

Ele afastou a cabeça para trás, mas não os braços. — Justo. — Seu olhar desceu pelo meu corpo antes de começar uma lenta jornada de volta, sua atenção se demorando nos meus seios. — Eu te vi mais cedo por trás e quase não a reconheci. Você não está usando sutiã,

---

10 



está? Nesse vestido? Eu não vou mentir, está me deixando louco. Por um lado, adoro a ideia de que seus seios estão bem ali, logo abaixo dessa pequena camada de tecido. Por outro lado, não quero mais ninguém além de mim apreciando a vista.

— Você acha que eu vesti isso para você? — Eu belisquei seu antebraço, enviando-lhe um sinal sutil, que ele precisava recuar para evitar que isso parecesse muito suspeito na frente de todos os outros. Ele a contragosto colocou trinta centímetros de linóleo entre nós, decepção clara em seus olhos. — Talvez eu tenha me cansado de usar calças?

— Você nunca mais precisará usar calças perto de mim, se não quiser. — Sua voz era apenas alta o suficiente para eu ouvi-lo, mas não tinha como perder o calor em seus olhos verdes.

— Isso significa que você quer que eu use um vestido amanhã também?

— Eu não me importo com o que você veste, desde que inclua a calcinha de renda da outra noite. Eu tenho planos para ela.

Eu fiquei tão rosa quanto o ponche no meu copo.

— Verei o que posso fazer.

Ele xingou baixinho. — Mal posso esperar para ver o que você fará amanhã, Reese. Não vejo a hora. — Com um último olhar ardente, ele pegou uma cerveja da geladeira no chão, e foi até Bubba e alguns dos bateristas.

Eu retornei, passando por um grupo de tocadores de pratos, se esfregando uns nos outros para encontrar Smith novamente, quando Marco soltou um daqueles assobios penetrantes, que achei que só treinadores de educação física em shorts minúsculos sabiam como fazer. Eu ainda estava encolhia, quando dei os últimos doze passos para ficar com Smith e Justin. Justin acabou sendo um suplente para uma vaga no campo, ou seja, se alguém não pudesse se apresentar por qualquer razão, ele entraria em cena. Acho que ele secretamente esperava que alguém se embriagasse e quebrasse um tornozelo ou algo



assim. Ele estava buscando bebidas como se estivesse se formando em bartender em vez de química.

— Todas os bateristas, ouçam! — Marco fez um sinal para que a música fosse cortada. — Está na hora de... ei! Eu estou falando!

Apesar do assobio penetrante no tímpano, do sistema de som repentinamente silencioso, e de suas repetidas exigências, as pessoas o ignoravam, continuando suas conversas.

Laird entrou em ação, e bateu a mão em uma mesa de console de madeira, e parou. Cabeças giraram, e as conversas se dissiparam quando perceberam quem era.

Na sua voz normal, ele disse: — Boa noite! Tivemos um ótimo primeiro jogo na semana passada. — Ele sorriu, enquanto gritos e aplausos enchiam a sala. Eu me perguntei brevemente quem morava no apartamento debaixo, se haviam saído essa noite ou foram pagos para ignorar o barulho que estávamos fazendo.

— Agora, sei que todos estão esperando por este momento. Hora de ficar excitado e, ser medido contra seus colegas bateristas. A quem devemos pedir para fazer as honras esta noite? — Laird olhou ao redor da sala. Willa e Amber estavam com os braços no ar, ambas acenando freneticamente para chamar sua atenção.

— Marco? — Laird jogou um osso para ele. — Você quer escolher?

Amber, que flertava descaradamente com Topher mais cedo, agitou seus cílios postiços para Marco. Ele laçou um olhar mordaz para ela, e se virou para Willa, o sorriso mais doce que eu já vi dele curvando seus lábios. — Bem, tradicionalmente, a mulher mais bonita de toda bateria é escolhida. Então, acho que a escolha óbvia aqui é a Willa, certo, Laird?

Inteligente. Ele estava esnobando Amber e provocando Laird, tudo de uma só vez, e o sorriso que ele usava dizia que estava bem ciente disso.

Laird nem sequer vacilou. — Eu tenho que deixar o Marco ganhar alguma coisa esta noite, então é a Willa!



Risadinhas vieram de um canto da sala onde o Beer Pong[11] estava montado, e Marco olhou para eles, até que ficaram em silêncio.

— Tudo bem, bateristas, na frente e no centro! — Laird colocou a bebida para baixo, e esfregou as palmas das mãos, como se estivesse ansioso pela competição. Ele provavelmente achava que tinha a vitória nas mãos. Que, para ser justa, ele poderia. Laird de longe tinha o maior pau que eu já tinha visto com meus próprios olhos.

Smith me entregou seu copo. — Pode segurar isso para mim?

Peguei sua bebida, enquanto ele navegava para o meio da sala, segui atrás dele, assim eu teria uma boa visão.

Todos os tocadores de tambores estavam dispostos em uma linha aleatória, exceto eu. Ninguém pareceu notar ou se importar com o fato de eu não fazer parte do grupo, mas deixei passar.

Willa, com um sorriso de merda estendendo seu rosto, jogou o cabelo loiro platinado por cima do ombro, e se aproximou de Bubba, fazendo uma encenação sobre sentir seu pau. Ela franziu o rosto como se estivesse se concentrando, enquanto deslizava a mão para cima e para baixo no zíper da calça jeans, antes de passar para Van e repetir o movimento. Enquanto ela tateava cada um, ela os arrumou em ordem, às vezes parando para verificar sua colocação com uma repetição da performance.

Ela estava quase terminando.

Topher, apesar de ser um dos caras mais altos na linha da bateria, aparentemente tinha a menor baqueta na sua cueca. Pobre coitado.

Talvez ele seja um produtor, não um exibicionista, porque ele não parece tão preocupado.

No outro extremo da hierarquia estava Marco.

Laird, que estava rindo e brincando o tempo todo, era o próximo. Quando Willa se aproximou, seus olhos voaram para os meus, arregalados de pânico, como se ele tivesse acabado de perceber que eu

---

[11] Beer pong, também conhecido como Beirute, é um jogo de bebida em que os jogadores jogam uma bola de pingue-pongue sobre uma mesa com a intenção de pousar a bola em um copo de cerveja do outro lado.



teria que vê-la acariciá-lo como parte de todo esse evento. Quando Willa deslizou para a posição ao lado dele, ele deu meio passo para trás, uma sobrancelha erguida, enquanto ele mantinha o olhar em mim.

Ele está pedindo permissão. Levei um segundo para interpretar suas ações, mas assim que o fiz, dei-lhe uma piscadela para que ele soubesse que estava tudo bem.

Não estava tudo bem. Nem um pouco. O ciúme ferveu, quente e raivoso no meu estomago, enquanto enrolei minhas mãos em punhos, minhas unhas cravando nas minhas palmas, enquanto me forçava a ficar parada, para não me lançar nela como uma psicopata, e arrancar seu braço da calça dele, ela estava demorando muito. A única coisa que me manteve parada era o fato de que o foco de Laird nunca se desviou de mim. Ele sustentou meu olhar o tempo todo, como se tentasse me tranquilizar da única maneira que podia, de que eu era a única pessoa em quem ele estava pensando naquele momento.

Mas quando ela deslocou sua mão mais para baixo, para segurar suas bolas, eu estava a uma fração de segundo de explodir.

Não, ela não fez isso, porra...

Laird tossiu, dando um passo para trás, e se afastando enquanto cobria a boca.

Parei de respirar, esperando para ver se ela o apalparia novamente.

Vá em frente, cadela, eu te desafio.

Mas, em vez de agarrar a virilha dele, ela o segurou pelo cotovelo, e o colocou no lugar, na frente de Marco, no início da fila.

Exalei em um aliviado sopro, forçando meu maxilar a relaxar. Os olhos de Laird estavam suaves com desculpas e, lhe dei um sorriso vacilante para que ele soubesse que eu entendia.

A única pessoa que faltava medir era o Smith.

Willa passou a mão na sua virilha, parando enquanto seus olhos se arregalaram e sua boca abriu parcialmente, depois fechou novamente. Ela olhou da sua virilha para o rubor no seu rosto



bronzeado, e voltou para sua virilha, então, fingiu se abanar, antes de colocá-lo diretamente à frente de Laird.

Smith encontrou meu olhar surpreso com um sorriso tímido, curvado ao lado de Laird. Tive dúvidas, se ele estava tentando se afundar no chão ou parecer indiferente.

Willa se virou para nós. — E o baterista mais bem dotado *deste* ano...

Limpando minha garganta, dei um passo à frente, interrompendo seu pequeno discurso.

— Eu acho que você se esqueceu de mim.

Willa franziu o nariz. — Você?

— Eu também sou uma baterista, certo? Nenhum tratamento especial? Você não deve verificar o tamanho das minhas bolas? Só para ser justa?

Ela olhou para o Marco e Laird. Marco balançava a cabeça como um boneco raivoso, se aproximando ansioso. Laird tinha um brilho suspeito nos seus olhos verdes, quando encontrou meu olhar por um rápido segundo, antes de eu me concentrar em Willa novamente.

Praticamente salivando, Marco saiu da fila para ficar ao lado da Willa, claramente não querendo perder um segundo de alguma ação ao vivo de garota com garota. — Reese está certa pela primeira vez. Você precisa esfregá-la também, Willa. Faça devagar. — Ele lambeu os lábios. — Bem devagar.

Abrindo minhas pernas levemente, prendi a respiração, quando Willa se aproximou de mim. Ela estendeu a mão cautelosamente, quase como se estivesse preocupada que eu tivesse piolhos e fosse contagiosa.

— Caramba, Willa, até parece que você nunca tocou uma vagina antes. — Peguei seu pulso na minha mão, a puxando para frente, e colocando a palma da sua mão ousadamente no ápice das minhas coxas. — Você é dona de uma, e se ainda não explorou ai embaixo, vou te dizer, você está perdendo uma coisa boa.

Marco gemeu, e vários outros caras fizeram ruídos semelhantes.

Isso era fácil demais.



Esfreguei sua mão na parte interna da minha coxa esquerda, observando sua expressão atentamente. Não tinha como ela não notar.

Seus dedos se fecharam em mim, através do tecido macio do meu vestido longo, acariciando o comprimento do vibrador gigantesco que coloquei em uma cinta modeladora antes de sair do meu dormitório.

A boca da Willa se abriu, seus olhos se arregalaram primeiro em choque, depois estreitando em confusão, quando seus dedos refizeram seu caminho. — Mas o que... — Ela sussurrou.

— E como sou em comparação? — Eu usei minha voz mais inocente.

Ela ficou olhando para mim, e eu arrastei a palma da sua mão ao longo do comprimento do silicone uma última vez, pressionando firmemente.

— Você... você venceu. — Ela puxou a mão para trás como se tivesse sido queimada. — Reese tem o maior pau que qualquer um de vocês.

As pessoas mais próximas a mim recuaram como se eu estivesse em chamas, e não tinham intenção de ajudar a apagá-las, a perplexidade contorcendo seus rostos.

Marco rosnou, e meio que a empurrou para fora do caminho, passando a mão entre as minhas coxas e me segurando grosseiramente.

E então, o sangue deixou seu rosto quando seus dedos encontraram o comprimento firme, que ele não esperava encontrar ali.

— Que porra é essa? — Depois de puxar o braço para trás, Marco se abaixou, pegou a bainha do meu vestido, e a agrupou no seu punho gigante até que fui exposta da cintura para baixo.

A cabeça do meu recém-adquirido pau preto gigantesco se destacava sob a bainha inferior do meu modelador no meio da coxa.

No meu subconsciente, registrei que uma galera se aproximou de nós quando ele levantou meu vestido, todos ansiosos por um show gratuito. Gargalhadas encheram a sala, alguns deles apontando. Suas expressões variavam de hilaridade, admiração e respeito dos caras ao desgosto e perplexidade das meninas.



Com exceção de Willa, que parecia aliviada por ser um brinquedo sexual e não um pau de verdade.

— Ainda quer me dar aquela aula particular, Marco? — Eu pisquei para ele.

E então, ele cambaleou para trás, tirado do caminho por Laird, enquanto ele arrancava o vestido da mão de Marco, me cobrindo, em seguida, me colocando atrás dele, e me protegendo da visão de Marco com suas costas largas.

— Você não toca nela. Jamais. — Laird fervilhava enquanto gritava cada palavra, a fúria do seu olhar suficiente para derreter as calotas polares. — Você não toca em *nenhuma* mulher assim. — Ele se virou para estender a advertência para o resto da linha da bateria, encarando cada um deles. — Como se tivesse o direito de simplesmente chegar entre as pernas dela sem permissão. Eu não me importo se ela tem a boceta mais doce conhecida pelo homem ou o maior e mais negro pau para agraciar este planeta, você *pede*. Você pede autorização. *Sempre*.

Se meu pau fosse real, teria tido a ereção mais épica da minha vida. Criando um obelisco do caralho. Laird Bronson nunca esteve mais sexy do que nesse momento, um gladiador entre os meros mortais, estabelecendo a lei.

Laird deu uma volta completa, olhando para todos os caras na sala. — Será que me fiz claro como a porra de um cristal sobre como essa bateria funciona? — Ele não levantou a voz quando disse isso.

Ele sussurrou.

E seu aviso foi ainda mais arrepiante por causa disso.

Mas depois, quando Marco me chamou a atenção, e vi a rigidez da sua postura e o ódio sombrio apertando sua boca, lamentei minha decisão. Apesar da minha vitória momentânea, tive a sensação de que pagaria dez vezes, por essa minha pequena brincadeira. Um arrepio de mau pressentimento percorreu minha espinha.

Eu encontrei Smith no meio da multidão, Amber perto de abordá-lo, depois de descobrir o tamanho do seu pau, olhei nos olhos dele, e



disse as duas palavras que achei que seriam desnecessárias esta noite. — Bafo Escroto.



22

Laird

Onde ela está?

Um minuto atrás, ela estava bem atrás de mim, tão perto que eu podia sentir sua respiração irregular nas minhas costas. Mas quando parei de olhar para Marco e outros dois idiotas - malditos baixistas - que pareciam pensar que minha explosão era apenas para impressionar, e eu não estava sendo a porra de cem por cento sério, ela tinha ido embora.

Eu empurrei através da multidão que ainda estava empolgada com a proeza ultrajante da Reese. Nem na cozinha, nem na pequena varanda, e nem no quarto ou no banheiro interligado.

Passei as mãos pelos meus cabelos, antes de segurar a parte de trás do meu pescoço em frustração.

Para onde diabos ela foi?

Fiz mais uma varredura, confirmando onde Marco estava - enfiando sua língua na garganta de uma garota - e confirmei que Reese não estava perto dele.

Meu sangue ficou quente, depois frio.

A imagem dos dedos de Marco se enroscando ao redor da cintura de Reese enquanto segurava seu vestido, mostrando totalmente sua parte inferior para toda a linha de bateria, tocou em tecnicolor dentro da minha cabeça.

Em loop.

Eu queria urrar, envolver meus dedos ao redor do seu pescoço magro, e apertá-lo até que ficasse roxo, socar meu punho através da parede frágil deste apartamento de merda.

Mas, sobretudo, eu queria ter certeza de que Reese estava bem, e não poderia fazer isso se não *conseguisse encontrá-la.*



Meu telefone vibrou no bolso de trás do meu jeans. A caixa plástica corria um sério risco de quebrar quando a esmaguei na minha mão, digitando a senha violentamente.

Reese: Eu parti. Sinto muito, por não ter me despedido, mas não consegui ficar mais tempo.

Ela está a salvo. Graças a Deus, ela está segura.

Mas meu alívio durou pouco, pois as mensagens continuaram a chegar em rápida sucessão.

Reese: Eu não deveria ter feito isso.

Reese: Talvez amanhã à noite seja uma má ideia.

Eu parei, mil negações querendo rasgar minha garganta.

Meus dedos tremiam enquanto digitava uma resposta.

Eu: Por minha causa? Ou por causa de alguns babacas da bateria?

Houve uma longa pausa e meu coração esmoreceu, batendo em trigêmeos em vez de semínimas.

Aqueles três pontos cinzentos apareceram, dizendo que ela estava respondendo. Então pararam.

Saí do apartamento, sem falar com uma alma, indiferente quando passei por um grupo de caras perto da porta da frente.

Meus pulmões respiravam com mais facilidade só de sair daquele lugar, mas minhas pernas falharam, e eu afundei nos degraus, concentrado naqueles pontos cinzentos que estavam piscando novamente.

Reese: Você é o capitão. Eu sou a garota tentando se encaixar onde não sou bem-vinda.

Reese: Como você pode não ver que isto é má ideia?

Não comigo. Nem por mim.

A tensão ao redor do meu peito se afrouxou. Isso era um erro, uma interceptação. Mas eu não estava fora do jogo ainda.

Eu: Você é a melhor ideia que tive o ano todo. E se você aparecer amanhã, eu provarei.



Eu hesitei. Eu não podia forçá-la a ir - não queria forçá-la a fazer nada. Eu a queria por vontade própria, esse turbilhão de mulher que estava me deixando louco desde o momento em que pus os olhos nela.

Meus dedos se contraíram no telefone, uma melodia se desenrolando na minha cabeça. A música que só ouvia quando pensava em Reese.

Eu: Você realmente vai deixar Marco e alguns idiotas com quem você nem se importa te parar? Você vai deixá-los vencer?

Fiquei sentado ali por mais uma hora, até minha bunda ficar dormente na beira do degrau, e os primeiros convidados bêbados começaram a tropeçar para casa, passando por mim enquanto saíam.

E quanto mais eu esperava, com meu telefone silencioso na mão, mais calmo eu ficava.

Ela não respondeu com outra desculpa. Não havia listado uma ladainha de frágeis motivos para cancelar. Não inventou uma amiga com uma emergência familiar que precisava resgatar no último minuto.

Não, se eu conhecia minha garota, ela estava furiosa do outro lado, porque *ninguém* a impedia de fazer o que queria. Não o câncer. Nem cento e dezoito anos de tradição na linha da bateria. Definitivamente nem um filho da puta inseguro que achava insuportável não ser o centro das atenções.

E, se eu estivesse certo, Reese Holland me queria tanto quanto eu a queria.

***

Ela virá.

Devolvi o aspirador para o canto do armário da frente, depois de ter feito uma última passada na batalha sem fim contra a queda de pelos de Oscar.

Ela virá.



A salada já estava pronta e na geladeira, a clássica Caesar com torradas caseiros que fiz seguindo as instruções de um vídeo no YouTube, porque ela valia a pena o esforço extra.

Ela virá.

Bifes de um açougue local, não simplesmente da seção refrigerada do Publix na esquina, estavam marinados, prontos para serem jogados na grelha.

Ela virá.

Os espargos envolvidos com grossas fatias de bacon picante, estavam prontos para serem embrulhados no papel alumínio que suportava o fogo.

Ela virá.

Todo o apartamento cheirava a batata doce que estava assando no forno durante a última hora.

Ela virá.

Tomei o banho mais rápido conhecido pelo homem, me certificando de que minhas axilas e meu pau estavam limpos e correndo através do resto. Eu não fiz a barba. Ela gostava da barba por fazer.

Ela virá.

Abri uma cerveja, precisando fazer alguma coisa com as mãos, precisando fazer *qualquer coisa* para me distrair do fato de ela estar quinze minutos atrasada.

Ela virá.

Talvez deva me trocar? Eu olhei para a minha camiseta, uma cinza suave que tinha um esboço do Alabama no peito e escrito *Homegrown* em letras grossas abaixo dele. Não era chique, mas se ela viesse esta noite, não seria pelo que eu estaria ou não vestindo.

Seria porque ela não podia mais negar a química entre nós.

Ela virá.

Oscar me trouxe sua bola de tênis favorita, erguendo as sobrancelhas com expectativa. Joguei vinte e sete vezes antes da campainha tocar.

Ela veio.





23

Reese

A porta se abriu. O perfume de Laird chegou primeiro até mim, sabonete e más ideias e contos de fadas, tudo misturado em uma nuvem de feromônio que não tinha forças para resistir.

— Eu não deveria estar aqui. — Minha voz soou fraca e um pouco defensiva, enquanto olhava para seu pescoço, seu queixo, seu nariz - em qualquer lugar, exceto seus olhos verdes de criptonita.

— Errado. É exatamente onde você deveria estar.

Sua mão se fechou ao redor do meu pulso, e ele me tirou do calor infinito do Alabama para o frescor da sua casa, então me encostou contra a parede. Antes que eu pudesse protestar, antes que pudesse respirar, sua boca estava na minha, desesperada, faminta e muito quente. O pensamento racional fugiu da minha mente. Meus joelhos cederam, e eu segurei na sua camiseta, deixando seu braço em volta das minhas costas suportar meu peso.

— Bem aqui. Comigo. Nos meus braços. — As palavras roucas me atingiram como balas.

Sua língua lambeu a emenda dos meus lábios, em seguida, mergulhou. Um ruído ganancioso saiu da minha garganta. Eu nunca me cansava do jeito que ele provava, da maneira como minha pele parecia zumbir sempre que ele me tocava. Seu outro braço caiu na minha coxa, puxando minha perna para envolver sua cintura, enquanto ele arqueava minhas costas. Essa sua boca suja não era a única coisa pressionando contra mim.

Coloquei meus braços nos seus ombros largos, sentindo seus músculos enrijecerem sob minhas mãos. Minhas unhas arranharam ao longo do seu couro cabeludo, e seu gemido em resposta me fez tremer de desejo.



Não houve faísca, nem acúmulo lento. Foi um inferno instantâneo de necessidade.

— Laird. — Eu esfreguei minha bochecha contra sua barba por fazer, então, inclinei minha cabeça para o lado enquanto ele arrastava beijos pelo meu pescoço. — É melhor não.

Foi minha última tentativa com lógica, com um raciocínio sensato, apesar de ter sido meio idiota, na melhor das hipóteses, considerando que minhas palavras saíram mais como um gemido.

— Quem disse isso? — Seus olhos se fixaram nos meus, me prendendo no seu calor frustrado. — Você? Você quer isso. Eu posso sentir o quanto você quer. Seus mamilos já estão duros e implorando, sua boca está inchada e fazendo beicinho, e não tenho dúvida, que se eu tocasse entre suas coxas doces agora mesmo, você estaria molhada e pronta.

Ele balançou os quadris, seu comprimento duro óbvio atrás do zíper. — Isso é só o começo do que você faz comigo, Reese.

Laird traçou os dedos ao longo do meu rosto, esfregando o vinco entre as minhas sobrancelhas com o polegar. — Diga-me que você não quer estar aqui.

Antes que eu pudesse abrir a boca, ele me parou com um grunhido, e um forte aceno da sua cabeça. — Não. Não se você *acha* que deveria estar aqui, me diga que não *quer* estar aqui. Que você não quer que eu prepare o seu jantar, e diga como você é linda e a beije até que seja beijada de todas as maneiras possíveis.

Mordi o lábio, incapaz de mentir para ele, segurando meu olhar assim, espremendo a verdade de mim, se eu quisesse dar a ele ou não.

— Você nem sequer teve tempo para ver o que estou vestindo, — apontei com uma risada suave.

— Não importa. — Seus olhos nunca vacilaram dos meus. — Você é linda em tudo.

Ele soltou minha coxa, deixando-a cair até que eu ficar sobre meus próprios pés novamente, ainda que um pouco trêmula.



— Além disso, — ele pressionou a testa na minha, — Oscar sentiu sua falta. E não há nada pior do que uma salsicha triste.

Finalmente registrei o "Salsicha" em êxtase, tecendo em volta dos nossos pés e dando cabeçadas em nossas panturrilhas, uma amada bola de tênis presa na sua boca. Eu me agachei para esfregar suas orelhas macias, e ele caiu de lado em rendição descarada.

— Porra, Oscar. Você não tem que ser tão *pau mandado*. Você poderia fazê-la trabalhar um pouco por isso. — Laird observou seu cão fungar de felicidade, o rabo batendo em um borrão de oitavas notas. — Vou deixar vocês dois com sua pequena reunião, enquanto jogo os bifes na grelha. Qual o ponto da carne que você gosta, Reese?

— Faça o meu como o seu. Não costumo comer bife com tanta frequência, então vou confiar na sua decisão.

Ele parou na esquina da cozinha, as sobrancelhas franzidas. — Por que não?

— Por que não o quê?

— Por que você não come bife com tanta frequência? Bife é incrível.

Porra. Eu e minha boca grande. Dei-lhe um encolher de ombros, que esperava passar por indiferente. — Meus pais não me deixavam comer muita carne vermelha. Você sabe, os radicais livres e outras coisas... — Minha voz sumiu de vergonha. Maldito câncer. Malditos pais superprotetores. Um bife não ia me matar, não importa o artigo psicótico que eles leram.

Laird pareceu atingido.

— Não! — Eu me apressei em tranquilizá-lo, para não ser *aquela* garota. Aquela para quem ele olha de maneira diferente - trata de forma diferente - por causa da porra de algumas células estúpidas que outrora causaram estragos no meu corpo. Elas se foram. Há anos. Eu estava a salvo. *Saudável.* Forte.

Normal.

E, se ele vestisse as luvas de pelica que meus pais usavam em volta de mim, isso acabaria antes mesmo de começar.



— Laird, está tudo bem. — Eu me levantei da minha posição no chão, indo para o seu lado, e apertando o braço dele. O músculo sob minha mão estava duro como uma rocha. — Meus pais… olha, meus pais eram superprotetores malucos. Mas estou em remissão há uma década. Uma *década*. Eu posso comer bife. Eu posso marchar na bateria. — Eu ofereci a ele um sorriso malicioso. — Posso até mesmo fazer sexo safado, batendo nas paredes, com um cara gostoso se eu quiser. Estou *bem*.

Ele engoliu em seco, seus olhos analisando cada centímetro do meu rosto. Lentamente, em pequenos graus, seu antebraço relaxou, e ele estendeu a mão para puxar uma mecha de cabelo rebelde.

— Que tal isso? Sem falar de câncer esta noite. Nada. Nem da sua história ou da minha. Nós nem vamos falar sobre o hospital. Eli, Amelia, nada disso. — Ele passou os braços em volta da minha cintura e puxou meus quadris para os dele. — Esta noite, vamos comer um maldito bife incrível – ao ponto, porque essa é a única maneira de comê-lo - e falar sobre coisas felizes. Então talvez depois, possamos retomar sua afirmação sobre bater nas paredes.

Eu sorri para ele. — Parece perfeito.

E foi.

Com uma salada com as melhores torradas que já provei, contei-lhe sobre minha infância, quando explorei as montanhas Apalaches, subi em cada árvore que consegui e nadei no Rio Monongahela, perseguindo peixinhos e gansos canadenses enquanto migravam para o sul, e como fiz as maiores tortas de lama em três cidades diferentes.

Enquanto comíamos filés tão tenros que mal precisávamos de facas, e batatas doces se afogando na manteiga, açúcar mascavo e canela, ele me contou sobre os torneios de Mario Kart com Garrett, a construção de impérios de Lego e o balanço de pneus em seu quintal, de onde Garrett caiu quando tinha quatro anos porque Laird o havia empurrado muito alto, e ele ficou com medo. Garrett tinha quebrado o braço, e Laird se sentiu tão mal, que encontrou a colina mais íngreme do bairro, a três ruas de onde eles moravam, e desceu com sua bicicleta



o mais rápido que pôde - então, propositadamente, colidiu na cerca dos fundos dos Morrisons, fraturando o cotovelo e quebrando dois dedos. Eles tiveram gessos azuis brilhantes iguais o verão inteiro.

— Está vendo aqui? — Laird levantou a mão e apontou para o dedo mindinho, que estava um pouco torto na articulação. — Uma pequena lembrança daquele dia.

Eu peguei sua mão e dei um beijo no ferimento antigo. — Pronto. Está curado.

Seus olhos escureceram, misturados com desejo e algo mais profundo que eu não estava pronta para analisar.

Desviei do seu olhar, tomei um gole de água, e tracei um desenho na condensação na lateral do copo.

Ele pegou o último pedaço de bife do seu prato e o levou na minha boca.

Separei meus lábios obedientemente, o deixando me alimentar, o deixando realizar uma das minhas necessidades mais básicas. Não parecia humilhante ou depreciativo, como quando meus pais controlavam minha vida. Em vez disso, eu me sentia querida, protegida, cuidada como se ele estivesse honrado em fazer isso, não porque eu fosse frágil e delicada.

Eu engoli, então limpei minha boca com o meu guardanapo.

— Eu estou usando, — deixei escapar, sem sutileza, sem deixa. — Como você pediu.

— Usando o quê? — Seus olhos se uniram um pouco em confusão.

Eu esfreguei minhas mãos úmidas nas minhas coxas. — A calcinha de renda preta.



24

Laird

Preta.

Renda

Calcinha.

Num instante – por meio de três palavrinhas - todo o sangue do meu corpo correu para a minha virilha. Passei meus olhos por ela, deixando sua roupa finalmente registrar na minha mente lenta. Bermuda rosa brilhante destacavam suas pernas bronzeadas e intermináveis, e praticamente gritavam para eu notar sua bunda. Uma blusa branca leve com um decote enorme, correndo o risco de escorregar de um ombro perfeito, a alça de um sutiã preto correspondente visível abaixo.

E então, com o tipo de velocidade que Usain Bolt se orgulharia, peguei nossos pratos e os depositei na pia – em segurança fora do alcance do Oscar - antes de dar a volta na mesa, e pegar Reese em meus braços a caminho do quarto.

Mas, não a joguei na cama.

Eu não era um maldito homem das cavernas.

Em vez disso, eu a sentei na cômoda em frente ao espelho. Observando minhas ações no reflexo, juntei o seu cabelo em uma mão, o puxando para um lado, expondo a longa curva do seu pescoço aos meus olhos. Enterrei meu nariz naquele local tentador onde sua clavícula alargou.

Ela cheirava bem pra caralho. Como cerejas e flores que cresciam no Sul. Magnólia, talvez?

Eu mordiscava sua pele, quando suas coxas se separaram me dando espaço. Enquanto minha boca começava a jornada para o norte em direção à sua orelha, minha mão livre desceu pelo braço dela,



arrastando sua blusa até seu ombro estar nu. Sua pulsação vibrava no seu punho sob as pontas dos meus dedos, quente e viva e deliberado como uma fanfarra de Sousa[12].

— Você gosta quando te digo o que fazer, Reese?

Sua respiração engatou, mas não parei a trilha preguiçosa de beijos que deixei cair ao longo do seu maxilar.

— Como com a calcinha?

Ela estremeceu nos meus braços, e seu batimento cardíaco acelerou, agora, mais uma marcha de circo do que uma marcha militar.

— Eu acho que você gosta. — Esfreguei meu nariz pelo comprimento do dela. — Eu acho que, no fundo, há momentos em que você não quer estar no controle, quando se cansa de tentar provar a si mesma.

Reese choramingou e levantou o queixo, tentando capturar meus lábios, mas me afastei apenas o suficiente para ter sua atenção.

— Você nunca encontrou a pessoa certa, não é? Alguém em quem confiasse o suficiente para baixar a guarda, e deixá-lo assumir o comando por um tempo.

Ela mordeu o lábio inferior, e olhou para mim por baixo dos seus cílios, mas não havia nada de inocente na sua expressão.

— Eu posso te dar isso esta noite. Eu posso ser isso para você. — Eu soltei seu lábio, correndo meu polegar ao longo da sua curva. — Só diga meu nome. Diga meu nome e me diga que *sim*.

Puxei seu cabelo em volta do meu punho, inclinando seu queixo para trás, até que ela foi forçada a encontrar meus olhos completamente. Suas íris de chocolate brilhavam com uma paixão, que eu mal podia esperar para explorar. Eu me inclinei, e sussurrei no seu ouvido. — Você está linda esta noite, Reese. Mais linda do que mereço. Mas sou ganancioso, a porra de um ganancioso quando se trata de você. Quero ver sua expressão, quando eu fizer você gozar,

---

[12] John Philip Sousa foi um compositor e maestro americano da era romântica, conhecido principalmente pelas marchas militares americanas. Ele é conhecido como "O Rei da Marcha" ou "Rei da Marcha Americana", para distingui-lo de seu colega britânico Kenneth J. Alford, que também é conhecido como "O Rei da Marcha".



prová-la nos meus lábios, senti-la ao redor do meu pau. Quero você em cima, embaixo, de joelhos, contra a parede. Quero que se espalhe na mesa da cozinha, curvada no chuveiro, enroscada nos lençóis e nos meus braços. Sempre nos meus braços. Você quer que eu te dê isso? Encontrar todas as formas de fazê-la gritar meu nome?

Eu me afastei o suficiente para ver sua expressão. Ela soltou um suspiro irregular, seus olhos inacreditavelmente escuros.

Sem quebrar meu olhar, ela segurou minha dureza dolorida na palma da mão, desenhou sua mão ao longo de comprimento, e apertou.

Essa garota. Ela era perfeita pra caralho.

— Sim, Laird.

Isso era tudo que eu queria ouvi-la dizer o resto da noite. Alto, suave, desesperado, implorando. Repetidamente.

Eu roubei sua boca em um beijo ardente, mergulhando no segundo que ela abriu para mim. Seu gemido faminto encheu o ar, quando chupei sua língua, meu pau pulsando reflexivamente ao som. Eu soltei o cabelo dela. Eu precisava de ambas as mãos para enquadrar seu rosto, para inclinar a cabeça naquele ângulo que me permitia beijá-la do jeito que ela mais gostava, aquele que a fazia envolver as pernas em volta da minha cintura, e torcer minha camiseta.

Eu poderia beijar Reese por horas e nunca me cansar disso. Perder-me nos seus lábios, duelando com sua língua, assumindo o controle, depois recuando para deixá-la conduzir. Não era apenas um aperitivo para o prato principal. Isso era tudo por si só.

Quando tive de parar para respirar, me afastei. — Tire minha camiseta.

Ela não hesitou, suas unhas arranhando deliciosamente ao longo da minha pele, enquanto lutava para arrancar o algodão do meu corpo. Eu me agachei para ajudá-la a passar por cima da minha cabeça, sem prestar atenção em onde ela a jogou.

— Agora a sua.

Já tinha desaparecido antes que eu pudesse piscar, deixando para trás seus seios perfeitos espreitando por cima do seu sutiã sexy.



— Incline-se para trás.

Seus olhos voaram para os meus, enquanto ela se reclinava contra o espelho, suas mãos se lançando para mim em protesto silencioso.

Peguei seus pulsos e os direcionei para os seus seios.

— Brinque com eles. Eu quero vê-la se tocando aqui em cima, enquanto estou tocando você, — fiz uma pausa passando minhas mãos dos joelhos até a parte superior das suas coxas, sem parar até que meus polegares descansassem sobre o zíper da sua bermuda, — aqui embaixo.

Ela mordeu o lábio, o cabelo despenteado caindo por cima do ombro.

Eu trabalhei em desabotoar sua bermuda cegamente, incapaz de desviar meus olhos da imagem das suas mãos envolvendo e apertando seus doces seios. Houve um momento embaraçoso em que me esforcei para tirar sua bermuda cor-de-rosa, enquanto ela estava sentada na cômoda – ela teve que soltar as mãos para ajudar a erguer os quadris - mas então, ela estava nua, exceto pelo pedaço de renda preta.

— Aperte seus mamilos. — Minha voz estava mais profunda do que antes, e meu pau estava duro como granito.

Reese puxou as taças do sutiã para baixo, deixando seus montes cremosos transbordarem sobre o tecido transparente. Seus mamilos eram mais escuros do que eu previa, um rosa profundo onde estava esperando rosa escuro. Estava escuro na primeira vez no seu dormitório, e ela manteve a camiseta nas outras vezes. A imagem desses picos apertados na luz foi quase a minha ruína, quase quebrando a minha vontade de ir devagar nesta primeira vez.

— Mais, — eu disse asperamente.

Deslizei minhas mãos sob os buracos das pernas da sua calcinha. Com uma dolorosa lentidão, tracei suavemente a margem do seu núcleo quente, dando-lhe a amostra mínima do atrito que ela ansiava.



Ela torceu e puxou os botões rosados, e foi preciso todo o meu autocontrole para não me inclinar para frente e puxar um na minha boca. Eu aproximei ainda mais meus polegares, capaz de sentir agora sua suavidade. Acariciei em volta do seu clitóris, mas sem tocá-lo, observando a frustração aumentar no seu rosto, enquanto ela separava seus lábios e franzia a testa.

Sim, Reese. Desse jeito.

— Laird, — ela ofegou, erguendo os quadris para encontrar minhas mãos itinerantes.

— Ainda não. — Não pude resistir por mais tempo. Capturei um mamilo sexy com meus lábios, o sugando com força. Sua mão deslizou na parte de trás da minha cabeça, o arranhar das suas unhas como um trovão nos meus ouvidos, e me puxou com mais força contra o seu peito.

Desloquei. Uma mão deslizou atrás dela para trabalhar o fecho do seu sutiã, a outra ficou para trás, meu polegar enfim, finalmente pousando no seu clitóris, fazendo círculos leves destinados a atormentar, não a satisfazer.

Quando seu sutiã abriu, Reese o removeu sem precisar de ajuda.

Boa garota.

A mão na minha cabeça me empurrou em direção ao outro mamilo.

— Esse se sente negligenciado?

Ela estremeceu e arqueou as costas, elevando seus montes perfeitos como uma oferenda. — Só um pouco.

Eu troquei de lado, usando minha língua e a borda dura dos meus dentes para trabalhar, até que ela estava ondulando seus quadris em um ritmo cada vez mais desesperado.

— Eu preciso de você, — ela clamou.

— Você me tem, — eu respondi, beijando um caminho molhado pelo seu estômago até chegar ao cós da sua calcinha. Eu parei, então recuei um segundo só para olhá-la.



Juro, a imagem dela só nessa calcinha de renda preta. Fez coisas comigo, que desafiava as explicações.

Minha pulsação saltou, e se estabilizou em um novo padrão, um com seu nome embutido, um ritmo que era mais do que apenas ela e eu. Era como se fluísse através de cada vaso sanguíneo, forte e certeiro, uma harmonia mais ressonante do que qualquer sinfonia jamais composta.

Eu não queria que acabasse.

Uma nota forte e baixa ecoou nas minhas costelas, quicando nas minhas vértebras.

Acho que estou apaixonado, e nunca estive dentro dela.

Engoli em seco, estranhamente confortável com a ideia.

— Tire, — eu mandei, com uma voz rouca. — Lentamente. Olhe para mim durante todo o tempo. Veja o que você faz comigo.

Eu me movi ao mesmo tempo em que ela, desabotoando minha bermuda e a jogando no chão em um movimento bem praticado. Sem introdução, enfiei a mão dentro da minha boxer laranja e segurei meu pau dolorido, apertando firme na base para acalmar as coisas do meu lado.

— Agora, Reese.

Seus olhos escuros estavam dilatados enquanto deslizavam para minha virilha, onde a cabeça do meu pau duro espiava por cima do elástico.

— Eu prometo, você pode brincar com ele o quanto quiser daqui a pouco. Mas agora, observe meu rosto.

Lentamente, seus olhos percorreram meu corpo, saltando sobre os quadrados no meu abdômen e parando no meu peitoral antes de alcançar o meu olhar ardente.

— Você é incrivelmente sexy. Preciso que *você* saiba disso. — Meu foco caiu para os dedos delgados, deslizando a renda de um quadril.

Eu empurrei minha boxer, desesperado para me libertar.

Em sua defesa, uma rápida olhada mostrou que seus olhos ainda estavam grudados no meu rosto como indicado.



— Continue. — Minha voz falhou, quando ela a abaixou do outro quadril, até que apenas a parte mais íntima dela ainda estava escondida da visão.

Minhas narinas dilataram e apertei meu maxilar com tanta força que o músculo da minha bochecha saltou. Eu estava hipnotizado ao vê-la sendo lentamente revelada na minha frente, mas também estava muito orgulhoso do jeito que ela estava respondendo às minhas ordens. Ela não estava se encolhendo de timidez, ou modestamente se recusando a jogar comigo. Ah, não. Reese estava bem aqui no momento comigo, o contraponto agudo perfeito para o meu baixo.

Passei a mão sobre a cabeça do meu pau, onde uma gota de pré-sêmen já tinha se formado.

Levantando meus olhos para os dela, capturei e mantive seu olhar, enquanto ela se contorcia na minha frente. Mais um movimento e ela estava nua.

— Você é linda.

Ela soltou um pequeno suspiro de descrença. — Você nem olhou ainda.

Dei um passo à frente, a parte inferior do meu pau pressionando contra seu núcleo escorregadio, e dei um beijo em seus lábios inchados. — Não preciso ver sua boceta para saber que você é linda, Reese.

Sua respiração engatou e seus olhos cintilaram. Levantei seu queixo, capturando sua boca em um beijo que era uma imitação gritante do que eu queria fazer com ela em algum lugar mais abaixo. Eu balancei meus quadris, torturando a ambos, deslizando ao longo da sua fenda, mas não dando a nenhum de nós o que realmente queríamos.

Ela era deliciosa. Pétala macia, me chamando mais perto com seu calor úmido. Eu queria me enterrar nela e nunca mais emergir.

Quando o desejo de deslizar dentro dela ficou muito forte, recuei, e estendi a mão para o criado mudo para pegar um preservativo, me revestindo em milissegundos antes de retornar ao meu lugar entre as suas pernas.



Com um gemido antecipado, me posicionei na sua abertura, esfregando a cabeça através da sua umidade.

— Olhe para baixo agora, Reese. Veja seu corpo engolir cada centímetro meu. Você está tão encharcada, que só será necessário um empurrão para estar profundamente dentro de você, para você me apertar com força. Porra, só de pensar nisso, já estou pronto para explodir. — Eu puxei sua testa contra a minha, segurando sua nuca, enquanto nós dois olhávamos para baixo. — Assim que eu estiver lá, assim que eu estiver entrando e saindo de você, espero ver sua mão no seu clitóris. Entendeu?

Eu a senti acenar para mim.

E então, não consegui esperar mais.

Flexionei meus quadris, e quando seu calor me envolveu me abraçando com força dentro do seu canal apertado, soltei um som primitivo que todo homem desde o início dos tempos reconheceria. *Minha.*

— Agora, Reese. Deixe-me vê-la se tocar. — Movi minhas mãos até segurar suas pernas sob seus joelhos, me dando a alavancagem que eu precisava.

Eu não comecei devagar. Eu não precisava. Ela estava pronta, eu estava mais do que pronto, e a espera não era mais uma opção. Meus quadris batiam em um ritmo constante, e inclinei um pouco para trás, para que meus impulsos focassem em sua parede frontal. Essa mesma posição também me dava espaço para apreciar a maneira como o seu dedo médio girava em círculos rápidos e duros em torno da sua protuberância rosa. Eu me movi mais rápido, martelando meus quadris com mais força, sabendo que era o movimento certo, quando os músculos do seu antebraço se comprimiram e suas coxas apertaram, e sua respiração saia em fôlegos irregulares.

— Laird, — ela ofegou. — Sim. Desse jeito.

— Continue esfregando, Reese. Eu não vou parar se você não o fizer.

Ela balançou a cabeça. — É demais.



— Não é. — Eu gemi quando cheguei ao fundo, puxando-a para frente na cômoda, para que minhas bolas pudessem bater contra sua bunda a cada mergulho.

— Não quero que isso acabe ainda.

— Não estamos nem perto de terminar, linda, — prometi. A noite era uma criança, e minhas bolas estavam cheias. Eu a levaria uma e outra vez, contanto que ela me deixasse.

Ela choramingou, os nós dos dedos em sua mão livre ficando brancos enquanto ela apertava a borda da cômoda.

— Estou perto, Laird.

— Eu sei. Estou com você.

Delicadamente afastei os seus dedos do seu monte, substituindo-os pelos meus. Encontrei seu ponto mais secreto, batendo levemente com o polegar.

— Você está pronta? — Eu perguntei.

Ela assentiu, o movimento brusco.

Aumentei meu ritmo, e pressionei com mais força o meu polegar, círculos rápidos, firmes e implacáveis.

Ela explodiu segundos depois, pressionando como um torno em volta do meu pau. Enquanto ela gritava meu nome, ouvi Oscar arranhando a porta e uivando em pânico.

Eu empurrei mais meia dúzia de vezes, então, a segui para o abismo até o esquecimento brilhante, lentamente curtindo meu caminho através do orgasmo.

— Reese. — Minha voz era reverente. Envolvi suas pernas ao redor da minha cintura, a pegando nos meus braços, e enterrando meu rosto na curva do seu pescoço.

Não pude deixar de roubar gostinhos da sua pele úmida, enquanto a acariciava, ainda não preparado para acabar.

Nunca preparado para acabar.

— Nunca me senti assim antes, — ela sussurrou.



Parei, então me afastei, e empurrei seus cabelos emaranhados para trás das orelhas, para que eu pudesse ver seu rosto. Usando meu dedo, levantei seu queixo.

— Assim como? Eu machuquei você?

Ela riu, e o nó de medo no meu estômago afrouxou uma fração. — Ah, imagino que vou sentir isso amanhã. — Sua covinha apareceu e, incapaz de me conter, eu me abaixei e a beijei. — Mas, será a melhor dor que já senti.

Meu pau pulsou onde ainda estava aninhado dentro dela.

— E depois? — Minha pergunta foi suave, cautelosa, como se de repente ela ficasse nervosa, e eu não quisesse assustá-la com movimentos rápidos ou sons altos.

Ela piscou para mim, longos cílios pretos emoldurando os olhos castanhos mais expressivos que já vi.

— Perfeito.

Porra, eu te amo. As palavras explodiram dentro de mim, mas eu as reprimi com força, mantendo-as enjauladas dentro de mim.

Ela não estava pronta para isso. Inferno, eu não tinha certeza se estava pronto para isso.

E, ainda ali estavam elas, as palavras fortes e viscosas, entupindo minhas veias e drogando minha mente.

— Ah, Reese, — murmurei, passando meus braços em volta das suas costas, e a apertando contra mim. Até mesmo abraçá-la parecia sublime. — Não tem nada mais perfeito do que você e eu neste momento. — Afundei minha cabeça até poder falar diretamente no seu ouvido. — Exceto encontrá-la de novo e de novo e de novo.

Contra vontade, saí de dentro dela rapidamente, cuidando do preservativo.

Então, a ergui da cômoda e dei um passo para trás, até sentir a cama atrás dos meus joelhos. Abraçando-a, eu me deitei na cama até pousarmos no colchão com um baque suave, ela em cima de mim. Gemi de satisfação, amando o peso dela em meus quadris, seu cabelo em



volta do meu rosto, seu pequeno suspiro de prazer quando seus seios esfregaram contra o meu peito.

— Eu tenho mais algumas coisas que quero que você faça esta noite. Para começar, preciso que você suba um pouco mais no meu corpo.

— Mais para cima? — Ela parecia sonolenta, mas eu sabia como corrigir isso.

Meus dedos flexionaram em torno de seus quadris a incentivando subir. — Acima. Até você estar no meu rosto. Estou pronto para a sobremesa.



25

Reese

— Então, voltando do jogo no ônibus, você simplesmente... dormiu? — As sobrancelhas de Eli se contraíram em decepção, se referindo à viagem de volta do jogo de futebol contra o Mississippi na semana passada. — Mesmo tendo vencido na prorrogação com a jogada mais fantástica da temporada? E, depois que o jogo terminou, todos os Sharks correram para o campo e derrubaram os postes das balizas? Você só... tirou uma maldita soneca? — Ele torceu o rosto como se tivesse acabado de chupar um limão. — O que há de errado com você, Reese? Você é uma universitária! Você deveria ser selvagem e louca, e ficar acordada a noite toda comemorando depois de um jogo como esse. Até mesmo crianças com câncer doentes sabem disso.

Ele balançou a cabeça em desgosto, o gorro listrado caindo sobre um dos olhos, até que ele empurrou de volta para cima. Seus pequenos e pálidos dedos puxando o cobertor branco que cobria suas pernas. — Você voltou ao lado de Laird pelo menos?

Eu estreitei meus olhos para ele. Eu não via Eli há quase duas semanas, não desde antes de fazer aquele truque do vibrador. Quando me ofereci voluntariamente nas últimas vezes, ele estava fora do seu quarto, em fisioterapia ou radiologia. Mas seu último comentário, me fez imaginar o que Laird poderia ter dito a Eli durante *suas* visitas.

— Não. Laird é um veterano. Eu sou apenas uma caloura. Eu me sentei ao lado do meu amigo, Smith, já que ele também é um calouro. Ficamos com os piores assentos na parte da frente do ônibus.

— Chato.

— Sim, chato, — eu repeti.

— Eu acho que o Laird gosta de você. Ele me disse que você era bonita. — Eli olhou para mim com uma expressão maliciosa cruzando



seu rosto. — Você está namorando com ele? Aposto que ele gostaria de namorar você.

Parei, pegando a jarra do hospital e a levei até a pia, sob o pretexto de pegar mais água para ele.

Não sei se chamaria exatamente o que estávamos fazendo de *namoro*. Ele me fez o jantar naquela noite no mês passado, e eu não tinha me vestido novamente até minutos antes de sair pela porta na segunda de manhã, bem a tempo da minha aula de matemática. E ele ficou na minha casa duas vezes, me fodendo o mais silenciosamente possível na cama barulhenta. Mas, a menos que contasse uma refeição em grupo, depois do treino da banda há dois dias, não tínhamos feito mais nada *tipo um encontro,* desde a primeira vez, por causa das nossas agendas lotadas.

Bem.

Talvez.

Ele tinha me encontrado meia dúzia de vezes antes da minha aula de Letras terrivelmente chata, para me dar um copo de isopor gigante de Cherry Coke Zero no centro estudantil, se certificando que eu tivesse um pouco de cafeína para levar comigo. Não foi propriamente um encontro, mas já era alguma coisa, não era?

E houve a quinta-feira passada, quando ele pulou a segunda aula, só para poder comer um sanduíche de peru e mirtilo comigo ao lado da fonte do tubarão. *Teria sido um encontro?*

— Você acha mesmo? — Enrolei um pouco mais, enquanto limpava as gotas de água espalhadas pela pia.

— Você *é* muito bonita. E ele tem tatuagens, e músculos e tal, então aposto que você também gosta dele. Ele é um cara muito legal.

Dei por mim sorrindo suavemente concordando. — Ele é um cara muito legal. — Reorganizei os copos e a jarra ao lado da bacia de vômito na mesa com rodas ao lado da sua cama. — Então... você acha que eu deveria namorar com ele?



— Totalmente. E então, talvez vocês possam ir em um encontro duplo comigo e Amelia algum dia. Vocês podem nos levar até o Starbucks ao lado da lanchonete ou algo assim.

— Ahhhh, espere. — Eu peguei sua mão fria, e apertei. — Você a convidou para sair?

Ele baixou o queixo, escondendo seu olhar de mim. — Mais ou menos, — ele murmurou. — Eu tentei.

— O que aconteceu?

— Aquele babaca do Jaxon nos interrompeu, antes que ela pudesse responder. Ele também fez essa merda de propósito.

Eu não ficava mais perturbada com os palavrões de Eli. Nesse ponto, eu ficaria mais preocupada se ele não larga-se um foda-se durante uma das minhas visitas.

— Você tentou de novo? — Coloquei sua mão sob a borda do cobertor, tentando não deixar óbvio, que estava preocupada com ele enquanto ajustava as cobertas.

— Ainda não. — Ele caiu contra a montanha de travesseiros. — Quero que seja especial para ela, entende? Mas acho que meu tempo está se esgotando, antes de voltar para casa.

Meu coração partiu com o anseio nas suas palavras, e eu me apressei para tranquilizá-lo. — Não, Eli. Eu juro. Nunca é tarde demais para o amor. Você não aprendeu nada assistindo TV por aqui? — Eu pisquei, porque nós dois sabíamos o quão entediante a TV ficava, depois de um tempo preso no hospital. Os programas matinais, então, *The Price is Right* e shows judiciais, depois os filmes da Lifetime até que os dramas do horário nobre começassem por volta da hora do jantar. Nada que valesse a pena assistir até tarde da noite.

— Sim. Você tem razão. — Mas sua voz estava abatida e calma. — Eu a ouvi falando sobre cake pops[13] outro dia. Ela gosta mais dos bolos

---

[13] Um pop de bolo é uma forma de bolo com estilo de pirulito. As migalhas de bolo são misturadas com glacê ou chocolate e formadas em pequenas esferas ou cubos da mesma maneira que as bolas de bolo, antes de receber uma cobertura de glacê, chocolate ou outras decorações e presas a palitos de pirulito.



de aniversário porque são rosa. Queria levá-la lá para comprar um e um smoothie ou algo assim. Mas isso é provavelmente idiota.

— Não. Acho que parece perfeito! — Eu peguei uma caneta e um bloco de papel da minha bolsa. — Vamos trabalhar no que você pode dizer quando lhe convidar novamente. E antes de ir embora, vou descer para comprar um cake pop, que você poderá levar para ela agora, então terá uma desculpa para ir falar com ela.

Ele levantou a cabeça, a esperança brilhando hesitante em seus olhos. — Sério?

— Sério. Agora, vamos ver quão boas são suas cantadas.

Não que houvesse alguma dúvida, mas uma hora depois, Amélia disse sim, sem hesitar.



26

Reese

Caixa de cereal vazia. Verificado.

Migalhas de barras de chocolate velhas. Verificado.

Roupas sujas espalhadas em meia dúzia de lugares. Verificado.

Borrifei o quarto com Febreze[14] para cobrir o cheiro rançoso de suor e leite azedo, que parecia pairar no ar, então comecei a trabalhar metodicamente pelo quarto, do canto mais distante até a porta. Algo triturou sob o meu pé – um copo de isopor do centro estudantil, o último gole de refrigerante vazando pelo lado. Corri para pegá-lo antes que fizesse uma bagunça ainda maior.

Marco é nojento pra caralho.

O mesmo tipo de luvas de borracha amarela que minha avó usava para lavar a louça estava em minhas mãos, enquanto pegava um pedaço de chiclete duro perto da lata de lixo. Aparentemente ele errou, e não se deu o trabalho em juntá-lo. Embalagens vazias de preservativos escondidas por baixo.

Mas... *curioso*. Dois tamanhos diferentes, inferno, duas *marcas* diferentes, uma maior que a outra. E a poucos centímetros delas estava...

Fiquei gelada.

Não, não, não, não, não, não.

Celofane de pirulito, e um pirulito de uva parcialmente comido.

Eu fechei meus olhos com força, enquanto jogava tudo no lixo, como se isso impedisse que a imagem de Marco *e Smith se* materializasse na minha cabeça.

Ele não faria isso. Ele não podia. Com o *Marco*?

Ele obviamente fez.

---

[14] Febreze é uma marca de eliminadores de odores domésticos fabricados pela Procter & Gamble.



Duas vezes, se eu julgasse pelas embalagens dos preservativos que encontrei.

Pelo menos, não encontrei os preservativos usados. Eu amordacei, passando mal sobre a lata de lixo, que tinha acabado de encher, a ideia muito repulsiva. Não era a parte do sexo homossexual que me assustava, imaginar Marco nu de algum modo que me deixava nauseada. Eu estremeci.

Mas na verdade, isso explicava algumas coisas. Aquelas vezes que ele correu ao lado de Smith na pista, escolhendo Smith como seu NAD, do jeito que parecia exagerar nas demonstrações públicas de afeto nas festas. Marco estava no fundo do armário, ou secretamente bissexual. Ou talvez estivesse apenas experimentando com Smith? Avaliando novas opções?

Limpei o resto do quarto o melhor que pude em dez minutos. Eu não aguentaria ficar ali mais do que isso. Em todos os lugares que olhava, eu os via.

Eles transaram sobre sua cadeira executiva? Ou na cama amarrotada? No tapete?

Porra. Eles tinham algo acontecendo regularmente, como eu e Laird? De alguma forma agora eu fazia parte da mentira deles? Eu não queria absolutamente ter qualquer papel em um ménage ciente desse segredo.

Com o saco de lixo na mão, estremeci ao sair do quarto de Marco, tomando o cuidado de trancar a porta atrás de mim.

Eca, o que Smith estava pensando? Marco? De todas as pessoas?

***

Eu gemi, enquanto entrava no prédio já lotado às 8:00. De manhã. Em um sábado. Os Rodner Sharks jogariam fora, sem



conferencias contra o Maryland, então, deveria ser um dia de folga, um dia para dormir, um dia para *não* fazer *nada*.

Em vez disso, eu estaria fazendo o desafio de 24 horas conhecido como Shark Day, onde toda a banda ficaria confinada dentro do Boldt Auditorium, das oito da manhã de sábado às oito da manhã de domingo. Eles chamavam de um desafio para se locomover, referindo-se ao que realmente era - trote. Qualquer um que saísse ou não fosse localizado em qualquer momento durante o evento era afastado do próximo show do intervalo. Supostamente, sua nota final no curso cairia dez pontos também, mas eu não tinha certeza se esse boato era fato ou ficção.

As primeiras doze horas foram relativamente sem intercorrências. Praticamos a nova música que adicionaríamos ao show do intervalo, fizemos atividades idiotas de relacionamento em grupo, e comemos muita pizza. Mas as pessoas estavam começando a ficar irritadiças, dividindo-se em grupos, formando aglomerados nas dezenas de salas que compunham o auditório, metade delas apenas pequenas salas de ensaio.

Até mesmo os banheiros se transformaram em um refúgio, as pessoas se escondendo nas baias tentando conseguir alguns minutos de privacidade, para enviar mensagens de texto ou navegar pelo Facebook sem que alguém olhasse por cima do seu ombro.

E tinha tantas pessoas por perto, que não tive a chance de encurralar Smith e perguntar a ele sobre toda a situação do Marco que descobri ontem. Isso estava me fazendo agir de maneira estranha perto dele, respondendo suas perguntas de forma tensa, e o encarando perplexa, quando ele não estava olhando, até que ele virou a cabeça e estalou um “O quê?”, exasperado.

Dei uma volta pelo prédio, tecendo através das risadas estridentes dos flautistas, e o humor dos trombonistas do terceiro ano. Não havia para onde fugir, só barulho, odor corporal, e a tensão aumentando gradualmente nas pessoas que sabiam que ficariam presas juntas por mais doze horas, quando dariam o dedão do pé esquerdo para estar em



qualquer lugar, *em qualquer outro lugar*, porque por mais que banda fosse uma família, vinte e quatro horas eram muito tempo.

Pizza grátis não faz milagre para a moral e boa vontade do seu próximo.

Eu também estava evitando Laird. Não porque não queria passar mais tempo com ele, mas porque estava com medo que ficar perto dele, tornaria óbvio o *quanto* eu o queria. Estava ficando cada vez mais difícil agir de forma platônica em torno dele em público.

Eu queria segurar sua mão, ou me apoiar nele, ou sentir seus braços em volta de mim. Eu queria beijá-lo sem sentido, até que sua mão se enroscasse no meu cabelo, e o mundo ao nosso redor ficasse enevoado. Eu queria aproveitar aquele brilho quente que enchia meu peito, quando seus lindos olhos verdes seguiam o movimento dos meus quadris enquanto eu caminhava.

E este não era o lugar para fazer nada disso.

Meu telefone tocou.

Laird: Onde você está? Sala de ensaio 4C. Está vazia agora. Exceto por mim. Bata duas vezes, faça uma pausa e duas vezes novamente.

Um espaço tranquilo. Com Laird.

Era quase bom demais para ser verdade.

Talvez eu pudesse ceder aos meus desejos, mesmo que apenas por alguns minutos.

Eu me aproximei de um trio de trombeteiros que discutiam se tubarões-touro ou tubarões brancos eram os mais mortíferos.

— Tubarões-touro, — eu murmurei baixinho, e o ruivo levantou o punho em solidariedade.

— Viu? *Todo mundo* sabe disso. Até a pequena garota baterista.

Eu parei. Minha coluna endureceu e me virei. — Do que você me chamou?

O loiro riu para o alto. — Você não ouviu? Aparentemente, não tem nada de pequeno nela. Especialmente não no tamanho dos seus brinquedos sexuais. Ela deve ter a vagina mais flexível da bateria,



provavelmente pelo uso excessivo. Todas aquelas festas privadas que eles têm? Você sabe que eles estão tendo uma amostra disso.

Meus ouvidos estavam tão quentes que ameaçavam entrar em combustão espontânea.

Quê.

Porra.

Eu lutei para puxar o ar nos meus pulmões, sem saber se queria socá-lo na boca ou chorar. A humilhação queimava como ácido enquanto eu tentava engolir. Eu não tinha percebido que a notícia do meu pequeno truque estava sendo distorcida de uma forma tão vulgar, e que me deram um maldito *apelido* além de tudo. E mesmo que eles não tenham dito seu nome, meus pensamentos foram diretamente para Laird.

Isso.

Era isso o que me preocupava ao me envolver com outro baterista.

E não apenas qualquer tocador de tambor.

A porra do capitão.

Abri a boca, incerta do que diria, mesmo assim, pronta para explodir.

Mas, então, Marco se materializou ao meu lado, passando o braço em volta dos meus ombros, e me puxando em um abraço meio desajeitado, meio chave de braço. — Apenas a espertinha que eu estava procurando. Preciso falar com você sobre as coisas que você deixou no meu quarto.

Os trompetistas bufaram, e cutucaram um ao outro deliberadamente.

Meus olhos ardiam, e minha mão tremeu enquanto a fechei em punho.

— Eu não deixei nada no seu quarto, Marco, — eu disse com veneno, relutantemente o seguindo, enquanto ele me levava pelo corredor. Sala 4C era nessa direção de qualquer maneira.



Malditos trompetistas. Marco do caralho. Fodidos caras idiotas com suas opiniões estúpidas.

Ele parou na sala 3A, empurrou a porta, e mandou que os dois clarinetistas que estavam no canto saíssem. Então, ele trancou a porta à prova de som.

— Eu encontrei uma blusa preta felpuda na minha cadeira da escrivaninha. Imaginei que era sua. Eu a joguei fora. Espero que você não a queira de volta.

Merda. Meu agasalho favorito de lã da North Face que trouxe de casa. Estava um pouco frio naquela manhã, mas aqueci que tinha que limpar o quarto, e esqueci que o tinha tirado.

Eu apertei meu maxilar. — Não. Não era meu.

— Você tem certeza? — Ele me observou atentamente.

Dei de ombros. — Talvez fosse do Smith? — Eu estava tão brava, que as palavras saíram sem pensar, mas quando vi o olhar de pânico atravessar seu rosto, segui meu instinto, sentindo uma rara fraqueza na sua armadura.

Uma bola de culpa pesava como chumbo no meu estomago, mas minha raiva daqueles idiotas petulantes e de Marco queimou mais, apagando minha tendência normal por cautela.

Eu imploraria perdão ao Smith mais tarde, mas agora, a linha de questionamento tinha sido lançada, e eu não poderia voltar atrás.

Será que ele morderia a isca?

Meu coração tentou sair do meu peito e batia muito forte.

Marco estreitou os olhos, e os dedos da mão esquerda batiam inquietamente contra sua coxa. — O que faz você pensar que ele esteve no meu quarto?

A embalagem do preservativo que era muito grande para qualquer coisa que você tem dentro da sua calça muito apertada.

— Encontrei alguns pirulitos de uva ao lado da sua mesa. Pensei que talvez você o tivesse convidado, ou algo assim. Sabe, já que você é o veterano dele e tudo mais. — Cocei um local próximo do meu cotovelo,



onde um pernilongo me devorou no dia anterior, tentando parecer casual.

— Claro. Sim. Isso.

Isca. Linha. *Chumbada*

— Ou talvez fosse da Amber? — Acrescentei docemente, jogando a rede de segurança somente depois que ele estava completamente preso na armadilha.

— Quer saber? O agasalho provavelmente era dela. Ela está sempre lá. E volta. Muito. — Ele riu, e meu estômago revirou.

Beeeemmm. Porque você é um garanhão. Revirei os olhos. Comecei a me afastar, mas ele se colocou no meu caminho, trazendo seu rosto próximo ao meu. Eu afastei meu pescoço para trás, mas mantive meus pés plantados.

— Você não viu nada, Reese. Está me ouvindo? Nada. — Sua voz ficou feia e vagamente ameaçadora.

Uau. A agressividade na sua postura e entoação me pegou de surpresa. — Não. Claro que não, — eu concordei, me apressando em aplacar seu temperamento irritadiço. Ele já tinha confirmado o que eu queria saber. Não precisava ir mais fundo. E, sinceramente, me senti mal pelo Smith. Eu não conseguia imaginar Marco como algo além de um amante egoísta. Fiz sinal para a porta que ele estava bloqueando. — Posso sair agora?

Ele sorriu, sentado no chão de costas contra a porta trancada, e puxou o boné sobre o seu rosto, uma ação que trouxe seus olhos ao nível da minha virilha. — Não por algumas horas. Eu preciso de um cochilo. Também preciso de alguém que possa comprovar que não saí do edifício. Eu escolho você.

Dei alguns passos rápidos para trás, não gostando do modo como enchi sua linha de visão. Uma lasca de medo serpenteava em torno das minhas costelas, espremendo o ar de dentro de mim. *Será que ele acha que eu dormiria com ele?* A porta trancada, a sala à prova de som, os rumores que os trompetistas estavam espalhando...



Meu pânico crescente deve ter aparecido no meu rosto, porque ele zombou de mim, franzindo o nariz em desgosto.

— Relaxe, gostosa. Eu não vou tocar em você. Inferno, você também pode tirar uma soneca, no que me diz respeito. Eu não me importo com o que você fará, contanto que fique quieta e não saia. — Ele me prendeu com seu olhar. — Isso é realmente um pedido tão difícil do tenente da bateria para um NAD?

Eu engoli em seco minha resposta furiosa, sabendo que lutar contra ele resultaria em algo muito pior do que ouvi-lo roncar por um tempo.

— Não. Parece maravilhoso. Vou pegar este canto aqui, se você não se importar.

— Não importa o que diabos você faça. Apenas cale a boca, e me acorde por volta da meia noite. Geralmente é quando eles trazem mais pizza.

Ressentimento quente me inundou. Ele estava me mantendo como refém para ser seu maldito despertador.

Peguei meu telefone.

Eu: Não posso. Estou presa com o Marco na 3A até a meia-noite. Alguma chance de você me resgatar?

Apertei enviar, mas nada aconteceu.

Eu tentei novamente.

Meu telefone desligado, a bateria descarregada. O carregador estava na minha bolsa na outra sala.

Bati minha cabeça inutilmente contra o estofamento à prova de som na parede.

Uma dúzia de comentários cortantes passou pela minha mente, mas, mantive minha boca fechada. E de qualquer maneira, seu queixo estava enfiado no peito, sua respiração lenta e calma. Desse jeito, Marco parecia mais brando, como se fosse do tipo que abria porta para as senhoras de cabelos grisalhos no supermercado. Exceto, pelos braços em torno do peito esbelto, quase protetoramente, e suas mãos



firmemente unidas. Não era exatamente a posição de alguém confortável na sua própria pele.

Eu não gostava dele, simples assim. No âmago do seu ser, havia algo de mau e pequeno, alguém que prosperava em chegar à frente, às custas dos outros.

Mas eu só tinha que aguentar mais alguns meses as tretas dele, até a temporada de futebol terminar. Depois disso, não teria mais motivo para interagir com ele novamente - supondo que ele se formasse a tempo.

Com um suspiro resignado, analisei a sala. Além do piano ao longo da parede oposta, um grupo de cadeiras, e estantes porta-partituras, não tinha muito na sala além de uma lousa com alguns compassos de música rabiscadas. A porta não tinha janelas, e não tinha como abri-la e sair sem acordar o Marco. Suas pernas se estendiam pela abertura.

Eu poderia fazer isso. Poderia deixá-lo ganhar esse pequeno round estúpido na batalha entre nós. Isso não era nada. E talvez, esse incentivo para o seu ego me desse alguma paz por uma semana ou duas. Deixá-lo pensar, que eu estava plenamente sob seu controle.

Minutos se passaram.

Contei as telhas do teto. Quatrocentos e dezesseis. Ou eram dezoito?

Comecei a contar novamente. Antes que eu pudesse terminar a segunda vez, Marco começou a roncar, e a bufar enquanto inalava.

Era irritante como o inferno.

No entanto, eu devo ter cochilado em algum momento, porque um barulho particularmente forte do lado de fora da porta me acordou. O relógio na parede azul clara marcava 11:49.

Graças a Deus.

Onze minutos depois, chutei seu tornozelo. — Acorde. A pizza chegou — falei sem rodeios.

Então, passei por cima dele, e abri a porta apenas o suficiente para sair, empurrando à força seu corpo alguns centímetros ao longo do



chão. Ele tombou, grunhindo um protesto surpreso, mas não parei, me espremendo através da pequena fenda para o corredor excessivamente iluminado.

Laird virou a esquina, e imediatamente me viu, preocupação franzindo sua testa. Ele acelerou o passo, inclinando a cabeça em direção aos bebedouros duas portas abaixo. Eu o encontrei lá, meus nervos à flor da pele acalmados apenas por estar perto dele.

— Onde você esteve? — Sua voz estava áspera, e seus olhos passaram sobre mim rapidamente, como se avaliasse os danos.

Uma porta se fechou atrás de nós, e ele se virou para ver Marco sair da mesma sala que eu acabara de sair. Uma carranca desfigurou seu belo rosto quando ele se virou para mim.

— Você está bem? Ele tentou fazer alguma coisa? — Os músculos de Laird se agruparam sob sua camiseta, ameaçando a integridade das costuras em torno dos seus bíceps.

— Nada que eu não pudesse suportar. Apenas um jogo mental idiota. — Balancei a cabeça, e me inclinei para beber um pouco de água morna do bebedouro. — Meu telefone morreu, tentei mandar uma mensagem para você.

Ele esticou o braço para me tocar, mas se conteve, deixando o braço cair para o lado. — Esperei por uma hora, e saí para te procurar. Eu estava começando a ficar preocupado, mas então pensei, que talvez você estivesse com raiva de mim ou algo assim. —Ele arrastou os pés, e passou a mão na nuca, segurando seu pescoço. — Eu te enviei um monte de mensagens, mas eu acho que você não recebeu.

Meus ombros caíram. — Eu sinto muito.

Seu sorriso não alcançou os olhos. — Eu poli todos os arreios dos tambores na sala de equipamentos. Fiz-me útil por algumas horas.

Fiz uma careta. Essa era uma tarefa que os NAD usualmente faziam, não um veterano. *Definitivamente* não o capitão.

— Laird, — eu sussurrei, sem saber o que dizer.



Ele apoiou seu peso contra a parede, impedindo qualquer pessoa naquela direção de ver sua mão, enquanto enroscava seus dedos nos meus. — Passe o resto do domingo comigo, quando sairmos daqui. Eu posso sobreviver as próximas oito horas, se eu souber que depois vou ter você só para mim.

— Para fazer o quê? — Um pequeno sorriso levantou o canto da minha boca.

— Porra, essa sua covinha, — ele respirou. — Você não tem ideia de como isso me deixa louco.

Meus lábios se abriram num sorriso perverso, e o olhei por baixo dos meus cílios. — Quão louco?

Ele se aproximou mais, e puxou minha mão para a frente da sua bermuda, onde pude senti-lo endurecer. Passei a mão para baixo uma vez, duas vezes, antes de me lembrar de onde estávamos e parar.

Seus olhos estavam fechados, lábios entreabertos, enquanto ele respirava profundamente. — Eu posso sentir o seu cheiro daqui. Cerejas e flores. Quero que meu travesseiro cheire assim, antes que eu adormeça esta noite. — Ele meio que abriu os olhos, a luxúria verde irlandesa fervendo de volta para mim. — Como você se sente sobre isso?

— Acho que podemos dar um jeito nisso, — eu murmurei, sentindo um formigamento em resposta entre as minhas coxas. Alisei meu cabelo atrás das orelhas, tentando evitar me lançar nele.

— Bem. Isso parece íntimo. — O olhar sombrio de Marco brilhou de um para o outro, enquanto ele entrava entre nós para tomar um gole de água. — Não estou interrompendo nada, estou?

Laird mudou de posição, ficando em toda a sua altura. — Nada que eu precise da sua ajuda.

Marco limpou a boca na manga da camiseta. — Reese. Engraçado, eu não vi você por aí nas últimas horas. — Sua voz aumentou, atraindo a atenção do diretor assistente da banda e de alguns bateristas veteranos que passavam pelo corredor. — Você saiu de fininho? Você sabe que isso é contra as regras.



Fiquei boquiaberta com ele. *Ele estava brincando comigo?*

O diretor da banda parou, tentando entender a situação. — Tem algum problema aqui?

Marco deu de ombros, com um sorriso triunfante no rosto. — Só perguntando a Reese aqui, se ela pode me dizer onde esteve nas últimas três horas ou mais. Sei que não a vi em nenhum lugar.

O mentiroso filho da puta. Se eu contasse a verdade agora, ele negaria. Eu sabia disso na minha medula.

Laird limpou a garganta. — Ela esteve comigo.

As sobrancelhas do Marco se elevaram. — Ela esteve? — Sua voz tinha um tom duro, descaradamente desafiando a afirmação de Laird.

Laird se virou, e o encarou bem nos olhos. — Eu a fiz polir todos os arreios dos tambores. Com uma escova de dentes. Já *que sou o veterano* dela. — Ele deu meio passo para trás, e apontou para a sala de equipamentos. — Fique à vontade para verificar o trabalho dela. Ela fez um bom trabalho, até mesmo no seu.

A boca de Marco se fechou, e ele olhou entre mim e Laird. — Então, eram só os dois? Que conveniente.

O assistente do diretor da banda abriu a boca para falar, mas Laird o interrompeu. — Não. Smith esteve lá por um tempo também, mas, como ele trabalhou mais rápido, eu o liberei depois da primeira hora. Fiz a Reese terminar sozinha. — Laird ergueu a cabeça numa falsa preocupação, sua voz suave, mas firme, com um desafio implícito. — Você tem algum problema com os meus métodos? Você está questionando como estou tratando das coisas?

Merda. Tentei me fundir na parede, porque, de repente, isso não era mais sobre mim. Quer dizer, era, mas não era.

Marco sabia que Laird estava mentindo. Sua expressão era uma mistura de confusão e perturbação, como se ele não conseguisse entender, por que o capitão se arriscaria *pela garotinha baterista*. Mas ele também não podia chamar a atenção de Laird, sem revelar sua própria mentira.



Eles tiveram uma daquelas estranhas competições de encarar, que os caras às vezes têm, cada um tentando intimidar o outro.

O assistente do diretor da banda se virou para mim, desorientado. — Então...

Arregalei os olhos, e pintei o sorriso mais angelical do meu rosto. — Eu estava polindo o equipamento. Como o Laird falou.

Marco rosnou para mim, afastando seu olhar de Laird no processo, antes de virar e ir embora pelo corredor.

Queridos santos anjos no céu, que registraram todas essas mentiras inofensivas em uma planilha eterna.

Os lados acabaram de ser tomados.

Laird e eu contra ele.

E ele acabou de perder.



27

Laird

O pequeno polvo amarelo na minha tela se recusava a nadar mais alto, independentemente de quantas vezes eu batia no botão. Ele parava, ia para a direita ou para a esquerda, e afundava, mas nada de nadar para cima e seguir as bolhas. Pela décima quarta vez, ele ficou preso no coral, e o cronômetro sinalizou o fim da fase.

Puta que pariu. Quase joguei meu telefone do outro lado da sala. O código para o aplicativo que eu estava desenvolvendo como parte do meu curso de Design de Videogame, estava lutando comigo desde a semana passada. Todas as etapas anteriores do projeto, os gráficos, os sons, os algoritmos de pontuação, transcorreram sem problemas, mas em *algum lugar* havia um erro na programação, que eu simplesmente não conseguia encontrar. Ah, e a próxima etapa do projeto deveria ocorrer segunda-feira à noite, daqui a quatro dias.

Eu deveria ter gasto mais tempo nisso no começo da semana, quando integrei os gráficos pela primeira vez, mas presumi que seria fácil resolver, como todos os outros obstáculos que atingi no projeto até agora. Um pequeno ajuste e estaria resolvido. E apesar de ficar acordado até depois das três da manhã, tentando refazer os comandos direcionais, o sacaninha ainda se recusava a cooperar.

Engolindo em seco minha frustração, saí do aplicativo, e verifiquei minhas mensagens, para ver se Reese conseguiria ir treinar hoje. Se ela não aparecesse depois de já ter perdido o treino de terça-feira, eu não teria outra opção, a não ser dar o seu lugar no jogo de sexta-feira para um suplente. Odiaria fazer isso, mas essas eram as regras.

Eu: Está melhor?



Reese: Não. Ainda vomitando. Eu já enviei um e-mail para o diretor, e ele me disse que eu estava no banco no jogo da Geórgia. Isso é uma grande merda. Meus intestinos me odeiam.

Ela estava com uma virose estomacal perversa nos últimos três dias. Passei as duas últimas noites no quarto dela, porque ela se recusou a vir para minha casa, esquentando tigelas de sopa no micro-ondas, e a forçando a beber bastante água e Gatorade entre suas idas ao banheiro.

Reese não queria que eu estivesse lá, não queria que a visse assim. Pálida, suada, cabelos úmidos grudados no rosto, nada disso importava para mim. Ela ainda era linda, e não havia outro lugar que eu preferisse estar que ao seu lado. Sua náusea não me deixou enjoado, talvez porque tivesse visto Garrett assim tantas vezes quando eu era mais jovem.

Por fim, ela cedeu e me deixou paparicá-la um pouco. Ela se deitou no meu colo naquela pequena cama, uma toalha úmida sobre sua testa quente, fazendo um som que estava entre um gemido e um zumbido, enquanto eu passava meus dedos pelos seus cabelos emaranhados. Murmurei palavras sem sentido para ela, até que caísse num sono agitado, tremendo sob os cobertores e, em seguida, os chutando fora do seu corpo suado enquanto a febre aumentava e diminuía. Ignorando seus protestos, eu faltei duas aulas, indo apenas naquelas que eram de frequência obrigatória, porque eu precisava sentir que estava *fazendo* algo para ajudá-la, mesmo que fosse apenas para sentar ao seu lado, enquanto ela dormia entre crises de vômito.

Mas não pude deixar de me preocupar que fosse algo mais.

Segurei seu pulso fino e contei sua pulsação enquanto ela dormia, observei a ascensão e queda do seu peito para respirar. Suas longas pernas bronzeadas não mostravam sinais incomuns de hematomas, e meus dedos não tropeçaram em nenhum nódulo dilatado, quando massageei a parte de trás do seu pescoço tenso. *Mas ela estava mais pálida do que o normal?* Eu disse a mim mesmo que era desidratação, não anemia. Eu pesquisei todos os sinais de reaparição



da leucemia, e alternadamente me tranquilizei e me preocupei com a multiplicidade de sintomas sutis.

Fadiga.

Perda de apetite.

Tontura.

Febre.

Suor noturno.

Perda de peso.

Todas as coisas que poderiam ter resultado de um vírus estomacal normal.

Não é câncer.

Não é como Garrett.

E então, empurrei meus piores medos para os recantos mais escuros da minha mente, e os tranquei atrás de uma porta de aço. Eu me concentrei em fazê-la rir até que sua covinha aparecesse. Mostrei a ela vídeos estúpidos no YouTube, e esfreguei seus pés. Troquei os lençóis e lavei as roupas. Eu a ajudei a memorizar o ciclo de Krebs para a aula de biologia, e lhe garanti que perder um jogo de futebol, se ela não estivesse melhor, não seria o fim do mundo.

O jogo de sexta-feira confrontava os Rodner Sharks contra os Georgia Bulldogs, que esperávamos esmagar no placar. Esses jogos nunca eram tão empolgantes quanto quando as equipes eram mais próximas, e o previsível vencedor não era apenas altamente debatido, mas os rankings da conferência dependiam do resultado. Ela ainda tocaria nas arquibancadas, e participaria do dia inteiro do jogo, ela só perderia marchar no show.

Eu ainda não a tinha visto hoje. Às quintas-feiras eram os meus dias mais movimentados, com laboratório de anatomia e uma aula de laboratório de informática seguida.

Eu: Você quer que eu volte hoje à noite?

Estremei enquanto digitava. Eu *queria* estar lá. Eu queria quase mais do que queria respirar. Mas eu também precisava me concentrar



no meu maldito projeto de videogame, e não seria fácil fazer isso no seu dormitório.

Reese: Já disse que você não precisa cuidar de mim. Você é um estudante de ciência da computação, não de enfermagem.

Eu: Pelo menos vou te levar o jantar. Você acha que conseguiria comer um dos seus sanduíches favoritos?

Assim, eu poderia vê-la, pensei. Eu não ficaria, apenas deixaria algo para ela comer, e me certificaria de que estivesse pronta para a noite. Garantiria que ela estivesse se recuperando, e que não precisaria levá-la para o Centro de Saúde do Estudante.

Reese: Na verdade, isso me parece muito bom. A comida pela primeira vez parece tentadora em dias. Mas você não precisa, Laird. Fica fora do seu caminho. Eu posso ligar e pedir para entregar.

Ela poderia, mas eu preferia levar para ela.

Reese tentava me mandar embora, toda vez que eu aparecia, protestando que ela era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma, mas a questão não era essa. Reese não *tinha que cuidar de si mesma*.

Ela tinha a *mim*.

E se tinha uma coisa que prometi a mim mesmo depois de ver minha mãe sumir, e meu pai desaparecer em uma concha humana sem emoção após o falecimento de Garrett, foi que você simplesmente não abandonava quem amava quando as coisas estivessem feia. Quando não era *conveniente* pra caralho.

Era quando você amava mais. Você amava com mais força.

E como eu ainda não tinha lhe dito as palavras, tudo que tinha eram minhas ações.

Tudo o que eu tinha era eu mesmo.

E eu queria que fosse o suficiente.

Eu queria ser o suficiente para ela.

E, o projeto que se dane, o mínimo que eu poderia fazer era buscar a porra de um sanduíche para ela.

Estarei aí. Assim que o treino terminar.



Satisfeito que tive a palavra final, guardei meu telefone, e passei pelo que pareceram ser as duas horas mais longas do dia.

Dei o lugar da Reese no campo para o Heath, e a coreografia só parecia confundi-lo. Em vez de aproveitar a oportunidade, ele vagou sem rumo de um ponto ao outro, sempre um pouco rápido demais ou um pouco lento demais, saindo em vez de se misturar.

Manter minha frustração sob controle esgotou o resto da minha paciência, então, quando o treino terminou, e Marco chamou meu nome enquanto eu me dirigia para a saída, depois de guardar meu equipamento, meu tom foi curto e direto ao ponto. — O quê?

— Eu estava pensando que deveríamos fazer um novo duelo de tambores no sábado. Tem sido o mesmo nos últimos shows; está na hora de mudar, você não acha?

Por quê? Por que, por que, por quê? O que tínhamos funcionava muito bem e, o mais importante, já dominávamos.

Lancei um olhar mal disfarçado em sua direção. — E você quer mudar isso *agora*? Para o show que tocaremos em dois malditos dias?

— E aí cara. Você é *o melhor tocador da bateria*, não é? — Seu sarcasmo veio alto e claro. — Eu não achei que seria tão difícil para você. Eu sei que posso lidar com isso.

Ele lançou o desafio como uma granada.

O músculo no meu maxilar latejava enquanto eu procurava por qualquer último fragmento de autocontrole à espreita no meu corpo privado de sono. Qualquer coisa para me ajudar a lidar com seu hábito de falar pelo cu.

— Na próxima semana. Você quer refazer isso, faremos na próxima semana. Você conhece o procedimento. Temos que passar quaisquer mudanças com o diretor antes de fazer o show. E ele está fora da cidade até o jogo de sábado.

O diretor assistente havia treinado hoje.

Coloquei minha mochila nos ombros, e peguei as chaves do carro do meu bolso.



Marco fez uma careta. — O que? Você não acha que podemos prepará-lo em poucas horas e verificá-lo antes do dia do jogo chegar? Para onde você precisa ir com tanta pressa?

Recuei um passo da linha agressiva em seu tom. Não porque estava com medo. Mas porque não tinha certeza de como chegamos a esse ponto. Tocávamos lado a lado há anos e, embora nossa estreita amizade tivesse diminuído ao longo do tempo, sempre mantivemos certa camaradagem. Mas hoje em dia, nem parecia mais como se estivéssemos no mesmo time.

— Eu tenho um projeto para fazer. Isso se chama dever de casa, Marco. E eu não tenho uma garota do prato sob o meu feitiço fazendo todas as minhas tarefas por mim.

Seu rosto manchou na cor avermelhada. — O que você está insinuando? Vá em frente e fale sem rodeios.

Eu inclinei a cabeça para trás, e me concentrei no fino rastro branco de um jato que passava no alto. Suspirei. Só restavam cinco jogos na temporada regular. Cinco jogos antes, da minha carreira como baterista de tambor terminar.

E eu estava começando a ansiar por isso, só para escapar desse idiota.

— Estou *dizendo que* seu capricho para refazer o duelo de tambores, de repente *não* é minha prioridade principal. Não é mesmo. Talvez na próxima semana, cara. Estou indo embora.

Eu não esperei que ele respondesse.

Eu não precisava.

Eu era o maldito capitão da melhor maldita linha de bateria em todo o Sudeste.

E, tinha um sanduíche de peru e mirtilo para entregar.





28

Reese

Apesar do verão se fundindo no outono, as temperaturas ainda pairavam nos 27C, enquanto passávamos pela coreografia de uma nova música no treino de terça-feira. Essa seria a música final que adicionamos ao show “Who Says You Can't Go Home” do Bon Jovi.

Era um lembrete direto, que eu só havia respondindo às intermináveis ligações da minha mãe com mensagens curtas nas últimas duas semanas. A culpa aumentou o peso do tambor pendurado nos meus ombros. E, talvez fosse uma desidratação persistente pelo vírus no estômago, ou o fato de que eu mal tinha visto ou ouvido falar de Laird desde a última quinta-feira, enquanto ele lutava com seu projeto de videogame, mas eu estava desligada hoje. Eu não conseguia me concentrar no movimento dos pés, tive dificuldade com minhas entradas no refrão, e desisti suando vinte minutos atrás - nunca era um bom sinal.

Quando o treino terminou, não tinha certeza se conseguiria recuperar meu lugar no campo, que eu tinha sido forçada a ceder para o Heath na semana passada. Ele estava no ponto hoje, e eu não iria culpá-los por escolhê-lo em vez de mim. Eu precisava melhorar na quinta-feira.

Enquanto guardávamos nosso equipamento, a sala cheirava a suor masculino e grama pisoteada do campo de treino, coloquei um par extra de baquetas na minha bolsa, planejando praticar mais tarde na bateria digital no meu dormitório. Eu não queria perder esse maldito lugar. Eu trabalhei muito duro por isso.

Feliz em me livrar do arreio pesado do tambor, revirei meus ombros rígidos, e no processo, olhei e vi Laird encostado na parede a poucos metros de distância, esfregando o rosto com as mãos.



— Você conseguiu resolver o bug no jogo até a meia-noite? — Eu sabia que era quando ele precisava virar a próxima etapa do seu projeto.

Ao nosso redor, os caras pegavam suas coisas, e trocavam insultos, comportamento típico depois do treino.

— Não. — Sua voz estava seca, enquanto ele olhava para o telefone com impaciência, checando algo na tela. — Mas, consegui que o professor me desse uma prorrogação até amanhã à noite, já que meu jogo era mais ambicioso do que a maioria.

— Que bom! — Recuei, quando minhas palavras saíram mais fracas do que eu pretendia, soando quase sarcástica em vez de encorajadora. Eu esperava jantar com ele amanhã, e tentei apagar a decepção da minha expressão.

— Sim. — Ele esperou, enquanto eu bebia o restante da minha garrafa de água. — Você está se sentindo bem? Você teve um treino difícil.

Minhas orelhas queimaram. Ele estava certo, mas eu esperava que não tivesse sido perceptível. Olhei pela sala para ver se alguém estava nos ouvindo, mas todos pareciam envolvidos em suas próprias conversas.

— Eu estou bem. Apenas um dia ruim. Revisarei a música um pouco mais antes da quinta-feira, para que não haja problemas neste final de semana — assegurei a ele.

— Ótimo.

Minhas sobrancelhas se juntaram. Eu não gostava dessa versão distraída e mal-humorada de Laird. Ele ainda continuava lindo, os antebraços bronzeados cruzando o peito largo, e o lábio inferior cheio fazendo beicinho, mas o estresse irradiava dele como vapor da calçada depois da chuva.

Cheguei mais perto, me encostando a parede de concreto abençoadamente fria ao lado dele e, bati suavemente meu quadril nele. Ele me lançou um olhar interrogativo. Laird estava sem camisa, como metade dos outros caras da linha dos tambores, e, enquanto eu



tentava arduamente não olhar abertamente as linhas esculpidas do seu abdômen, ver o G tatuado no seu peito me deu uma ideia que poderia animá-lo.

— Posso dizer pelo jeito que você falou sobre ele, que é próximo do seu irmão, você já pensou em ligar para ele? Ver se ele pode vir ao jogo neste fim de semana?

— Meu irmão? — Suas palavras soaram estranguladas e estranhamente altas.

A sala toda congelou, como se alguém tivesse parado um vídeo, enquanto corriam para a cozinha para pegar um refrigerante. Ninguém se moveu ou falou, mas uma dúzia de pares de olhos voaram entre Laird e eu.

Ele ficou rígido, o sangue escoando do seu rosto.

Alarme ondulou para baixo pela minha espinha, até que meus dedos formigaram, até que eu mal podia respirar com o peso dos olhares sobre mim, mais pesado do que mil tambores.

— O quê? — Eu sussurrei.

A voz de Marco atacou. — Uau, espertinha, não acredito que falou isso. Mencionar o falecido irmão dele desse jeito. Legal. — Ele começou um lento aplauso, olhando para mim incisivamente. Ninguém se juntou.

— Como? — Meus olhos se voltaram para Laird, mas, tudo o que eu peguei foram suas costas, enquanto ele saia pela porta, a empurrando com tanta força, que bateu contra a parede no seu rastro. Eu olhei para o Marco, as palavras não fazendo nenhum sentido. — Ele morreu?

Minha mente girou, tentando juntar as peças soltas do quebra-cabeça das nossas conversas anteriores, tentando ver o quadro geral, em vez de apenas as bordas.

O G tatuado no seu peito. Ele tem um L no dele? Eu perguntei. Mas Laird não respondeu.

As histórias de quando eram crianças. Mas nenhuma de quando eles eram mais velhos.



O jeito como Laird parecia gostar tanto de Eli no hospital.

A náusea tomou conta de mim.

— O que aconteceu? — Minha voz estava grossa, e distorcida, enquanto forçava as palavras. — Quando? Como?

Marco bufou. — Você realmente não sabe? — Eu só consegui balançar a cabeça em silêncio, implorando silenciosamente para ele me dizer, para me falar, para que eu pudesse descobrir o quanto eu acabara de foder tudo.

— Câncer. Leucemia ou algo parecido, quando ele era criança. Isso bagunçou muito o Laird por um longo tempo. — A expressão do Marco se suavizou infinitamente.

Leucemia.

A palavra me atingiu como uma marreta, e eu deslizei para o chão, cobrindo meu rosto com as mãos trêmulas.

Marco bufou ironicamente. — Meninas do caralho. *É* por isso que nós nunca as tivemos na linha. — Grunhidos de acordo surgiram a partir do canto.

Ele saiu antes que eu pudesse responder, não que eu conseguisse encontrar alguma palavra.

Leucemia. Como eu.

Mas, eu sobrevivi. E seu irmão, seu irmão que ele claramente amava, havia morrido.

O que isso significava? Como isso o afetava? E isso, isso *nos* afetava? Esse era um dos porquês ele estava *comigo*? Pena? Ou algum estranho complexo de herói? Ele queria tentar me salvar onde falhou com seu irmão?

Mas, eu não preciso ser salva - ou de piedade, caramba. Eu não sou uma vítima de merda.

Meu estômago revirou e a bile subiu até que seu gosto amargo encheu o fundo da minha garganta. Eu tinha interpretado tudo errado? Esse caso entre nós, essa coisa obscura e indefinida que começara a parecer tão real, a coisa mais crua e real que já senti em



toda a minha vida, foi toda construída sobre a memória de um fantasma?

Registrei vagamente os outros caras saindo, até Smith ser o único que restava. Ele se agachou na minha frente, acenou com a mão na frente dos meus olhos cegos, até que pisquei, e ele entrou em foco na minha frente.

— O que eu fiz? — Eu olhei para ele, olhei *através* dele, perguntando ao meu melhor amigo, perguntando ao universo.

Meu mundo sublimado com uma pergunta inocente, me deixando perdida em uma nuvem de vapor cinza sem nenhum senso de direção.

Smith apenas balançou a cabeça, e se aproximou de mim, passando o braço em volta do meu ombro, enquanto eu ficava ali sentada, atordoada e piscando.

Minutos se passaram, ou talvez horas, o tempo parecia irrelevante, e minha confusão se transformou em raiva.

Por que Laird não me contou? Os outros caras da linha pareciam saber, até mesmo Smith. Eu fui a única que ficou surpresa.

Foi proposital? Ele estava escondendo isso? Não é como se ele nunca tivesse mencionado Garrett. Ele me contou todas aquelas histórias de quando eram crianças, sobre o balanço de pneu e o braço quebrado.

Ele não achava que eu poderia lidar com a verdade? Que eu era muito frágil para saber disso? *Claro,* eu sabia que algumas crianças morriam de leucemia. Esse tinha sido o maior risco de fazer amigos durante o tratamento, o dia em que seu amigo nunca mais aparecia e você era abandonada, lutando sozinha contra o inimigo invisível.

Ou eu não era importante o suficiente para falar nisso, mesmo de passagem? Especialmente depois de todas as vezes que o vi no hospital sendo voluntário? Ou, ele achava que não ficaríamos juntos o tempo suficiente para que eu precisasse saber alguns dos fatos mais básicos sobre a história de sua família?

E se ele mentiu sobre algo tão importante na sua vida, por omissão ou não, sobre o que mais mentiu?



Meu coração se partiu, um calor abrasador preenchendo a cavidade oca no meu peito, até mesmo respirar doía.

Tudo doía.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha, e Smith me puxou para o lado dele, sem dizer uma palavra, apenas me deixando encostar nele, enquanto eu chorava baixinho.

Por Garrett, que eu nunca conheceria.

Por Laird.

Por mim.

A verdade atingiu tão forte quanto o câncer. Do nada. Inesperadamente. Quando me senti confortável e minhas defesas estavam baixas.

Eu não tinha certeza do que pensar ou acreditar.

Exceto…

Eu não tinha certeza se podia confiar em Laird. Não mais.

Não quando se tratava do meu coração.



29

Reese

Liguei para ele no refúgio do meu dormitório, aproximadamente uma hora depois que a bomba caiu, evitei enviar mensagem sobre algo tão profundamente pessoal.

— Oi, — ele respondeu, sua voz baixa e crua.

Hesitei, sem saber como abordar um assunto que ele evitou propositalmente comigo. — Laird…

— Eu sei, — ele fez uma pausa, a rouquidão preenchendo o silêncio como se tivesse respirado fundo. — Eu sei que deveria ter falado sobre ele. E, eu vou. Mas não agora, não quando tenho esse maldito projeto pairando sobre minha cabeça. Eu preciso me concentrar em fazê-lo. Sem distrações.

Eu pisquei os olhos, sem dizer nada, porque de repente caí na categoria de *distração*.

— Olha, este projeto é toda a minha maldita nota nesse curso, e…

Ele continuou a falar sobre alguma justificativa, que precisava da matéria opcional para se formar a tempo, mas nesse momento, era apenas um ruído no meu ouvido.

Aquela palavra, distração, ecoava na minha cabeça.

— Pode ser? Conversamos depois.

Eu não tive a chance de responder antes dele desligar.

Não tive notícias dele desde então.

Não mais tarde naquela noite. Não nesta manhã, e nem uma vez durante as aulas de hoje.

A rejeição me picou e a insegurança afiada me inundou.

Eu estava no meio de limpar as migalhas do meu sanduíche de manteiga de amendoim e mel das minhas mãos, quando o telefone tocou após o jantar na quarta-feira. Minha ansiedade borbulhou, e eu o



peguei, ignorando o mel que espalhei pela tela no processo, esperando e temendo que fosse Laird me dizendo, que tinha terminado mais cedo.

Enquanto uma parte minha não conseguia enxergar além da mágoa e da humilhação, a outra parte maior argumentava que ele merecia a chance de explicar seu lado da história. Para me dizer o porquê dele manter uma parte tão importante da sua vida em segredo por meses.

Mas a mensagem na tela não era de Laird.

Marco: Treino extra esta noite, porque alguém ontem fez merda. 7:15 Shark Tank. Sem bateria. Vamos apenas repassar a coreografia.

Marco: Laird não estará lá, ele tem que entregar aquele projeto, por isso estarei no comando.

Apertei meus lábios num instante de irritação. Já passava das cinco. E uma rápida olhada pela janela confirmou que nuvens pesadas e cinzentas estavam se aproximando do lado oeste do campus, cobrindo o céu e fazendo parecer mais tarde do que realmente era. Franzindo a testa, digitei uma resposta.

Eu: Tem uma tempestade vindo.

Sua resposta veio rapidamente, quase como se ele estivesse antecipando.

Marco: Com medo de um pouco de água, espertinha? Vai derreter?

Eu me irritei, mas me abstive de enviar uma resposta sarcástica. Em vez disso, suspirei, e passei a próxima hora voando pelos meus deveres de matemática e biologia, antes de vestir uma legging e uma regata. Peguei meu tênis mais velho, já que sapatos não eram permitidos nos treinos, e o que quer que eu usasse ficaria encharcado.

Quando cheguei ao estádio, do outro lado do campus, as nuvens tinham se movido firmemente para a posição de ataque, zangadas e agachadas sobre o campo, que para mim estava ótimo, porque combinava perfeitamente com o meu humor.



Isso seria péssimo.

Quando saí do arco Norte, entrando no campo perto da zona final, ficou claro que, ou era um treino pessoal, ou todo mundo estava atrasado.

Cautelosamente, desacelerei, parando para guardar minha bolsa com meu celular, onde ficaria seca sob uma saliência. Limpando as palmas das mãos suadas nas minhas coxas, lembrando que podia lidar com Marco. Eu lidei com ele desde o início da temporada, e faltavam apenas algumas semanas. Mas, meus olhos cintilaram por toda parte, procurando por algo fora do comum.

Eu posso.

Marco estava encostado contra a trave oposta, parecendo minúsculo e irrelevante em comparação, e me observava sob suas sobrancelhas escuras e retas, enquanto eu me aproximava. A chuva começou com um assobio, pequenas gotas que baixaram a temperatura em alguns graus.

Eu tremia, enquanto me aproximava, me perguntando, que novo inferno ele pretendia desencadear esta noite.

— Você foi péssima no treino ontem. Eu percebi. Laird percebeu. Todo mundo percebeu, porra.

— Sinto muito. — Isso fez algo torcer e apertar dentro de mim, pedir desculpas a ele por nada, mas ele estava certo. E caramba, se isso não era duro admitir.

— Eu acho que você é fraca, Holland. Não acho que você consiga acompanhar. Não acho que você pertence à linha, mas aqui estou eu, tirando um tempo da minha agenda ocupada vindo aqui apenas para *ajudá*-la. — A garoa pontilhava sua camiseta cinza.

Eu respirei fundo, mantendo vários metros entre nós propositalmente. Tinha veneno na sua voz. Não apenas simples antipatia, mas algo que era mais profundo do que isso. Ameacei sua frágil masculinidade, fiz com que ele parecesse um idiota diante de seus colegas, seus amigos, na festa. E eu sabia que ele não deixaria isso passar.



— Eu tive um dia ruim. — Eu fiz uma careta internamente na defesa do meu tom. — Eu pratiquei a parte da caixa por uma hora antes, já resolvi isso. Estarei pronta para o jogo.

Ele curvou o lábio. — Vamos ver. — Endireitando-se, indicou o campo úmido na frente dele com uma inclinação da sua cabeça. — Eu tenho a música no meu celular. Saia, e me mostre que conhece os movimentos.

Minha testa franziu. Isso, isso não era padrão, não que Marco seguisse as regras, a menos que lhe fosse conveniente. Até certo ponto, eu memorizei o exercício pela minha posição relativa com os bateristas ao meu lado, com o resto da banda fluindo ao nosso redor. Toda essa ideia de marchar sozinha na música, parecia estranha, errada e fadada ao fracasso desde o início.

Tomei minha marca no meio da linha de vinte metros, e olhei para onde ele se posicionara nos cinquentas.

— Preparada. — Levantei minha voz para ser ouvida sobre a chuva que estava caindo constantemente agora, fazendo minhas roupas se agarrarem ao meu corpo.

Ele pressionou sua tela, e eu mal pude ouvir o final da música anterior sobre o vento.

5, 6, 7, 8 e *mova-se*.

Eu mantive meus ombros para trás, e virei meus pés quando cruzei os quarenta, e então voltei ao longo da linha pintada. Eu normalmente parava, quando estava nivelada com as trombetas, que obviamente não estavam ali para usar como ponto de referência. Eu me atrapalhei com o resto da música, marcando com confiança às vezes, e a esmo em outras. Como imitar o movimento de entrar e sair entre os outros tocadores de tambor, quando eles não estavam aqui?

Quando a última nota da música desapareceu, eu estava a dois passos dos trinta e cinco, mais perto do lado de fora do que no meio do campo. Bem onde eu deveria estar.

Ele caminhou até onde eu estava, meu rabo de cavalo encharcado nas minhas costas, e água escorrendo nas minhas meias.



— Que porra foi essa?

— Um novo clássico do Bon Jovi incrivelmente reinventado pela banda da Rodner University?

Ele não gostou da minha resposta engraçadinha, se o olhar feio que escurecia seu rosto fosse uma indicação.

— Você parece sem fôlego, NAD. A resistência é o problema? — Ele estendeu a mão para limpar a chuva da minha bochecha, uma tentativa inútil, considerando a tempestade completa em que estávamos.

Eu recuei, não perdendo o modo como seus olhos baixaram, avaliando a maneira como o frio fez meus mamilos ficarem atrás do meu sutiã esportivo. Abaixando meus ombros, puxei minha camiseta encharcada.

O trovão ecoou à distância como um timbales[15], e explosões de raios iluminaram fragmentos espalhados pelo céu.

Lambi meus lábios, saboreando a doçura das gotas de chuva, sabendo que era inútil negar sua acusação.

Ele sorriu, um sorriso sincero e generoso. — Talvez, correr alguns estádios ajudaria? Um pouco mais de exercício aeróbico pela falta de treino na semana passada?

Meus olhos saltaram para as filas intermináveis de assentos. Embora o Shark Tank não fosse tão íngreme quanto o Death Valley em Clemson, ainda era um longo caminho até o topo.

O estrondo de um trovão caiu nas proximidades, fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem. Eu me encolhi por reflexo. Marco ficou impassível, como se não sentisse o vento ou a tempestade nos atacando, como se as nuvens fossem uma audiência para a qual ele estivesse se apresentando.

Então, ele deu de ombros indiferentemente, se virando para o fim do campo. — Só estou tentando te ajudar, espertinha. Eu odiaria que você perdesse seu lugar no campo esta semana também.

---

[15] Timbales ou chaleiras são instrumentos musicais na família de percussão. Um tipo de tambor classificado como tambor semi-esférico, consiste em uma membrana chamada cabeça esticada sobre uma tigela grande tradicionalmente feita de cobre.



A ameaça pairava entre nós, apesar da sua postura indiferente, o desafio implícito do qual eu não conseguiria me safar.

Que se foda isso.

E, ele que se foda.

Sim, eu poderia ir embora, mas e depois? Perder o meu lugar por causa de um valentão que se sentiu ameaçado por uma garota? Eu nunca fui de desistir de um desafio, pelo simples fato de que por anos, as pessoas me deram um passe, uma exceção.

Oh, Reese. A garota do câncer. Professores bem-intencionados oferecendo intervalos nos deveres de casa, mais tempo para fazer a prova ou correr um quilometro, me dando uma versão diferente, mais fácil, do exame que todo mundo estava fazendo.

Todos me tratavam de forma diferente, e eu estava de saco cheio disso.

Pelo menos, o desprezo de Marco era refrescante em certo sentido. Não só ele não estava me dando nenhuma folga, como me pressionava mais do que todo mundo. E, eu me recusei a desistir, da mesma forma que me recusei a ter padrões diferentes na escola.

Veja-me provar que você está errado, poderia muito bem ser o meu lema, desde que fui declarada sem câncer tantos anos atrás.

Torci meu rabo de cavalo inutilmente. — Estádios, hein? — Indiquei a escadaria mais próxima com o queixo. — Quantos?

Ele deu de ombros, como se de repente não se importasse mais, mas seus olhos brilhavam em desafio. — Eu normalmente faço todas as seções Oeste e Sul sozinho. Já que você é uma garota... talvez só a Oeste?

Oh, inferno não, ele não disse isso. O sorriso que contorcia seu rosto, fez minhas mãos fechar em punhos e meus cotovelos enrijecer ao meu lado.

— A Oeste *e a Sul*. Entendi.

Sem olhar para trás, saí num ritmo calmo, sabendo que precisava aquecer meus músculos antes de aumentar o ritmo. Os assentos



sacudiram quando um relâmpago caiu perto. Eu hesitei, mas continuei subindo. Subindo e descendo. Repetidamente.

Enquanto eu subia e descia os degraus, meu pensamento se voltou para Laird, e o que ele pensaria sobre essa noite. Sem dúvida ele ficaria furioso, e teria colocado um fim a isso antes mesmo de começar. Mas, não consegui falar com ele, pedir ajuda para lidar com o Marco.

Sem privilégios especiais.

Se eu queria ficar na linha da bateria, faria isso sozinha.

Apertei meu maxilar, e continuei subindo.

Quando terminei a Oeste e na metade da Sul, a tempestade intensificou como se tivesse uma vingança pessoal contra estádios de futebol universitários vazios. Meu suor se misturou ao aguaceiro, a combinação queimando meus olhos, e me concentrei onde meus pés estavam pousando, o céu escuro e os degraus escorregadios.

Marco sentou perto do final da seção em que eu estava, me observando por baixo da aba encharcada de um boné de baseball do Rodner Sharks. Ele parecia entediado com a coisa toda, mas eu me recusei a parar, para lhe dar a satisfação de eu desistir.

Eu estava a cerca de duas dúzias de degraus da base, quando aconteceu.

Meu pé direito deslizou debaixo de mim, e eu joguei meus braços para fora instintivamente para me segurar, quando meu movimento me fez cair pelos frios degraus de concreto. Eu gritei uma vez, agudamente, antes que meu queixo batesse no chão, me silenciando.

Eu rolei e caí em uma parada encharcada na base, a dor irradiando de todos os lugares ao mesmo tempo. O horizonte oscilou através de uma cortina de água. Eu pisquei, e sapatos pararam na minha frente. Eu segui as pernas para cima, parando quando cheguei ao rosto de Marco, dividido com um sorriso e brilhando mais do que uma árvore de Natal.

— Eu te avisei. Linha de bateria não é um lugar para garotas.



Ele estendeu a mão e acariciou minha cabeça, da mesma forma que faria com um cachorro. E não apenas qualquer cachorro, um *poodle* filho da puta, como se eu fosse uma inofensiva bola de pelos. Enquanto fiquei lá, atordoada e ofegante, ele se afastou como se fosse tomar uma cerveja e já voltasse, me deixando uma bagunça amarrotada na base das arquibancadas.

Meu orgulho não me deixou chamá-lo.

Quando a realidade de que ele se foi, de verdade, e realmente, me deixou aqui, fiz um balanço dos meus ferimentos.

Meu queixo doía, mas eu podia abrir a boca. Meu quadril, o mesmo que eu havia machucado antes, estava sensível, assim como alguns outros pontos que sofreram impacto direto. Mas meu pulso esquerdo era o pior, já ficando roxo e inchado. Enquanto eu podia mexer meus dedos bem, dobrá-los para frente trouxe lágrimas aos meus olhos, e um suspiro de agonia escapou apenas para ser engolido pela tempestade, inaudível por qualquer pessoa.

Eu me levantei com cuidado, aliviada ao ver que podia andar bem. O sangue pingava de alguns lugares, escorrendo como tentáculos rosa pálido pelos meus membros, arranhões superficiais que pareciam piores do que sentiam.

Mas meu pulso, eu não podia ignorar o latejar de dor ali. Eu o embalei no meu peito, enquanto me dirigia para a saída.

Queridos anjos da guarda de asas douradas de plantão nesta merda de noite, por favor, não deixe que esteja quebrado.

Marco tinha ignorado minha bolsa quando saiu. Meu telefone estava lá, salvação entregue na forma de um Apple. Quem disse que Deus não tinha senso de humor?

Mas, meu sorriso de alívio vacilou, quando peguei o telefone.

Eu precisava de um maldito Pronto-socorro.

E uma carona. Dirigir sozinha não era uma opção. Além disso, eu sabia o procedimento. Os médicos cautelosos, só receitariam os bons analgésicos se eu tivesse um motorista. E esta noite, eu precisava dos bons.



Eu peguei meu telefone. Apesar de tudo, minha primeira inclinação foi ligar para Laird em busca de ajuda. O polegar da minha mão boa pairou sobre suas informações de contato no meu telefone, hesitando. Na semana passada, eu não teria pensado duas vezes sobre isso, mas agora duvidei do meu instinto. As coisas entre nós ainda pareciam serrilhadas e frágeis.

E o seu projeto. Merda, seu projeto. Ele não podia trabalhar em um pronto-socorro barulhento. E novamente, eu sabia por experiência própria, nenhuma visita ao pronto-socorro era rápida. Seriam pelo menos três ou quatro horas a partir de agora, no mínimo, antes de eu receber alta.

Porra.

Toquei na tela, esperei enquanto tocava duas vezes, três vezes.

— Oi?

— Robin? — Minha voz falhou, e um soluço rompeu. — Batman precisa de ajuda.



30

Reese

Quando a enfermeira com o rabo de cavalo saltitante saiu, depois de terminar meu histórico médico inicial, Smith estava de cara feia.

Não, era mais irritação, pela maneira como toda a sua testa e nariz também estavam enrugados.

Porque, sim, não tinha pensado em toda a consulta de emergência. Eu não menti para os médicos. Jamais. Eles não poderiam efetivamente me ajudar se não soubessem a história real. E, eu tinha muito respeito por eles, depois da minha infância, para enganar e dificultar o trabalho deles. Eu meio que esqueci, que Smith ouviria que tive leucemia quando criança, ou que caí de duas dúzias de escadas de concreto no meio de uma tempestade.

— Conte-me. O que. Aconteceu. — Sua expressão não vacilou, seu maxilar apertado.

Eu mudei meu pulso para uma posição mais confortável no travesseiro em que o apoiava, enquanto esperávamos pelo médico. Por sorte, o pronto-socorro estava bem vazio por causa da chuva, e fui levada para um quarto imediatamente. A sala de exame era mais moderna do que eu esperava, com uma parede de vidro de frente para o corredor que podia ser fechada por uma cortina, e uma TV de tela plana presa em uma parede acima de um quadro branco.

— Só um pequeno trote que deu errado. Você sabe como Marco está ao meu redor. — Eu tentei ignorar o resto da história, mas Smith não deixou.

— Conte-me. O que. Aconteceu, — ele repetiu, se inclinando para frente, e segurando a grade.

Eu tremia, ainda encharcada até os ossos. O que tinha nos hospitais e sistemas de ar condicionado exagerados?



Smith abrandou o tempo suficiente para me buscar dois cobertores aquecidos no posto de enfermagem, antes de retomar sua posição, cara feia e tudo mais.

Mas a médica entrou antes que eu pudesse falar, e recapitulei os eventos da noite pela terceira vez. E, ela queria mais detalhes.

Eu bati minha cabeça?

Meu queixo, mas não minha cabeça.

Alguma vez perdi a consciência?

Não.

Alguém testemunhou a queda?

Eu hesitei antes de concordar.

E ele pediu ajuda?

Eu estudei o hematoma crescente no meu pulso, a forma como se estendia sobre a palma da minha mão agora. Meu silêncio foi resposta suficiente, e Smith rosnou ao meu lado, suas mãos em punhos apertados em suas coxas.

Seguimos o restante da linha do tempo até eu chegar ao hospital, incluindo o fato de que Smith era um amigo a quem pedi uma carona, e que não estava presente quando me feri, e então, a médica me guiou através de uma série de exercícios de amplitude de movimento, tanto passiva quanto ativa, antes de pedir radiografias da minha mão e pulso.

— Depois que o técnico receber as imagens, a enfermeira começará a limpar alguns dos seus outros arranhões, enquanto esperamos que as radiografias sejam lidas. Há muitos ossos na mão e queremos ter certeza de que você não quebrou nada. Alguns deles, como o escafoide, temos de ter cuidado. Você é alérgica a alguma coisa? Vamos em frente, e também receitar alguns analgésicos para dor.

Eu balancei a cabeça. — Não, nada. E, obrigada.

Ela sorriu, mas olhou para o Smith com desconfiança. Sem dúvida, eu parecia uma possível vítima de abuso doméstico. — Tem mais alguma coisa que você gostaria de me falar?

— Não senhora.



A enfermeira com o rabo de cavalo saltitante me trouxe alguns analgésicos junto com uma luva de nitrila cheia de gelo para segurar no meu maxilar, enquanto esperávamos pelo raio-x, e não pude deixar de notar o jeito que ela examinava sorrateiramente as mãos de Smith, enquanto me atendia.

Eu me senti mal pelas coisas que eles provavelmente o estavam acusando nas suas cabeças, mas seus dedos estavam lisos e limpos, a pele sem manchas e intacta, então, logo perceberam que estavam latindo para a árvore errada.

Enquanto o técnico me levava à radiologia, ele continuou a linha de questionamentos que tinham começado antes, provavelmente para ver se eu responderia de forma diferente, agora que estava sozinha, se me sentia segura, se precisava de ajuda, se precisava falar com um assistente social ou o médico em particular. Ele finalmente me perguntou se o cara que me trouxe aqui me machucou, o que eu neguei veementemente.

Eu admirava sua meticulosidade mesmo enquanto o embaraço me inundava.

Mas, depois que as radiografias foram feitas, e meu corpo adornado com ataduras em meia dúzia de lugares onde eu estava sangrando, Smith não poderia ser enrolado por mais tempo.

— A médica acabou de entrar no quarto com um cara velho que estava ofegando. Ela provavelmente vai demorar um pouco. Fale comigo, Batman. Deixe-me entrar. Leucemia? Você também teve? Como o irmão de Laird?

Fechei meus olhos. — Sim. Suponho. Quero dizer, eu não sabia até ontem que Garrett tinha câncer, muito menos que ele morreu disso. E desde que ainda estou aqui, não é exatamente o mesmo, certo? — Minha testa enrugou quando pensei mais sobre isso. — Eu nem sei se ele teve o mesmo tipo de leucemia. Na verdade, Laird não está falando comigo no momento.

— Por quê? Por causa da sua pergunta depois do treino anteontem?



Dei de ombros, um rubor subindo pelo meu pescoço. — Eu acho? Talvez? Ele também disse que precisava terminar seu projeto de videogame. Eu sei que ele esteve ocupado com isso a semana toda.

— Ah, sim. — Os ombros de Smith relaxaram. — O projeto dele. Tenho certeza de que não tem nada a ver com você. Não há dúvida de que esse cara é louco por você. — Ele apontou para o meu telefone na outra cadeira do visitante na sala. — Você quer ligar para ele?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é?

Eu lambi meus lábios secos, minhas emoções uma confusão. — Que horas são? — Os hospitais não colocam relógios na parede dos quartos dos pacientes.

Smith checou seu relógio. — Um pouco depois das dez.

— O prazo final do projeto é meia-noite. Ele provavelmente ainda está trabalhando. — Eu me agarrei a essa desculpa, para não ter que analisar porque meu estomago parecia pesado, meu peito um pouco apertado, quando pensei em Laird curvado sobre um computador, seus dedos voando enquanto ele depurava seu programa em uma daquelas linguagens esquisitas que pareciam um disparate para mim. — Vou mandar uma mensagem para ele quando sairmos daqui.

Era mentira.

Eu não ia.

Mas Smith assentiu, parecendo aliviado.

— E as coisas com Marco? Tem sido pior do que você me contou, não é?

Percorri minha memória, tentando classificar os eventos que ele testemunhou versus os que ele não tinha.

— Ele me fez tropeçar alguns meses atrás durante o acampamento da banda. Tenho certeza de que ele alegaria que foi um acidente, ou que eu era desajeitada, ou algo assim, mas machuquei meu quadril bem feio quando caí no meio fio.

Smith amaldiçoou em voz alta, e aproximou um pouco mais a cadeira, estendendo a mão para apertar meu tornozelo na parte inferior da cama. — O que mais? — Ele pressionou. — Tem mais, não tem?



Comecei a franzir meu rosto, mas isso fez meu queixo doer, então eu decidi dar de ombros. — Você sabe que eu limpo o quarto dele, espere, falando sobre isso. — Fixei o Smith com um olhar penetrante, como se eu quisesse entender melhor, o que tinha visto naquele dia, antes de tirar isso da minha mente. — Na semana passada, encontrei pirulitos de uva e duas embalagens de preservativos perto da lata de lixo. Marcas diferentes. Tamanhos diferentes. Alguma coisa que você gostaria de compartilhar *comigo*, Robin? — Tentei transferir o foco de volta para ele.

Mas, Smith apenas franziu a testa, enquanto um rubor revelador cobriu suas bochechas. — Nada que valha a pena compartilhar. Depois de muitas cervejas uma noite, Marco deu em cima de mim. E... e... — Smith vacilou, apertando os dedos ao redor dos joelhos, e não fazendo contato visual comigo. — Olha, quando o cara concentra toda a sua atenção em você, pode ser francamente lisonjeiro. Ele é um veterano gostoso, e sim, é óbvio que agora ele é um maldito idiota, mas ele me notou. E, foi bom, entende?

Suas palavras foram rápidas, como se ele só quisesse libertá-las, e falar de uma vez, e deixar tudo para trás. — Mas, ele é o cara mais egocêntrico com quem já fui para a cama, e vamos só dizer, que nós dois não tivemos um final feliz naquela noite. Então, claro, no dia seguinte, quando lhe disse isso, ele olhou para mim como se eu fosse louco, e ele não se lembrasse de nada, e *eu com certeza tinha uma imaginação hiperativa,* e *ele não gostava dessa fruta.*

— Smith... — Minha voz caiu em um sussurro simpático. — Você pode conseguir alguém muito melhor do que ele.

— Não brinca. Você já me viu? — Ele esfregou os olhos com as palmas das mãos, e riu sem graça. — Mas eu pensei sobre isso mais tarde. Com ele, não acho que sexo seja sobre prazer. Quero dizer, é, mas não acho que seja isso que realmente o deixa excitado. Eu acho que é uma coisa de domínio. Ele fica excitado quando controla alguém, seja no quarto ou no campo de treino... ou até mesmo toda essa situação assustadora com você. Eu sinceramente acho que no fundo ele



é um garotinho assustado e inseguro, e tenta agarrar qualquer semelhança de poder, que possa fazer ele se sentir um homem.

Olhei para Smith, enquanto ligava suas palavras na minha cabeça, assentindo lentamente, quando percebi que sua percepção estava correta. — Isso é fodido, entende? Se dar bem derrubando os outros? Um homem de verdade...

—... Não precisa fazer essa merda. Ponto final, — Smith terminou asperamente. Seu joelho saltando agitado.

A porta se abriu, e tênis desgastados rangeram no chão, quando a médica voltou, interrompendo momentaneamente a nossa conversa.

Ela me deu um meio sorriso, como se estivesse cansada demais para se comprometer totalmente com o movimento. — Senhorita Holland, como está se sentindo? Analgésicos fazendo efeito? Vejo que seus pequenos arranhões agora estão cuidados.

— Estou bem, — respondi automaticamente, tentando ler sua linguagem corporal para ter uma ideia o que os raios-x mostraram.

— Bem, o radiologista não viu nenhuma fratura, então, parece que você só tem uma torção desagradável aí. — Sua entonação mudou um pouco, quando ela fez um discurso que obviamente dera incontáveis vezes. — Daremos a você uma braçadeira, e um encaminhamento para o ortopedista na próxima semana, alguns anti-inflamatórios e analgésicos, e a liberaremos em breve. A enfermeira repassará a terapia básica de RICE[16], quando ela trouxer a documentação da alta, mas você deve ter calma nos próximos dias. Se piorar, os seus dedos ficarem frios ou pálidos, ou a dor aumentar desproporcionalmente ao que você espera, precisará voltar imediatamente para mais exames. Você pode tirar a braçadeira para tomar banho, mas terá que usá-la como apoio nos próximos dois dias, até que consiga ver o ortopedista. Alguma pergunta?

— Não senhora. Obrigada.

Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada.

---

[16] O **método RICE** é uma técnica simples de autocuidado que ajuda a reduzir o inchaço, aliviar a dor e acelerar a cicatrização.



A médica saiu tão rápido quanto chegou, indo para o próximo paciente.

Smith olhou para mim sombriamente. — O que você vai fazer com o Marco? E tudo isso? No mínimo, ele deveria ter que cobrir suas contas médicas.

— Eu? — Eu bufei. — Você acha *que* posso fazer Marco fazer alguma coisa? E de qualquer maneira, ele dirá que eu tropecei, o que é tecnicamente verdade. Ele não me empurrou, ele não me bateu. Ele só estava lá quando *sofri um acidente*. — O sarcasmo espesso não foi perdido por Smith.

— Nós dois sabemos que ele é responsável por isso.

— E ele dirá que eu sou uma garota fraca, que não conseguiu aguentar, e você é um caso ciumento de uma noite.

— Que se foda isso. — Smith ficou quieto por um momento. — E o Laird? Ele ficará furioso.

Eu respirei fundo. — Não, se eu não lhe contar.

— Você *precisa* contar para ele, Reese. Além disso, ele verá a braçadeira.

— E vou contar para ele. Que eu *tropecei*. O que é verdade.

A enfermeira escolheu esse momento para entrar, com uma pilha de papéis na mão, e ela piscou com a veemência da minha explosão, me olhando com preocupação mais uma vez. — Tudo bem aqui?

— Estamos bem — me apressei a tranquilizá-la, e escutei atentamente enquanto ela passava pelas instruções de cuidados posteriores, as prescrições, e me deu o cartão com a consulta do ortopedista perfeitamente impressa nele. Enquanto ela falava, envolveu meu pulso numa braçadeira preta reforçada e prendeu as tiras de velcro.

— Quer uma tipoia? É mais para o conforto do que qualquer outra coisa, mas fico contente em mandar uma para casa com você.

— Obrigada, mas vou recusar. — Não tinha como usar uma tipoia durante uma semana. E, ou aqueles remédios estavam realmente

começando a funcionar, ou meu pulso não estava tão ruim quanto eu pensava.

Eu me virei para ver se Smith estava pronto para ir, e o quarto girou por um momento.

Sim, os remédios estavam funcionando.

Certamente, essa era a razão pela qual desejei, apesar de tudo, que Laird estivesse aqui ao meu lado, que Laird estivesse me levando para casa, e Laird que, na minha imaginação, ficasse comigo a noite toda, me abraçando e me ajudando a esquecer dos segredos de irmãos mortos, e tenentes babacas.

Eu pisquei de volta as lágrimas quentes, me recusando a deixá-las cair.

— Leve-me para casa, Robin. Eu não quero mais falar sobre Marco. Ou Laird. Estou cansada. Foi uma noite longa.

Ele pegou meu celular e minha bolsa sem discutir, e me ajudou a levantar.

— Vamos para a Batcaverna para que você possa dormir. Lutaremos contra o bandido amanhã.



31

Laird

Depois de uma maratona de quarenta horas em que reprogramei meu videogame a partir do zero, parando apenas para participar de algumas aulas que não consegui me livrar, eu dormi.

Eu dormi como uma rocha.

Eu dormi durante todas as minhas aulas da quinta-feira, obrigatórias ou não, e acordei uma hora antes do treino da banda, com tempo suficiente para escovar os dentes, tomar banho e correr para o campus.

Mas, caramba, foi bom finalmente ver meu aplicativo funcionando corretamente, sabendo que não só seria o campeão da minha classe, mas também poderia terminar de desenvolver os aspectos comerciais da infraestrutura do negócio, e lançá-lo comercialmente durante o feriado de Natal.

Meus colegas de classe poderiam talvez achar que era estupidez da minha parte me preocupar tanto com isso, que eu deveria ter levado um C no curso e seguir em frente, mas eu não podia ignorar a pressão da minha formatura se aproximando, e da minha entrada eminente no mundo real.

A amarga realidade de que meu pai me deserdou, minha mãe se foi há muito tempo, e eu estava basicamente sozinho.

Então, sim, talvez isso tenha me tornado um nerd, mas eu queria ser levado a sério como um adulto responsável em poucos meses, ser meu próprio chefe, pagar minhas próprias contas, e preencher os requisitos do meu planejamento de cinco anos.

Mas principalmente, eu queria que uma caloura de olhos castanhos e cabelos escuros soubesse que eu poderia sustentá-la.

A nós dois.



Reese era minha motivação, meu objetivo final, e não foder tudo estava bem no topo da minha lista de prioridades, especialmente depois daquela confusão no último treino.

Eu precisava pedir desculpas pelo jeito que saí correndo, quando sua inocente pergunta sobre Garrett me pegou de surpresa, e explicar, por que eu não falava sobre a sua morte com muita frequência, mesmo que não tivesse escrúpulos em relembrar seus bons anos.

Uma coisa era falar sobre Garrett com *ela,* e, eu devia isso a ela, mas, não era um assunto sobre o qual eu queria entrar em detalhes na frente de todos os caras. Embora sua morte fosse de conhecimento relativamente comum para aqueles que moravam na região, devido à cobertura de notícias e à captação de recursos que fizemos por ele naquela época, ainda doía pra caralho falar sobre isso.

Dito isso, fui errado em fugir do jeito que fiz, por não ficar tempo suficiente para ela perceber que eu não estava chateado com *ela*. E, eu deveria ter colocado imediatamente o Marco em seu lugar por seu comentário idiota, zombando dela por sua pergunta inocente. Eu estava com muita pressa de escapar para pensar sobre as coisas no momento.

Não era culpa de Reese, eu não ter lhe contado sobre toda a bagagem do meu passado.

Um sorriso ansioso levantou os cantos da minha boca, enquanto me aproximava do auditório para pegar meu tambor, só de pensar que a veria em poucos minutos, porque, porra, eu senti falta de falar com ela nos últimos dois dias.

Será que ela quer jantar esta noite?

Meu ritmo aumentou.

Será que me deixaria jantá-la esta noite?

Você sabe, depois que conversarmos e nos beijarmos e fizermos as pazes.

Um flash de pele bronzeada e rabo de cavalo chamou minha atenção, através da porta de vidro do prédio, e subi correndo os degraus para pegá-la, mas quando abri a porta, ela já havia desaparecido na sala de equipamentos.



Droga. Eu realmente esperava encontrá-la no corredor, para ter um minuto em particular com ela antes do treino começar, sem atrair muita atenção.

Quando passei pela porta da sala, Smith já estava amontoado ao lado de Reese, falando em voz baixa. Ela tinha algum tipo de braçadeira preta presa no pulso esquerdo, e parecia que estava tentando puxá-la, enquanto Smith inflexivelmente recolocava o velcro que ela acabara de soltar.

Quando me aproximei, ele espetou um dedo no braço dela, apontando e sussurrando palavras que eu não consegui entender. Seu rosto estava franzido de raiva ou frustração ou alguma estranha combinação dos dois e meus pelos arrepiaram automaticamente.

— O que está acontecendo? Reese? Você machucou seu pulso? — Peguei seu braço, mas ela terminou de remover o aparato, o jogou na sua bolsa, e escondeu o braço atrás das costas, fora da minha vista.

— Nada. — Ela lançou um olhar carregado para Smith. — Não é *nada*. Apenas uma pequena tendinite doendo. Estou bem para treinar.

Smith amaldiçoou baixinho e se afastou, depois de lançar um último olhar sombrio para ela.

— Reese? — Meu tom a fez relutantemente se mover até que eu pudesse ver sua mão.

Ela a levantou, e mexeu os dedos, mas afastou quando tentei tocá-la.

Isso doeu, mas mantive minha expressão neutra.

— Você está bem para treinar ou não? — Minhas sobrancelhas franziram, enquanto eu estudava seu braço. Parecia um pouco inchado, mas tudo bem.

— Claro! — Ela respondeu rapidamente, seu tom um pouco brilhante demais.

Eu hesitei. Reese conhecia seus próprios limites melhor que eu, e se ela disse que estava bem, quem era eu para discutir?

— Usar a braçadeira ajudaria? — Perguntei.



Ela lambeu os lábios, e olhou para a bolsa por um segundo. — Eu estou bem.

Atrás de mim, Smith bufou e balançou a cabeça. Eu o observei por um segundo, e levantei minhas sobrancelhas. — Algo que eu precise saber?

Smith abriu a boca, dando um passo à frente, mas quando Reese lhe deu uma cotovelada não tão sutil, ele a fechou novamente, franzindo a testa. — Não, — ele murmurou amargamente.

— Tudo bem então, pegue seu equipamento e entre no campo. Reese, posso falar com você depois do treino? E se o seu pulso começar latejar lá fora, fique de lado por alguns minutos, ou deixe o Heath tomar o seu lugar. — Eu a prendi com um olhar que teria deixado meu pai orgulhoso. — Entendido?

Ela assentiu, se abaixando, e evitando contato visual.

Eu hesitei por um momento. Algo sobre toda essa situação parecia estar *errado*, mas eu não conseguia identificar o quê.

A sensação não desapareceu durante o treino. Ela estava lenta, rígida e fora do ritmo mais do que dentro.

E Marco notou, pressionando-a com mais força do que o normal, até que eu acabei com ele, depois que ele apontou o erro dela pela terceira vez.

— Cala essa boca, cara. — Eu entrei no seu espaço pessoal, bloqueando sua visão de Reese, que estava trêmula depois de uma seção particularmente animada. — Ela já ouviu, ela me disse que seu pulso estava doendo, e você gritando com ela não vai mudar as coisas. Por que você não ajuda o Heath, caso ele precise substitui-la esta semana, não é? O desempenho dele não foi tão bom no outro dia, se você precisar micro gerenciar alguém.

Marco manteve sua posição, nossos tambores nivelados entre nós. — Você nem sabe do que está falando, Laird. Eu e Reese, temos um acordo. Eu tenho me perguntado sobre vocês dois, o que vocês fazem fora de campo, mas juro, que você não é o único com quem ela está passando um tempo. Ela gosta quando sou duro. Se você não



acredita em mim, talvez você devesse perguntar por que ela tem a chave do meu quarto? Ou lhe pergunte, onde ela estava na noite passada. Aposto qualquer coisa que ela mentirá, não mencionará nada sobre mim. Mas, verifique o telefone dela. Eu a encontrei para uma pequena sessão de treino individual, se é que você me entende. — Ele balançou as sobrancelhas, e lambeu os lábios, antes de me soprar um beijo obsceno.

Meus olhos voaram passando dele para Reese, que estava tentando fingir que não estava assistindo o confronto entre Marco e eu.

Será que ela...?

Não. Ela o odeia.

Mas, aquela sensação de desconforto antes do treino voltou. De que algo não estava bem.

A dúvida coagulou no meu estômago, mais aguda do que um soco.

O resto do treino foi um borrão. Não lembro se nossas linhas estavam no ponto ou se o nosso trabalho de baqueta estava firme, foram apenas duas horas de barulho e movimento, até que o tambor principal soprou o apito final, sinalizando o fim.

Nem mesmo esperando o alívio do auditório com ar condicionado, fui direto para Reese.

— Venha comigo, — eu grunhi, mais duro do que eu pretendia.

Eu me forcei a andar normalmente até o limite do campo, e quando cheguei à linha lateral deserta, me virei tão rápido, que meu tambor bateu no meu quadril. Impaciente, eu o puxei sobre a minha cabeça, e o coloquei no chão perto dos meus pés. Eu também removi o equipamento de Reese, colocando seu tambor ao lado do meu, e quando vi um terceiro tambor batendo na grama, percebi que Smith tinha se juntado a nós.

O suor do arreio fez minha camiseta grudar no meu peito, e a brisa parecia fria enquanto passava por nós, mas eu mal apreciei a sensação.



Minha cabeça estava em toda parte, pensamentos zunindo de um extremo ao outro. Eu respirei fundo, tentando descobrir por onde começar.

— Você tem a chave do apartamento do Marco? — Eu perguntei sem rodeio, rezando para que ela dissesse não, que Marco estava apenas falando bobagens como sempre.

— Eu... — Seu olhar assustado voou para o meu, e era óbvio que não era a pergunta que ela estava esperando. — Sim.

— Por quê? — Eu bati antes que ela tivesse a chance de continuar sua resposta anterior.

— Para limpar o quarto dele.

— Por que diabos você está limpando o quarto dele? — Que tipo de besteira era essa?

— Ele disse que era uma coisa da bateria. Que todos os NADs foram atribuídos a um veterano. Você sabe, — ela abaixou a voz um pouco, mesmo que ninguém mais estivesse ao nosso redor exceto Smith, — uma coisa de trote.

Eu joguei minha cabeça para trás, tentando entender sua resposta. Isso nunca tinha sido uma *coisa da* bateria desde que eu estava na linha. — Por que você não me contou? Isso é um disparate.

Ela me deu um pequeno encolher de ombros, segurando seu pulso contra o estômago. — Não era nada que eu não pudesse lidar. Eu tinha tudo sob controle.

— Essa merda termina agora, — eu ordenei, sabendo que soava ridículo e possessivo, mas incapaz de me conter.

Uma mancha escura no braço da Reese chamou minha atenção, e sem lhe dar uma chance de se afastar, eu capturei sua mão e gentilmente corri meu polegar sobre a marca roxa.

— Ok, — ela concordou apressadamente, tentando libertar sua mão.

Eu segurei com mais força.



A descoloração se espalhou, o roxo crescendo a cada passo do meu polegar. — Que porra é essa? — Olhei para o meu polegar. Estava coberto de um creme bege. — Maquiagem?

Eu tirei minha camiseta, e Smith assistiu forçadamente ao meu lado, enquanto eu limpava o corretivo restante ou o que diabos era isso em sua pele.

Um hematoma enorme cobria o aspecto medial, obrigado, aula de Anatomia, do pulso, do meio do antebraço até o meio da palma da mão. Tinha que doer como uma cadela.

E agora que eu tinha visto isso, notei outros arranhões menores e mais superficiais. No joelho, na canela, no cotovelo. *Que porra aconteceu?*

Eu queria despi-la, ali mesmo, e verificar o resto dela, passar minhas mãos sobre cada centímetro de seu corpo apenas para me assegurar de que ela ainda não estava escondendo um ferimento maior e mais sério.

— Você *tocou* assim hoje? *Por quê*? O que aconteceu? — Eu resmunguei, enquanto traçava a margem da sua lesão, onde o roxo se tornou verde. — E por que você não me *contou*?

A última pergunta era a que mais importava no meu cérebro agitado.

— Estava chovendo na noite passada, e as coisas ficaram escorregadias. Eu perdi o equilíbrio em alguns degraus e caí. Nada demais.

Eu apontei para o pulso dela. — Isso *não* é algo de pouca importância. Isso precisa de atenção médica.

— Ela teve, — Smith interveio baixinho. — Eu a levei ontem à noite.

Meu olhar se virou para ele descontroladamente, mesmo quando me recusei a soltar a mão da Reese. — *Você* estava lá?

— Sim. Não. Mais ou menos. — Meu rosto deve ter tido o efeito desejado, porque ele se apressou para explicar. — Eu não estava lá



quando ela se machucou, mas ela me ligou, e eu a levei para o pronto-socorro do centro. Ela o torceu.

— Caramba, Smith, só fofocando nas minhas costas, por que você faz isso? — Reese murmurou, franzindo a testa para ele.

— Mas. O que. Aconteceu? — Meu pulso palpitava no meu pescoço, enquanto eu olhava entre os dois.

Reese gritou, e percebi que, inadvertidamente apertei meu domínio sobre ela. Eu a soltei imediatamente, e ela segurou seu braço contra a parte inferior do abdômen.

— Você está bem? — Eu suavizei minha voz. — Eu machuquei você?

Ela baixou o queixo, mas não antes de eu ver o brilho das lágrimas em seus olhos.

— *Porra*. — Corri minhas mãos pelo meu cabelo, puxando os fios curtos em frustração. — Smith. Dê-me a versão curta antes de eu enlouquecer aqui.

— Ela estava fazendo exercício aeróbico no estádio na noite passada, e escorregou rolando vários degraus. Apoiou-se em seu pulso. Ela me ligou, eu a levei para o pronto-socorro, eles fizeram raio-x e tudo mais. Ela *deveria* estar usando o suporte até ver o ortopedista.

Noite passada...

— Marco estava lá? — Minha voz cortou o ar como uma faca.

— Não.

— Sim.

Eles responderam simultaneamente, então Reese se virou e olhou para o Smith. — Traidor, — ela sussurrou.

Eu peguei o queixo de Reese entre o polegar e o indicador, e o levantei até que ela foi forçada a encontrar o meu olhar. — Você estaria disposta a me mostrar suas últimas mensagens dele?

Seus olhos se arregalaram e seus lábios tremeram. Eu mal a ouvi responder. — Ele estava lá.

— Isso foi culpa dele?

— Sim.



— Não.

Eles falaram em uníssono novamente. Eu queria encontrar o Marco, e usá-lo como um saco de pancadas, enterrar meus punhos nele até que essa raiva dentro de mim estivesse saciada.

— Onde foi isso? — Minhas mãos se fechavam repetidamente aos meus lados. — Nas arquibancadas? Ou nas escadas dos fundos perto das estações de comida?

Reese franziu as sobrancelhas, como se não entendesse por que isso importava. — Nas arquibancadas. As do Sul.

Eu arquivei a informação para mais tarde. — E você ia me dizer? — Meu tom estava perigosamente suave.

Reese endireitou os ombros, soltando o braço do suporte protetor. Ela deu um passo à frente, tão perto que eu poderia me curvar e beijá-la, e respondeu no mesmo tom que eu acabara de usar. — E a quem eu teria contado? Meu capitão de bateria? Aquele que me disse que os NADs deveriam fazer o que um veterano dissesse a eles? Ou o cara com quem tenho dormido? Aquele que mentiu para mim o tempo todo sobre o irmão dele?



32

Reese

— O que aconteceu com você? — Eli apontou para a braçadeira no meu braço.

— Eu tropecei nas escadas. — Eu mantive minha voz leve e encolhi os ombros. — Mas o médico disse que estarei como nova em uma semana ou duas.

Ele olhou para a porta atrás de mim com expectativa, e eu segui seu olhar.

Quando a abertura permaneceu vazia, eu me virei novamente, minhas sobrancelhas erguidas em silenciosa pergunta. — Você está esperando alguém?

— Eu pensei que talvez você fosse trazer o Laird com você hoje. Você sabe, para o nosso encontro duplo com Amelia. — Todo o seu rosto entristeceu por trás de seus óculos grossos.

— Oh. — Tinha me esquecido completamente. Eu pretendia coordenar um tempo com Laird, mas depois que as coisas continuaram desmoronando na semana passada, e me esqueci. — Sinto muito, amigo. É minha culpa. Eu não agendei um dia com o Laird.

— Eu também comentei sobre isso com ele, — ele disse, morosamente, mexendo no cobertor sobre as pernas. — Ele sabia.

— Ele tinha um grande projeto... — Eu parei, quando Eli apertou seus lábios e desviou o olhar, para a janela. Eu conhecia essa sensação, quando todos no mundo exterior esqueciam você, enquanto você estava preso num quarto de hospital para tratamento. Nenhuma desculpa melhoraria isso.

— Deixe-me ver se uma das enfermeiras está livre. Você sabe que eles só me deixarão levar um de vocês comigo lá embaixo.



— Sim. Tanto faz. — Ele puxou o iPad para mais perto, e começou a jogar um jogo com um polvo amarelo que eu nunca tinha visto antes.

Permanecendo por um minuto, enquanto observava o gorro deslizar por sua testa, senti uma pontada no meu peito. Ser uma criança com câncer é uma droga. Fui péssima por esquecer a única coisa que ele ansiava há mais de uma semana.

Martha, minha enfermeira favorita, estava trabalhando hoje, mas ela balançou a cabeça se desculpando, quando perguntei se ela poderia dispensar alguém para me ajudar a levar Eli e Amelia até a Starbucks. — Estamos com pouco pessoal hoje, duas garotas ligaram avisando que estão doentes. Desculpe, Reese, você sabe que tenho uma queda pelo Eli, e eu te ajudaria se pudesse.

— Eu entendo, — assegurei a ela, odiando que meu último esforço tivesse falhado.

Mas quando, refiz meus passos para o quarto de Eli, Laird estava sentado no meu lugar ao lado da sua cama, apontando e rindo de alguma coisa no iPad.

Eu respirei fundo, me perguntando se conseguiria bater em uma retirada apressada, antes que qualquer um deles olhasse para cima e me visse. Eu poderia voltar mais tarde, muito mais tarde, depois que Laird tivesse ido embora.

— Reese! — O grito animado de Eli me disse que eu estava sem sorte. — Olha quem está aqui!

— Eba! — Se meu entusiasmo foi um pouco forçado, Laird foi o único que notou, seus olhos escurecendo e sua mandíbula apertando, enquanto ele me estudava onde eu estava encostada na porta, esfregando a espuma desinfetante entre as palmas das mãos.

— Dê-me um segundo, e vou verificar se Amelia está pronta.

Mas o quarto dela estava vazio, e a nota no seu quadro branco dizia que ela estava agendada para fisioterapia agora.

Minhas pernas estavam pesadas quando voltei para o quarto de Eli com as más notícias.



— Ela está no PT, e eu tenho que ir para o laboratório de biologia antes que ela volte. — Fiz uma careta enquanto transmitia as más notícias. — Eu ainda posso te levar para pegar um cake pop se você quiser?

— Nós dois podemos ir com você, — Laird ofereceu, mas suas palavras pareciam forçadas.

Eli, percebendo o tom de Laird, girou a cabeça entre nós. — O que há com vocês dois? Vocês estão agindo de forma estranha.

— Nada, — eu murmurei.

— Coisas de adultos.

Eli franziu o rosto. — Tipo, coisas sem graça? Eu pensei que você fosse pavoneá-la, cara? O que aconteceu? Você não sabe como usar suas malditas penas, certo?

Minha mão voou para minha boca para cobrir o meu choque, e eu olhei para Laird do outro lado do quarto, tentando esconder o quanto eu queria ouvir sua resposta.

Ele puxou o colarinho da camisa como se de repente estivesse muito apertado, e se mexeu na cadeira. Uma pitada de cor tingiu o canto das maçãs do seu rosto. — Eli, odeio ser o único a te informar, — a voz de Laird estava tensa, mas seus olhos estavam em mim, não no Eli, enquanto ele falava, — mas às vezes pavonear não conserta as coisas. Às vezes, o pavonear atrapalha as outras coisas que você deveria fazer, como ter uma conversa difícil sobre coisas de merda, antes que seja muito tarde para consertar o estrago. Mesmo que o pavonear fosse incrível. Mesmo que tenha sido o melhor pavonear que você já fez.

Querido e doce Jesus miraculoso que nunca pavoneou em Sua vida santa.

Por que estávamos falando sobre isso na frente de uma criança? Meu rosto queimava, mesmo quando meus mamilos ficaram duros com suas palavras. Felizmente, meu moletom de capuz escondeu a evidência de olhos menores de idade, embora Laird sorrisse levemente quando mudei minha postura, esfregando minhas coxas no processo.



O pavonear foi incrível. O melhor pavonear que ele já fez. Sim, eu concordo com ele sobre isso.

Mas, o *pavonear* nunca foi o problema. O problema era que, no nível mais básico, não confiávamos um no outro.

Ele não me contou sobre Garrett e, se eu fosse justa, escondi o assédio do Marco dele também.

Nossa base estava rachada, e nenhuma quantidade de pavonear, por mais espetaculares que fossem as penas, poderia consertá-la.

Eli olhou para mim com desconfiança. — Ele está falando sobre beijar, certo? Ele está dizendo que você beija bem?

— Ela é a melhor, amigo.

— Você não era ruim, — eu admiti de má vontade.

Isso foi além do inadequado. — Eli... — Fiz uma pausa, sem saber exatamente o que planejava dizer. — Eu sinto muito. Às vezes, a vida adulta é uma porcaria, e simplesmente não têm boas respostas. Às vezes, você precisa optar pelo seguro.

Ele franziu o rosto em concentração, erguendo o queixo no ar, como se as respostas estivessem em algum lugar entre as fileiras de lâmpadas fluorescentes. — Mas, às vezes, escolher pelo seguro é besteira. — Eli disse as palavras como um juiz dando um veredicto. — É como o câncer. Às vezes, você tem que matar todas as células, as boas *e* as ruins, e recomeçar do zero. E essa é a parte que dói mais, o momento em que você só quer desistir por causa de toda a dor, mas você não pode. Você tem que ser forte, porque sabe que, quando estiver do outro lado, será ainda melhor do que antes. E você poderá ser feliz novamente. E... e pavonear, e outras coisas.

— Ah, Eli. — Minha voz falhou, e passei a mão no meu rosto para afastar uma lágrima. — Às vezes não é tão simples assim.

Eu não podia olhar para Laird, não podia deixá-lo ver o quanto eu queria que tentássemos o conselho de Eli. *Ele é só um garoto. Ele não sabe o quão complicado é essa merda.*

— Tanto faz. Vocês podem lidar com o seu drama no seu próprio tempo. Isso agora é sobre mim.



Eu ri, a contragosto do ego de Eli e funguei.

— Eu ouvi os médicos conversando com a minha mãe no outro dia. Acho que vou receber alta em breve.

— Isso é ótimo! — A voz de Laird soou como cascalho sobre a lixa, e ele limpou a garganta. — Você sabe quando?

— Próxima semana talvez? Eu não sei, mas prometi a Amelia um encontro. E, não posso fazer isso quando chegar em casa, então, vocês precisam descobrir suas merdas. Quaisquer que sejam os problemas que vocês têm, eles estão bloqueando meu pavonear, se vocês me entendem.

Eu mal contive minha risada.

— Você vai ter o seu encontro, Eli, — disse Laird.

— Prometo, — acrescentei.



33

Reese

Smith: Onde você está?

Eu: Em casa. De volta a Morgantown.

Smith: Você saiu cedo para o feriado de Ação de Graças?

Eu: Laird não me deixou ir ao jogo por causa do meu pulso, então sim, eu saí na sexta-feira.

Smith: O que aconteceu com vocês dois?

Eu: O que você quer dizer?

Smith: Marco se foi. Laird fez alguma coisa, e agora Marco se foi.

Smith: Tipo de vez.

Smith: Expulso

Eu O quê?!

Eu: E o jogo hoje?

Smith: Justin está substituindo você e Heath substituindo Marco.

Eu: E sobre o duelo dos tambores?

Smith: Eu não sei.

Eu: Ele está bem?

Smith: Quem? Laird? Marco?

Eu: Eu não dou a mínima para o Marco.

Smith: Mas você dá sobre Laird?

Smith: Olá?

Smith: Você ainda está aí?

Smith: Não.

Smith: Ele parece uma merda.

Eu: Como ele conseguiu expulsar o Marco?



Smith: Eu não sei. Ele não disse. Talvez você devesse perguntar a ele.

Mas eu não o fiz.

Mais tarde naquele dia, assisti ao jogo online.

Não houve duelo de tambores.

Laird fez um solo, as sombras sob seus olhos eram visíveis até no meu laptop quando a câmera deu zoom.

Quatro dias depois, recebi uma mensagem dele.

Mas não a que eu esperava.

Laird: Eli está morto.



34

Reese

— Eu não entendo o que deu em você. — Minha mãe brincou com a bainha da sua adequada camisa branca, enquanto estava na porta do meu quarto, me observando vasculhar a internet por um voo de volta para o Alabama naquela tarde, enquanto simultaneamente arremessava roupas e artigos de toalete a esmo na minha mala. — Seu comportamento tem sido tão estável esta semana. Primeiro, você apareceu sem avisar na sexta-feira, depois de *faltar às aulas* — ela disse no mesmo tom horrorizado que alguém usaria ao descrever um ataque terrorista — e agora, você se levanta e decide voltar mais cedo. O Dia de Ação de Graças é amanhã, Reese. Você sabe quantas pessoas estarão no aeroporto hoje? Você sabe quantos germes e vírus estarão lá?

Ahhh, agora estávamos chegando à raiz dos seus medos. A minha saúde.

— Eu sei mamãe. Os germes, os vírus, as doenças, ai meu Deus! — Meu sarcasmo seco passou direto por sua cabeça.

— Exatamente! E ainda precisamos revisar toda a documentação da bolsa de estudos para o próximo semestre também. Quem é esse cara com quem você está tão preocupada? Você nunca mencionou antes um cara para mim nas suas ligações. — Seus sapatos práticos bateram no chão de madeira, carpete não era higiênico, quando ela se aproximou.

— Ele é ... — Eu não tinha certeza de qual etiqueta colar na minha situação atual com o Laird. — É complicado.

Mas meu instinto gritou, que Laird precisava de mim. Que o que quer que tenha acontecido entre nós, ele estava sofrendo e precisava de



alguém, precisava de *mim,* ao seu lado. E eu sabia que ele nunca pediria abertamente. Não era da natureza dele.

Laird era o cara no comando, aquele que lidava com as coisas, que suportava o trabalho pesado. Ele tentaria enterrar a dor, fingir que não estava lá, que isso não importava.

Ele precisava de permissão para sofrer. Deixar sair, assim a dor não apodreceria.

Meu coração se partiu à imagem dele sozinho em sua casa, enfrentando a perda de alguém, que eu sabia que ele via como outro irmão mais novo.

O arrependimento, afiado e rápido me inundou, quando percebi que o encontro duplo na Starbucks que Eli tanto queria nunca aconteceu.

Eu também falhei com ele.

Eu pisquei para conter as lágrimas.

Ela tocou meu pulso machucado suavemente. — Isso faz parte da complicação? Eu sei que você não quer falar sobre isso, mas seu pai conhece um advogado que ele poderia chamar se...

— Não! — Eu a cortei duramente. — Ele não teve nada a ver com isso. Eu te disse, eu caí.

E isso, era tudo o que ela sabia sobre toda a situação com o Marco. Se ela soubesse sobre o outro trote, provavelmente teria voado para o Alabama meses atrás, e insistiria em me acompanhar nos treinos, ou qualquer outra coisa que pudesse inventar em meu pior pesadelo de pais super protetores.

— Mas esse cara para quem você está correndo de volta, ele levou você para o hospital?

Ela se iluminou como uma árvore de Natal, quando descobriu que médicos de verdade haviam colocado as mãos em mim, e me declararam apenas levemente ferida. Nada a excitava mais, do que um bom relatório sobre minha saúde geral de um profissional médico licenciado.



— Não. — Eu balancei a cabeça, enquanto clicava no site para comprar a passagem de avião. Meu voo saia em três horas. — Foi outro cara.

— Mas um garoto morreu? Eu não entendo tudo isso. Esse *outro* cara que precisa tanto de você, era filho dele? Seu irmão?

— Não, Eli era — eu parei de novo. Ela não sabia que eu era voluntaria. Por mais que gostasse que eu fosse ao médico, ela não gostava de eu estar perto de hospitais. Muitas pessoas doentes. Muitos *germes*. — Ele era especial. Ele tinha leucemia.

— Oh, querida. — Ela se virou, a mão na boca. Mamãe preferia viver em um mundo onde o câncer nunca ganhava, onde as crianças não morriam de coisas além do controle delas. Sua voz vacilou. — Como você o conheceu?

— Faça um Pedido[17]. — A mentira veio facilmente. — Ele queria estar num show de intervalo do futebol. Ele gostava de bateria.

Mamãe fungou, assentindo. — Mas, você tem que sair *agora*?

Eu verifiquei o relógio. — Em uma hora. — Isso ainda me daria tempo suficiente para passar pela segurança.

Ela suspirou, a testa enrugada com linhas de preocupação permanentes. — Então, me deixe pelo menos revisar a papelada com você.

No momento em que ela voltou com uma pilha de papéis pontuados com post-it coloridos, minha mochila estava arrumada e perto da porta, pronta para ir.

Eu ganhei um total de nove bolsas de estudo durante meus anos de ensino fundamental e médio. Tinha muita gente disposta a gastar dinheiro com sobreviventes de câncer, que cursavam o ensino superior. Sorte minha.

---

[17] O Make-A-Wish/ Faça um Pedido é uma organização sem fins lucrativos 501 fundada nos Estados Unidos que cria desejos de mudança de vida para crianças com uma doença crítica que atingiram a idade de 2 anos e meio e são menores de 18 anos no momento do encaminhamento.



— A maioria delas são relativamente simples. — Ela apontou para a primeira, onde um marca texto amarelo preciso sinalizava as informações pertinentes e o Post-It que resumia em um script impecável as ações que eu precisava tomar. — As baseadas em mérito precisavam apenas de uma cópia do seu currículo, mas algumas precisam de documentação adicional.

Olhei os primeiros pacotes ordenadamente grampeados. Minha mãe tinha até incluído envelopes endereçados e selados para eu enviar os formulários de volta.

Uma pontada de culpa por sair mais cedo se espalhou pelo meu peito.

Mamãe podia mostrar isso de maneiras estranhas e superprotetoras, mas ela me amava.

Eu me sentei na beira da cama, e dei um tapinha no lugar ao meu lado. — Passe comigo por eles, por favor.

Seu rosto se iluminou, enquanto se sentava ao meu lado, o garoto morto de câncer esquecido.

Eu escutei atentamente, enquanto ela passava pelos cinco primeiros conjuntos de papéis. Três das bolsas não exigiam nenhuma ação no meio do ano. A única questão a ser discutida parecia ser a mais complicada, baseada na grande quantidade de impressões.

— E então, tem essa aqui. — Ela bateu na página, e a fonte em negrito na parte superior me chamou a atenção.

Eu preenchi tantos formulários, e escrevi tantas redações no ensino médio, que os diferentes prêmios ficaram embaçados na minha cabeça. Eu sabia que escapar das garras dos meus pais, dependia da criação de distância, então, me inscrevi em dezenas e dezenas de prêmios, os detalhes de cada um há muito esquecido.

Mas, o nome desse prêmio em particular parecia familiar, agora que eu o via em preto e branco.

Garrett Bronson Memorial Scholarship.

Minha mente tropeçou e gaguejou sobre o nome.



— Para este, você precisa enviar não apenas seu currículo, mostrando que você manteve um GPA 3.0, mas também, precisa que um dos seus professores...

Eu me desliguei do resto das suas palavras.

Garrett Bronson.

G significa Garrett, meu irmão.

A família do Laird estava literalmente pagando pela minha educação.

Ele sabia?

Querido Pai Celestial que perdoou aqueles que lucraram com os infortúnios dos outros.

Se Garrett não tivesse morrido, eu não estaria na Rodner.

Eu não teria conhecido Laird.

Eu não teria me apaixonado pela primeira vez.

Quão confuso era, que eu devia todas as coisas boas dos últimos meses à maior perda de Laird?

A culpa ferveu baixa e quente no meu estomago.

E, senti uma urgência renovada em chegar ao seu lado, para dizer, que o entendia por não mencionar a morte de Garrett, para que ele soubesse que não estava sozinho.

Peguei os papéis da minha mãe, e os enfiei ao acaso na mochila, ignorando seu suspiro de desânimo, quando os cantos se enrugaram e se dobraram. — Obrigada. Eu vou cuidar disso, — falei distraidamente.

O desespero com a situação destruída entre mim e o Laird, apertou meu peito, fazendo cada batida do meu coração parecer monótona e pesada.

Eu precisava voltar para o Alabama imediatamente.

Havia um baterista de olhos verdes que precisava de mim.



35

Laird

O uísque, caro e quase tão velho quanto eu, era a marca favorita do papai. Eu olhei para a garrafa fechada na mesa de centro, um copo de vidro ao lado pronto para ser usado.

Funcionou para ele, beber para afastar a dor. Por que não funcionaria para mim também?

No entanto, o lacre permaneceu intacto durante as últimas dezesseis horas, enquanto eu lentamente me tornei um só com as almofadas do sofá.

O problema era que eu não conseguia decidir quem esquecer primeiro.

Todos me deixaram.

Garrett.

Meus pais.

Reese.

Agora Eli.

E eu entendi.

Eu merecia isso.

Eu falhei com todos eles.

Eu não consegui salvar o Garrett.

Eu não fui o suficiente para os meus pais, não sem meu irmão.

Eu não consegui proteger a Reese do Marco machucá-la bem debaixo do meu nariz, e não a merecia, mesmo que ela conseguisse me perdoar.

O que ela não faria.

E, Eli

Porra Eli.



Ele olhava para mim com aqueles olhos grandes adoradores, da mesma maneira que Garrett costumava fazer.

Como se eu pudesse salvá-lo, para que ele pudesse crescer e se tornar uma versão em miniatura de mim um dia.

E ele também morreu, uma reação adversa ao que deveria ser seu último tratamento de quimioterapia, antes de ser liberado.

Oscar choramingou e me cutucou com o nariz, até que ele esfregou a cabeça no meu colo. Eu não me preocupei em colocar uma camiseta depois do banho, e seu nariz estava frio contra o meu lado. Ele fungou, olhando para mim com seus olhos emotivos de sabujo, suas orelhas abertas como uma capa de super-herói.

O único que ainda me amava.

Eu esfreguei a cabeça dele distraidamente, tentando reunir forças para me inclinar para frente e abrir o uísque.

Mas, quase parecia bom demais, elegante demais, para ser desperdiçado com um idiota inútil como eu.

Peguei meu telefone, rolei para a mensagem da Reese.

Ela não respondeu, e eu não esperava, mas meus dedos coçaram para contatá-la. Para implorar por ela, por exatamente o quê?

Nem eu mesmo sabia. Eu só sabia, que tudo era melhor com ela.

Eu era melhor com ela.

Minha cabeça latejava, e minha boca estava grossa e seca. Inclinei a cabeça para trás no sofá, estudando uma rachadura no teto, a maneira como ela desviou para a esquerda do ventilador antes de se fragmentar em rachaduras menores, como um galho de árvore.

As luzes estavam apagadas, e o céu tinha mudado para tons roxos, mas eu não me importava com a escuridão.

De qualquer maneira, não há nada que valha a pena ver.

Embora, em algum momento, provavelmente eu deveria levantar e alimentar o Oscar.

Talvez em alguns minutos.

Minha cabeça latejava mais forte, duas batidas, uma pausa, depois mais duas batidas. O mesmo ritmo que pedi que Reese usasse



durante o Shark Day. Eu olhei para o meu telefone novamente. Eu poderia ligar para ela, deixar ir para o correio de voz, e apenas ouvir o som de sua voz. Se não deixasse uma mensagem, ela poderia nem perceber que eu tinha ligado. Nenhum dano, nada demais, certo?

Mais batidas.

Oscar pulou do sofá e foi para a cozinha.

Até você, Brutus?

Eu juro, se me esforçasse, quase podia ouvi-la dizer meu nome.

Fechei meus olhos com força.

Porra. Agora, eu estava alucinando.

Oscar choramingou na porta da frente, sua pata arranhando a madeira melancolicamente.

— *Laird!*

— Reese, — eu murmurei para mim mesmo. — Droga, sinto muito. — Minha mão agarrou o telefone até meus dedos empalideceram.

— Laird! — A voz estava mais alta desta vez, e Oscar latiu agudamente.

Abri meus olhos lentamente, me perguntando se estava sonhando.

Meus pés estavam instáveis, enquanto tropeçava para a porta, dedos desajeitados enquanto abria a fechadura.

A porta se abriu e eu recuei, me encostando na parede em busca de apoio.

— Reese? — Eu resmunguei, meio me perguntando se a tinha invocado.

Cabelos castanho-escuros apareceram primeiro, presos em um coque bagunçado, depois aquelas pernas longas e bronzeadas familiares. Ela deslizou para dentro, sua expressão solene enquanto me estudava no corredor escuro.

Oscar dançou em volta das pernas dela, o rabo balançando como um metrônomo fora de controle, e exigiu sua atenção. Ela se abaixou para dar um rápido tapinha na cabeça dele.



— O que você está fazendo aqui? — Minha voz era monótona, vazia.

Reese mordeu o lábio, a incerteza persistindo em seus olhos. — Você quer que eu vá?

— Eu... — Eu engoli em seco contra o nó na garganta.

E então me movi tão rápido que não pude questionar a decisão, envolvendo-a em meus braços e enterrando meu rosto em seu pescoço.

Porra, ela se sentia bem.

Seus braços deslizaram ao redor da minha cintura, seus dedos roçando a pele nua das minhas costas, e eu estremeci com o seu calor pressionado contra mim.

Por longos minutos, eu não me movi, apenas a segurei com força, como se ela fosse a única tábua de salvação me mantendo à tona, inalando seu familiar cheiro de cereja.

Eu me aconcheguei na curva do seu ombro, querendo de alguma forma chegar mais perto, para encontrar o conforto indescritível que só ela parecia capaz de me dar.

— Laird, — ela sussurrou, afrouxando o aperto e tentando se afastar.

Eu não a deixei, em vez disso dei um passo para frente e a apoiei contra a parede, para que ela não tivesse para onde fugir.

— Por favor. — Minha voz falhou, e eu estremeci quando ela apertou seus braços em volta de mim novamente. — Apenas me deixe abraçar você um pouco mais. Deixe-me fingir que isso é real.

Seu corpo suavizou no meu abraço, e eu me enterrei ainda mais, até que ela estava enrolada em volta de mim como um fodido coala. Eu não consegui lidar com a distância entre nós.

Eu só precisava de alguém, não, eu só precisava *dela,* para segurar.

O tempo passou. Minutos, horas, eternidade. Eu não sabia. Mas gradualmente, meus músculos relaxaram, e meu peito afrouxou o suficiente para que não parecesse que eu continuava sufocando.

Eu podia respirar novamente.



— Laird. — Sua voz era quase inaudível. — Sinto muito pelo Eli.

Virei meu rosto, e falei contra a pele delicada do seu pescoço, meus olhos fechados com força. — Não é justo.

— Não. Não é.

Relutantemente, me afastei dela. Eu não a soltei. Eu mantive meus dedos enrolados em torno dos seus quadris, mas dei a ela um pouco de espaço.

Seus dedos deslizaram pelo plano do meu peito, me fazendo respirar fundo, então, ela segurou meu rosto e passou os polegares pelas minhas bochechas. Através da escuridão, ela olhou para mim.

— Você está péssimo.

Eu abaixei a cabeça em reconhecimento, então capturei uma das suas mãos na minha, levantando-a e pressionando um beijo na sua palma.

— Você está linda.

Ela olhou para baixo, para o enorme moletom da Rodner, o short jeans recortado e chinelos baratos nos pés.

Peguei seu queixo, inclinando seu rosto para cima. — Você está sempre linda.

Ela suspirou, então pegou minha mão, e me levou para o sofá.

Quando chegamos à parede com o interruptor de luz, ela fez uma pausa e estendeu a mão, mas eu a empurrei para frente, balançando a cabeça.

— Deixe assim.

Ela se sentou na almofada ao lado da minha, mas estava muito longe. Enganchando-a por baixo dos joelhos, eu a peguei no meu colo, a colocando de lado nas minhas coxas, e soltei um suspiro de alívio, quando ela não lutou contra isso.

Passei meus braços frouxamente em volta da sua cintura, e quando ela passou os dedos pelos meus cabelos, quase pude fingir que nada de ruim tinha acontecido.

Que Eli tinha sido dispensado para casa, e não para o necrotério, que o pulso de Reese ainda não estava imobilizado, que minha própria



mão não doía por causa da vingança que cobrei no rosto do Marco dois dias atrás.

Que tudo estava bem entre nós, em vez de pesado com palavras não ditas.

— Você está bem?

— Não. — Talvez tenha me feito um covarde admitir isso, mas mentir tinha fodido tudo entre nós uma vez. Eu nunca mais mentiria para essa garota, por omissão ou não.

— Você quer falar sobre isso?

— Não. — Eu a vi começar a falar novamente, as sobrancelhas caídas na sua testa franzida, então corrigi minha resposta. — Ainda não. Eu só... *porra*. Só quero ficar aqui no escuro com você, e esquecer todas as coisas ruins. Podemos fazer isso? Só mais um pouco?

Seus olhos procuraram os meus no brilho fraco da luz da lua filtrada através das persianas. Eu segurei seu olhar, a deixe ver toda a dor nua que eu sentia por dentro.

Quando ela assentiu, pareceu melhor do que ganhar na loteria.

Eu afundei contra as almofadas do sofá, contente apenas em tê-la aqui comigo.

Não estar sozinho.

Suas unhas arranharam meu couro cabeludo, e fechei meus olhos, virando em seu toque e gemendo baixinho.

Ela continuou seus avanços, passando as mãos sobre a minha cabeça repetidamente, até que lentamente, dolorosamente devagar, minhas terminações nervosas começaram a formigar com o cuidado.

Quando suas unhas se arrastaram pelos meus fios curtos novamente, eu reprimi um gemido, mas não pude impedir meu pau de ganhar vida sob seu colo.

Era errado, tão errado, ficar excitado num momento como este, mas ela estava quente, e no meu colo, e tocando a borda do meu rosto e a pele macia da minha nuca, como se lá no fundo ainda se importasse. Como se apesar de todos os destroços da minha vida na semana passada, uma pequena parte dela ainda me pertencia.



Ela traçou em torno da borda da minha orelha, e eu pressionei meus lábios no doce tormento, tentando conter a sensação. Mas, quando ela se mexeu no meu colo, foi demais para o meu pau. Ele pulsou contra a curva doce da sua bunda, e pelo jeito que ela parou seus movimentos, isso não passou despercebido por ela.

Reese estava apenas tentando me consolar, não me excitar, e eu estava perturbado por estar gostando.

— Laird?

Meus quadris se contraíram, com o som rouco do meu nome saindo dos seus lábios carnudos, enquanto estavam fora de alcance.

— Sinto muito. — Eu parecia tenso. — Não foi para isso que você veio, sei disso, e peço desculpas. Mas você nunca sentirá nada além dos meus braços, e meu pau estupido está um pouco confuso agora.

Reese se mexeu novamente, e eu reprimi uma maldição, minhas mãos apertando seus quadris para mantê-la imóvel.

— Isso não está ajudando, — eu disse.

Meu comprimento duro pulsava entre nós, e desejei que ele se acalmasse.

E pensei que poderia vencer a batalha, até ela se levantar, e virar montando em mim, seus joelhos dobrados ao longo dos meus quadris e suas mãos descansando em meus ombros para se equilibrar.

Eu gemi, quando senti o calor dela através do seu short.

Ela lambeu os lábios, deixando-os um pouco brilhantes no fluxo da lua.

— Vamos esquecer, Laird. Como você disse. Vamos ficar no escuro, e esquecer mais algum tempo.

E então antes que eu pudesse respirar novamente, ela se inclinou e tirou sua blusa.



36

Reese

Ele olhou para renda preta levantando os meus seios, então, lentamente, levantou os olhos para os meus.

— Você precisa ter certeza, — ele disse cada palavra conscientemente. — Você precisa ter certeza, porque eu não posso resistir a você no meu melhor dia, e esse... esse está longe de ser o meu melhor dia.

Suas mãos cravaram nos meus quadris, como se ele estivesse se impedindo de me tocar, até eu lhe dar permissão.

Em um único movimento hábil, eu baixei minha mão, e segurei seu pau duro, o acariciando suavemente.

— Puta merda, Reese. — Ele rosnou, e eu mal tive tempo de fechar minhas pernas em volta da sua cintura, antes que ele me carregasse a curta distância até seu quarto.

Depois de puxar as cobertas, ele me deitou cuidadosamente no centro da cama, então pairou sobre mim, suas mãos em cada lado da minha cabeça e seus joelhos envolvendo minhas coxas.

— Isso não vai ser um sexo doce e gentil, Reese. Eu preciso muito de você. Eu preciso sentir você apertando cada centímetro longo e duro de mim profundamente dentro de você, até que essa seja a única coisa que eu sinta. Até que meu universo comece e termine entre suas coxas. Até que eu me sinta vivo novamente. — Ele arrastou um dedo pela minha garganta, através do vale do meu decote, até se enrolar no meu sutiã. Então ele levantou uma sobrancelha, como se me oferecesse uma última chance de mudar de ideia.

— Esperando por um convite novamente? — Eu tirei a presilha do meu coque, e balancei a cabeça, deixando meu cabelo cair descontroladamente a minha volta.



Seus olhos escureceram para verde esmeralda, e ele se inclinou para capturar minha boca, suas mãos trabalhando em conjunto para arrancar meu sutiã ao mesmo tempo.

Foi um beijo bruto, todo dentes, língua e ângulos descuidados. Ele agarrou o cabelo na parte de trás da minha cabeça, me segurando no lugar, enquanto atacava minha boca com um desespero que trouxe lágrimas aos meus olhos, e uma onda de umidade entre as minhas pernas.

Ele tomou tudo o que eu tinha a oferecer, e exigiu mais, reivindicando meus lábios repetidamente, até que eu estivesse bêbada do seu gosto. Até a marca da sua boca estar queimada na minha.

Em algum lugar ao longo do caminho, o resto das minhas roupas desapareceu, minha atenção distraída pelo arranhão da sua barba ao longo da minha bochecha, e as promessas picantes que ele sussurrou no meu ouvido.

— Você está encharcada para mim, não está, Reese? Se eu te tocar agora...

Seu dedo traçou um caminho dolorosamente lento até a minha fenda, mergulhando no calor do meu núcleo.

— A culpa é sua, — eu ofeguei. — Eu preciso...

Empurrei meus quadris, tentando manter seu dedo no meu canal escorregadio.

— Você precisa de *mim*. — E, soou como uma promessa.

Então, sua boca estava bem ali, aqueles lábios habilidosos se fechando em torno do meu clitóris e sugando forte, enquanto ele bombeava a mão dentro de mim, adicionando um segundo dedo, depois um terceiro.

Mesmo que ele tenha me avisado, eu não sabia que o prazer poderia chegar tão rápido, tão íngreme, assim depressa.

Sua mão livre empurrou minhas coxas para cima e para fora, me espalhando mais para seu ataque erótico.

Raio após raio de eletricidade percorreu minha espinha, e eu levantei meus quadris para mais, mais, *mais* do seu toque exigente.



Eu abri minha boca, mas não consegui falar. Uma das minhas mãos agarrou o lençol perto do meu quadril, e a outra agarrou seu ombro, o empurrando para longe, o puxando para mais perto, tentando prolongar o inevitável e perseguir a explosão de uma só vez.

E quando, ele curvou aqueles lindos e talentosos dedos, encontrando aquele ponto especial ao longo da parede frontal, coisas como gravidade, morte e verdade pareceram tão insignificantes. Tão pequenas em comparação com o boom sonoro do prazer que ele acabara de desencadear em mim.

Eu ainda estava piscando em um torpor lânguido, quando ele entrou em mim com um forte empurrão, se enterrando até a raiz.

Meus olhos foram para os dele, meus lábios entreabertos escancararam silenciosamente, enquanto ele estabelecia um ritmo punitivo sobre mim.

— Minha mãe foi embora um ano depois que Garrett morreu. Foi embora, fisicamente, quero dizer. Emocionalmente, ela morreu quando ele morreu.

Sua mão agarrou minha coxa, a levantou em torno da sua cintura, e meus seios balançaram entre nós com a força dos seus impulsos.

— Meu pai me culpou. Por tudo. Pela a morte de Garrett. Por mamãe ter ido embora. Pelos negócios que fracassavam, o tempo de merda, e o carteiro atrasado. Nunca serei bom o suficiente, nunca me compararei à lenda do Garrett, o filho de ouro que morreu jovem demais.

Laird girou seus quadris na descida, esfregando seu osso pubiano contra meu clitóris sensível.

Era difícil me concentrar nas suas palavras, absorver o horror da sua infância, no meio da tensão quente que já estava se formando entre minhas coxas novamente.

— E, Marco. Aquele desgraçado machucou você. Ele machucou você, e eu nem sequer sabia, porque você é tão forte, tão teimosa, e



entendo isso, Jesus Cristo *sabe que* entendo isso, mas descobrir depois? Depois do ocorrido? Doeria menos levar um tiro, Reese.

Ele mergulhou a mão entre nossos corpos escorregadios, circulou o polegar naquele local perfeito tão suavemente. O contraste entre a gentileza da sua mão e a ferocidade do seu pau, me fez arranhar suas costas, até que ele arqueou e gemeu, e meteu em mim ainda mais forte, ainda mais rápido. Eu me deleitei com sua reposta, que o deixava tão louco quanto ele me deixava.

— Passei horas examinando as fitas de segurança. Encontrei a primeira vez que ele fez você tropeçar no meio-fio, durante o acampamento da banda. Sim, eu assisti às fitas retrocedendo esse tanto. E, encontrei a da noite no estádio. Assisti-o olhando para você no chão, amarrotada e sangrando. Assisti ele bater na sua cabeça, e depois ir embora. Assisti ao vídeo dele saindo do túnel, sem sequer olhar para trás.

Ele beliscou meu clitóris de repente, e a euforia explodiu novamente, mais intensa desta vez, se isso fosse possível.

Mas ele não parou. Ele se enterrou em mim repetidamente, implacavelmente, se recusando a gozar.

Lágrimas brotaram nos meus olhos quando percebi que ele estava se punindo, se recusando a gozar até terminar de se confessar para mim.

Minha boca estava seca, mas estendi a mão para segurar seu rosto, para dobrar meus dedos atrás do seu pescoço e forçar seu olhar atormentado para o meu.

Ele pressionou sua bochecha na minha mão, mas não diminuiu a velocidade.

Minhas coxas doíam, enquanto ele se aproximava, empurrando mais forte, seus movimentos se tornando mais erráticos.

— Eu entreguei os vídeos. Para o diretor da banda, para o diretor atlético, para o reitor de toda a porra da faculdade. Mandei cópias para qualquer um que achasse que poderia me ajudar. Eles o expulsaram por quebrar o código moral e ético da Universidade de Rodner. E depois,



que ele recebeu a notícia de que tinha destruído seu futuro, eu quebrei o maldito nariz do menino bonito.

Eu ofeguei, e Laird puxou minha outra coxa em volta da sua cintura, até que tranquei meus tornozelos atrás das suas costas. A cada movimento dos seus quadris, ele levantava nós dois do colchão.

— E... e Eli. — Seus olhos estavam úmidos, mas eu não podia dizer se era suor ou lágrimas ou ambos, ou talvez, apenas meus olhos lacrimejando tanto que ele parecia embaçado. — Eu ficaria sozinho no Dia de Ação de Graças, sabe? Papai me odeia, mamãe foi embora, Garrett está morto, você se foi. Fui visitar Eli, para ver que horas iria comer, para poder ir fazer companhia a ele amanhã. E, o quarto dele estava vazio, Reese. Martha estava lá colocando lençóis limpos na cama, e eu achei que ele tivesse recebido alta mais cedo, mas então, ela me disse que ele tinha morrido. Alguma reação casual à mesma quimioterapia que ele passou por uma dúzia de outras vezes. Ele morreu, e eu nunca disse adeus. Nunca disse a ele que o amava. Nunca cheguei a...

Sua voz embargou, e ele balançou a cabeça antes de enterrar o rosto na curva do meu ombro.

— Eu sinto muito, Reese. Eu sinto pra caralho. Eu falhei com você, falhei com todos. Eu sinto muito mesmo...

Eu enrosquei uma mão em seu cabelo, e envolvi a outra em torno das suas costas, chorando com a sua dor, querendo absorver isso para mim, e tirar isso dele.

Ele chupou o lóbulo da minha orelha, sua respiração quente e rápida contra o meu pescoço, e seus quadris mudaram de tática, mudaram para movimentos curtos e rápidos, sua bunda flexionando sob meus calcanhares, sua pélvis fazendo um rufar de tambores no meu clitóris.

Finalmente, finalmente encontrei minha voz.

— *Laird.*

Eu entoei seu nome, o sussurrei contra sua testa, gritei para a lua, o senti vibrar através de cada célula do meu corpo.



E quando meu corpo se apertou novamente, incrivelmente encontrando outra liberação, ele finalmente deixou ir puxando fora, e bombeando seu pau furiosamente com o punho, até que explodiu em jatos quentes no meu estômago, me marcando como dele.



37

Laird

Reese ficou em silêncio.

Ela ficou em silêncio enquanto liguei o chuveiro.

Enquanto eu ensaboava seus cabelos, suas curvas perfeitas, e enxaguava a espuma pelo ralo.

Enquanto eu me esfregava rapidamente, a mantendo sob o jato quente, tomando cuidado para não esbarrar no caleidoscópio de hematomas no seu pulso.

Mas quando, ela foi girar a torneira para desligar a água, eu a parei, pegando sua mão, e a virando para mim.

— Fale comigo. Eu te machuquei? Fui muito bruto há pouco?

Ela piscou surpresa, pequenas gotas de água grudando em seus cílios. — Não. Não na cama.

Mas a maneira como ela qualificou sua resposta me fez hesitar.

— Antes? Em relação ao Garrett?

Eu me recostei na parede de azulejo, e peguei sua cintura, a puxando para frente para ficar entre as minhas pernas. Apesar da reserva em suas palavras, ela não se afastou, e eu não podia me impedir de aproveitar todas as oportunidades para tocá-la de alguma forma. Para sentir a maciez da sua pele contra mim.

Meus polegares friccionaram padrões suaves sobre os pontos macios dos seus quadris.

Ela assentiu, aquele pequeno sulco aparecendo entre suas sobrancelhas. — Não foi só por você não ter me contado. É que todo mundo já sabia naquele dia. Eu me senti humilhada, quando Marco zombou de mim, e você simplesmente fugiu, e deixou eu me virar sozinha. — Reese cruzou os braços sobre o peito, forçando uma



distância indesejada entre nós. — E então, quando depois você não quis conversar... — Ela parou, e afundou o queixo.

— Então? — Eu incitei, dobrando meus joelhos para capturar seus olhos.

Ela encolheu os ombros. — Parecia que não se importava. Como se eu não fosse prioridade.

Suas palavras bateram como chumbo, o impacto acentuado e em grande escala, me deixando cambaleando.

— Reese, não. — Eu balancei a cabeça para negar suas palavras, meus dedos cravando na sua pele. — *Nunca*

Seu olhar flutuou entre os meus olhos, e implorei a ela silenciosamente que acreditasse em mim, confiasse em mim, mesmo que a tivesse decepcionado. Longos momentos se passaram, e então, ela mordeu o lábio, me dando um leve aceno de cabeça.

Afrouxando sua postura protetora, ela traçou a tatuagem do G no meu peito com um leve toque, e suspirou melancolicamente. — Eu gostaria de tê-lo conhecido.

— Eu também. — Um nó se formou na minha garganta, dificultando engolir. — Ele teria gostado de você. Vocês dois teriam se juntado contra mim.

Ela me deu um sorriso triste. — Não é?

Eu assenti, a trazendo para mais perto, precisando sentir sua solidez contra mim, se íamos falar dele assim. Fechando meus olhos, descansei minha testa na dela. — Eu poderia levá-la ao seu túmulo. — Esperei a onda familiar de angústia que me atingia sempre que eu dizia essa palavra, *túmulo*. — Se você quiser? Eu acho que... eu acho que gostaria disso. Ninguém nunca foi comigo.

— Ninguém? — Sua voz aguçou em descrença.

— Não desde o funeral.

Um som de desaprovação zumbiu da sua garganta, então ela deslizou seus braços ao redor da minha cintura, e por um longo momento, nós apenas nos abraçamos. — Será uma honra.



A água quente espirrou contra nossas pernas e o vapor ondulou ao nosso redor. Seria fácil fingir que o resto do mundo não existia do lado de fora do banheiro enevoado, ficar aqui para sempre.

— Eu tenho que te perguntar, isso está me deixando louca. Você sabia? Você também mentiu para mim sobre a bolsa de estudos? — Suas palavras eram hesitantes, inseguras.

— Que bolsa de estudos? — Eu inclinei minha cabeça.

— A do seu irmão. A bolsa de estudos Garrett Bronson.

Eu parei, tentando entender sua pergunta. — O que tem isso?

Ela batia com a ponta dos dedos na parte inferior das minhas costas, mas não tenho certeza se ela percebia que estava fazendo isso.

— Sou a vencedora deste ano.

— Você é? — Minhas sobrancelhas se levantaram.

— Você não sabia? Sério? — Seus lindos olhos castanhos se estreitaram para mim. — O nome do seu irmão está no prêmio e você não sabia?

— Não. Quero dizer, você está certa, é o nome dele, mas... — Eu parei por um minuto, tentando entender na minha cabeça sobre essa nova conexão entre nós. — O dinheiro é retirado da minha conta automaticamente. Eu costumava escolher os vencedores, ler todos as redações, e analisar os pedidos, mas ficou muito difícil depois de um tempo, ouvir sobre essas pessoas que fizeram todas as coisas que Garrett nunca teria a chance de fazer. — O fundo dos meus olhos ardia e eu pisquei furiosamente. — Então, agora um funcionário da faculdade escolhe.

Reese apertou os lábios na minha tatuagem, o calor da sua boca mais quente do que o vapor ao nosso redor. — Eu pensei que talvez você estivesse mentindo para mim sobre isso esse tempo todo também. Não associei até voltar para casa neste fim de semana, e ver a papelada novamente.

— Sinto muito por ter te magoado. E, não estou dizendo que não vai acontecer de novo, porque, quem sabe, tudo de bom na minha vida parece desaparecer, mas prometo que não vou mentir para você. E



prometo, sempre responder a qualquer pergunta que você tenha. Passado, presente, futuro, qualquer coisa que você queira saber, é só perguntar.

Eu baixei minha cabeça, e corri meu nariz pela lateral do seu pescoço, me encostando nela, não querendo desperdiçar espaço entre nós.

— Sei que estraguei tudo. Eu não percebi isso na época, porque estava muito envolvido na minha própria merda, mas decepcionei você, e isso não é legal. — Eu provei o ponto sensível sob sua orelha, a senti estremecer no meu abraço. — Reese, você me faz querer ser um homem melhor. Alguém de quem você teria orgulho de dar as mãos em público, para deixar o mundo saber que sou seu.

Acho que ela não me via assim. Ainda não. Mas eu faria por merecer se ela me deixasse.

— Laird... — Meu coração estúpido saltou uma batida, quando ouvi meu nome. Eu me sentia tão perdido com essa garota, e não consegui encontrar uma única boa razão para mantê-la afastada por mais tempo.

Pelo menos, se nós tentássemos e falhasse, eu teria dado tudo de mim, sem arrependimentos.

Pensei em Eli, em como às vezes não tínhamos tempo para uma segunda chance e, se tivéssemos a sorte de obtê-la, seria estúpido pra caralho desperdiçar a oportunidade.

E, não sou estúpido.

Ergui seu queixo, até saber que meu rosto era a única coisa que ela podia ver. Não queria que ela perdesse uma única palavra da minha confissão, mesmo que fosse tarde demais para fazer a diferença. — Eu amo você, Reese Holland. Porque você é mal-humorada e obstinada e tão forte, a mulher mais forte que já conheci. Porque você me faz sorrir toda vez que te vejo. Porque você me desafia. Porque seu coração é tão grande e generoso. Porque você é teimosa. Porque sua coragem me comove. — Corri meu dedo sobre seu lábio inferior. — Porque eu não consigo parar de pensar em você, e, nunca quero *parar* de pensar em



você. Quero passar todos os dias encontrando novas maneiras de fazer você feliz, te apoiar, enquanto você persegue seus sonhos, e adorar seu corpo como ele merece. Quero fazer você se orgulhar de mim, ser digno de estar ao seu lado.

Não acho que eu tenha dito essas palavras "*eu te amo*" desde que Garrett morreu.

Eu tremia, quando suas mãos deslizaram pelas minhas costas até que elas estavam trancadas atrás do meu pescoço. Eu nunca me senti mais cru ou vulnerável do que nesse momento, esperando por sua resposta.

— Eu também te amo, Laird.

Sua voz estava grossa e trêmula, e eu a esmaguei contra mim, até que nenhuma gota de água pudesse caber entre nós, com medo de não ter ouvido bem, que minha mente estivesse me pregando uma peça.

— Diga de novo, — exigi, meus lábios bem no seu ouvido. — Eu preciso ouvir isso de novo.

— Eu te amo, Laird.

Eu a levantei em meus braços, girando-a de costas para a parede do chuveiro e a salpiquei com beijos. Sua bochecha, seu maxilar, sua garganta, sua delicada clavícula. Eu queria pressionar meus lábios em cada centímetro da sua pele.

— Novamente.

— Eu te amo. E, eu também não sou boa nisso. Todos na minha vida, sempre me olharam como se eu fosse quebrada, ou frágil, ou precisasse de proteção. Não estou acostumada a pedir ajuda. Estou acostumada a lutar pelo direito de seguir meu próprio caminho. É por isso que não contei sobre o Marco. Eu não queria te afastar. Eu nunca tive antes, um cara que quisesse me ajudar a me levantar. Que quisesse me ver alcançar novas alturas, em vez de ficar na sua sombra. Eu nunca conheci um cara como você antes, que sabe o que preciso antes que eu possa dizer. Quem me ensinou coisas novas, sobre mim mesma, e me inspirou a sonhar mais alto e mais brilhante. E foda-se minhas ideias idiotas sobre ninguém saber sobre nós. A vida é curta demais



para se preocupar com a opinião das outras pessoas. Acho que sabemos disso mais do que ninguém.

Nós sabíamos.

Desliguei o chuveiro, e peguei duas toalhas para nós. Tendo cuidado com o braço dela, eu a enxuguei, desejando que fosse tão fácil enxugar a dor das últimas duas semanas.

Encontrei minha camiseta mais macia, e a coloquei sobre sua cabeça, seu rosto limpo e suave enquanto ela sorria para mim. O sulco entre as sobrancelhas se foi, tal como a cautela que estava nos seus olhos logo que ela chegou.

Progresso. Eu aceito.

Mas então, seu estômago roncou, e eu estremeci. — Eu já estou falhando com essas coisas de namorado. Está com fome? Eu nem te perguntei. E sei que não jantei.

Ela lambeu os lábios, e seus olhos castanhos brilharam quando ela puxou a toalha da minha cintura.

— Mais tarde. Algumas coisas são mais importantes que comida.

E então, ela caiu de joelhos.



38

Reese

Bati na porta suavemente, não tendo certeza se ela estava dormindo ou apenas olhando pela janela. Sua cabeça estava virada para o outro lado no travesseiro. — Amelia?

Ela virou na minha direção, seus olhos vermelhos e inchados.

— Eles estão enterrando o Eli agora, não estão? Mamãe disse que não posso ir. Minha contagem de glóbulos brancos é muito baixa para todos os germes.

Entrei no quarto, abaixei a grade de um lado, e me sentei ao lado dela. Sua pequena mão estava fria na minha, as veias azuis brilhavam sob sua pálida pele. Ela não usava esmalte, porque eles precisavam ser capazes de conseguir a oximetria rapidamente no seu dedo, se necessário. Eu sabia por experiência própria.

Fiz uma anotação mental para trazer algumas coisas de manicure da próxima vez. Eles me deixariam pintar as unhas dos pés.

— Em breve. Eu estarei lá. Pensei em ver se poderia levar-lhe algumas baquetas para a viagem.

Ela sorriu levemente, mas estava lá. — Ele gostaria disso.

— Pensei o mesmo. — Eu pisquei para ela, e arrumei a borda do seu avental hospitalar, onde estava enrolado. — Duas semanas atrás, eu prometi a ele que levaria vocês dois para a Starbucks para comer cake pops. E, quero me desculpar por ter perdido a oportunidade. Mas, eu trouxe dois para você. Achei que você também poderia comer o dele.

Seus olhos se encheram de lágrimas frescas, quando ela pegou o saco de celofane de mim. — Você me comprou o rosa! É o meu favorito.

Eu me inclinei para mais perto, e sussurrei: — Foi o que ele me disse.



— Sabe, não conte para minha mãe, mas ele era meu namorado secreto. Mas agora, ele se foi. O que isso significa? Ele ainda é meu namorado eternamente? Isso significa que terminamos? Eu não quero terminar com ele. Eu gosto dele. Ele me disse que eu era bonita, e jogava cartas comigo, e me fazia sorrir. Ele me contou uma história maluca sobre pavões da última vez.

Meu coração inchou e se partiu por ela, e eu procurei as palavras certas para ajudá-la. Vendo uma folha de papel na mesa de rodas ao lado da sua cama, eu a peguei e tirei uma caneta da minha bolsa.

Escrevendo em letras grandes, enunciei o nome dela na página.

AMELIA.

— Veja. — Eu apontei para as letras. — É você. Mas, se você olhar de perto, bem no meio do seu nome estão as letras ELI. — Eu desenhei um círculo ao redor delas. — Esse é o Eli. Ele estará com você onde quer que você vá. Você o leva com você no seu nome.

Ela traçou as letras que eu circulei. — Dessa forma eu nunca vou esquecê-lo, não é?

— Dessa forma você nunca vai esquecê-lo, — eu confirmei, em seguida, a abracei ao meu lado e beijei o topo da sua cabeça. — Sempre que você ficar triste e sentir falta dele, lembre-se que ele está com você, ok? E, tenha uma grande aventura que você possa contar a ele da próxima vez que o vir. Eu acho que ele gostaria disso.

— Eu posso fazer isso. — Ela parecia incerta, mas eu esperava que isso lhe desse algo para esperar. Um coração partido era trágico em qualquer idade. — Você pode levar uma coisa para o funeral para mim? Desde que eu não posso ir?

— Claro. Eu ficaria feliz.

— Eu cortei algumas cartas de Uno, e fiz um pavão com elas na sala de artesanato. Está lá no parapeito da janela.

Eu peguei, e coloquei cuidadosamente na minha bolsa, enquanto ela observava. — É lindo, Amelia.

— Você não vai esquecer?

— Eu não vou esquecer.





39

Laird

— Bateristas, este é o nosso último jogo importante, e como seu capitão, quero agradecer a todos pelo trabalho duro e dedicação nos últimos meses. — Estávamos na sala de equipamentos, onde pedi que todos se apresentassem quinze minutos mais cedo do que o normal. — No geral, esta foi uma temporada incrível. Eu sei que tivemos algumas merdas na semana passada com o Marco, mas isso, nunca influenciou no treino ou no campo. Vocês foram todos profissionais até o fim, e eu aprecio isso.

Fiz uma pausa, enquanto as pessoas murmuravam seus acordos, e batiam os punhos um no outro.

— Como vocês sabem, este é o meu último show no intervalo. Eu tenho que pendurar minhas baquetas, e me juntar ao mundo real depois disso, o que é uma merda. E na semana passada, toquei um solo durante o intervalo da bateria. Mas tem uma coisa. Não quero tocar um solo esta semana. Tampouco, quero tocar um duelo de tambores.

Alguns dos melhores alunos se entreolharam confusos, mas mantive Reese na minha visão periférica. Eu queria ver a reação dela à próxima parte.

— Então... o que você vai fazer? — Bubba finalmente perguntou.

— Eu quero fazer um dueto. Com a Reese. Porque eu a amo, e não consigo pensar em uma maneira melhor de terminar minha última temporada de futebol do que com ela ao meu lado, tocando para quarenta mil fãs da Rodner.

Ao meu redor, o resto da linha ovacionou e gritou, me batendo nos ombros para parabenizar. Além das suas genuínas felicitações por mim, eu contei a eles sobre a merda que Marco tinha feito a ela, antes do jogo da semana passada, fatos que Smith pôde confirmar. Todos



ficaram compreensivelmente enojados com as ações do Marco, e ainda mais transtornados por ele ter especificamente machucado uma garota. Eu sabia que alguns dos caras com namoradas e irmãs, levavam isso muito a sério, por ele a ter machucado fisicamente, e eles não sabiam da intervenção.

Bem.

Eu não contei tudo a eles.

Não mencionei a visita particular que fiz a ele, onde entreguei meu presente de despedida especial de uma rinoplastia gratuita. Algumas coisas um homem só pode lidar sozinho.

Eu dei uma espiada na Reese.

Com a mão sobre a boca, e os lindos olhos arregalados em choque, tentando sacudir a cabeça negativamente. Para recusar.

E, iria contra tudo que defendia por forçar uma mulher a fazer qualquer coisa sem o seu consentimento.

Mas, eu não era contra a um pouco de persuasão.

— Tem que ser o Bubba, — ela se opôs, apontando para o gigante do meu outro lado. — Ele também é um veterano.

— Querida, — Bubba falou lentamente, ajustando as lapelas do seu uniforme. — Eu sei que passei os últimos quatro anos com ele, mas, não acho que os sentimentos dele por mim são os mesmos. Tenho certeza que o seu cara quer que *você* fique ao lado dele no seu último jogo, não eu. Além disso, com esse meu rosto, eu atrairia toda a atenção, e ninguém sequer olharia para ele duas vezes. — Ele piscou e recuou, como se formalmente cedesse o lugar a ela.

— Reese. — Eu usei minha voz autoritária, o tom profundo que forçava as pessoas a prestar atenção. — Estou dizendo a você como seu capitão para aceitar a colocação de campo que lhe foi atribuída.

Sorri, quando sua coluna se endireitou com um estalo, e seus olhos brilharam com aquele fogo que eu amava tanto.

Então, suavizei minha voz, e levantei minha mão para ela. — E, estou pedindo como seu namorado se você estará ao meu lado esta noite, na frente de todos.



Ela fez uma pausa, revirando os olhos, e relutando em pegar minha mão, mas eu vi o sorriso inclinar o canto da sua boca. — O que aconteceu com nenhum tratamento especial?

Eu a puxei para o meu lado, e envolvi um braço possessivo ao redor da sua cintura. — Eu entendo o que você está dizendo, mas, você *realmente* quer que eu repita aquela coisa que fiz com a minha língua esta manhã, aquela onde você ficou toda religiosa por um momento, com o resto desses caras? Porque eu prefiro guardar isso só para você. — Eu balancei a cabeça. — Sem ofensa, Bubba.

Ele levantou as mãos, e recuou outro passo. — Sim, estou bem por aqui. Na zona sem língua.

Olhei para ela, onde seu sorriso irresistível se libertou e se espalhou pelo seu rosto.

Ela balançou a cabeça para mim, suas bochechas rosadas. — Você é...

— Insaciável? Por você, com certeza.

Em seguida, me inclinei e capturei sua boca, envolvendo meus braços ao seu redor, ignorando as vaias e gritos da nossa plateia. Eu não parei, até lhe dar um pequeno lembrete do que minha língua tinha feito mais cedo entre suas coxas, deslizando por dentro para um sabor rápido, quando ela gemeu. Quando nos separamos, eu a mantive na minha frente, a usando como uma barreira para esconder a evidência da minha excitação violenta, mesmo tendo certeza de que todos os caras ali perceberam pela minha manobra. Mas, não me importei.

Deixe-os ficar com ciúmes.

Mesmo que mal tivéssemos saído do meu quarto nos últimos três dias, não me fartava dela.

Foi como se ouvir aquelas três palavras mágicas, que ela me amava, libertou a última das minhas inibições. Sem mais se esconder e se esgueirar.

Eu queria que todos soubessem que ela era minha.

Logo que as comemorações pré-show terminaram, e estávamos nas arquibancadas durante a primeira metade do jogo, Reese e eu



decidimos manter o dueto simples. Seria um riff da cadência que nós dois estávamos ensinando para o Eli no hospital. Parecia certo continuar honrando sua memória hoje, especialmente porque ele era um grande fã da Rodner.

E, quando chegou a hora, ela se apresentou perfeitamente ao meu lado, nossas baquetas em perfeita harmonia, nosso timing impecável. Eu estava tão orgulhoso dela.

Quando terminamos o show, chequei o estádio, observando a vista do campo sob os holofotes uma última vez.

Parecia um pouco monumental, fazer parte de uma produção como essa, sabendo que todo mundo está olhando para você, sabendo que era uma daquelas performances em que tudo simplesmente clicava e fluía sem esforço.

Meu pulso acelerou no mesmo ritmo das minhas baquetas, a adrenalina pulsando nas minhas veias, se misturando com o rugido da multidão.

Eu ia sentir saudade disso.

Quando saímos do campo, e a bateria tocava a popular música de luta, enquanto o público aplaudia, eu o vi.

Minhas mãos continuaram tocando no piloto automático, mas virei minha cabeça para uma segunda olhada.

Era o meu pai. Nas arquibancadas. De pé e aplaudindo, olhando diretamente para mim.

Acho que ele nunca me viu tocar.

Não pessoalmente.

Mas quando o jogo terminou, e os torcedores esvaziaram o estádio para continuar a comemoração de outra vitória em outro lugar, não consegui encontrá-lo.

Não que eu esperasse.

Ainda assim, foi um gesto simpático da parte dele.

Depois de uma parada no Sammy's, onde dobrei o nosso pedido habitual, ignorando os protestos de Reese, e dizendo a ela que pretendia



ajudá-la a aumentar o apetite, voltamos para a minha casa e vestimos roupas confortáveis.

Quando a campainha tocou, quinze minutos depois, simulei uma confusão.

— Você pode atender? Estou alimentando o Oscar. — Levantei sua tigela de comida canina como prova.

— Estamos esperando alguém? — Reese olhou para o short e a camiseta da academia, e timidamente, deu um tapinha no coque bagunçado.

Ela estava linda.

Eu apenas dei de ombros, já que prometi a mim mesmo, que nunca mais mentiria para ela.

Reese abriu a porta devagar, e espiou para fora, antes de abrir completamente de repente.

— Mãe? Pai? O que vocês estão fazendo aqui?

Sua mãe se agitou em volta de Reese, tocando seu braço, sua bochecha, alisando uma mecha do cabelo na sua testa. Seu pai limpou os pés meticulosamente antes de entrar.

— Recebemos uma ligação, — disse sua mãe, — daquele jovem que você teve que voltar correndo para ver. Ele me disse, que se sentia mal por termos perdido o Dia de Ação de Graças com você, e nos fez viajar, nos arranjou ingressos no camarote, é muito mais limpo lá em cima e depois, disse para virmos jantar mais tarde. Ele até nos reservou um hotel. Então, aqui estamos nós.

Ela envolveu a filha num abraço, em seguida, me estudou sobre o ombro de Reese.

— Ele é muito bonito, — sua mãe sussurrou. — E, tão atencioso.

Reese riu. — Entre outras coisas.

Ela se soltou do abraço da sua mãe, abraçou seu pai, depois se juntou a mim na cozinha, onde eu estava colocando os sanduíches e batatas fritas em pratos de verdade, em vez de apenas servi-los em suas embalagens como nós normalmente fazíamos. Pensei em servi-los com requinte, já que era o jantar de Ação de Graças, e tal. Quando eu estava



organizando essa surpresa, pensei em pedir um peru e todas os acompanhamentos do Publix, mas mudei de ideia.

Os sanduíches eram os seus favoritos, e ela era a minha preferida. Era simples assim.

Seus pais estavam lavando as mãos no banheiro, fora de vista, mas, eu ainda não esperava que ela se lançasse em mim do jeito que fez.

Eu mal a peguei, quando ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura, em seguida, pressionou sua boca na minha para um beijo quente, mas breve.

— Eu te disse que te amo hoje?

— Não na última hora, pelo menos. — Eu roubei outro beijo.

— Terrível. Como posso compensá-lo?

Sussurrei algumas sugestões sujas no seu ouvido, que a fizeram se contorcer contra mim, até ouvimos seus pais se aproximando, e eu relutantemente tive que deixá-la ir.

— Mais tarde, — ela sussurrou. — Todas essas coisas. Pelo menos duas vezes.

Foi o melhor jantar de Ação de Graças que já tive.

Especialmente a sobremesa.



EPÍLOGO

Reese

— Lembra daquele teste estúpido que você me deu na primeira vez que veio aqui?

Nós estávamos esparramados em um monte confortável na sua cama, numa manhã preguiçosa de sábado na primavera, nossas pernas entrelaçadas uma na outra, minha cabeça apoiada no seu peito.

— Vagamente.

— Procure. Pergunte de novo. Tenho certeza de que vou passar dessa vez.

Eu olhei para ele. — Agora?

— Sim. — Ele bateu na minha bunda, e me entregou meu telefone da mesa de cabeceira.

Fazendo sua vontade, abri o navegador, digitei RELATIONSHIP QUIS, e rolei para baixo, até ver o familiar questionário da Cosmo. Seria interessante saber como as respostas dele tinham mudado da outra vez.

— Ok, pronto? — Eu me contorci, tentando encontrar uma posição mais confortável. — Primeira pergunta, a ideia dela de um encontro perfeito é A. Se arrumar, e...

— Eu não preciso de múltiplas escolhas, — ele interrompeu.

Eu coloquei minha língua no lado da minha bochecha. — É como essas coisas funcionam.

— Você saberá se eu passar, certo?

— Acho que sim, — admito.

— Muito bem. Seu encontro perfeito. Algo que te desafia. Algo ao ar livre. Qualquer coisa que te dê uma chance de mostrar a um monte de caras que você pode se defender. E então, um piquenique gigante, em seguida, sem roupa, bem aqui nesta cama.

Eu parei, pensando na sua resposta. — Nada mau.



— Talvez, algo como a corrida de obstáculos Tough Mudder 5K, na qual nos inscrevi para o próximo fim de semana.

— Eu, espera, você fez o quê?

— Planejei nosso encontro perfeito. — Ele deu um beijo no topo da minha cabeça, e podia ouvir o sorriso no tom arrogante e satisfeito na sua voz. — Próxima pergunta.

— Ah, meu Deus, sério? Eu sempre quis fazer uma coisa dessas!

— E, na próxima semana, você irá. Você vai conquistá-lo, e então, você me ajudará a lidar com o meu orgulho ferido, quando o seu tempo for melhor do que o meu, me deixando conquistá-la nessa noite. A noite toda. Até que meu frágil ego masculino seja totalmente restaurado. Continue lendo.

Um pouco atordoada, porque isso realmente *soou* como um encontro perfeito, eu li: — Pergunta dois. Ela odeia quando seu homem...

— Diz a ela o que fazer. A menos que estejamos no quarto, onde ela muito secretamente ama isso.

Inclinei a cabeça para o lado em pensamento. — Válido. Pergunta três. Quando se trata dos seus amigos...

— Ela prefere que eu desapareça com eles, quando aquela época do mês rolar, para que possa me privar dos seus peitos extra inchados, extras sensíveis, o que acho que é uma grande besteira, mas eu a amo, então, sigo as ordens.

Outro ponto para ele, embora eu risse com o beicinho exagerado, curvando seus lábios.

— Pergunta quatro. Você quer ir à grande festa no sábado, mas ela não está se sentindo bem. Você...

— Chamo o Smith para vir lidar com sua bunda mal-humorada.

Meu olhar chocado voou para o dele, minha boca se abriu um pouco em desaprovação.

Ele sorriu. — Estou brincando. Você sabe que eu vivo para os momentos em que você realmente me deixa te mimar do jeito que você merece.



Eu corei. Minha insistência na minha independência era uma fonte de frustração de longa data para ele, embora, para seu crédito, ele sempre apoiasse o que eu queria fazer, mesmo que não permitindo que ele me ajudasse a maior parte do tempo.

— Seguindo em frente. Pergunta cinco. Quando se trata de morar juntos...

— Quanto mais cedo melhor, considerando que eu não acho que você passou mais de meia dúzia de noites no seu dormitório desde o Ano Novo.

Meu coração acelerou. Ele sugeriu isso antes, mas eu tinha medo que ele começasse a se sentir preso.

— Sério?

— Claro. Eu já não deixei claro o quanto gosto de acordar perto de você? Você já se esqueceu das últimas três horas? — Ele encolheu os ombros, o movimento fazendo seu peito subir e descer embaixo de mim. — Além disso, Oscar faz beicinho quando você não está aqui. Você sabe como me sinto por ter uma salsicha triste.

— Não tem *nada* pior do que uma salsicha triste, — zombei dele, revirando os olhos.

— Realmente não tem. Ainda bem que você sabe como manter a minha muito feliz. — E ele flexionou seus quadris, me mostrando como faço a dele feliz.

— Meu presente de aniversário ideal é...

— Salsicha. Muitas e muitas salsichas.

— Estou começando a sentir uma tendência com suas respostas aqui, Laird.

Ele se esticou, seus músculos esculpidos se agitando e mudando, e me contive para não passar a mão sobre as cristas do seu abdômen.

— Não é minha culpa que você não se cansa de mim. Manter você feliz, é quase um trabalho em tempo integral. Não que eu esteja reclamando. Eu ficaria feliz em contar quarenta horas por semana entre as suas longas pernas.

Corei, e senti um formigamento familiar entre minhas coxas.



— Pergunta seis. Ela faz...

— Quer saber? Vamos deixar o resto para outra hora. Tenho uma questão de múltipla escolha para fazer a você.

— Ah é? O que é?

— Como você quer gozar nos próximos vinte minutos? A. No chuveiro. B. Contra a parede. C. Na cama. D. Todas as anteriores. — Sua voz estava baixa e rouca, o som vibrando através do meu peito.

Lambi meus lábios, deixei meu celular na cama, e me virei para poder vê-lo.

— Eu já mencionei o quanto eu amo sua propensão por ser um perfeccionista? — Joguei uma perna sobre seus quadris, montando nele. — Comece a contar.

FIM.